

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MULTI-INSTITUCIONAL EM
DIFUSÃO DO CONHECIMENTO
LINHA DE PESQUISA 3: CULTURA E CONHECIMENTO:
TRANSVERSALIDADE, INTERSECCIONALIDADE E (IN)FORMAÇÃO**

LENADE BARRETO SANTOS GIL

EMPREENDEDORISMO COM FOCO NO CONTEXTO BAIANO: UM ESTUDO SOBRE O *MODUS OPERANDI* DO CACETE-ARMADO COMO ABORDAGEM PARA A ANÁLISE DA ATIVIDADE EMPREENDEDORA DE TRABALHADORAS POR CONTA PRÓPRIA EM PUXADINHOS

Salvador
2024

LENADE BARRETO SANTOS GIL

**EMPREENDEDORISMO COM FOCO NO CONTEXTO BAIANO: UM ESTUDO
SOBRE O *MODUS OPERANDI* DO CACETE-ARMADO COMO ABORDAGEM
PARA A ANÁLISE DA ATIVIDADE EMPREENDEDORA DE TRABALHADORAS
POR CONTA PRÓPRIA EM PUXADINHOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Multi-Institucional em Difusão do Conhecimento, como requisito para obtenção do título de Doutora em Difusão do Conhecimento.

Linha de Pesquisa: Cultura e Conhecimento: Transversalidade, Interseccionalidade e (in)formação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Suely Aldir Messeder.

Salvador
2024

FICHA CATALOGRAFICA

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação - Biblioteca Anísio Teixeira

Gil, Lenade Barreto Santos.

Empreendedorismo com foco no contexto baiano [recurso eletrônico] : um estudo sobre o modus operandi do cacete-armado como abordagem para a análise da atividade empreendedora de trabalhadoras por conta própria em puxadinho / Lenade Barreto Santos Gil. - Dados eletrônicos. - 2024.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Suely Aldir Messeder.

Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) - Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento, Salvador, 2024.

Disponível em formato digital.

Modo de acesso: <https://repositorio.ufba.br/>

1. Empreendedorismo. 2. Contexto. 3. Trabalhadoras autônomas. 4. Empreendedorismo social. I. Messeder, Suely Aldir. II. Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento. III. Título.

CDD 658.11 - 23. ed.



Universidade Federal da Bahia
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIFUSÃO DO CONHECIMENTO
(DMMDC)**

ATA Nº 83

Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIFUSÃO DO CONHECIMENTO (DMMDC), realizada em 19/09/2024 para procedimento de defesa da Tese de DOUTORADO EM DIFUSÃO DO CONHECIMENTO no. 83, área de concentração MODELAGEM DA GERAÇÃO E DIFUSÃO DO CONHECIMENTO, do(a) candidato(a) LENADE BARRETO SANTOS GIL, de matrícula 217123219, intitulada EMPREENDEDORISMO COM FOCO NO CONTEXTO BAIANO: UM ESTUDO SOBRE O MODUS OPERANDI DO CACETE-ARMADO COMO ABORDAGEM PARA A ANÁLISE DA ATIVIDADE EMPREENDEDORA DE TRABALHADORAS POR CONTA PRÓPRIA EM PUXADINHOS. Às 09:00 do citado dia, remota, foi aberta a sessão pelo(a) presidente da banca examinadora Profª. Dra. SUELY ALDIR MESSEDER que apresentou os outros membros da banca: Profª. Dra. NATALIA SILVA COIMBRA DE SA, Profª. Dra. URANIA AUXILIADORA SANTOS MAIA DE OLIVEIRA, Prof. Dr. PAULO SÉRGIO DA COSTA NEVES e Prof. Dr. FELIPE RODRIGUES BOMFIM e Profa. Dra. MARY GARCIA CASTRO. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo(a) presidente que passou a palavra ao(a) examinado(a) para apresentação do trabalho de Doutorado. Ao final da apresentação, passou -se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo candidato, tendo a banca examinadora aprovado o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo(a) presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.

Documento assinado digitalmente
gov.br PAULO SERGIO DA COSTA NEVES
Data: 02/10/2024 20:11:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. PAULO SÉRGIO DA COSTA NEVES, UFABC
Examinador Externo à Instituição

Documento assinado digitalmente
gov.br FELIPE RODRIGUES BOMFIM
Data: 02/10/2024 20:41:51-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. FELIPE RODRIGUES BOMFIM, UNEB
Examinador Externo à Instituição

Mary Garcia Castro
Dra. MARY GARCIA CASTRO, UERJ
Examinadora Externa à Instituição



Universidade Federal da Bahia
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIFUSÃO DO CONHECIMENTO
(DMMDC)**

Documento assinado digitalmente

gov.br NATALIA SILVA COIMBRA DE SA
Data: 03/10/2024 19:33:00-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

NATALIA SILVA COIMBRA DE SA, UNEB
Examinadora Interna

Documento assinado digitalmente

gov.br URANIA AUXILIADORA SANTOS MAIA DE OLIVEIRA
Data: 04/10/2024 20:40:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. URANIA AUXILIADORA SANTOS MAIA DE OLIVEIRA, UFBA
Examinadora Interna

Documento assinado digitalmente

gov.br SUELY ALDIR MESSEDER
Data: 04/10/2024 18:50:20-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

SUELY ALDIR MESSEDER, UNEB
Presidente

LENADE BARRETO SANTOS GIL
Doutorando(a)

Para as puxadas vidas nos puxadinhos!

A moderna organização racional das empresas capitalísticas não teria sido possível sem dois outros fatores importantes em seu desenvolvimento: a separação dos negócios da moradia da família, fato que domina completamente a vida econômica e, estreitamente ligada a isso, uma contabilidade racional.

(Max Weber na obra A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo, 2002)

Empreender é diminuir dificuldades.
(Solange Borges, Culinária de Terreiro,
2021)

AGRADECIMENTOS

Levo esse sorriso
Porque já chorei demais
Cada um de nós compõe a sua história
Cada ser em si
Carrega o dom de ser capaz
E ser feliz
É preciso amor para poder pulsar
É preciso paz para poder sorrir
É preciso a chuva para florir

(Almir Sater; Renato Teixeira, 1990)

Comecei este Doutorado tendo um episódio de convulsão muito forte, que me levou a ficar internada alguns dias. Como num movimento cílico, concluo este Doutorado, tendo outra crise convulsiva acompanhada de um diagnóstico de epilepsia. No ínterim das duas convulsões, precisei fazer uma cirurgia que gerou uma infecção hospitalar que me levou a quinze dias de internamento e me obrigou a ficar quase três meses afastada do trabalho e das aulas; tive COVID duas vezes, a primeira, num momento que ainda não havia vacina, algo que me jogou na gélida ambiência da incerteza; descobri um nódulo pulmonar que precisa ser acompanhado; tive crises asmáticas, (longa amizade); tive crises de ansiedade; tive muitas coisas. Portanto, primeiro, agradeço aos deuses e às deusas, aos santos e às santas, aos orixás, ao meu/minha anjo/anja da guarda, às boas entidades espirituais e à Minha Mãe (no plano espiritual) que me ajudaram e me ajudam a vencer esses corpo-acometimentos. Agradeço por seguir vivendo.

Agradeço às minhas interlocutoras, flores do meu jardim, por abraçarem a proposta deste trabalho, por dedicarem horas de suas vidas a fim de me ajudar nesta escrita, por desnudarem-se e confiar a mim mais do que simples suporte de pesquisa, mas, principalmente, por compartilharem seus anseios e angústias de vida e por tornarem esta tese possível.

A minha família, em especial, a minha esposa Jaqueline por me dar amor, aceitar o meu amor e por estar sempre ao meu lado. Agradeço pela parceria, pelo companheirismo, pela cumplicidade, pelos risos, pelas gargalhadas, até pelas discordâncias e brigas que nos fizeram e nos fazem amadurecer. Agradeço por se fazer presente nesta tese, compartilhando comigo dificuldades, saberes, alegrias,

tecendo críticas e apontando acertos. Agradeço por cuidar de mim com muito, muito carinho. Te amo, meu amor! *You are my everything!* Agradeço a Brigitte, a Charlotte e a François, sensíveis e lindos seres, por me trazerem frescor de vida; a minha irmã Adriana e à minha sobrinha Livia pelo apoio e pelas gaiatices nos momentos difíceis dos últimos anos; a minha irmã Nara pelas trocas, pelos debates e pelas aprendizagens compartilhadas; a meu pai que, mesmo com saúde debilitada, faz questão de dizer que tem muito orgulho de mim.

A Professora Sueley Aldir Messeder, minha orientadora, por despertar dúvidas, por me questionar e por me mostrar o caminho a ser trilhado. Nossa convivência foi sempre recheada de divergências e debates intensos: por vezes, ela avançou e eu retrocedi; por vezes, eu avancei e ela retrocedeu numa relação de plena horizontalidade como se dançássemos uma dança de conhecimento, dois pra lá/dois pra cá, indo e vindo harmonicamente. Ela sempre soube me guiar nos meus processos de aprendizagens com muita parcimônia e serenidade, elucidando como eu deveria fazer, como e onde eu deveria buscar as respostas para as minhas incertezas. Agradeço pelas inestimáveis contribuições às minhas reflexões e anseios. Agradeço por me mostrar que, muitas vezes, precisamos interromper o processo de escrita, sem culpa, celebrar a vida e, esfuziantemente, prestar homenagem a Dionísio. Agradeço por entender as vicissitudes da minha saúde e nunca me pressionar por prazos e burocracias inerentes à academia. Agradeço por não me deixar desistir e, acima de tudo, por me dar a mão e confiar em mim no desenvolvimento de uma perspectiva cujas bases são suas produções *enlaceanas*. Obrigada!

Ao Grupo Enlace por me abraçar e me mostrar a importância da construção coletiva do conhecimento. Agradeço pelas trocas pelas aprendizagens, reaprendizagens e desaprendizagens. Agradeço ao Enlace por me proporcionar transitar nas avenidas, ruas, vielas e aglomerações de Camaçari e poder testemunhar trabalhadoras e trabalhadores empreendendo como meio de vida. Agradeço, especialmente, a Fabiane Guimarães pelas brincadeiras, galhofas e gracejos; a Barbara Alves pelo incentivo, pela solidariedade, pelas previsões astrológicas do meu signo e pelo sorriso fácil nas tensões oriundas da vida; a Amanaiara Miranda por extrapolar os limites do Grupo, movimentando-se a mim e me aconselhando quanto à vivência acadêmica. Agradeço a todos/as/ os/as demais

integrantes do grupo pelas aglutinações e festejos também inerentes à dura tarefa de fazer ciência. Somos todos/as pesquisadores e pesquisadoras encarnados/as.

A Professora Mary Castro que me ajudou a entender um pouco mais sobre pesquisas acadêmicas e que, em sua humilde e generosa grandeza, caminhou comigo e com o grupo pelas ruas de Camaçari a fim de nos mostrar a teoria na prática.

A todos os professores e professoras do DMMDC com os/as quais aprendi muito – conhecimentos para uma vida inteira. Um agradecimento especial à Professora Urânia Oliveira que singelamente recitou uma poesia dedicada a mim na apresentação da minha qualificação.

A Catarina Ferreira, a Damião Melo e a Ivna Souza, colegas de chão de doutoramento por compartilharem os momentos de alegria e as inquietações dos estudos acadêmicos. Um agradecimento especial a Ivna Souza que me incentivou e me ajudou muito com suas dicas e doces palavras emitidas à distância, mas tão próximas do coração.

Ao IFBA por me apoiar e me dar suporte para os estudos. Agradeço, em especial, à Reitora Luzia Mota por acreditar em mim e na conclusão deste trabalho.

Agradeço aos professores/as integrantes desta Banca de Defesa por aceitarem participar deste momento que representa o fim de um ciclo com muitos percalços. Agradeço pelas inestimáveis contribuições que seguramente virão.

Outras pessoas que me ajudaram e às quais sou muito grata. Não conseguiria citar todas e uso dessa generalização a fim de evitar injustiças. Assim, agradeço a todas àquelas pessoas que torceram e torcem por mim.

GIL, Lenade Barreto Santos. **Empreendedorismo com foco no contexto baiano: um estudo sobre o modus operandi do cacete-armado como abordagem para a análise da atividade empreendedora de trabalhadoras por conta própria em puxadinhos.** Orientadora: Professora Doutora Suely Aldir Messeder. 2024. 353 f. il. Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) – Programa de Pós-Graduação Multi-institucional em Difusão do Conhecimento, Salvador, 2024.

RESUMO

O empreendedorismo clássico e sua densa literatura proclama a atividade empreendedora como um aspecto importante e fundamental para o desenvolvimento econômico das sociedades capitalistas. Nesse denso escopo, há uma série de ditames universalizados e universalizantes apontando desde um perfil empreendedor ideal até uma série de prescrições procedimentais e comportamentais para quem quer empreender. Contrapondo-se a esses pilares, o corpo teórico do empreendedorismo com foco no contexto, que representa uma ruptura com a literatura conservadora e hegemônica, é mobilizado como lastro teórico para a abordagem do empreendedorismo cacete-armado no contexto baiano que, por sua vez, se delineia a partir das produções e pesquisas da antropóloga Suely Messeder e do Grupo de Pesquisa Enlace. Nesse sentido, esta tese tem como objetivo central compreender, à luz do empreendedorismo cacete-armado, as características e dinâmicas das atividades empreendedoras conduzidas por trabalhadoras por conta própria. Deste modo, o escopo metodológico empregado tem cunho qualitativo desenvolvido a partir do método histórias de vida, tendo como protagonistas cinco interlocutoras que empreendem na cidade de Camaçari. Visando a escuta das narrativas dessas interlocutoras, a técnica empregada é a entrevista em profundidade. O estudo aponta que o empreendedorismo na atualidade diz respeito aos processos de informalização e precarização do trabalho que impulsionam trabalhadoras à prática empreendedora como única alternativa para a obtenção de renda e meio de sobrevivência. Jogadas a própria sorte, numa governança de ausência estatal, essas mulheres usam a extensão da moradia autoconstruída – puxadinho – para o exercício de suas atividades empreendedoras. Neste esteio, o *modus operandi* e os traços do cacete-armado emergem e são empregados nas dinâmicas empreendedoras dessas interlocutoras. Conclui-se que o escopo do empreendedorismo com foco no contexto representa uma grande contribuição para o alargamento teórico da literatura sobre o empreendedorismo. Na seara contextual, o cacete-armado se solidifica como uma abordagem possível para o entendimento dos pequenos empreendimentos situados no seio baiano.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Contexto. Cacete-armado. Puxadinhos. Trabalhadora por conta própria.

GIL, Lenade Barreto Santos. **Entrepreneurship focused on the Bahian context: a study on the modus operandi of the *cacete-armado* as an approach to the analysis of the entrepreneurial activity of self-employed female workers in *puxadinhos*.** Thesis Advisor: Phd. Professor Suely Aldir Messeder. 2024. 353 p. il. Thesis (Doctorate in Knowledge Diffusion) – Postgraduation Program in Knowledge Diffusion, Salvador, 2024.

ABSTRACT

Classical entrepreneurship and its dense literature proclaim entrepreneurial activity as an important and fundamental aspect for the economic development of capitalist societies. In this dense scope, there is a series of universalized and universalizing dictates pointing out everything from an ideal entrepreneurial profile to a series of procedural and behavioral prescriptions for those who want to entrepreneurship. In contrast to these pillars, the theoretical body of entrepreneurship focused on the context, which represents a rupture with the conservative and hegemonic literature, is mobilized as a theoretical basis for the *cacete-armado* entrepreneurship approach in the Bahian context, which, in turn, is outlined based on the productions and research of the anthropologist Suely Messeder and the Enlace Research Group. In this sense, this thesis has as its central objective to understand, in the light of the *cacete-armado* entrepreneurship, the characteristics and dynamics of entrepreneurial activities conducted by self-employed women. Thus, the methodological scope employed has a qualitative nature developed from the life story method, with five interlocutors who are entrepreneurs in the city of Camaçari as protagonists. Aiming to listen to the narratives of these interlocutors, the technique employed is the in-depth interview. The study points out that entrepreneurship today concerns the processes of informalization and precariousness of work that drive workers to entrepreneurial practice as the only alternative for obtaining income and means of survival. Left to their own devices, in a governance of state absence, these women use the extension of their self-built houses – *puxadinhos* – to exercise their entrepreneurial activities. In this path, the *modus operandi* and the traits of the *cacete-armado* emerge and are employed in the entrepreneurial dynamics of these interlocutors. It is concluded that the scope of entrepreneurship with a focus on context represents a great contribution to the theoretical broadening of the literature on entrepreneurship. In the contextual field, the *cacete-armado* solidifies itself as a possible approach for understanding small businesses located within the Bahian heart.

Keywords: Entrepreneurship. Context. *Cacete-armado*. *Puxadinhos*. Self-employed female worker.

GIL, Lenade Barreto Santos. **Emprendimiento con enfoque en el contexto bahiano: un estudio sobre el modus operandi del cacete-armado como abordaje para el análisis de la actividad emprendedora de las trabajadoras por cuenta propia en puxadinhos.** Directora: Profesora Doctora Suely Aldir Messeder. 2024. 353 h. il. Tesis (Doctorado en Difusión del Conocimiento) – Programa Multiinstitucional de Posgrado en Difusión del Conocimiento, Salvador, 2024.

RESUMEN

El emprendimiento clásico y su densa literatura proclaman la actividad emprendedora como un aspecto importante y fundamental para el desarrollo económico de las sociedades capitalistas. En este denso ámbito, hay una serie de dictados universalizados y universalizantes que apuntan desde un perfil emprendedor ideal hasta una serie de prescripciones procedimentales y comportamentales para quien quiere emprender. Frente a estos pilares, el cuerpo teórico del emprendimiento con enfoque contextual, que representa una ruptura con la literatura conservadora y hegemónica, se moviliza como lastre teórico para el abordaje del emprendimiento *cacete-armado* en el contexto bahiano, que, a su vez, se delinean a partir de las producciones e investigaciones de la antropóloga Suely Messeder y el Grupo de Investigación Enlace. En este sentido, esta tesis tiene como objetivo central comprender, a la luz del emprendimiento *cacete-armado*, las características y dinámicas de las actividades emprendedoras realizadas por trabajadoras por cuenta propia. De esta manera, el alcance metodológico utilizado tiene un carácter cualitativo desarrollado a partir del método de las historias de vida, teniendo como protagonistas cinco interlocutoras que emprenden en la ciudad de Camaçari. Con el objetivo de escuchar las narrativas de estas interlocutoras, la técnica utilizada es la entrevista en profundidad. El estudio señala que el emprendimiento hoy se refiere a los procesos de informalización y precarización del trabajo que impulsan a las trabajadoras a practicar el emprendimiento como única alternativa para obtener ingresos y medios de supervivencia. Abandonadas a su suerte, en una gobernanza sin estado, estas mujeres utilizan la ampliación de sus viviendas autoconstruidas – puxadinhos – para llevar a cabo sus actividades emprendedoras. En este contexto, el *modus operandi* y las características del *cacete-armado* emergen y son utilizadas en la dinámica emprendedora de estas interlocutoras. Se concluye que el alcance del emprendimiento con enfoque en el contexto representa un gran aporte a la expansión teórica de la literatura sobre emprendimiento. En el campo contextual, el *cacete-armado* se consolida como un posible enfoque para comprender los pequeños emprendimientos ubicados en el centro bahiano.

Palabras-clave: Emprendimiento. Contexto. *Cacete-armado*. *Puxadinhos*. Trabajadoras por cuenta propia.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRAMAT	Associação Brasileira da Indústria de Materiais de Construção
ABRASCO	Associação Brasileira de Saúde Coletiva
AIDS	Acquired Immune Deficiency Syndrome
ANPAD	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração
BACEN	Banco Central do Brasil
BNH	Banco Nacional da Habitação
BPC	Benefício da Prestação Continuada
CAR	Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional
CBIC	Câmara Brasileira da Indústria da Construção
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CEP	Comitê de Ética na Pesquisa
CETEP	Centro Territorial de Educação Profissional
CLN	Concessionária Litoral Norte
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COFIC	Comitê de Fomento Industrial de Camaçari
COVID	Corona Virus Disease
CUT	CUT – Central Única dos Trabalhadores
EBSCO	Elton B. Stephens Company
EDUFBA	Editora da Universidade Federal da Bahia
FAPESB	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia.
FENATRAD	Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas
GEM	Global Entrepreneurship Monitor

GPS	Global Positioning System
HIV	Human Immunodeficiency Virus
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMS	ICMS – Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IFBA	Instituto Federal da Bahia
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
IPCA	Indice Nacional de Preços ao Consumidor
ISS	Imposto Sobre Serviços
JSTOR	Journal Storage
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais e mais
MEI	Microempreendedor Individual
OMS	Organização Mundial da Saúde
PAD	Processo Administrativo Disciplinar
PDITS	Plano de desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável
PEC	Proposta de Emenda Constitucional
PIB	Produto Interno Bruto
PL	Projeto de Lei
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PRONEM	Programa de Apoio a Núcleos Emergentes
SARS-COV-2	Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
SDE	Secretaria do Desenvolvimento Econômico
SDR	Secretaria de Desenvolvimento Rural
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas

	Empresas
SEDUR	Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente
SEPLAN	Secretaria do Planejamento
SESAB	Secretaria de Saúde da Bahia
SPELL	Scientific Periodicals Electronic Library
STF	Supremo Tribunal Federal
UCSAL	Universidade Católica do Salvador
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UH	Unidades Habitacionais
UNEB	Universidade do Estado da Bahia

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Comparativo empreendedorismo da classe capitalística e classe Trabalhadora	57
Figura 2 – Os 40 trabalhos mais citados na literatura sobre empreendedorismo.....	62
Figura 3 – Barbearia no espaço público, cidade de Camaçari.	92
Figura 4 – Sala de espera de uma barbearia no espaço público, cidade de Camaçari	96
Figura 5 – Cacete-armado no bairro da Ribeira, em Salvador	107
Figura 6 – Segmentação da Construção Habitacional (dados de 2001)	136
Figura 7 - Puxadinhos em Salvador	141
Figura 8 – Puxadinho Residencial Planejado	142
Figura 9 – Houses as place of production in Shivajinagar.....	149
Figura 10 – Fatores que caracterizam como trabalho precário a rotina de um empreendedor	150
Figura 11 - Distritos territoriais de Camaçari	153
Figura 12 – Mapa locais de aplicação questionário Grupo Enlace	168
Figura 13 – Zona comercial do bairro de Jauá, distrito de Abrantes	179
Figura 14 – Zona comercial do bairro Monte Gordo, distrito de Monte Gordo.....	182
Figura 15 – Zona comercial do bairro de Barra do Pojuca, distrito de Monte Gordo	183
Figura 16 – Puxadinho salão de beleza de Buganville	188
Figura 17 – Puxadinho salão de beleza de Buganville – parte interna 1	189
Figura 18 – Puxadinho salão de beleza de Buganville – parte interna 2	190
Figura 19 – Puxadinho salão de beleza de Ixora	192
Figura 20 – Puxadinho salão de beleza de Ixora – parte interna	194
Figura 21 – Puxadinho salão de beleza de Margarida	196
Figura 22 – Puxadinho salão de beleza de Margarida – parcial parte interna.....	197
Figura 23 – Puxadinho salão de beleza de Margarida – parcial parte interna.....	199
Figura 24 – Puxadinho Restaurante de Rosa, parte interna	200
Figura 25 – Casa de Jasmim, base do restaurante puxadinho da Pétala	203
Figura 26 – Casa de Jasmim, base do restaurante puxadinho da Pétala – piso da sala.....	203
Figura 27 – Restaurante de Jasmim, puxadinho lateral	204

Figura 28 – Restaurante de Jasmim, puxadinho lateral – distribuição das mesas ..	205
Figura 29 – Cozinha do restaurante de Jasmim.....	206
Figura 30 - Role of female entrepreneur	250
Figura 31 – Interface das Mulheres Empreendendo em Puxadinhos	265
Figura 32 – Panfleto Salão Ixora	287
Figura 33 – Instagram Restaurante da Pétala.....	298
Figura 34 – Instagram do Salão de Buganville.....	299
Figura 35 – Instagram do Restaurante de Rosa.....	300
Figura 36 – Card motivação do salão de Buganville	303
Figura 37 – Card curso ministrado por Buganville.....	304

LISTA DE TABELAS

Tabela 1– Pessoas residentes em domicílios com existência, conforme avaliação da família, de problemas no domicílio (%) – Brasil.....	128
Tabela 2 – Residentes em domicílios alugados (%) – Brasil	129
Tabela 3 – Natureza jurídica dos estabelecimentos de Camaçari	156
Tabela 4 – Setor de atividades dos empresários de Camaçari.....	157
Tabela 5 – Percentual dos empreendedores brasileiros por sexo	218
Tabela 6 – Escolaridade das mulheres empreendedoras no Brasil.....	220
Tabela 7 – Percentual dos empreendedores brasileiros segundo as motivações para começar um novo negócio	238

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Percentual dos empreendedores brasileiros segundo as motivações para começar um novo negócio	63
Quadro 2 – Características de empreendedores schumpeterianos e empreendedores “desempregados”	80
Quadro 3 – Projetos no caminho do empreendedorismo coordenados por Suely Messeder.....	82
Quadro 4 – Ocupação principal na cidade de Camaçari	158
Quadro 5 – Universo de favelas de Camaçari.....	159
Quadro 6 – Questionário do PRONEM 8603/2014 da FAPESB/CNPQ – Parte 1 ..	165
Quadro 7 – Questionário do PRONEM 8603/2014 da FAPESB/CNPQ – Parte 2 ..	165
Quadro 8 – Quadro resumo perfil das empreendedoras entrevistadas	206
Quadro 9 – Percepção de si como empreendedora.....	207
Quadro 10 – O que é empreendedorismo segundo as interlocutoras	207
Quadro 11 – Motivação para empreender segundo a renda	238
Quadro 12 – Origem dos recursos para investimento no puxadinho.....	245
Quadro 13 – Renda obtida e sua destinação	246
Quadro 14 – Enunciado sobre conta/despesa pessoal e do estabelecimento	247
Quadro 15 – Maiores dificuldades enfrentadas pelas empreendedoras	311

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Taxas (em %) específicas do número de empreendedores por nível de escolaridade segundo estágios de empreendimento – Brasil	219
Gráfico 2 – Faixa etária das mulheres empreendedoras no Brasil.....	220
Gráfico 3 – Principais motivações para mulheres empreenderem	239
Gráfico 4 – Diferença de rendimentos entre homens e mulheres empreendedores/as	249

SUMÁRIO

PRELÚDIO: UMA PESQUISA ENCARNADA DE MUITOS ENCARNES POSSÍVEIS	23
INTRODUÇÃO	30
1 EMPREENDEDORISMO	40
1.1 RAÍZES DE UM LÉXICO	41
1.2 O CAMINHO DO TRABALHO NA SENDA NEOLIBERAL E OS NOVOS EMPREENDEDORES/AS: TRABALHADORES E TRABALHADORAS	44
1.3 AUTORES E PERSPECTIVAS CLÁSSICO-HEGEMÔNICAS	58
1.4 RUPTURA COM O CAMPO TEÓRICO HEGEMÔNICO: EMPREENDEDORISMO COM FOCO NO CONTEXTO	67
1.5 O EMPREENDEDORISMO CACETE-ARMADO – O GRUPO ENLACE E O DELINAMENTO DE UMA ABORDAGEM BAIANA	75
1.5.1 O delineamento de uma abordagem – traços do cacete-armado	87
2 CACETE-ARMADO NO CONTEXTO DA BAIANIDADE	98
2.1 NOTAS SOBRE A BAIANIDADE – IDENTIDADE DE NOME PRÓPRIO	98
2.2 A EXPRESSÃO CACETE-ARMADO.....	102
2.3 A IDEIA DE CACETE-ARMADO E A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA.....	109
2.4 CONSIDERAÇÕES: O ENTENDIMENTO SOBRE A EXPRESSÃO CACETE ARMADO NO CONTEXTO DA BAIANIDADE.....	115
3 NA TRILHA DOS PUXADINHOS	119
3.1 DO DIREITO CIDADE.....	120
3.2 DO DIREITO À MORADIA.....	123
3.3 O FENÔMENO DAS AUTOCONSTRUÇÕES.....	130
3.4 A AUTOCONSTRUÇÃO <i>PUXADINHO</i>	140
3.5 PUXADINHO – MATERIALIZAÇÃO DO CACETE-ARMADO, LÓCUS DA ATIVIDADE EMPREENDEDORA.....	144
4 METODOLOGIA	152
4.1 CAMAÇARI, LÓCUS DA PESQUISA.....	152
4.2 PRECONIZAÇÃO DO MÉTODO.....	160
4.2.1 A feitura coletiva de um questionário	162

4.2.2 As experiências etnográficas na cidade de Camaçari e o despertar de uma pesquisa.....	167
4.3 HISTÓRIA DE VIDA – O MÉTODO ESCOLHIDO.....	170
4.3.1 Entrevistas – o caminho para o diálogo.....	175
4.4 SELEÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DAS EMPREENDEDORAS – OS LUGARES E AS PESSOAS	177
4.4.1 Jauá, no distrito de Abrantes	177
4.4.2 Monte Gordo e Barra do Pojuca no distrito de Monte Gordo	180
4.4.3 AS INTERLOCUTORAS E SEUS PUXADINHOS – A IDEIA DE CACETE- ARMADO E AS PERCEPÇÕES DE SI NA ESFERA EMPREENDEDORA	183
5 EMPREENDENDO EM PUXADINHOS	209
5.1 EMPREENDE- <i>DOR</i> -ISMO – MEMÓRIAS DE VIDAS PUXADAS: ENTRELAÇANDO INFÂNCIA, FAMÍLIA, ESCOLA, TRABALHO.....	211
5.2 PROCESSO DE ABERTURA DOS PUXADINHOS.....	222
5.2.1 Aventureiras sem capital – o forjar do espírito empreendedor e a mobilização do saber-fazer	237
5.3 MULHERES NO PUXADINHO: A CONCILIAÇÃO DOS MÚLTIPLOS PAPÉIS E A LUTA CONTRA O PATRIARCADO.....	248
5.4 OS BARCOS-PUXADINHOS NO TURBULENTO-MAR COVID-19: DORES E PERDAS.....	266
5.4.1 Turbulento-mar COVID-19.....	266
5.4.2 Navegando em águas turbulentas	271
5.5 A SOBREVIVÊNCIA DO NEGÓCIO – MEIOS DE DIVULGAÇÃO DOS SERVIÇOS PRESTADOS NOS PUXADINHOS	284
5.5.1 A importância das relações estabelecidas na esfera da religião	284
5.5.2 O boca a boca	288
5.5.3 As plataformas e aplicativos de relacionamento e compartilhamento de informação	295
5.6 PROBLEMAS E TENSÕES NO PUXADINHO.....	305
6 ENTRE VIDAS NOS PUXADINHOS – O QUE DISSERAM AS FLORES	316
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	321
REFERÊNCIAS.....	329
ANEXO	349

PRELÚDIO: UMA PESQUISA ENCARNADA DE MUITOS ENCARNES POSSÍVEIS

Antes de adentrarmos a escrita para produzir o nosso TCC, a dissertação ou a tese sobre a temática específica que elegemos e com a qual nos comprometemos, já deveríamos ter nos olhado no espelho e nos interpelado em nossa corporeidade, em nossa memória, sobre e como esta temática possui uma história em minha vivência e na minha ancestralidade. Será que estou visceralmente comprometido com esta produção do conhecimento? (Messeder, 2016, p.16).

Preliminarmente, é importante registrar que esta é uma tese filha da COVID-19, pois foi acometida e desenvolvida em meio a muitas turbulências. Registro histórico indispensável.

Nas experimentações criativas do Grupo Enlace (preciso dizer que muito mais subjetivas), que trouxeram à tona meu perfil gerundizado de pesquisadora encarnada, não me ative ao tema aqui proposto, inicialmente. A minha visceralidade e comprometimento vibravam por outras questões, não menos relevantes do que esta que proponho.

O gerúndio é uma ótima atribuição ao Grupo Enlace e, por consequência, a seus/suas integrantes. A ideia de continuidade, de acontecimentos acontecendo, processos em processamento, falas falando, sentimentos aflorando e mais um sem-fim de possibilidades nessa esfera verbo-nominal, representa a materialização e a acepção dos muitos *eus* que temos em nós, que emergem, que despontam e que, por vezes, se recolhem, se escondem.

Fernando Pessoa me é muito útil – menos pelo sentido da heteronomia que denota a possibilidade de indivíduos diferentes dentro de si, mas muito mais por trazer à poética o vislumbrar de uma pessoa ter distintas nuances de si mesma. Ele vai além e tira personalidades diferentes dentro de si. Eu me apego à sua proposição mais geral, mais basilar. Assim, meus muitos *eus* dizem respeito às distintas vivências que representam o meu encarne de vida; o meu encarne de pesquisadora. No texto intitulado “Veredas do meu *eu*, encarnadamente produtora de conhecimento”, publicado no ano de 2020, eu já assinalava que eu era (eu sou) um “compósito de *eus*” (p.350).

Naquele momento, eu estava, então, mobilizada no meu *eu ativista-militante* da pauta LGBTQIA+. A justiça social e de reparação é também um aspecto que delinea a pesquisa encarnada. Tratar de questões dos corpos abjetos no espaço escolar diz respeito a mim, diz respeito a outros corpos e diz respeito a um campo de conhecimento que precisa e vem se fortalecendo ao longo dos últimos anos. Estava muito mais atada a uma interpelação refletida num espelho de vida recente (Messeder, 2016). A militância e as experiências vigentes estavam me movendo mais intensamente como pesquisadora. Estava cheia de certezas quanto ao campo de conhecimento sobre o qual queria pesquisar.

Todavia, um outro *eu* foi ativado... reativado! Uma memória adormecida despertou, amanheceu, como se recebera um beijo de Eos. Na minha participação no *I Workshop em Difusão do Conhecimento: empreendedorismo social, tecnologia social e economia criativa*, ocorrido na UNEB de Alagoinhas, em 2017, comecei a retomar o interesse no assunto. Recordei meu orientador do mestrado na Faculdade de Administração (UFBA), Eduardo Davel, que uma vez me disse para eu não fugir da área quando fosse fazer o doutorado, pois esse campo de estudo, segundo ele, precisava de leituras multi e interdisciplinares.

Entretanto, até o evento referido, eu tinha apagado tudo que envolvia o estudo do empreendedorismo dentro de mim. Recordo também que, num dos encontros do Grupo Enlace, fui questionada por um colega, sobre o porquê de nada que eu tinha vivido sobre empreendedorismo, ao longo da minha vida, aparecia no meu *texto-vômito*¹ de sujeita encarnada.

O empreendedorismo, na verdade, sempre esteve presente no meu contexto familiar. Meus avós paternos eram muito empreendedores. Residiam lá na cidade de Nilo Peçanha, no baixo sul baiano. Tinham bar, restaurante e pensão na cidade. Lembro-me, nas vezes que fui lá, de brincar de atender às pessoas. Lembro-me do sucesso do bar de meu avô nas noites de sábado. Meu pai, junto com meus tios, faziam uma espécie de cover dos Beatles e tocavam até altas horas da noite, adentrando as madrugadas. Aprendi a amar a banda britânica.

No tocante ao núcleo familiar, resgatei, dum cantinho escondido na minha memória, duas experiências da atividade dentro da minha casa... quase um caso de

¹ Trata-se de um primeiro texto, uma primeira etapa que propõe a reflexão do sujeito corpo-situado em suas experiências de vida e preconiza a elaboração do/a pesquisador/a encarnado/a.

puxadinho. Minha mãe, sempre foi muito ativa e sempre sonhava com dias melhores para a nossa família. Ela comandava tudo. Era servidora do governo federal e sempre se queixava quanto ao baixo salário. Estava sempre bradando que precisávamos de mais.

Meu pai também era servidor público, mas do governo estadual e para ele, estava tudo bem, sempre. Aliás, meu pai é uma figura e me atrevo a dizer que desde o momento, ainda pequena, que li a obra *Cândido* de Voltaire, presenteada por ele mesmo, lhe dei uma frase (não dita, apenas pensada): “tudo vai bem, melhor não poderia estar!” Esse era uma espécie de mantra que o personagem Pangloss ensinara ao personagem Cândido e este, apesar das tantas desventuras de sua vida, vivia repetindo.

Retomando. Tenho uma vaga lembrança de engradados de refrigerante na cozinha de casa e lembro de muitos pastéis, empadas, bananas reais, chocolates, balas e geladinho. Como eu era muito pequena (por volta dos 4 anos de idade), precisei recorrer à minha irmã e ao meu pai para poder apontar mais coisas aqui. Nessa época, segundo eles, minha mãe fazia guloseimas para vender e complementar a renda.

De uma coisa me lembro bem porque me fascinava – era o processo de fechar o saco de geladinho que minha mãe usava: após colocar o líquido, dobrava-se a ponta para vedar com fogo. O fogo vinha da vela. Eu gostava de ver a habilidade de minha mãe fechando os sacos de geladinho na vela. Ela fazia isso à noite, quando chegava do trabalho, depois do jantar. Deixava tudo pronto para o dia seguinte. Eu e minha irmã do meio (mais velha que eu) íamos à escola pela manhã e, pela tarde, ficávamos sozinhas em casa. Por volta das 15h, visando ao recreio de uma escola pública que ficava na redondeza, minha irmã abria a janela da sala (não tínhamos autorização de colocar o pé na rua, muito menos de abrir a porta para alguém entrar) e, aproveitando a localização da casa que ficava numa esquina de frente para a rua, vendia os doces, salgados e refrigerantes para estudantes da escola. Às 17h janela fechada, organização dos apetrechos, contagem dos valores arrecadados, guarda do dinheiro num falso pote de alimento e preparação para o banho. Esse ritual durou uns três ou quatro anos.

Após alguns anos, quando eu já estava no início da adolescência, minha mãe decidiu que meu pai viajaria para Porto Seguro, a cada 15 dias, para comprar

camarão com um colega dela e revender em nossa casa, sob encomenda. Foi alardeado entre vizinhos, familiares e amigos que teríamos camarão para vender. Muitas encomendas chegaram. O episódio do camarão foi um motivo de muita crise, pois meu pai não queria ir para lugar nenhum e não via necessidade de ampliar renda dessa forma (“tudo vai bem, melhor não poderia estar!”). Ele achava que a complementação com as aulas particulares de francês que ministrava já era suficiente (“tudo vai bem, melhor não poderia estar!”). Porém, obediente, ele ficou indo a Porto comprar o bendito do camarão para revender. Lembro-me da aquisição de um freezer para armazenamento do alimento. Eu sempre apoiava as ideias de minha mãe, assim como ela me apoiava muito. Nos apoiávamos sempre! Nesse sentido, logo fui encarregada de fazer as anotações dos pedidos, fazer a contabilidade (tosca) com ela e ligar para as pessoas quando da chegada do camarão.

A atividade durou pouco tempo – 1 ano aproximadamente. Meu pai começou a dar camarão de presente a amigos e familiares, jogando o empreendimento de minha mãe ralo abaixo. Eu e minhas irmãs ficávamos achando graça e rindo da situação, às escondidas. Passou a ser comum escutar meu pai dizer: “Vou pegar 1kg de camarão aqui para dar a Fulano; vou levar camarão para alegrar Cicrana!” – frases recorrentes que ouvíamos na voz mansa de meu pai. Acho que foi um movimento de insurgência silenciosa dele, visto que não queria ficar se deslocando de Salvador para Porto Seguro para comprar e vender camarão.

Após essas duas experiências e já saindo da esfera espaço-privada, quando completei 16 anos, eu e minha irmã mais velha abrimos uma locadora de vídeo na cidade de Ipirá. Minha irmã se mudara para a cidade com meus sobrinhos a fim de acompanhar o esposo que fora designado juiz de direito naquela comarca. Evidentemente, eu não ficava lá na loja, pois já tinha outras atividades em Salvador (foi no ano que entrei na UCSAL). Eu era responsável pela aquisição de novas fitas, encomendas e encaminhamento do material via correios (muitas vezes, encaminhava pelo motorista da empresa de ônibus Camurujipe que fazia transporte para a cidade). Foi um sucesso tão grande na cidade (tão escassa de lazer), que terminamos fechando as portas dois anos depois. A concorrência ferrenha sufocou o negócio: descobrimos que outras pessoas locavam as nossas fitas originais, faziam

a cópia e alugavam mais barato. Fomos a primeira e única locadora durante um tempo, mas logo surgiram outras pequenas que viviam às nossas custas.

Quase ao mesmo tempo, minha irmã do meio, com a ajuda de minha mãe, alugou um espaço amplo, num centro comercial, para ministrar cursos de reforço escolar que foi muito exitoso enquanto durou (aproximadamente três anos). A intenção do empreendimento era ajudar nos estudos dela na faculdade e suprir suas necessidades com vestuário, transporte etc. Eu cheguei a ajudar com aulas de Inglês, mesmo ainda muito nova. Foi muito interessante porque ela fez um estudo da região, com muitas escolas na época. Assim, ela tinha público do ensino privado do Colégio Diplomata, Escola Marizia Maior, Colégio Apoio, dentre outros estabelecimentos menores. Ela teve a primeira experiência como empregadora, visto que precisou contratar outros professores para ministrar aulas, ante a grande demanda. O fechamento do negócio foi também em virtude de concorrência, inclusive por parte de pessoas que haviam trabalhado com ela.

Anos mais tarde, já adulta, investimos no segmento de franquias de escolas de idiomas. O modelo de empreendedorismo por franquia é bem controlado e bem atrelado a uma matriz, mas nos proporciona inúmeros aprendizados, trocas de experiências e ajuda mútua, a despeito dos custos altos do segmento. Eu aprendi de tudo um pouco que envolve a gestão. Eu precisava ir, várias vezes, a São Paulo para reuniões e cursos. Ao mesmo tempo, seguia muito envolvida com a vida acadêmica e, em paralelo, fiz concurso para professora substituta no CEFET-BA. Era tudo muito intenso! Entre o CEFET-BA e as escolas, no campo pessoal estava nascendo uma família lesbo-afetiva (eu, minha companheira e minha enteada) o que trouxe uma série de tempestades na minha oceano-vida.

Decidimos, então ir, as três para a Espanha a fim de que eu e minha companheira cursássemos um mestrado na área de linguística aplicada e escapássemos um pouco das tensões que envolvem corpos de sexualidade periférica. Quando retornei ao país, quase quatro anos depois, foi porque minha companheira estava com depressão e minha mãe não estava bem de saúde. Retomei minhas atividades na gestão de escolas de idiomas, comecei a estudar relações internacionais (fui aprovada no concurso para uma Bolsa-Prêmio de Vocação para a Diplomacia do Instituto Rio Branco) e fiz outro concurso novamente para professora substituta no CEFET-BA (que já estava em fase de mudança para o

IFBA). Foi um período de viagens a São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro, em virtude do envolvimento nas atividades citadas.

A experiência com as escolas de idiomas terminou me causando um grande trauma. Eu já havia me desvinculado do empreendimento familiar quando fiz concurso para professora efetiva, com dedicação exclusiva, do já Instituto Federal da Bahia. O trauma não está vinculado ao negócio em si, muito interessante e apaixonante por sinal. Porém, na minha instituição usaram o empreendimento familiar de forma política, mesmo a instituição já tendo ciência da minha desvinculação. O regime de dedicação exclusiva pressupõe a impossibilidade do exercício de outra atividade remunerada, tanto na esfera pública, como na privada. A minha escolha pelo serviço público já vinha se delineando ao longo da minha trajetória. Pela própria narrativa, extrai-se uma dualidade na minha vida. Em algum momento, eu teria que decidir por apenas um dos caminhos. O momento chegou e minha escolha pela vida acadêmica foi consciente – eu sabia o que estava envolucrado na minha decisão.

Após já estar lecionando por quatro anos na instituição, fui perseguida e passei por um processo administrativo terrível, torturante, com contornos ditoriais. Foram 11 meses e 20 dias de tortura psicológica, em pleno auge do meu mestrado em Administração na UFBA. O presidente da comissão de PAD estava empenhado, não na minha exoneração, mas em me causar dor. Estava nítido que apenas seguia orientação de um grupo político. Meus advogados, muito experientes, falaram diversas vezes que nunca haviam visto um processo administrativo igual ao que enfrentei – por diversas vezes foram ao meu campus me constranger; foram na minha casa e fizeram fotos (?); tentaram armar um flagrante numa das escolas de meu primo; mandaram cartas perguntando por mim a outras pessoas da rede de escolas; foram à faculdade de Administração, quebraram meu sigilo fiscal etc.

Foi algo muito agressivo. Foram 700 páginas de investigação de nada, para nada. Uma vez comprovada a minha total desvinculação com qualquer instituição privada, começaram a fazer investigação de outros assuntos – foram investigar o processo de concurso público pelo qual fui aprovada, foram investigar a minha graduação e foram investigar, até mesmo, se de fato eu havia vivido e estudado na Espanha. Chegaram a ligar algumas vezes para a secretaria da universidade. Ainda choro quando lembro tudo que passei.

Bem, eu venci. Me instigaram a processar o IFBA. Desisti. Adoecei. O IFBA é uma instituição que adoece. O trauma foi grande e, acho que, por isso, terminei apagando tudo isso da minha vida. Nem cito a experiência no meu lattes e, dificilmente, converso a respeito.

Não obstante essa última dor-experiência, fica evidente nesta pequena escrita que a minha trajetória biográfica influenciou, de alguma forma, no meu caminho de pesquisa. Está tudo muito vinculado e é interessante, importante, relevante que nós, do Grupo Enlace, temos consciência disso. A perspectiva hegemônica do fazer ciência refuta, com veemência, a presença do *eu-corporeidade viva* (e tudo que isso aglutina) na produção científica. Sem embargo, esse refutar é uma intenção que não se concretiza, pois, as subjetividades das vivências sempre se refletem de alguma forma no caminho pesquisador. As subjetividades das trajetórias pessoais se outorgam na produção científica ainda que negadas, silenciadas, penumbradas.

Entretanto, como boa *enlaceana*, não nego, não silencio, não penumbro o reflexo da minha vivência na minha investigação acadêmica. Não me furto das veredas do meu *eu*, circulando nas esquinas da minha pesquisa – sou uma pesquisadora encarnada e não precisei desencarnar para escrever.

INTRODUÇÃO

Começarei² esta introdução fazendo uma espécie de preâmbulo. Tenho ciência de que terá um caráter redundante, mas alerto que não é ao acaso – é algo proposital. Nesse sentido, me remonto a questionamentos de algumas pessoas sobre a minha proposta investigativa, para as quais um trabalho crítico deveria ser justamente o refutar de conceitos hegemônicos. Como oriunda da área de Letras/Linguística, penso exatamente o contrário. Parto do princípio de que toda desestruturação conteudista, elitista ou de certo exclusivismo lexical exige aproximações e apropriações, como faz o segmento popular com os termos que lhe são impostos. Existe uma espécie de recusa, de resistência à tirania linguística por parte da massa popular, numa espécie de jogo ambíguo – ao mesmo tempo que se submete, se apropria e, por vezes, dá outros sentidos a palavras, termos e expressões. Sinto isto muito forte no contexto baiano. Conforme pontua minha orientadora, não há problema nenhum em trabalhar na esfera da ambiguidade.

Assim, neste trabalho, a despeito do seu propósito de desfazer imposições hegemônicas, serão empregados os termos empreendedorismo, empreendedor, empreendedora, atividade empreendedora e suas derivações e composições possíveis, não como representação de submissão a uma literatura de cunho capitalista e neoliberal, mas como uma possibilidade de atuar por dentro da estrutura hegemônica que envolve a ideologia por detrás de tudo que envolve o empreendedorismo. Levo em conta, e isso ficará evidente, as visões de si das interlocutoras desta pesquisa como empreendedoras – assim, elas se consideram, assim elas serão tratadas. Dito isto, sigo com minha escrita.

Remontando a um postulado schumpeteriano, é amplamente difundida a ideia de que a pessoa que empreende é o agente impulsionador da economia e, por essa razão, o empreendedorismo vem se protagonizando no centro de uma série de ações governamentais e, podemos dizer, tem sido o foco de políticas públicas no âmbito do Estado brasileiro. No rastro capitalista, é correto afirmar que o

² Faz parte também deste começo a informação de que esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da Pesquisa da Universidade do Estado da Bahia – Parecer CEP/UNEB nº 4.629.978.

impulsionamento a tal atividade extrapola a esfera estatal, pois há um sem-fim de organizações e entidades empresariais que estimulam e patrocinam essa atividade.

De fato, em âmbito global a atividade empreendedora sofreu um acelerado aumento nas últimas décadas. Dados de 2008 do maior e mais amplo estudo e monitoramento sobre empreendedorismo, empreendedores e percepções empreendedoras do mundo – o *Global Entrepreneurship Monitor* – mostram que havia cerca de 133 milhões de empresários no mundo naquele ano, o equivalente a cerca de 10,5% da população mundial. Sobre o Brasil, o relatório mais recente, de 2019/2020, mostra que no ano de 2019, o país alcançou a segunda maior taxa de empreendedorismo total, o que denota que 38,7% da população adulta estavam envolvidos em alguma forma de atividade empreendedora.

Por mais abrangentes que pareçam, os dados não revelam a real situação da atividade empreendedora no país, muito menos na Bahia. Na lógica capitalista, a escassez precisa ser produzida quase que de forma permanente e, nesta senda, a exclusão se reverbera de todas as formas – a exclusão é a filha da escassez. É assim que se processa o penumbramento de uma série de corpos; corpos que talvez não importem tanto para os que estão no poder, mas que estão no amplo exercício desta atividade que nomeamos empreendedorismo.

Corpos que passam longe dos números e estudos oficiais. Muitos desses corpos são femininos, são corpos negros, são corpos LGBTQIA+ que compõem o grande grupo das vulnerabilidades. As tão reivindicadas postulações pré-existenciais *weber-schumpeterianas* são lacunosas em termos de menção, de atenção, de mínima referência a tais corpos e, por esta razão, segue reivindicando uma razão teórica pouco pautada na realidade, que põe a selva da atividade empreendedora numa esfera romantizada, é neblinar os olhos ante os cotidianos de vida.

O acelerado aumento de práticas empreendedoras vem no eco da paulatina perda de direitos causada pelas sucessivas crises econômicas que, por sua vez, reverberam-se na fragmentação das forças de trabalho através do derrotismo social do desemprego. Por outro lado, esse derrotismo social não significa necessariamente desocupação e esse é um ponto de interesse às forças do capital, pois esta produção econômica oriunda da desocupação não tem custo, gera benefícios e impulsiona a economia ainda que os corpos produtores sofram apagamento como se fossem agentes invisíveis no âmbito do universo capitalista.

Cruzamos com o que eles/elas fazem no cotidiano e vemos que a maior parte dos/das desempregados/as está ocupada, vendendo bagulhos na rua, fazendo qualquer coisa (Oliveira, 2006), movimentando dinheiro.

Nesta senda, o que me pauta neste trabalho é um empreendedorismo que emerge instável, fragilizado e fragmentado – porém não menos relevante em termos socioeconômicos – que se lastreia numa urgência de vida; vida precarizada pelas vicissitudes que permeiam a existência humana no contexto baiano. Pauta-me um empreendedorismo que nasce mais da dor, menos de um perfil ideal. Será a mim caro, assim, o ensinamento feminista o qual alerta para uma visão simplista e positiva do empreendedorismo – algo comum nas perspectivas tradicionais – é algo sem sentido. Faz-se necessário analisar o empreendedorismo como um fenômeno mais complexo do que o permitido por uma formulação estreita, reducionista, limitada e limitante.

Foi imbuída dessa noção de complexidade do fenômeno empreendedor, que aderi ao projeto intitulado “A baianidade e o/a empreendedor/a em seu fazer cotidiano: um estudo sobre os/as microempreendedores/as e seus estabelecimentos na cidade de Camaçari”, coordenado pela professora Suely Aldir Messeder, no ano de 2018. O Projeto PRONEM 8603/2014 da FAPESB/CNPQ teve como objetivo geral a compreensão e a identificação do *modus operandi* dos processos de cognição e da subjetividade dos/as microempreendedores baianos, situados na cidade de Camaçari. O projeto, muito encantador, traz o contexto da baianidade como pilar. A identidade de nomenclatura exclusiva, tão cantada e tão difundida mundo afora em projetos turístico-culturais e em literaturas amadianas, vê-se como centro numa outra esfera.

A inovadora proposta trouxe ao âmbito acadêmico a correlação da atividade empreendedora baiana com a expressão cacete-armado. Tal correlação é o núcleo desta tese e se reverbera relevante justamente por focar num segmento social que busca meio de vida através da atividade empreendedora, escapando do ideário clássico daquilo que se tem como empreendedorismo. Conforme apontou Messeder (2014), os trabalhos e as pesquisas acadêmicas sobre a economia baiana se pautam em uma racionalidade de mercado e terminam por menosprezar as formas de ser e de agir das pessoas em suas interações socioculturais. Assim, o referido projeto se mostrou altamente relevante, principalmente para pesquisas futuras que

buscam sair da cilada das perspectivas universalizantes e que se predispõem a tratar do empreendedorismo numa perspectiva muito específica culturalmente, muito mais contextual e localizada.

Uma vez concretizada a minha adesão ao projeto, uma parte crucial que está no cerne da minha proposta de tese, foi a realização das entrevistas estruturadas, de caráter *quali-quant*, durante o mapeamento dos estabelecimentos da cidade de Camaçari. Na verdade, as aplicações do questionário durante as entrevistas representaram para mim maravilhosas “experiências etnográficas”. Foram incursões no campo “fragmentadas” e “de passagem” (Magnani, 2009, p. 136-137), sem a robustez de uma verdadeira etnografia programada e regular e sem uma proposta de totalidade dos contextos visitados. Entretanto, proporcionaram o deslindar inicial daquilo que eu buscava, visto que foi possível observar espaços, personagens, conflitos e expedientes que trago numa sucessão de imagens fixadas na minha memória (Magnani, 2009).

Devo ressaltar que, nessas experiências etnográficas, foi crucial a minha escolha atitudinal. Procurei o distanciamento de Strauss (1955) que situa a ação etnográfica num campo mítico, de julgamento e superioridade. Busquei uma confortável aproximação a Viveiros de Castro (2002) e, dessa forma, pautei as minhas observações na horizontalidade e conduzi as interações tendo em mente que o outro/a outra (Outrem) é a expressão de um mundo possível.

O meu deslocamento, o meu trânsito em distintos rincões da cidade de Camaçari, nos quais uma precária atividade empreendedora se desenrola, teve como um objetivo inicial a identificação de estabelecimentos de atividades comerciais específicas, seus/suas protagonistas e de suas maneiras e meios mobilizados no ato de empreender. Nesse sentido, conforme aponta Geertz (1989), me foi possível conduzir uma leitura da realidade observada e fazer uma tradução inicial dos textos de vidas. Textos carregados de metáforas, elipses, redundâncias, incoerências, exclamações, reticências e muitas interrogações. Digo tradução inicial porque toda boa tradução precisa ser reflexiva, revista e lapidada. O ensinamento do cubano José Martí (1975), para quem “traducir es transpensar” (p.13), me foi muito valoroso e amparou a necessidade de uma maior aproximação para refinar o processo de traduzir as realidades.

Para além das emocionantes narrativas de vida, muitas das quais perduram na minha lembrança como se o processo de escuta tivesse sido ontem, nessas experiências etnográficas, me chamou muita atenção os distintos palcos de atuação das protagonistas, a saber – salões de beleza, barbearias, bares e restaurantes. Ademais das dinâmicas de atuação que percebi nesses pequenos estabelecimentos, me chamou a atenção a estrutura física. Percebi muito improviso e precariedade. Fui impelida a buscar outros conhecimentos, outras literaturas, uma vez que detectei espaços construídos de forma bem rudimentar.

Assim, cheguei ao âmbito da literatura urbanística, na qual o tema da autoconstrução é um ponto recorrente. A falta de planejamento e a negação ao direito de moradia, algo que revela o fracasso do Estado, corrobora para o surgimento de construções marginais. Segundo o arquiteto Flávio Villaça (1986), a casa é uma mercadoria especial que o capitalismo não tem possibilidade, nem intenciona oferecer a todos. Já foi dito aqui que a escassez e a exclusão são fundamentais ao capital. É nesta vereda que surgem os *puxadinhos* – construções sem registro imobiliário, sem autorização do poder público, feitas não-se-sabe-como e que, não raramente, ferem a dignidade das pessoas. A irregularidade edificada que era para abrigar uma família que cresceu, um/uma filho/a que se casou, um/uma idoso/a que não pode mais morar sozinho/a, torna-se também uma possibilidade real para meio de subsistência através de atividades empreendedoras. Tal fato foi por mim observado na andança etnográfica. Tal fato se tornou meu foco investigativo.

Desta forma, discorridos estes parágrafos, que espero preambularmente elucidativos, explicito que voltei a campo para refinar ainda mais a minha tradução – transpensei cinco lindas flores que me ajudaram a conhecer um pouco mais sobre empreender num contexto de muitas dificuldades. Eis que se deu o nascimento da tese intitulada “Empreendedorismo com foco no contexto baiano: um estudo sobre o modus operandi do cacete-armado como abordagem para a análise da atividade empreendedora de trabalhadoras por conta própria em puxadinhos”.

A investigação traz o empreendedorismo na tessitura da baianidade e o corpo teórico central é o empreendedorismo com foco no contexto que representa uma ruptura muito pertinente com uma literatura conservadora que, por sua vez, apregoa modelos e possibilidades de empreendedorismo pautado em ditames prescritivos,

universalizados e universalizantes que resultam por excluir outras formas possíveis de atividade empreendedora. A teoria do contexto é muito relevante e pertinente porque leva em conta que cada ser humano pensa e age dentro de certos contextos sociais, linguísticos e materiais, e os seres humanos não são espíritos desencarnados, mas consistem em carne e sangue, vivendo em realidades específicas (Welter, 2011). O foco no contexto possibilita a atenção pormenorizada ao que se produz na seara empreendedora que, por sua vez, é situada, é culturalmente específica, é temporal e não descarta atravessamentos sociais importantes como raça e gênero.

É à luz desse corpo teórico focado no contexto, que a abordagem empreendedorismo cacete-armado, uma abordagem em construção, é tratada nesta investigação a partir das produções acadêmicas das pesquisadoras do Grupo Enlace. Nessa trilha, a líder do grupo, a antropóloga e Professora Suely Aldir Messeder, tem destaque ante uma ampla produção de artigos, projetos e orientações a respeito do assunto.

É importante destacar que, como se trata de uma abordagem em processo de delineamento, eu nomeio as postulações da abordagem nascente de *empreendedorismo cacete-armado*, mas isso não representa uma nomeação fechada, totalmente definida. O empreendedorismo cacete-armado está em seu modo gerúndio e, portanto, seu designativo pode sofrer alteração com o passar das reflexões, das observações, das análises e das pesquisas do Grupo Enlace.

Os dois campos, a teoria do contexto e a abordagem cacete-armado dialogam tenazmente porque esta última é naturalmente contextual. Quanto a isso, demarco que não busquei nenhum tipo de amarra e não me encerrei insularmente no escopo da perspectiva decolonial. Não pude me enclausurar nela porque no escopo do empreendedorismo existe um certo *delay* teórico. É bem verdade que uma espécie de pequenas revoluções teóricas está em andamento, mas há muitas produções pouco acessíveis ainda. No eixo sul persiste uma valorização das postulações schumpeterianas, ainda que se reconheça a importância de se olhar as realidades com suas características e processos específicos.

Bebo goles da decolonialidade porque esta escritura pode ser dita decolonial em seu mérito e em seu teor. Considero que a entrega do microfone às trabalhadoras-empreendedoras-baianas representa um movimento com contornos

decoloniais, ainda que em diversos momentos busque amparo em autores e autoras d'outros mares. Nesse sentido, me aponto no filósofo da crioulização, Edouard Glissant, e na sua postulação do *diverso* da *totalidade-mundo*, colocando produções teóricas em diálogo, numa relação transversal, sem submissões ou subalternizações, mas em transcendências horizontais.

Vale ressaltar que, a fim de tornar análises possíveis, usei elementos, dados e órgãos oficiais, consensuados como relevantes para a área de estudo. Talvez essa escolha possa parecer contraditória, uma vez que proponho rupturas. Contudo, sem essas ferramentas, que se entoaram como elementos discursivos, este trabalho se impossibilitaria e entraria no perigoso pântano do achismo. Destarte, dados do IBGE, GEM, SEBRAE e tantos outros são utilizados nesta pesquisa.

Dito isto, elucido que esta investigação intenciona, humildemente, contribuir para a ampliação de um campo que se torna cada vez mais relevante (e está posto como tal) para a sociedade. Assim, ao me propor a escrever esta investigação, meu objetivo foi “compreender, à luz do empreendedorismo cacete-armado, as características e dinâmicas das atividades empreendedoras conduzidas por trabalhadoras em seus puxadinhos” na cidade de Camaçari.

Para tanto, foi necessário adentrar em temas importantes antes de adentrar no fazer empreendedor das trabalhadoras aqui trazidas, fazendo enviesamentos que resultaram em *steps* integrantes do objetivo maior. Deste modo, pormenorizando esses *steps*, busquei elencar as proposições clássicas do que é o empreendedorismo, trazendo à tona uma teoria de contraposição a essas proposições; identifiquei as produções do Grupo Enlace a fim de formatar os traços do empreendedorismo cacete-armado; identifiquei as características estruturais daquilo que chamamos puxadinhos; selecionei e tracei o perfil das empreendedoras-trabalhadoras com o fito de entender suas estratégias na condução de seus empreendimentos.

Apesar de reconhecer que existe precariedade e vulnerabilidade, preferi não me fechar na esfera e não classifico o tratado aqui como empreendedorismo de necessidade ou por necessidade, como as vozes da literatura mais hegemônica apontam. Há muitas necessidades de fato, mas a classificação já vem sendo desestabilizada por alguns acadêmicos (HIGGINS e PINELLI, 2020; DENCKER, 2021) e organismos GEM (2020), principalmente porque é, em geral,posta como

oposição ao empreendedorismo por oportunidade. Pode existir oportunidade/s no empreendedorismo por necessidade e necessidade/s no empreendedorismo por oportunidade. Assim, as categorias podem não ser excludentes, muito menos dicotômicas. No mesmo sentido, não empreguei a categoria de trabalho por conta própria, desta vez, porque as interlocutoras, todas elas, se veem e preferiram ser tratadas como empreendedoras. Em alguns momentos, as duas categorias podem aparecer, mas somente como ferramentas discursivas.

Quanto a definição “trabalho por conta própria”, sigo a orientação do IBGE para quem trabalhadora por conta própria é a pessoa que trabalha explorando o seu próprio empreendimento, sozinha ou com sócio, sem ter empregado e contando, ou não, com ajuda de trabalhador remunerado ou não remunerado ou de membro da unidade domiciliar em que reside (IBGE, 2008). Embora haja uma interlocutora que não se encaixe plenamente nessa definição, esse é enfoque principal. Destaco que as interlocutoras, todas elas, se veem e preferiram ser tratadas como empreendedoras.

Trago aqui somente trechos das entrevistas, visto que elas foram muito ricas mas também muito longas fornecendo, inclusive, elementos para a feitura de outros trabalhos. Dito isto, aponto que não apresento a integralidade das transcrições que, em seu bojo total somaria mais de quarenta páginas.

Trouxe, em seu teor, as falas fidedignas de cada uma das interlocutoras, para cada assunto pautado. Em razão da ferramenta de transcrição das entrevistas não conseguir elucidar algumas sonoridades pertinentes à língua e ao linguajar das empreendedoras, precisei fazer pequenos ajustes e pequenas intervenções ortográficas e sintáticas para a composição de seus textos-falas. O aspecto semântico foi plenamente respeitado e preservado.

A fim de evitar que cacete-armado tenha caráter de composição, ajuntamento de duas unidades separadas (uma funcionando como núcleo e a outra como modificador), emprego cacete-armado hifenizado por entender que existe uma justaposição entre as palavras que constituem uma única unidade sintagmática e semântica. Entretanto, manterei separadas quando se tratar de produções anteriores e/ou citas diretas dos autores que uso como referência. No caso das produções de Messeder e do Grupo Enlace, a expressão ainda aparece separada, como ocorre

nas obras de Jorge Amado que referencio. Na obra de Muniz Sodré, a expressão aparece hifenizada, da maneira que proponho.

Visando dar fluidez à argumentação, ao longo da escrita, posso empregar as expressões em suas denominações mais completas – empreendedorismo com foco no contexto e empreendedorismo cacete-armado – assim como reduções – “foco no contexto”, “o cacete-armado” – sem que isso afete os sentidos destas.

Em sua arquitetura, esta tese traz um Prelúdio no qual trato do meu encarne pesquisador para elucidar a minha vinculação pessoal e acadêmica com o tema central proposto, conforme já visto. Após esta Introdução, apresento os capítulos distribuídos conforme explicado a seguir.

No capítulo 1, intitulado *Empreendedorismo*, trago as bases do empreendedorismo e de como se tornou um caminho para trabalhadores e trabalhadoras impulsionados pelo neoliberalismo. É neste capítulo também que contraponto a perspectiva clássico-hegemônica, trazendo o corpo teórico central que é o empreendedorismo com foco no contexto. Ademais, adentro na abordagem cacete-armado a partir das produções do Grupo Enlace.

No capítulo 2, intitulado *Cacete-armado no contexto da baianidade*, discorro sobre a expressão cacete-armado, elencando os entendimentos sobre a expressão no contexto da baianidade.

O capítulo 3, intitulado *Na trilha dos Puxadinhos*, adentro na ideia de puxadinho como materialização do cacete-armado, discutindo pontos importantes que precedem a sua constituição como um *lócus* para a atividade empreendedora.

No capítulo 4, deslindo o caminho metodológico trilhado para a realização desta pesquisa.

O capítulo 5, intitulado *Empreendendo em Puxadinhos*, é a medula deste trabalho, é a fala do campo. É neste capítulo que apresento as dinâmicas de vida de cinco interlocutoras que contribuíram para esta investigação. No capítulo, agrupei os relatos em seis seções que evidenciam as características e peripécias empreendedoras das interlocutoras. Uma vez que lido com histórias de vidas, aspectos pessoais se emaranharam nessas peripécias. Destaco que para cada seção e subseção já apresento discussões inerentes a cada teor tratado.

O capítulo 6, destinado à discussão, subintitulado *Entre vidas no puxadinho*, é dedicado a discutir sobre o encontrado no campo e as possíveis trilhas da

abordagem teórica do cacete-armado. Faço isso de maneira mais suscinta, a fim de evitar redundâncias, visto que, como elucidei, no capítulo 5 já promovo discussões.

O capítulo 7 é destinado às considerações finais e representa a finalização desta escrita, não a finalização das pesquisas. Nesse sentido, aponto para o futuro instigando escritas outras que podem enriquecer esta área de estudo.

Apresento as Referências utilizadas na minha escritura e trago uma seção de Anexos que traz elementos que, de alguma forma, foram referidos no texto-tese.

Elucido que a pesquisa encarnada termina também por evitar cartesianismos do corpo que escreve. Em muitos momentos, o meu encarne como atuante da área das Letras e da Linguística terminou por aflorar e pode ter me escapado alguma forma mais pessoal de escrever que é pouco usual num texto acadêmico. Da mesma forma, em alguns momentos um tom mais emotivo, oriundo da escuta das histórias de vida, pode transparecer na escrita.

Diante do dissertado aqui, dou início ao trabalho.

1 EMPREENDEDORISMO

A gente tem que viver, né?
 Meu marido trabalhava em uma
 firma e ficou desempregado e
 eu não trabalhava na rua. O
 que sei mesmo é cozinar. Aí
 decidi fazer essa biboquinha
 aqui para servir almoço.

(Dona Rita, Camaçari, 2018)

O empreendedorismo vem sendo apontado como um segmento importante e carregado de positividade, fundamental para atividade econômica. Nesse denso escopo, se dá grande atenção às atividades bem-sucedidas, à importância do aproveitamento das oportunidades, principalmente em períodos de crise como a que vivemos agora, e às medidas financeiras disponibilizadas para aqueles/aquelas geniosos, inteligentes e inovadores que decidem adentrar na aventura empreendedora por iniciativa própria.

Para além disso, percebe-se uma grande preocupação com aspectos sobre como e/ou por que algumas pessoas conseguem se tornar empreendedoras e outras não. A percepção dominante é a de que elementos apontados como sendo inerentes ao empreendedorismo, tais como a habilidade da descoberta, a avaliação de contexto e a exploração de oportunidades são fenômenos objetivos da sociedade e do mercado que estão disponibilizados a toda e qualquer pessoa – um capitalismo romantizado com cunho democrático é o lastro principal.

Em termos práticos executórios, o empreendedorismo tem sido o alvo de diversas políticas públicas em diversas nações do mundo. Nesse sentido, algumas ações têm se destacado como programas de incubação de empresas e parques tecnológicos; desenvolvimento de currículos integrados que estimulem o empreendedorismo em todos os níveis, da educação fundamental à pós-secundária; programas e incentivos governamentais para promover a inovação e a transferência de tecnologia; subsídios governamentais para criação e desenvolvimento de novas empresas; criação de agências de suporte ao empreendedorismo e a geração de negócios; programas de desburocratização e acesso ao crédito para pequenas empresas; desenvolvimento de instrumentos para fortalecer o reconhecimento da propriedade intelectual, entre outros (Dornelas, 2001).

Todavia, é altamente relevante uma mirada crítica, com lentes de aumento, para todas essas postulações supra apresentadas. Conforme aponta Jesus (2016, p. 20), o empreendedorismo tem sido propagado “em todos os espaços da vida em sociedade, a começar pelo mundo do trabalho, sem que sejam reveladas as causas e consequências do seu metabolismo na sociedade”. Dados do próprio *Global Entrepreneurship Monitor – GEM*, do SEBRAE, do IBGE e de outras fontes trarão mais amparo para a importância desse chamado crítico. Com o avançar desta escrita, ficará mais evidente o descompasso que há entre o que de fato se faz (como se empreende), entre os dados fornecidos pelos organismos citados e entre o que traz a literatura conservadora.

As perspectivas que colocam o empreendedorismo sob uma áurea de positividade terminam por excluir perspectivas outras, menos glamourizadas, excluídas e marginalizadas que pautam a atividade empreendedora como mola de sobrevivência, como meio de diminuição da dor da barriga que grita de fome. Empreendedorismo é muito mais do que esses elementos supracitados nos parágrafos anteriores. O empreendedorismo é muito menos impulsionador da economia e muito mais garantia emergencial de vida.

O empreendedor ou a empreendedora, trabalhador ou trabalhadora tem grande mérito e de fato estão atentos às oportunidades que lhes surgem. Porém, trata-se de outro tipo de oportunidade – é a oportunidade improvisada, de se virar com aquilo que se tem, com a mobilização do saber-fazer que representa a garantia da sobrevida. Ao empreendedor real, pobre, trabalhador excluído, cabe o mérito de achar a oportunidade de garantia da sobrevida.

Todas essas inquietações sobre o empreendedorismo serão discutidas com o desenrolar discursivo deste texto. Esta seção se propõe a dar início a toda essa discussão. Começarei fazendo uma viagem etimológica sobre o léxico empreendedorismo, numa lógica histórico-crescente apresentada a seguir.

1.1 RAÍZES DE UM LÉXICO

Conforme nos traz Sarkar (2014), autor indiano que há anos vem fazendo uma grande pesquisa sobre o assunto, o conceito de empreendedorismo tem registro na literatura há bastante tempo e vem sendo empregado de distintas formas,

assumindo uma grande popularidade. Tal popularidade termina impulsionando uma busca natural pelas origens do termo e isso é algo latente nas pessoas que vêm da área de linguística. Assim, me vi fazendo um repasse sobre a etimologia da palavra empreendedorismo, e suas variáveis em alguns momentos, a partir das quatro línguas europeias que, não só me são mais próximas, mas também nos remete aos primeiros registros escritos da atividade empreendedora.

Importante destacar a expressão *registros escritos*, pois se sabe que o registro é posterior à atividade em si e suponho que não seja uma exclusividade do povo europeu. Importante também é ter em mente que a etimologia é muito mais do que um simples exercício de curiosidade sobre a origem e a formação das palavras. Trata-se, na verdade, de um exercício de trilhar a sabedoria de um inconsciente coletivo (Zimerman, 2004), uma vez que adentrar na aventura etimológica é fazer um retorno histórico, é viajar no tempo.

O trabalho historiográfico de Viaro (2013) nos traz um amplo lastro sobre a importância evolutiva dos estudos etimológicos para as distintas ramas do conhecimento. O autor destaca que um estudo etimológico favorece o falante, pois é “uma chave que abre o significado de milhares de palavras em português e de outras línguas” (Viaro, 2013, p. 7). Entendo que um escopo teórico se torna mais interessante, a partir da entrada nessa aventura. Mais do que isso, uma viagem etimológica, passando por aspectos filológicos, pode ser muito útil para a compreensão de diversos aspectos que envolvem a epistemologia inerente a cada estudo. Aqui, neste texto-tese, não me aprofundarei muito nesta viagem, visto que não é o objetivo maior. Assim, trago pinceladas de uma busca pela origem do termo.

Maioritariamente, os registros na literatura específica apontam o economista francês Richard Cantillon (1755) como o primeiro a usar o termo empreendedorismo – “entreprendre” que evoluiu filologicamente para “entrepreneuriat”. No texto *Essai sur la nature du commerce en general*. Cantillon foca na figura do empreendedor como aquele que adquire um determinado produto por um preço para vender por outro, assumindo o risco da incerteza da obtenção de recursos provenientes dessa transação. Esse é um dado amplamente repetido nos livros, manuais e demais produções sobre o assunto.

Entretanto, os pesquisadores equatorianos Dueñas e Cedeño (2020) apontam que a variável francesa *entrepreneur* já havia aparecido no *Dictionnaire universel*,

contenant généralement tous les mots François, tant vieux que modernes & les termes des sciences et des arts, de Antoine de Furetière publicado ainda em 1690, com as acepções de arquiteto, contratista que abastece o exército de alimentos e munições e empresário marítimo. Os pesquisadores apontam que a grande contribuição de Cantillon foi justamente o pioneirismo em pegar um léxico já existente e inserir no discurso da teoria econômica.

O conceituado dicionário Larousse (2020), em sua versão on-line, conceitua como “activité, fonction d’entrepreneur” já vinculando a atividade a atores/atrizes. Sarkar (2014, p. 26), ao fazer a análise etimológica do termo francês, aponta o significado como “estar entre o fornecedor e o consumidor”.

O termo francês chegou à língua de Cervantes como *emprendimiento* e está vinculado ao verbo *emprender* que, segundo Coromines (1981), apareceu no castelhano em escritos aragoneses entre os anos 1030 e 1095. No século XVI, no auge das grandes navegações, o termo foi atribuído a valentes capitães de grandes esquadras e expedições militares e suas atividades voltadas para conquistas em nome de realezas, ligas e nações (Toro; Ortegon, 1999; Verin, 2011; Pérez; Sanchez, 2011). O registro oficial da atividade aparece através do termo *emprender* no *Diccionario de Autoridades* (1732) como sinônimo de aventureiro: “la persona que emprende y se determina a hacer y executar, con resolución y empeño, alguna operación considerable y árdua” (Real Academia Española, 1732, tomo III apud Dueñas; Cedeño, 2020).

Entrepreneurship aparece em *Wealth of Nations* do escocês Adam Smith (1776), embora o foco do autor seja muito mais nas pessoas empreendedoras. É interessante o apontado pelo *Etimology Dictionary* (on-line) o qual destaca a origem francesa do léxico, destacando que a palavra *entrepreneur* atravessou o Canal da mancha no século XV. Isso mostra que a palavra é bem mais antiga do que aponta a literatura. *Entrepreneurship* é definido no Oxford Dictionary (on-line) como “the activity of making money by starting or running businesses, especially when this involves taking financial risks”, denotando um aspecto bem mais atrelado ao esteio do capitalismo, muito próximo da visão weberiana. Em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, Max Weber (2002) sinaliza a importância da lógica protestante e o seu posicionamento enaltecedor do trabalho como o caminho da

prosperidade e da riqueza, bem atrelado à atitude do *making money* anglo-dicionaristico.

Na Língua Portuguesa, segundo o Dicionário Etimológico Nova Fronteira, a palavra teria aparecido inicialmente no século XVI. Contudo, Baggio e Baggio (2014) apontam que o vocábulo é derivado da palavra *imprehendere*, do latim, tendo o seu correspondente empreender surgido na língua portuguesa no século XV, evidenciando um entendimento muito próximo ao castelhano, ou seja, o empreendimento pautado na aventura das grandes navegações.

Barreto (1998) aponta que o léxico empreendedorismo originou-se da tradução da expressão *entrepreneurship* da língua inglesa que, por sua vez, é composta da palavra francesa *entrepreneur* e do sufixo inglês *-ship*. Segundo apontam Oliveira, Moita e Aquino (2016), o termo empreendedorismo é um neologismo da língua portuguesa criado para identificar o novo universo da figura do empreendedor, que por sua vez é um tomador de risco.

Essa pauta etimológica é interessante no sentido de que muito do que vem da gênese da atividade empreendedora ainda persiste, principalmente no cerne de uma literatura hegemônica. Para, além disso, conforme será abordado na seção 5.2, adentrar no empreendedorismo é de fato uma aventura, conforme mostra a etimologia. Se do lado dos grandes empresários, a aventura empreendedora carrega o risco da perda do investimento, do lado do trabalhador/a desempregado/a, que adentra na trilha empreendedora, a incerteza de que o empreendimento prospere para suprir necessidades básicas de vida também representa uma aventura.

Na subseção a seguir, discuto a importância do trabalho, perpassando pontos do capitalismo até a perspectiva neoliberal e suas reverberações que influenciaram a entrada de trabalhadores e trabalhadoras no empreendedorismo.

1.2 O CAMINHO DO TRABALHO NA SENDA NEOLIBERAL E OS NOVOS EMPREENDEDORES/AS: TRABALHADORES E TRABALHADORAS

Desde os primórdios do capitalismo, temas como pobreza, exclusão, hierarquização e privação são considerados como questões naturais da existência humana. Com a Revolução Industrial e com o trabalhismo organizado, o trabalho se tornou mais um elemento crucial que passou a ter uma importante

representatividade para a plena cidadania e inerente à condição de vida. O trabalho configurou-se como uma das parcias possibilidades de ascensão social abertas aos pobres e desvalidos, daqueles que estavam à margem das benesses sociais. A inculcação do trabalho como possibilidade de ascensão trouxe ao imaginário coletivo, principalmente nas zonas urbanas, o florescer do sistema individualista, competitivo e utilitário de vida. Foi vendida a ideia de que, através do trabalho, trabalhadores e trabalhadoras logo entrariam no universo burguês (Hobsbawm, 1996).

Por detrás dessa venda ilusória, nada além de perfumaria, havia a sólida premissa de que mulheres e homens que dependiam do trabalho deveriam ser pobres, não apenas porque sempre tinham sido, mas também porque a inferioridade econômica era um índice adequado e reivindicado da inferioridade de classe (Hobsbawm, 1996). De fato, a percepção da classe média era que:

O máximo adequado para a classe trabalhadora era uma quantidade suficiente de comida boa e decente (preferivelmente sem muita bebida), uma habitação modesta e lotada, vestimenta adequada para proteger a moral, e saúde e conforto, sem arriscar uma tendência à imitação dos superiores na escala social. Esperava-se que o progresso capitalista viesse por fim levar os trabalhadores para perto desse ideal (Hobsbawm, 1996, p. 304).

Parece-me chocante a postulação de desigualdade como lastro básico da existência; parece-me chocante a pobreza como aspecto buscado pelos de cima – as teorias econômicas e os princípios liberais da classe média (somente apregoados em favor próprio) nunca conseguiram entrelace efetivo.

Pois bem, enquanto trabalhadores e trabalhadoras das nações do norte planetário vislumbravam a possibilidade de ascensão social via trabalho, o Brasil continuava a ser um país basicamente agrícola, distante de tais discussões. Reinava um agriculturismo iniciado no nuclear momento da colonização com a doce produção açucareira – amarga para escravizados e escravizadas – quando nem sequer se vislumbrava a possibilidade mínima de liberdade (ainda que para muitos esta não passe de uma ilusão), seguido por um intenso período cafeeiro – *cha-fé*

ralo para trabalhadores e trabalhadoras das lavouras³. Fausto (2007, p. 237) afirma que por volta do ano 1872, considerando as pessoas em atividade no Brasil, “80% se dedicavam ao setor agrícola, 13% ao de serviços⁴ e 7% à indústria⁵”. A baixa estruturação da indústria tardou em trazer as reverberações de uma política trabalhista organizada e a percepção de trabalho como forma de ascensão social tardou a florescer na Pindorama.

Todavia, floresceu! Floresceu e a imigração europeia teve um papel fundamental para este florescimento, embora, num primeiro momento, a chegada de estrangeiros ao país tenha sido também destinada ao setor agrícola. Conforme aponta Fausto (2007, p. 281), “os imigrantes mudaram a paisagem social do Centro-Sul do país, com sua presença nas atividades econômicas, seus costumes, seus hábitos alimentares, contribuindo também para valorizar uma ética do trabalho”.

Essa noção de trabalho estruturado, remunerado e passível de direitos para trabalhadores e trabalhadoras trazida pela imigração foi a causadora de diversos atritos, greves e questionamentos quanto às relações de trabalho (Fausto, 2007). Logo, o ideário de trabalho como preponderante para a noção de cidadania e meio de mobilidade social foi amplamente difundido. Mas olhos atentos: aqui também tudo muito controlado pelas elites oligárquicas brasileiras, no sentido não dar tanto aos trabalhadores – era (é!) importante a preservação da inferioridade econômica.

Um movimento que merece menção aqui é o fordismo estadunidense, que virou modelo produtivo mundo a fora. Bauman (2001) aponta a estratégia de Henry Ford que, perspicaz empreendedor e observador social, atentou para a relevância do trabalho para trabalhadores e trabalhadoras e, mais ainda, para a importância deles/delas para a ampliação de produção e de seu lucro. Entendendo a dependência que tinha desses trabalhadores e trabalhadoras, encontrou uma forma de enraizá-los a seu favor, estimulando o consumo daquilo que eles/elas próprios/as produziam: os veículos T-Ford. A reverberação disso foi a dependência mútua

³ Na fase de gestação da economia cafeeira ainda houve a utilização de mão-de-obra negra escravizada, conforme aponta Furtado (2007).

⁴ O autor aponta que na categoria “serviços” mais da metade da mão-de-obra estava em atividades domésticas

⁵ Em meados do século XIX as poucas fábricas existentes no país destinavam-se a produção de tecidos de algodão de baixa qualidade, consumidos principalmente pela população pobre e pela população escravizada. Conforme aponta Fausto (2007), a Bahia foi o primeiro centro de atividades do ramo, reunindo cinco das nove fábricas existentes no país por volta de 1866.

trabalhadores/empresas, o que só veio a acrescentar no processo de solidez da importância do trabalho nas sociedades ocidentais.

Não poderia deixar de citar os postulados do materialismo histórico e dialético de Karl Marx (1988) para este assunto. Para Marx (2006), o trabalho humaniza os humanos, é a autoprodução da humanidade, visto que antes de tudo, o trabalho é um processo que envolve homens, mulheres e natureza, numa ação que impulsiona, regula e controla o intercambio material. Em suas palavras: “pressupomos o trabalho sob a forma exclusivamente humana” (Max, 2006, p. 211).

A despeito dessa constatação inicial carregada de aparente suavidade, Marx avança e aponta questões importantes acerca do desenvolvimento capitalista no mundo e no campo do trabalho. Para ele, o trabalho, como já explicitado, é a humanidade em si e, sendo assim, é também ponto de desigualdade social. Logo, falar de humanidade e trabalho, é falar de luta de classes. Para ele, a produção capitalista gera a alienação (trabalhadores e trabalhadoras só têm acesso a uma pequena parte do processo produtivo e não têm consciência das etapas de produção, desconhecendo o todo e ficando inacessível ao produto final) e a mais valia (trabalhadores e trabalhadoras tendo a força de trabalho explorada produzem muito mais do que recebem como salário – valor excedente – resultando um grande abismo entre o que se ganha e o que se produz).

O meu objetivo maior é evidenciar o fato de que, de forma planetária, o trabalho terminou por consolidar-se como destino natural das pessoas, razão de vida, sem outra escolha (Bauman, 2001), uma atividade destino cuja importância se expressa numa espécie de brado silencioso e posto: fora do trabalho não há salvação! O trabalho passou a ser engrandecimento, cidadania e nobreza de espírito. A organização capitalística e racional do trabalho, requerimento emergente da Revolução Industrial e de forte influência da teologia protestante, passou a ser questão fundante da economia ocidental (Weber, 2002): o trabalho condição essencial para trabalhadores/as cuja exploração foi lastro fundamental para o desenvolvimento do capitalismo.

Quem lê essa retomada a uma época de gênese da solidez do trabalho como aspecto social crucial, pode não compreender a minha intencionalidade e pensar que estou fazendo uma viagem inadvertida. Entretanto, tais pontos são importantes para a compreensão da proposta desta seção, visto que muito do que entendemos

como empreendedorismo, numa proposta que escapa a hegemonia, deve muito ao enfraquecimento das relações de trabalho como se conhecia. É justamente neste ponto que precisamos virar o olhar para outro movimento político-econômico cuja análise se torna altamente relevante para compreender melhor este texto – o surgimento do neoliberalismo.

Embora a literatura sobre o neoliberalismo aponte para uma variedade de experiencias particulares nos distintos rincões do mundo, é possível uma compactação mais ampla e genérica da postulação neoliberal. É mais ou menos consenso entre pesquisadores que o neoliberalismo, inicialmente, foi uma doutrina político-econômica que representava um intento de adaptar os princípios do liberalismo econômico às condições do capitalismo moderno.

Nesta linha, Harvey (2014) afirma que o neoliberalismo foi, em um primeiro momento, uma teoria de práticas econômicas políticas que propunham que o bem-estar humano poderia ser melhor alcançado pela liberação das liberdades e habilidades empreendedoras individuais dentro de uma estrutura institucional caracterizada por fortes direitos de propriedade privada, mercados livres e livre comércio. O papel do Estado seria o de criar e preservar um arcabouço institucional adequado a tais práticas. No mesmo sentido, Peters (2021) aponta o neoliberalismo como termo e discurso que empunhava a teoria política liberal clássica. Em seu bojo há uma série de teóricos⁶ e de encontros/reuniões/conferências⁷ que contribuíram para formulação de seus princípios que notadamente foram mudando com o passar do tempo.

⁶ Nomes como Milton Friedman, Michael Polanyi, Friedrich Hayek, Walter Lippmann, Louis Rougier, dentre outros, foram pensadores que tiveram destaque na formulação dos pressupostos neoliberais.

⁷ Encontros e reuniões com a presença de diversos economistas liberais, filósofos e cientistas políticos para as discussões ocorreram ao longo do desenvolvimento da doutrina neoliberal. Dois desses encontros merecem destaque pela relevância que adquiriram: o Colóquio Walter Lippman (que ocorreu em Paris no ano de 1938 e foi organizada pelo filósofo francês Louis Rougier) e A Sociedade Mont Pelerin (cuja conferência ocorrida na localidade de Mont Pelerin em 1947, na Suiça, deu origem a organização internacional de estudos econômicos que defendia os valores políticos de uma sociedade aberta). Foi na ocasião do Colóquio Walter Lippmann que Milton Friedman usou pela primeira vez o termo neoliberalismo, na apresentação de seu ensaio chamado “Neoliberalismo e suas perspectivas”. Para maiores informações, ver e-book: DENORD, François. «French Neoliberalism and its Divisions: From the Colloque Walter Lippmann to the Fifth Republic». In: **Philip Mirowski and Dieter Plehwe. The Road from Mont Pelerin: The Making of the Neoliberal Thought Collective.** [S.I.]: Harvard University Press.2009. pp. 45–67. ISBN 978-0-674-03318-4. Consultado em 3 de março de 2022.

Como marco histórico de governos da doutrina neoliberal no eixo norte, Margaret Thatcher e Ronald Reagan implementaram a desregulamentação dos mercados de capitais, abraçando a globalização do livre mercado e do livre comércio, e pondo em andamento a privatização de estatais socialmente relevantes objetivando a redução do Estado e impulsionando a responsabilidade individual na vida em sociedade. Embora os referidos governos sejam de um período anterior, podemos dizer que, tanto o Cowboy quanto a Dama de Ferro, se anteciparam em seguir disposições do chamado Consenso de Washington, termo cunhado por John Williamson, inicialmente em 1989⁸, que representava as políticas de instituições como o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional e o Tesouro Americano.

No eixo sul, destaca-se a experiência chilena, cuja política neoliberal foi implementada nos idos de 1973, de forma brutal, à base da força e da coerção, eliminando o estado de direito de forma antidemocrática (Peters, 2021). A despeito disso, a crença de que os mercados livres podem regular a si mesmos, o estímulo à livre concorrência (na verdade, competitividade), que Estado é inherentemente incompetente e que, em termos distributivos, os resultados de mercado são basicamente merecidos, passou a prevalecer nas políticas de diversos governos.

Na década de 1990 do século passado, mesmo liberais moderados haviam se convertido à crença de que os objetivos sociais podem ser alcançados, aproveitando o poder dos mercados. Por essa época, a maioria dos países latino-americanos havia adotado a chamada orientação político-econômica do Consenso de Washington. Segundo Amam e Baer (2002), a chamada orientação política do Consenso de Washington consistia na seguinte combinação de medidas: um ataque efetivo à inflação por meio de um ajuste fiscal drástico, privatização de empresas estatais, tanto do setor industrial quanto de utilidade pública, liberalização do comércio (que consistiu em quedas acentuadas da proteção tarifária e, principalmente, não tarifária), prevalência das taxas de juros de mercado, abertura da maioria dos setores ao investimento estrangeiro e diminuição substancial dos controles sobre as ações do capital estrangeiro.

⁸ No ano seguinte, ele publicou o artigo 'What Washington means by policy reform,' in John Williamson (ed.), Latin American Adjustment: How Much has Happened? Washington DC, 1990., pp. 7–20.

No Brasil, o governo Collor também iniciou o processo de privatização. A princípio, isso se limitava ao aço e à petroquímica. No entanto, depois que o presidente Cardoso assumiu o poder em 1995, o processo de privatização expandiu-se rapidamente para áreas como serviços públicos e infraestrutura de transporte. O período desde 1995 também testemunhou um programa sem precedentes de liberalização do investimento. Por exemplo, uma emenda à Constituição eliminou qualquer diferenciação no status legal das empresas nacionais e estrangeiras. O capital estrangeiro foi autorizado a entrar em setores dos quais era anteriormente excluído, como exploração de petróleo e serviços públicos (Amam; Baer, 2000).

Como disse anteriormente, com o passar do tempo, os pilares neoliberais sofreram uma espécie de perversão sistêmica (Santos, 2006). Nas últimas décadas, as organizações e empresas privadas foram ricamente recompensadas, os impostos foram cortados e a regulamentação reduzida, fragmentada e, em alguns casos, anulada. A economia é muito mais desigual e o crescimento econômico é mais lento e caótico do que durante a era do capitalismo administrado.

O poder econômico resultou em ciclos de retroalimentação do poder político, nos quais as elites fazem regras que reforçam ainda mais a concentração. A desregulamentação produziu não uma competição salutar, mas concentração de mercado e competitividade desenfreada como regra absoluta, estendida a todas as esferas sociais (Santos, 2006, p. 60), resultando daí a “celebração dos egoísmos, o alastramento dos narcisismos, a banalização da guerra de todos contra todos, com a utilização de qualquer que seja o meio para obter o fim colimado, isto é, competir e, se possível, vencer”.

Para Dardot e Laval (2016), de fato, a esfera neoliberal é uma aglutinação de competitividade, que eles preferem chamar de concorrência e afirmam que a razão do mundo neoliberal está roteirizada da seguinte forma:

Da construção do mercado à concorrência como norma dessa construção, da concorrência como norma da atividade dos agentes econômicos à concorrência como norma da construção do Estado e de sua ação e, por fim, da concorrência como norma do Estado-empresa à concorrência como norma da conduta do sujeito-empresa (Dardot; Laval, 2016p. 379).

A questão da competição já fora apontada por Foucault⁹, um crítico da doutrina, como um dos pontos fortes do neoliberalismo. Para o filósofo francês, os neoliberais consideram a competição como algo que não é naturalmente dado, mas como algo que precisa ser criado. De acordo com Foucault (2007), a principal mudança do liberalismo para o neoliberalismo é um foco na competição: o indivíduo competitivo e a engenharia do governo para que as forças da competição se manifestem dentro e entre governos. Foucault (2008) vê o neoliberalismo (discute o neoliberalismo e a governamentalidade neoliberal em relação ao biopoder e à biopolítica) como uma iniciativa ativa para criar competição e estender o mercado para domínios não mercadológicos, como uma filosofia que substitui a política pela economia.

Para o professor e pesquisador Robert Kuttner (2019), a ascendência do neoliberalismo teve outro custo calamitoso: a desestabilização da legitimidade democrática. Aponta ele que, à medida que o governo diminuiu o controle das forças do mercado, a vida cotidiana tornou-se mais uma luta para as pessoas comuns, enquanto tornou-se mais doce para as elites econômicas. Kuttner (2019) cita Polanyi para lembrar que quando os mercados sobrecarregam a sociedade, as pessoas comuns, muitas vezes, se voltam para tiranos, como ocorreu em diversos momentos históricos, em distintas realidades. Em regimes que beiram o neofascismo, os cleptocapitalistas costumam se dar bem com ditadores, minando a premissa liberal do capitalismo e jogando com um nacionalismo tribal como arma para aguçar políticas econômicas elitistas.

No Brasil dos últimos anos, tivemos um acirramento de práticas políticas nefastas com escusas de defesa da economia. Assistimos atônitos/as, numa triste tarde de domingo, a uma presidente democraticamente eleita sofrer um golpe parlamentar (“com STF e tudo”) e, aos prantos e encapsulados/as na nossa perplexidade de pijama, vimos ser alçado ao poder um presidente que coloca a sua família acima de tudo e o enriquecimento desta e de amigos acima de todos, com a premissa do *live and let die*.

⁹ A despeito da crítica contributiva e muito bem-vinda de Foucault, Ferreira Neto (2019) aponta que o uso generalizante da noção de neoliberalismo está distante da discussão empreendida pelo filósofo francês, que não o tomava como um universal abstrato, mas analisou-o em suas dimensões locais: o neoliberalismo alemão e o americano, este último, da Escola de Chicago.

O neoliberalismo com suas sórdidas alegações de neutralidade étnica, de gênero e de sexualidade, na verdade, vem substituindo e, até mesmo, reacendendo e incentivando antigas práticas racistas, machistas e LGBTfóbicas. Falando especificamente da questão de gênero, defensores do neoliberalismo elogiam os benefícios de uma economia irrestrita e orientada para o mercado, exaltam as virtudes da escolha pessoal e do individualismo econômico como as chaves para a liberdade e argumentaram que essas estruturas econômicas ostensivamente cegas ao gênero oferecem oportunidades para a agência e o empoderamento das mulheres.

Com a promoção da ideia de indivíduos racionais exercendo o livre arbítrio, mas, na verdade, erodindo a social-democracia, tornou a vida mais difícil para a maioria das mulheres e ampliou a divisão de raça/classe entre elas. Com o declínio dos direitos sociais e dos serviços de apoio com financiamento público, as mulheres têm acesso a menos recursos econômicos e devem recorrer ao setor privado, ao trabalho precário e a outros meios de subsistência para conseguirem viver. Dessa forma, o neoliberalismo intensificou a opressão e a exploração das mulheres (Nadasen, 2013).

Direitos mínimos de cidadania, conseguidos a duras penas em outros momentos históricos, sofreram desintegração para garantia da riqueza de poucos. Direitos¹⁰ trabalhistas delgados e escasseados, como uma legislação específica de mínimo amparo, trabalhadores e trabalhadoras foram diluídos, descendo ralo abaixo. Além disso, o fortalecimento do mercado como política de Estado provocou a expansão paralela do estado de guerra (Hall, 1984), a saber: o estado repressivo, policial, ativo na vigilância e no encarceramento em massa.

Todas essas questões político-econômicas impactaram, sobremaneira no trabalho, principalmente, nos últimos trinta anos. Não há que olvidar que ao longo do período sobre o qual estamos discutindo neste texto, temos estágios marcantes do processo de reestruturação do trabalho. Primeiramente, temos a mecanização, logo a automação, o paradigma informacional associado ao avanço tecnológico, produzindo debates acalorados sobre questões de demissão de trabalhadores e

¹⁰ Streeck (2018) apontou que, no caso europeu, um dos objetivos da política neoliberal é justamente impedir que o Estado seja atuante no que tange as injustiças sociais. Essa característica se expande a outras realidades.

trabalhadoras, a necessidade de “desespecialização” *versus* “reespecialização” da mão de obra, produtividade *versus* alienação, controle administrativo *versus* autonomia dos trabalhadores (Castells, 1999, p. 305). Nesse imbróglio, o campo teórico do neoliberalismo trouxe a teoria do capital humano, uma variante da aplicação dos mercados para a justificativa da desregulamentação dos mercados de trabalho e o esmagamento dos sindicatos (Kutner, 2019).

Nesse sentido, nada se compara ao estágio do trabalho que experimentamos na atualidade. Em escala global, estamos vendo a expansão do setor de serviços e manufatura, com seus baixos salários, com forte tendência a não dar benefício ou apoio jurídico-trabalhista, ao passo que empregos em tempo integral, com melhor salário e com vinculação mais sólida, estão em declínio.

Para Oliveira (2003), isso se dá porque as forças nefastas de mercado entendem que salários, compreendidos como um capital variável das empresas, são, na verdade, um custo para os donos do capital e, como aponta ele, o conjunto de trabalhadores é transformado numa indeterminada e diária soma de exército da ativa e da reserva, decorrendo disso a fatídica constatação neoliberal de que as vagas de trabalho não podem ser fixas,

Que os trabalhadores não podem ter contratos de trabalho, e que as regras do *Welfare* tornaram-se obstáculos à realização do valor e do lucro, pois persistem em fazer dos salários – e dos salários indiretos – um adiantamento do capital e um ‘custo’ do capital (Oliveira, 2003, p. 136).

O resultado prático disso é a uberização do trabalho, “que representa um modo particular de acumulação capitalista, ao produzir uma nova forma de mediação da subsunção do trabalhador, o qual assume a responsabilidade pelos principais meios de produção da atividade produtiva” (Franco; Ferraz, 2019, p. 845) e tantas outras plataformas digitais que têm assumido o papel de condutores da nova estruturação do trabalho com fortes impactos econômicos nos distintos contextos sociais (Pesole et al, 2018).

Em tempos de uberização, trabalhadores e trabalhadoras encontram-se desprovidos/as de garantias, de direitos e arciam com riscos e custos de suas atividades, ficam disponíveis ao trabalho e são recrutados/as e remunerados/as na lógica que prioriza os donos do mercado (Abílio, 2019).

Todas as pontuações feitas até aqui, aparentemente exaustivas, precisam ser levadas em conta, ao tratar de empreendedorismo. Se não as fizesse, qualquer proposta de ruptura com proposições hegemônicas estaria esvaziada de sentido e completamente embebida de lacunas. Minha intenção talvez reste mais inteligível agora, a partir deste momento, desta escritura.

Com a implementação das políticas neoliberais, trabalhadores e trabalhadoras, de modo geral, nas palavras de Dardot e Laval (2016, p. 322) “neossujeitos”, jogados a própria sorte em situação constante e dolorosa de desemprego, sob uma governança Estado-empresarial que retira direitos e garantias, tornam-se sujeitos empreendedores; empreendedores e empreendedoras de si, em contínua concorrência com outrem. Os atores e atrizes da prática empreendedora são, maioritariamente, trabalhadores e trabalhadoras; é a classe trabalhadora quem mais empreende na atualidade; desempregados e desempregadas são empurrados/as para o empreendedorismo como única alternativa que lhes cabe.

O empreendedorismo na atualidade se refere, de forma obscurecida, aos processos de informalização do trabalho e à transferência de riscos para o trabalhador, o qual segue subordinado como trabalhador, mas passa a ser apresentado como empreendedor (Abílio, 2019). O desemprego como impulsionador da atividade empreendedora é fato e fica evidente nos dados que o GEM Brasil (2020) apresenta, quando: “Quase 90% dos empreendedores apontam como motivação para empreender o fato de que precisam ganhar a vida porque os empregos são escassos”.

Para Abílio (2019), o que vem ocorrendo é uma espécie de embaralhamento entre a figura do trabalhador e a do empresário. Acompanho esta assertiva e vejo um aspecto ilusório e, de fato, embaralhado desse novo empreendedorismo (em tempos de *neos*, talvez inauguremos um *neo-empreendedorismo*). Trata-se de uma naturalização inconsciente do risco, da responsabilização individual, da vivência meritocrática. Jaz no cerne desse embaralhamento uma proposição enganosa de sucesso com amparo discursivo em frases de efeito do *tipo trabalhar para si mesmo, não ter chefe ou fazer o próprio horário*.

Para Maciel (2014), toda essa realidade tem provocado o aumento do controle psicológico sobre trabalhadores e trabalhadoras. A ideia ilusória de

liberdade gera uma grande frustração e desestabiliza os laços de confiança e de colaboração ao longo prazo, impulsionando um processo de corrosão do caráter profissional (Maciel, 2014). Há ainda um sem-fim de repetições de narrativas e histórias de sucesso, muitas expostas em programas de TV¹¹ (a mídia como um dos agentes das políticas neoliberais), ratificando essa enganação. Para Leite e Melo (2008, p. 43):

As narrativas de sucesso têm a capacidade de alterar a percepção dos indivíduos sobre o mundo social. Elas tomam como personagens papéis sociais bastante diferentes e, em alguns casos, desvalorizados socialmente, como, por exemplo, a dona de casa e o desempregado. A dona de casa tem a iniciativa de fazer salgados para vender e termina por abrir uma empresa. Já o desempregado reutiliza pneus velhos para produzir cercas de jardim. Ambos estavam excluídos do sistema de mercado e passaram a exercer uma atividade econômica por necessidade. Foram levados a se pensarem como empreendedores e não como trabalhadores precarizados.

Bem, corroborando com a pauta aqui, Ferraz (2019) assevera que o que temos neste contexto atual é um empreendedorismo precarizado. Inspirada em Marx, a pesquisadora aponta:

(...) a emergência da prática empreendedora como caminho encontrado para continuar a extrair mais-valor, não obstante toda a tecnologização da produção, como uma forma forçada de equilibrar a composição orgânica do capital, o que só foi possível com a expansão da divisão social e internacional do trabalho, com a “fábrica do mundo”. Esse movimento da divisão do trabalho (...) ajuda a compreender duplamente a natureza da produção capitalista nos dias hodiernos e, com isso, um dos papéis que a prática empreendedora tem cumprido: o de mediar a inovação entre classe trabalhadora e capitalista para acelerar ainda mais o ciclo de reprodução do capital. (Ferraz, 2019, p. 49-50).

¹¹ Na TV aberta brasileira há vários programas que estimulam o empreendedorismo, dentre os quais *Pequenas Empresas Grandes Negócios* (Rede Globo) no ar desde 1988 e *O Aprendiz* (Record TV) que esteve no ar de 2004 a 2014. Além disso, recentemente, a mesma Rede Globo criou uma vinhetinha intercalada na programação chamada *Vamos Ativar o Empreendedorismo*, com site de mesmo nome. A vinhetinha, cheia de efeitos, dedica-se a mostrar histórias de empreendedores/as de sucesso. Na TV fechada, há destaque para o *Shark Tank – Negociando com Tubarões* (Canal Sony) no ar deste 2016 e *O Negócio* (HBO Brasil) que esteve no ar de 2013 a 2018.

Não se pode deixar de falar sobre o papel do Estado, agente neoliberal, nesse processo todo. No contexto brasileiro, o cenário de trabalhadores e trabalhadoras adentrando a atividade empreendedora como meio de vida, se potencializou pela criação da pessoa jurídica de caráter especial – o Microempreendedor Individual¹². O MEI foi criado no governo do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva através da Lei Complementar nº 128, de 19 de dezembro de 2008 que veio alterar a Lei Geral das Micro e Pequenas Empresas. Foi alardeado que o objetivo da medida era o acesso de trabalhadores e trabalhadoras à Previdência Social e a outros benefícios como auxílio-doença e auxílio maternidade. Entretanto, por detrás dessa aura de amparo e cuidado, havia outros pontos. Na percepção de Damião, Santos e Oliveira (2013, p. 198), a lei foi criada:

Com o propósito de simplificar o processo de legalização de empreendimentos e estimular a formalização daqueles que atuam na informalidade. Não obstante, a criação desses empreendimentos está associada a ausência do emprego formal, onde o “empreendedor”, na verdade um trabalhador comum, se vê obrigado a empregar o seu labor numa atividade que lhe garanta o próprio sustento.

O Estado não renunciaria a uma receita¹³ tão importante. Embora muitos discursos aleguem que o Programa representa um rombo nas contas da Previdência Social em virtude da baixa contribuição aos cofres públicos (uma média de 5% do salário-mínimo), é uma receita considerável difícil de abrir mão e também um mecanismo de vigilância e controle (Focault, 1988) dessa massa empreendedora (trabalhadora).

A concordância argumentativa de que é a classe trabalhadora que mais empreende na atualidade, por razões já expostas, me conduz mais uma vez a citar

¹² Segundo dados do Portal do Empreendedor do Governo Federal, em janeiro de 2022 haviam 13.185.975 de pessoas cadastradas como MEI no Brasil. Mais Disponível em: <http://www22.receita.fazenda.gov.br/inscricaomei/private/pages/relatorios/relatorioMesDia.jsf> consultado em: 09/03/2022. Na Bahia, no mesmo período, haviam 716.353 microempreendedores/as individuais. Disponível em: <http://www22.receita.fazenda.gov.br/inscricaomei/private/pages/relatorios/relatorioUf.jsf> consultado em 09/03/2022.

¹³ Segundo dados do Jornal Contábil (2021) os chamados MEIs devem pagar mensalmente os seguintes valores que variam, conforme o tipo de atividade desenvolvida, saber: micro empresas que atuam com comércio e indústria pagam R\$ 56,00 (INSS + ICMS), micro empresas que atuam com serviços pagam R\$ 60,00 (INSS + ISS), micro empresas que atuam com comércio e serviços pagam R\$ 61,00 (INSS + ICMS/ISS). Disponível em: <https://www.jornalcontabil.com.br/mei-entenda-como-sao-cobrados-os-impostos-nesta-categoria/> Acessado em 09/03/2022.

Ferraz (2019) que apresenta um quadro muito realista em sua tese, escancarando essa nova realidade empreendedora. O quadro compara características de uma proposta hegemônica inspirada em Schumpeter e seu espírito empreendedor com a classe trabalhadora e é uma interessante ilustração do que discuto aqui:

Figura 1 – Comparativo empreendedorismo da classe capitalística e classe Trabalhadora

	CLASSE CAPITALISTA	CLASSE TRABALHADORA
Finalidade	Lucro	Reproduzir a própria subsistência física e espiritual
Ponto de partida	<ul style="list-style-type: none"> · Exploração do trabalho alheio · Propriedade privada dos meios de produção 	<ul style="list-style-type: none"> · Própria capacidade de trabalho · Pode ou não possuir meios de produção
Forma de renda	<ul style="list-style-type: none"> · Mais-valor · Lucros na forma de juros, aluguéis, etc. 	<ul style="list-style-type: none"> · Renda da força de trabalho
Fonte dos recursos	Expropriação do mais-trabalho direto ou intermediado	<ul style="list-style-type: none"> · Provém de sua própria força de trabalho e do lucro sobre as mercadorias.
Pressuposto	<ul style="list-style-type: none"> · Meios de produção ou capital 	<ul style="list-style-type: none"> · Liberdade política para trabalhar · Não possuir os meios de produção suficientes para a acumulação
Implicações do espírito empreendedor	<ul style="list-style-type: none"> · Acumulação e concentração das riquezas 	<ul style="list-style-type: none"> · Apresentar as qualidades objetivas e subjetivas desejáveis para o capital

Fonte: Ferraz (2019)

Como fica evidente, o modelo de empreendedorismo da classe trabalhadora, segundo a autora, é um modelo centrado em si, para si, de si – um empreendedorismo do *self*. Essa configuração só muda um pouco quando o trabalhador/trabalhadora que empreende também se torna empregador/a. Neste caso, ante uma densa teia que sobrecarrega e amarra a pessoa microempreendedora – teia composta pela pressão do desejo de sucesso, pela necessidade de pagar impostos e salário(s), pelo risco constante de não conseguir cumprir o pagamento de empréstimos e aluguel, dentre outros pontos – muitas vezes, ela passa a repetir práticas trabalhistas danosas que representam a continuidade do ciclo nefasto de exploração capitalista da mão de obra. De fato, são muitas, muitas as vezes que isso ocorre.

Relevante destacar que muitos dos pequenos negócios estão formalizados via estabelecimento de MEIs, porém há que se ter em mente que tal formalização representa um estágio à frente (não atingido por todos/as) no grande escopo de empreendedores/empreendedoras em total condição de vulnerabilidade. Muitos,

talvez a maioria, conduzem seus estabelecimentos à revelia do poder público, embora, em diversos casos, ocupando espaços públicos, ora visíveis, ora invisíveis conforme a conveniência do Estado. Muitos estão situados em zonas periféricas, em bairros distantes e têm um papel muito importante para a movimentação da economia do entorno. Não precisa ir muito longe.

Todos/as nós conhecemos uma região, uma zona, um bairro onde há uma imensa concentração de pequenos negócios: salões de beleza, bares, pequenos restaurantes, lanchonetes, barbearias, lojinhas de eletroeletrônicos, lojinhas de serviços para celulares (que sofrem interessante fenômeno proliferador), abatedouros, açouques, lojas de bolos, dentre tantos outros. São pessoas buscando meio de vida, ainda que não formalizadas, cientes dos entraves que precisam superar para viverem.

Sem emprego, impulsionados a empreender, não são poucos os pequenos negócios situados dentro de casa, no ladinho do espaço particular de moradia, no andar de baixo da casa que fica no pavimento superior, no quintal que dá para uma outra rua de maior visibilidade para o empreendimento – enfim, muitos desses pequenos negócios estão em puxadinhos.

A seguir, apresento e discuto os principais autores e suas perspectivas acerca da ideia mais hegemônica do empreendedorismo.

1.3 AUTORES E PERSPECTIVAS CLÁSSICO-HEGEMÔNICAS

Numa análise pouco profunda, tem-se a sensação de que existe uma grande variedade no que diz respeito à definição clássica de empreendedorismo, seus componentes e reverberações. Na verdade, essa pseudo-variedade encontra-se enlaçada num bojo conteudista que vem cristalizado, haja vista a perpetração dos postulados do referido bojo.

Estudos de Cassis e Minoglu (2005) apontam que, historicamente, o empreendedorismo alternou sua presença entre o campo da sociologia e o da teoria econômica, havendo uma alternância quanto ao papel e à relevância do empreendedor na sociedade. Na economia política clássica, o empreendedor não era dotado com uma identidade distinta e relevante, não tinha o mesmo status que o

capitalista. Contudo, o empreendedorismo era considerado um elemento crítico do sistema econômico.

Nesses primeiros estudos, Cantillon (1755) é apontado, como já dito anteriormente, como o responsável por introduzir o empreendedorismo no segmento da teoria econômica. Merece destaque o qualificativo dado pelo autor à pessoa que empreende, a saber, atenta às oportunidades de bons negócios, desprovida de temores quanto à assunção de riscos. Ele vai além e delinea o que o bom empreendedor, sagaz e atento, fazia: comprava matérias-primas, transformava-as em produtos, segundo a necessidade de mercado e vendia-as.

Essa ideia de empreendedorismo atrelada à produtividade está também presente nas ideias Jean Baptiste Say (1986) quando postula que o empreendedor é o agente que transfere recursos econômicos de um segmento no qual a produtividade se encontra baixa para outro segmento que está com a produtividade mais alta e, portanto, tem maior rendimento. Essa pauta muito mais voltada para atividades produtivas, é ainda vista como um modelo de empreendedorismo, por mais reducionista e limitada que pareça.

Com a publicação do modelo de equilíbrio geral competitivo em *Elements of Pure Economics*, do economista e matemático francês León Walras (1870), o empreendedor perdeu destaque, sendo tratado como um mero componente do equilíbrio geral do mercado. Apesar de o principal representante da ortodoxia neoclássica, Alfred Marshall, autor de *Principles of Economics* (1890), haver reintroduzido o empreendedor em seus estudos, na mesma linha de Walras, Marshall não lhe deu relevância em suas análises econômicas.

Escapando da teoria econômica, não se pode deixar de citar Max Weber e sua importante obra "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo" (1904/2002). Além de fazer um trabalho histórico muito detalhado sobre a atividade capitalística, que aponta existir desde a Antiguidade e em distintos rincões do planeta, Weber aponta a Revolução Industrial como um momento histórico preponderante para o empreendedorismo. Weber destacou a forma como o protestantismo colocou o trabalho, e o consequente enriquecimento advindo dele, em contraposição a uma mentalidade católica-medieval que apregoava a riqueza como um pecado. Com relação a isso, Weber é bem explícito em seu livro ao citar Martin Offenbacher para quem:

O católico é mais quieto, tem menor impulso aquisitivo; prefere a vida mais segura possível, mesmo tendo menores rendimentos, a uma vida mais excitante e cheia de riscos, mesmo que esta possa lhe propiciar a oportunidade de ganhar honrarias e riquezas (Offenbacher, 1901 apud Weber, 2002, p. 65).

Está aí a percepção coincidente com outros autores de que o empreendimento, ainda que no segmento protestante, é uma aventura e destinada àqueles tomadores de riscos. Além desse alinhamento conceitual, uma grande contribuição de Weber para o arcabouço teórico do empreendedorismo foi a promoção de uma mudança da percepção social que se tinha do empreendedor capitalista.

Nesse sentido, um comerciante, um industrial, uma pessoa que buscava rendimentos maiores, uma vida melhor como fruto de seus esforços passou a ser vista como o bom cidadão da comunidade, virtuoso e provedor de riqueza. Dedicar-se a um negócio, a um empreendimento, com seu incessante trabalho, sua atividade sem descanso (Weber, 2002) adquiriu o *status* de tipo ideal de empreendedor capitalista – a busca pelo lucro deixou de ser um pecado.

Foi Frank Knight, um dos fundadores da linha de pensamento que veio a ser conhecida como “Escola de Chicago”, o responsável por retomar o empreendedorismo na esfera da teoria neoclássica econômica, principalmente com a publicação de *Risk, Uncertainty and Profit* (1921). Ele se dedicou a apontar os empreendedores como aquelas pessoas tomadoras de risco e as diferenças entre estes e os demais indivíduos, elencando uma série de competências e capacidades que lhes permitem fazer análises eficientes em situações de pura incerteza. A contribuição de Knight para os estudos sobre o empreendedorismo marcou a escola neoclássica da economia ao colocar o empreendedor como uma figura-chave no sistema econômico.

Talvez, o maior contributo autoral na área do empreendedorismo seja o de Joseph Schumpeter, pois a ele é atribuído o desenvolvimento de uma teoria do empreendedorismo. Foi em 1911, que Schumpeter lançou sua tão celebrada obra *Theory of Economic Development*, na qual escreveu pela primeira vez, de forma mais esmiuçada, sobre o empreendedorismo. Schumpeter rejeitou o pensamento que estava em voga antes de seus estudos, a saber, que a mudança econômica é induzida exogenamente e que a atividade empreendedora seria uma resposta a essas forças exógenas.

Em caminho contrário, ele conclamou que o crescimento econômico era um processo endógeno no qual o empreendedor é a fonte nuclear das mudanças dinâmicas da economia. Apesar desse foco na economia, alguns autores defendem que ele não pode ser classificado como pertencente a uma escola de pensamento específica (Penrose, 1959; Loasby, 1982; Nelson; Winter, 1982; Hebert; Link, 1988; Blaug, 2000; Swedberg, 2000; Adamant; Devine, 2002) visto que extrapolou os limites da teoria econômica.

Da obra schumpeteriana, podemos extrair dois grandes pilares. O primeiro, postula que a inovação e a alteração tecnológica de uma dada sociedade advêm das ações, das atividades dos chamados espíritos selvagens, ou seja, dos empreendedores (detentores de um espírito empreendedor). Nesse primeiro pilar, como se pode compreender, ele põe toda centralidade desenvolvimentista no empreendedor, através da inovação. O renomado acadêmico austro-húngaro introduziu o conceito econômico de inovação lastreado em fontes de destruição criadora, reconhecendo, ao mesmo tempo, que uma parte importante dessa inovação é, por vezes, uma recombinação de elementos já presentes na sociedade.

Todavia, num segundo momento de sua vida, ao desenvolver o segundo pilar de sua teoria, Schumpeter muda de opinião e postula que, na verdade, eram as grandes empresas as realmente responsáveis pela inovação e condução do desenvolvimento econômico, pois eram elas as detentoras de todos os recursos e do capital necessário para investir em pesquisa e desenvolvimento.

É muito interessante o impacto que Schumpeter tem para a teoria do empreendedorismo, tendo muitos acadêmicos que até hoje defendem suas ideias como sendo uma espécie de escopo bíblico para esta área do conhecimento. Um desses reconhecidos acadêmicos, apelidado como guru da gestão, Peter Drucker, por exemplo, se refere ao empreendedor quase como a própria materialização da inovação. Para ele, o verdadeiro empreendedor é aquele que busca fonte de inovação constantemente e defende que nem todo negócio representa empreendedorismo – ou seja, se não há inovação num dado negócio, o seu dono não é empreendedor (Drucker, 1985).

No mesmo caminho, Kizner (1973; 1997) argumenta que as pessoas que empreendem são aquelas que equilibram o mercado, pois, em razão de possuírem uma capacidade de utilizar de forma coerente as informações que têm, formam juízo

correto quanto à utilização de recursos para não perderem as oportunidades de negócio lucrativo.

Para além desses autores citados, o impacto ao qual me refiro pode ser comprovado no interessante artigo de Ferreira; Reis e Pinto (2017), intitulado *Schumpeter's (1934) influence on entrepreneurship (and management) research*. Nele, temos a real situação da influência do autor para os estudos sobre o empreendedorismo, evidenciando-o como o mais citado internacionalmente quando se tratam de produções sobre o assunto. De fato, em um exaustivo estudo bibliométrico datado de 2015, Ferreira; Reis e Pinto (2017) ressaltam que Schumpeter ainda reina como o autor mais citado conforme a figura 2:

Figura 2 – Os 40 trabalhos mais citados na literatura sobre empreendedorismo

Rank	Reference	Total citations	Rank	Reference	Total citations
1	Schumpeter (1934)	412	21	March & Simon (1958)	40
2	Nelson & Winter (1982)	123	22	Porter (1985)	39
3	Schumpeter (1942)	90	23	Kirzner (1979)	39
4	Penrose (1959)	80	24	Williamson (1985)	38
5	Porter (1980)	79	25	Hannan & Freeman (1977)	37
6	Barney (1991)	73	26	Teece (1986)	37
7	Kirzner (1973)	68	27	Shane (2000)	36
8	Shane & Venkataraman (2000)	65	28	Chandler (1962)	36
9	Stinchcombe (1965)	61	29	Pfeffer & Salancik (1978)	36
10	Cohen & Levinthal (1990)	60	30	McClelland (1961)	36
11	Kogut & Zander (1992)	55	31	Granovetter (1985)	36
12	March (1991)	55	32	Henderson & Clark (1990)	36
13	Wernerfelt (1984)	52	33	Hannan & Freeman (1984)	36
14	Williamson (1975)	46	34	Venkataraman (1997)	34
15	Tushman & Anderson (1986)	46	35	Aldrich & Zimmer (1986)	33
16	Dierickx & Cool (1989)	45	36	Cyert & March (1963)	33
17	Knight (1921)	45	37	Weick (1979)	32
18	Teece, Pisano & Shuen (1997)	42	38	Lumpkin & Dess (1996)	31
19	Thompson (1967)	40	39	Gartner (1985)	31
20	DiMaggio & Powell (1983)	40	40	Barney (1986)	31

Fonte: Ferreira; Reis; Pinto (2017)

Contudo, Ferraz (2019, p. 62) aponta que muito se desconhece sobre a “obsolescência da figura do empreendedor inovador” apontada pelo próprio Schumpeter em seus trabalhos tardios, “dadas as transformações na sociedade capitalista”. Além disso, a pesquisadora traz um aspecto da teoria schumpeteriana pouco referida nas produções sobre o empreendedorismo (principalmente nas brasileiras) que é o papel do crédito nas inovações (Ferraz, 2019) – ou seja, o

acesso ao crédito é um aspecto importante para a configuração do empreendedor inovador.

Uma fuga da rota se impõe. Na figura 2, chama muito a atenção o fato de que num universo de 40 trabalhos, apenas duas mulheres figurem como autoras (Edith Penrose e Kathleen Eisenhardt) e apenas uma como coautora (Carolyn Y. Woo). As disparidades de gênero no empreendedorismo não se restringem às diferenças práticas entre as mulheres e os homens que empreendem, abrangem todos os níveis, inclusive na produção e na visibilização do campo teórico.

Retomando, de modo geral, me atrevo a sintetizar que, hegemonicamente, impera a ideia de que o empreendedorismo é o processo de criação de negócios que são lastreados na inovação e que são o resultado da identificação de oportunidades para tal. Por sua vez, empreendedores são gênios que geram ou respondem às oportunidades surgidas, praticantes de inovação, desenvolvedores de grandes negócios, criadores de organizações inovadoras ou redes de organizações, objetivando lucratividade ou crescimento sem receios de riscos – em suma, são os provedores de modificação social e desenvolvimento econômico (Kilby, 1971; Churchill; Muzika, 1996; Schumpeter, 1934; Hoselitz, 1952; Cole, 1959; Gartner, 1985; Dollinger, 1995; Drucker, 1987; Lumpkin; Dess, 1996; Filion, 1999; Dornelas, 2001).

Inspirados numa corrente que pode ser considerada clássica, Kuratko e Hodgetts (1995 apud Filardi et al, 2011) apresentaram as principais características empreendedoras a partir de trabalhos de autores do século XIX até o início da década de 80 do século XX.

Quadro 1 – Percentual dos empreendedores brasileiros segundo as motivações para começar um novo negócio

ANO	AUTOR	CARACTERISTICAS
1848	Mill	Assume risco
1917	Weber	Fonte da autoridade formal (é líder)
1934	Shumpeter	Inovação; Iniciativa
1954	Sutton	Procura desafios
1959	Hartman	Fonte de autoridade formal (é líder)
1961	McClelland	Tomador de risco; Necessidade de realização
1963	Davids	Ambicioso; Procura ser independente; Responsável; Auto-confiante
1964	Pickle	Autoconsciência; Relações Humanas; Habilidade em se comunicar; Conhecimento Técnico
1965	Litzinger	Preferência pelo risco; Independente; Reconhecimento por Benevolente; Líder

1965	Schrage	Perceptivo; Motivado pelo poder; Consciente das suas limitações; Desempenha-se sob pressão
1971	Palmer	Assume risco moderado
1971	Hornaday e Aboud	Necessidade de realização; Autonomia; Agressivo; Poder; Reconhecimento; Inovador/independente
1973	Winter	Precisa de poder
1974	Borland	Foco interno de controle
1974	Liles	Necessidade de realização
1977	Gasse	Orientado por valores pessoais
1978	Timmons	Autoconfiante; orientado para resultado; tomador de risco moderado; foco no controle; criativo/inovador
1980	Brockhaus	Tendência a assumir risco
1980	Sexton	Enérgico/ambicioso; pró-ativo
1981	Mescon e Montanari	Realização; Domínio; Autonomia; Paciente; Posição de controle
1981	Welsh and White	Necessidade de controlar; Responsável; Auto-confiante; Aceita desafios; Tomador de risco moderado
1982	Dunkelberg e Cooper	Orientado para o crescimento e para independência
1982	Welsch e Young	Posição de controle; Aberto a inovações; Auto-estima

Fonte: Kuratko; Hodgetts (1995)

Depreende-se destas premissas um reinante individualismo que serve para explicar a atividade empreendedora a partir de proposições abstratas oriundas de processos comportamentais e cognitivos da intrapessoalidade. Aspectos importantes como realidade social, corpos, coisas, discurso e estrutura (Reckwitz, 2002; Sandberg; Dall'Alba, 2009) não são levados em consideração.

Pois eis que desta sintetização do pensamento hegemônico, pode-se depreender alguns pontos que me parecem importantes. Há uma nítida ênfase aos aspectos econômicos, esvaziando questões de cunho social (a despeito da contribuição weberiana que apregoa como positiva o sucesso e a prosperidade como fruto de um empreendedorismo amparado no trabalho), questões contextuais e identitárias.

A questão atitudinal de quem empreende é também destacada como se um simples desejo de sucesso fosse capaz de tornar uma pessoa em grande empreendedora. Há também, com destaque merecido, um aspecto inatista da atividade e, neste sentido, a abordagem existencial me importa muito. Segundo o existentialismo, não existe uma essência imutável e inata dos seres humanos como entidades racionais e pré-determinadas em suas essências – a existência precede a essência; não existe uma essência pré-estabelecida para a vida humana. Nas palavras de Sartre (1987, p. 4):

O que significa, aqui, dizer que a existência precede a essência? Significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. O homem, tal como o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo.

Com amparo nesta concepção, refuto que exista uma capacidade inata ou uma genialidade inerente para o empreendedorismo. Na prática, percebe-se um Estado com lastro neoliberal que alimenta o empreendedorismo a fim de eximir-se de responsabilidades para com a garantia do bem-estar social. Assim, perpetra-se o “discurso do sucesso”, nas palavras de Jesus (2016), que se ampara nessa reiterada literatura dominante, com o fito de empurrar trabalhadores e trabalhadoras para a informalidade, crentes na ficção de uma autonomia amparada no sucesso empreendedor. Para Jesus (2016, p. 12), existe uma série de mecanismos políticos e econômicos que operam na “desconstrução do sujeito que trabalha e na criação dos indivíduos que empreendem”, sem colocar em pauta os tentáculos do capitalismo neoliberal.

Na mesma linha, nos interessa a abordagem de Costa, Barros e Carvalho (2011). Para as autoras e o autor, o empreendimento individual nada tem de genialidade ou de possessão de qualidade inata ou de espírito empreendedor. Na linha existencial, os autores defendem que, ante as sucessivas crises do mundo do trabalho, a forma que trabalhadores e trabalhadoras contemporâneos encontram para sobreviver é se tornarem empreendedores/as – postulam elas e ele que a “doutrina neoliberal” exige isso.

Resvalar no empreendedorismo como consequência de um contexto neoliberal já fora apontado nos estudos sobre precarização laboral de Aquino (2005; 2008). O autor sinaliza a precarização do trabalho como um processo impulsionado a partir da crise econômica mundial, também chamada crise do petróleo, da década de 70 do século passado.

Nesse contexto, muitos trabalhadores e trabalhadoras passaram a enfrentar uma inadequação organizacional resultante do processo de automatização da produção e do consequente surgimento de consumos diferenciados, sendo empurrados/as para a margem na pós-ruptura das relações formais de trabalho – entrar na informalidade, na ficção empreendedora, no trabalho por conta própria, passam a ser o único meio de subsistência (Aquino, 2005).

Antunes (2006) aponta que a falta de vínculos laborais é um terreno altamente fértil para o crescimento do individualismo. Para o autor, o neoliberalismo impacta de forma rotunda na subjetividade de trabalhadores e trabalhadoras, instilando a individualidade, que tem como meta maior a fragmentação e a desorganização dos movimentos coletivos contra a opressão capitalista. Nesse sentido, empreender individualmente, uma vez perdida a noção de vínculo com o grupo, passa a ser o desenlace final. Ocorre, então, uma forte mudança paradigmática: o novo empreendedor, ao mesmo tempo que trabalha, explora, muitas vezes com sagacidade, outras pessoas, outros trabalhadores, outras trabalhadoras tornando-se aquilo que Antunes (2018) chama de burguês-de-si-próprio e proletário-de-si-mesmo.

Uma abordagem altamente crítica e bem-vinda para este trabalho é a de Ferraz (2019). A autora se ampara em Marx e Engels para desenvolver um forte e denso escopo analítico do empreendedorismo. Defende ela que a prática empreendedora corresponde a:

Um importante desdobramento do desenvolvimento das forças produtivas que reorganiza produção, distribuição, troca e consumo visando elevar as taxas de extração de mais-valor; seja por meio da inovação, na busca pelo lucro extraordinário intracapitalista; seja por meio do empreendedorismo precarizado, que tanto contribui com a aceleração do ciclo do capital quanto rebaixa o preço da força de trabalho, intensificando a pauperização da classe trabalhadora (Ferraz, 2019, p.16).

Ferraz (2019) aponta ainda que o empreendedorismo nada mais é que um pacto proposto e empurrado goela abaixo pela classe capitalista aos trabalhadores do mundo e que existe uma profunda relação entre prática empreendedora e Estado embora pareça que um seja a negação do outro (a defesa por menos Estado); na prática, segundo ela, ocorre o oposto.

Como modo de conclusão desta seção, é crucial sinalizar que as produções hegemônicas, cujas ideias ainda sofrem uma reiterada perpetração em escritos acadêmicos mundo a fora, abordaram, maioritariamente, o empreendedorismo à luz da teoria econômica, não apresentando respostas para as demandas de atividades empreendedoras atuais, como é o caso da realidade de empreendedores e empreendedoras em puxadinhos da cidade de Camaçari.

Faz-se necessário, assim, um repasse quanto ao que está sendo produzido fora dessa hegemonia em termos teóricos. Urgem análises e construtos teóricos que levem em conta a multiplicidade humana e as distintas realidades sociais, fugindo da armadilha do universalismo. Uma dessas novas correntes teóricas será apresentada na próxima seção e representa a espinha dorsal desta pesquisa.

1.4 RUPTURA COM O CAMPO TEÓRICO HEGEMÔNICO: EMPREENDEDORISMO COM FOCO NO CONTEXTO

É algo amplamente notado que os estudos culturais, cujo impulsionamento se deu com mais força nas últimas quatro décadas, tiveram uma grande repercussão em muitas áreas do conhecimento humano. É perceptível a promoção da cultura tanto como objeto de estudo, como uma espécie de ferramenta metodológica, perpassando as mais distintas áreas das ciências. Nesta trilha, houve um alargamento de tudo, relacionado a cultura, abrangendo o papel do contexto, de etnia, raça, gênero, sexualidade e religião, trazendo à tona uma alta e diversificada gama de estudos e produções acadêmicas que trouxeram tais temas como pauta.

Escapando um pouco dessa premissa, é também um aspecto amplamente notado que estudos, pesquisas e produções sobre o empreendedorismo, em especial no Brasil, durante muito tempo, pouca atenção deram a temas e abordagens que se tornaram importantes para a sociedade contemporânea (vide supracitada). Muito se produziu numa perspectiva mais empírica, focando na busca pela compreensão dos meios de descoberta de oportunidades engendrados por empreendedores/as, as dificuldades e obstáculos encontrados por eles/elas (e a superação destes), conclamando uma determinista característica de genialidade de quem empreende.

Numa tentativa de aproximar essa área de estudos daquilo que vem sendo pautado no mundo e numa espécie de virada epistemológica, um movimento, muito ligado à perspectiva dos estudos organizacionais, vem propondo uma ressignificação do campo do empreendedorismo, que é multidisciplinar por essência (e assim deveria ser abordado). Esse caráter de multidisciplinaridade deve ser pauta indispensável.

Os estudos sobre o fenômeno do empreendedorismo não podem ficar restritos aos profissionais e às faculdades de Administração, como é usual no Brasil. Essa busca por ressignificação do campo e a retirada do empreendedorismo de caixas tradicionais são uma constatação que pode ser cotejada facilmente em pesquisas semânticas¹⁴ simples, nas distintas bases nacionais e internacionais e em portais ou redes de pesquisadores internacionais (a saber, SCIELO, Sage Publications, ANPAD/SPELL, Research Gate, Web of Science, Routledge, ELSEVIER, Periódicos CAPES, JSTOR, EBSCO, Library of Congress, Emerald, Academy of Management).

Novas ideias e novos olhares em economia, sociologia, antropologia, trabalho, psicologia cognitiva, linguística e estudos de gestão estão interagindo e dando origem a novas abordagens metodológicas e a novas agendas na pesquisa sobre o empreendedorismo. Muita coisa vem sendo produzida em prol de uma desestabilização de postulados hegemônicos persistentes.

Seguindo essa linha de construção de uma nova epistemologia para o empreendedorismo, não como proposta única, mas como possibilidade para a análise de realidades específicas, busquei produções que podem dialogar com o que chamamos empreendedorismo cacete-armado cujas bases serão discutidas na próxima seção.

Assim, cheguei a uma aglutinação de produções que desuniversaliza o empreendedorismo e conversa, sem soluções, com a nossa proposta central. Um bojo de produções cujo foco é o contexto me pareceu uma proposta que se aproxima muito com o que estamos desenvolvendo no Grupo Enlace ao longo dos últimos anos e sobre a qual versarei nas linhas a seguir.

Pode parecer uma opulenta obviedade, principalmente para quem é das humanas e da linguística, mas os fenômenos empreendedores, e tudo aquilo que lhes é inerente, ocorrem dentro de contextos: cada ser humano pensa e age dentro de certos contextos sociais, linguísticos e materiais, e os seres humanos não são espíritos desencarnados, mas consistem em carne e sangue, vivendo em certos tempos e lugares concretos (Welter, 2011).

¹⁴ As palavras-chaves utilizadas para a busca foram: empreendedorismo, entrepreneurship, empreendedor, empreendedora, entrepreneur.

Os contextos são muito relevantes para a ação empreendedora e uma abordagem contextual ao empreendedorismo claramente nos afasta das formas de investigação que apregoam o descolamento do contexto – como traços de personalidade e de abordagens de capital humano, classicamente falando.

Shaver e Scott, publicaram, lá no ano de 1991, um interessante artigo que, por muito tempo, ficou relegado a um segundo plano na literatura. No artigo intitulado *Person, process, choice: The psychology of new venture creation* elas afirmam, dentre outros pontos, que, nos estudos sobre qualquer atividade empreendedora, o par situação-pessoa precisa ser levado em consideração. Demarcam elas a improbabilidade de existir um tipo único de empreendedor que siga uma fórmula universal e que venha a agir de forma igual em todas as situações. Nesse sentido, apontam a importância de se estreitar o contexto das situações de empreendedorismo.

A professora Friederike Welter, da Universidade Siegen na Alemanha (supracitada), ao longo de sua carreira, tem dedicado toda sua atenção a estudos e pesquisas sobre pequenos negócios. É de sua autoria do artigo *Contextualizing entrepreneurship – conceptual challenges and ways forward* (Contextualizando o empreendedorismo – desafios conceituais e caminhos a seguir¹⁵), publicado em 2011. Embora não seja a única nem a primeira, Welter foi a que se dedicou com mais seriedade e profundidade ao assunto e seu trabalho teve forte repercussão nas academias mundo a fora.

A acadêmica traz a importância dos trabalhos empíricos para a teoria sobre o empreendedorismo que, a seu ver, tem muito a contribuir. Ela aponta o desafio de trabalhar empiricamente, porém destaca que é algo extremamente necessário para a evolução da teoria (Welter; Gartner, 2017). Ela faz uma crítica aos teóricos que persistem em postulações hegemônicas universalizadas para contextos específicos, sinalizando que muitos já identificam que situações empreendedoras comuns são algo muito difícil de acontecer (Welter, 2011).

Segundo ela, a razão pela qual tem ocorrido um interesse crescente no contexto é pelo fato de que quando investigadores/as olham atentamente para as situações em que o empreendedorismo ocorre, veem diferenças em vez de

¹⁵ Tradução livre

semelhanças – contexto é importante porque as situações empreendedoras são muito diferentes (Welter, 2011).

Para a acadêmica, contextualizar não é fácil; é confuso, barulhento, complexo e desafiador. Porém, ao mesmo tempo, os contextos permitem aos investigadores a produção a partir de situações da vida real, produções a partir de impressões sobre empreendedorismo realmente vivido, o que enriquece o campo teórico e as suas implicações e permitirá que os estudos se tornem muito mais relevantes (Welter, 2017).

Na linha de Welter, vários outros autores vêm sinalizando sobre a necessidade de um escopo teórico mais pautado em questões reais, incluindo a atenção ao contexto e fugindo de premissas por demasiado abstratas e universalizantes (Zahra, 2014; Gartner, 2008; Stam, 2016). É ponto recorrente nessas novas produções a sinalização de uma injustificada desatenção daqueles/daquelas que teorizam o empreendedorismo sobre a importância do conhecimento local (Geertz, 1989), situado em uma dada realidade, um dado contexto social.

A ideia pautada pelos autores é o estímulo a uma agenda pesquisadora que não se resuma a cenários notadamente hegemônicos e que se varie entre cenas mais amplas e mais estreitas, promovendo o deslocamento das análises da atividade empreendedora em espaços multidiscursivos e ampliando as minúcias da sociabilidade cotidiana que compõem os processos empreendedores.

Gartner (2006) afirma que o campo do empreendedorismo precisa reconhecer um conjunto maior de pesquisas, em uma gama mais ampla de fontes, contextos e gêneros. Nesse sentido, é preciso valorizar produções teóricas sobre o empreendedorismo de autores africanos e de outras tantas partes do mundo, celebrando as diferenças culturais, políticas regulamentares, competitivas e assim por diante. Para o acadêmico, há uma espécie de bagunça crítica oriunda da não aceitação de diferentes informações sobre diferentes tipos de empreendedorismo. Essa bagunça crítica prejudica o enriquecimento da nossa compreensão sobre a totalidade do empreendedorismo como fenômeno (Gartner, 2011).

Para Steyaert e Katz (2004), ao conectar o empreendedorismo ao contexto social, uma compreensão política do contexto emerge na forma de uma geopolítica do cotidiano do empreendedorismo e, consequentemente, numa geopolítica do

conhecimento produzido, contribuindo, assim, para o enriquecimento teórico mais amplo.

Parece-me muito interessante a argumentação de Johnstone e Lionais (2004), em se tratando da importância do foco no contexto. Argumentam que, em locais onde as relações capitalistas são menos robustas, como comunidades carentes e/ou periféricas, o processo empreendedor pode se adaptar e se manifestar de forma diferente, específica, em virtude da realidade social. Apontam os autores que as áreas sem poder de capital demandam, provocam e criam respostas empreendedoras a essa condição.

Algumas pesquisas recentes, que exploraram contextos periféricos, destacam discursos, estruturas e práticas libertadoras exercidas por empreendedores marginalizados. Como exemplo disso, (Dodd; Pret; Shaw, 2016) fizeram uma pesquisa na qual encontrou um empreendedorismo de resistência em seu estudo do pós-colonialismo e das redes empreendedoras, em que emergiram híbridos culturais que tanto imitam quanto resistem às forças dominantes. O empreendedorismo, então, pode atuar como um veículo para que os marginalizados representem a criatividade envolvida na movimentação entre várias estruturas culturais e na resistência ao colonizador, interrompendo a imposição de seus conhecimentos e de suas práticas (Frenkel, 2008).

A marginalidade, a posição de impotência, pode então ser desdobrada como um recurso, permitindo um tipo especial de “empreendedorismo libertado” (Dodd; Pret; Shaw, 2016, p. 124). O empreendedorismo de resistência transforma o local da margem em um espaço de liberdade, um espaço de jogo. Os meios disponíveis nesse contexto marginalizado não são tipicamente econômicos, mas talvez sejam ainda mais influentes para essa realidade. Nas mãos dos desprivilegiados, recursos culturais, sociais e simbólicos podem se tornar ferramentas criativas de resistência a ditames empreendedores dominantes.

Este não é um caminho fácil: a escassez aguda de recursos e a exclusão imposta por uma hegemonia econômica se combinam para criar um contexto muito difícil para o empreendedorismo. No entanto, um ponto forte dos empreendedores marginalizados, que são excluídos ou deliberadamente, resistem ao *habitus* ortodoxo, é que eles podem fornecer uma construção social alternativa de

empreendedorismo para desafiar postulações dominantes (" (Dodd; Pret; Shaw, 2016).

Essa pauta da margem que impulsiona a busca por uma forma de fortalecimento local encontra abrigo em dois exemplos concretos aqui no contexto da nossa baianidade. A primeira que destaco é uma criação por pequenos empreendedores do bairro (quase cidade) de Cajazeiras, local de forte comércio onde, especula-se, há mais de três mil pequenos empreendimentos.

Eles criaram um cartão de crédito próprio, o *Cajazeiras Card*, para ser usado exclusivamente no bairro e movimentar a economia do lugar. Além desse exemplo, vale mencionar que em outro bairro soteropolitano, o Uruguai, circula uma moeda exclusiva entre os pequenos empreendimentos – a *umoja*. A moeda impulsiona a vida de pequenos empreendedores/as e tem seu nome originado de um dialeto africano que significa “estar juntos”¹⁶.

Para o alcance de um escopo teórico atento aos contextos é importante que os estudos sobre o empreendedorismo trabalhem com outras disciplinas como a Antropologia, a Sociologia e a Linguística, já que estas disciplinas possuem algumas ferramentas essenciais para explorar a variedade, a profundidade e a riqueza de contextos específicos. (Zahra, 2007; Steyaert, 2016). Welter, (2011-2017) apontam que o caráter interdisciplinar é um aspecto que deve ser pilar para estudar empreendedorismo em contexto, destacando que se pode beneficiar muito da Antropologia. Ela ressalta a importância de pesquisas com diferentes métodos, como história de vida, observação participante, entrevista, grupo focal e muito mais.

Para Zahra e Wright (2011), a dimensão individual do contexto é altamente importante e não diz respeito apenas à forma como empreendedores e empreendedoras percebem e vivem o contexto, mas também tem algo a ver com a variedade de objetivos individuais para empreender. Nem todos os empreendedores têm os mesmos objetivos e os seus diferentes objetivos proporcionam contextos diferentes para o seu comportamento empreendedor.

Welter (2011) sinaliza que o contexto não é apenas o ambiente e situações, como assumem as definições de contexto mais antigas. Os contextos são muito

¹⁶ Segundo Alê Alves, Umoja é um vilarejo habitado somente por mulheres, no norte do Quênia. Dois dos pilares da convivência dessas mulheres são o respeito e o senso de unidade. Para maiores detalhes ver: <http://www.afreaka.com.br/notas/umoja-uniao-onde-homens-nao-entram/>

mais: estão dentro e fora de nós – são subjetivos e objetivos. A acadêmica destaca que maior parte da investigação relacionada com o contexto no campo do empreendedorismo centrou-se no lado objetivo dos contextos, porque o que se presume serem construções objetivas são fáceis de identificar, observar, medir e estudar.

Entretanto, é importantíssimo compreender que contexto também são as subjetivações humanas que se reverberam perceptíveis e se manifestam na esfera social. Assim, no âmbito do contexto, residem demandas de gênero, raça, nacionalidade e identidade, sexualidade e identidade de gênero. Tratar de contexto e ignorar tais questões seria uma grande contradição (Welter, 2011).

Alguns autores têm citado Bourdieu como um referencial teórico importante para uma maior fundamentação sobre a relevância do contexto no empreendedorismo. Bourdieu define contextos como campos, que são espaços sociais delimitados, incluindo agentes individuais e as relações que os conectam (Lockett et al, 2014).

A teoria do campo pode, portanto, ser aplicada como uma lente através da qual uma ampla gama de contextos em que as atividades empreendedoras ocorrem, podem ser consideradas, vistas e analisadas, desde uma comunidade geograficamente delimitada, específica e longínqua até uma determinada grande empresa. O trabalho de Bourdieu (1977, 1984) oferece uma oportunidade para considerar, no âmbito de um quadro teórico interligado, os muitos aspectos do contexto, incorporando suas estruturas, agentes e suas conexões (campo); normas sociais, crenças e motivações (*habitus*).

Além disso, a ideia de prática como um ponto inerente ao contexto teve atenção de alguns teóricos. Os estudos que propuseram a prática bourdiana na teoria do empreendedorismo surgiram como crítica aos discursos e produções que insistem em reificar a atividade empreendedora em modelos conceituais generalizados e generalizantes, tornando-os empiricamente não especificados, descontextualizados, universalizados e distantes do cotidiano de vida daqueles/daqueles que empreendem.

Na verdade, a prática no empreendedorismo tem amparo na tradição da prática das ciências sociais que apregoam a noção de que as práticas e suas conexões são altamente relevantes para a questão ontológica de todos os

fenômenos sociais (Schatzki; Knorr-Cetina; Savigny, 2000; Rouse, 2006). A despeito de as teorias da prática terem suas bases nas filosofias pós-cartesianas de Husserl, Heidegger, Merleau-Ponty e Wittgenstein e, mais recentemente, Dreyfus, Taylor, Giddens, Foucault, Garfinkel, Lyotard, Pickering, Scollon, Rouse, Schatzki (Thompson; Verdujin; Gartner, 2020), existe uma notada inspiração na praxiologia de Bourdieu e, de fato, seus postulados vêm sendo usados em distintas produções.

Especificamente, no escopo do trabalho por conta própria e no empreendedorismo, tomando estes como um enquadramento macro, a base teórica de Bourdieu tem sido usada para explorar o fenômeno da migração (Nowicka, 2013; Vershinina et al., 2011), da classe (Anderson; Miller, 2003), gênero (Marlow; Carter, 2004; Vincent, 2016), aprendizagem (Karatas-Ozkan, 2011) e economias rurais (Sutherland; Burton, 2011).

Indiscutivelmente, a estrutura *bourdieuiana* é amplamente aplicável aos estudos sobre o empreendedorismo e contexto porque permite a desconstrução e a reconstrução do mundo social via conceitos centrais: campos ou configurações sociais de tessituras diversas; capital, a saber, os recursos econômicos, culturais, sociais e simbólicos de valor dentro dessas configurações; e o “*habitus* que produz práticas” (Bourdieu, 1994, p. 65). Todos esses conceitos, por sua vez, afetam a agência dentro dos campos.

O teóricos que amparam suas pesquisas na praxiologia de Bourdieu entendem que nenhuma descrição ou explicação das características da vida empreendedora – como reconhecer, avaliar e explorar oportunidades – é possível sem a descrição, análise e explicação de como a vida empreendedora é realmente vivida em determinado contexto: *nas e por meio* das práticas (Gross; Carson; Jones, 2014; Keating; Geiger e McLoughlin, 2013).

Nesta senda, a prática não é uma categoria conceitual desprovida de sentidos, mas oriunda de uma abrangente construção de significados, de formação identitária e de ordem de produção de ações realizadas por empreendedores situados em condições históricas específicas (Chia; Holt, 2006; Nicolini, 2009).

Os estudiosos da prática estão focados nos processos concernentes a uma dada atividade empreendedora (Matthews; Chalmers; Fraser, 2018; Whittington, 1996) e levam em consideração o fato de que o social e o material ou tecnológico, aspectos inerentes à atividade empreendedora, sejam elementos inseparáveis, sem

limites determinados que emergem num nexo de práticas de uma cultura que é contextual por natureza (Gherardi, 2016; Haraway, 1991).

Adotar a lógica da prática significa alinhar-se com a noção que os nexos das práticas estão relacionados a ordens sociais mais duradouras (mercados, setores, instituições, cultura, gênero etc.) com a observação de que a agência empreendedora é uma luta relacional, corporificada e improvisada (Chalmers; Shaw, 2017; Gross; Geiger, 2017; Keating; Geiger; McLoughlin, 2013).

Bem, há muita gente produzindo sobre empreendedorismo e contexto. Aqui não almejo que esta seja uma proposta única e generalizante, visto que tenho consciência de que a literatura de novas vertentes sobre empreendedorismo está amplamente fracionada (Ucbasaran et al., 2001 apud Sarkar, 2014) e muitos autores apontam justamente a dificuldade de adensamento, ao passo que defendem a ideia libertária de que cada investigador/a poderá apresentar aquilo que quer em suas análises sobre essa área de estudo (Stewart, 1991; Venkataraman, 1997; Bygrave, Hofer, 1991).

Entendo que o bojo teórico que trata empreendedorismo com foco no contexto, conforme visto, é um enfoque que lastreia tenazmente o estudo sobre empreendedorismo exercido na realidade dos puxadinhos de Camaçari dialogando e, até mesmo, amparando a abordagem que vem se delineando nas pesquisas sobre empreendedorismo do Grupo Enlace – o empreendedorismo cacete-armado é antes de tudo contextual. É o que discuto a seguir.

1.5 O EMPREENDEDORISMO CACETE-ARMADO – O GRUPO ENLACE E O DELINEAMENTO DE UMA ABORDAGEM BAIANA

A professora Suely Messeder, que tem atuação no Departamento de Ciências Contábeis da Universidade do Estado da Bahia, é corpo-chave nessa seara do empreendedorismo no Grupo de Pesquisa Enlace. Ela vem desenvolvendo uma extensa produção que fundamenta o empreendedorismo cacete-armado. Postula, como já dito anteriormente, uma proposta muito importante para a compreensão da dinâmica da atividade (micro) empreendedora no contexto da baianidade através dessa expressão que causa estranhamentos em algumas pessoas, mesmo algumas sendo baianas, conforme já visto em outra seção.

Em termos práticos e concretos, o ponto de partida foi a seleção do projeto, de coordenação da professora, intitulado “A baianidade e o/a empreendedor/a em seu fazer cotidiano: um estudo sobre os/as microempreendedores/as e seus estabelecimentos na cidade de Camaçari” pelo Programa de Apoio a Núcleos Emergentes (Pronem), no ano de 2014. Projeto, logo apelidado de Projeto do Cacete Armado (em termos oficiais, PRONEM 8603/2014 da FAPESB/CNPQ), teve como objetivo geral a compreensão e a identificação do *modus operandi*, dos processos de cognição e da subjetividade dos/as microempreendedores baianos, situados na cidade de Camaçari. A partir da execução do projeto, a fundamentação do empreendedorismo cacete-armado começou a ser delineada. Ele foi o impulsionador para uma série de produções sobre o assunto, como se poderá ver a seguir.

No artigo intitulado “A crítica da razão baiana e a economia informal: os (as) barraqueiros(as) de praia como microempreendedores(as) e o ‘cacete armado¹⁷’”, publicado no ano de 2015, Messeder aponta o surgimento da categoria nativa cacete-armado, como refere ela. Nesse trabalho, a antropóloga postula que a referida categoria tem a ver com a ideia de improviso, de falta de planejamento, do descuido pelos detalhes e da precariedade de recursos vivenciada pelos barraqueiros e barraqueiras (Messeder, 2015).

Já há no referido trabalho uma proposta, ainda sutil, de rompimento com pilares hegemônicos no que tange o escopo teórico do empreendedorismo, visto que fica exposto e evidente que empreendedores e empreendedoras do estudo não seguem nenhuma linha de racionalidade aventada pela economia clássica. No artigo, a antropóloga já afirma, sobre o cacete-armado, que a expressão “designa um espaço físico que tem como finalidade fornecer alimentos e/ou bebidas de forma improvisada” (Messeder, 2015, p.) e que “se estrutura pela falta de um sentido estético legitimado como tal ou mesmo pela falta de cuidado pelos detalhes que compõem o todo” (*Ibid*, p.).

Interessante, aponta ela, é que as pessoas que usam o serviço de um estabelecimento cacete-armado tem noção da improvisação e da precariedade

¹⁷ A expressão cacete-armado foi mantida separada por demarcar e respeitar a fala/escrita da autora que a empregou desta maneira. Isso se replicará nas citas de trabalhos não só dela, mas também de outros/as autores/as que tenham empregado sem o hífen.

inerente e, assim, há uma mínima exigência pela qualidade que se restringe basicamente à sua funcionalidade, sendo o conforto e a higiene questões secundárias (Messeder, 2015).

Ainda no artigo supracitado, Messeder (2015) traz um interessante relato para mostrar que a perspectiva cacete-armado não está circunscrita a microempreendedores, é algo maior, é um traço da baianidade. Ela cita o artigo de Aninha Franco, publicado no *Jornal A Tarde*¹⁸, para quem os órgãos governamentais baianos se orientam pela lógica cacete-armado, a saber: improvisação, trabalho de má qualidade e insegurança. No mesmo artigo, Messeder explica mais sobre o que ela chama de categoria nativa:

Entendo que o ato de nomear cria imagens no imaginário social, além de consolidar a existência institucional de algo; na imersão com os(as) nativos(as) conhecidos(as) como baraqueiros(as) tive a oportunidade de sistematizar a categoria nativa “**cacete armado**”: no contexto alimentar baiano, ou melhor, quando nós que vivenciamos a cultura baiana desejamos uma prestação de serviço que tenha a ver com alimentação, de preferência, um local não luxuoso, fechado, ou seja, um espaço popular, em contraste com o espaço luxuoso, um espaço que possua uma estética peculiar de algo que não foi concluído, onde os frequentadores não estão exatamente preocupados com os detalhes, mas, sim, com o sabor da comida, este lugar é aquele designado como “cacete armado” (Messeder, 2015, p. 304-325, grifo meu).

Em “A construção da perspectiva multidisciplinar nas ciências sociais: um estudo sobre os/as microempresários/as na cidade de Camaçari”, de 2016, ainda tendo como foco os baraqueiros e baraqueiras da orla camaçariense, a autora traz a experiência do diálogo multidisciplinar entre a Antropologia e as Ciências Sociais a fim de perfilar empreendedores e empreendedoras, elencar os motivos destes destas para empreender e analisar a categoria nativa “cacete-armado” identificada no processo. Pela interlocução entre a antropóloga e os participantes entrevistados, fica evidente a falta de planejamento para dedicar-se à atividade empreendedora.

Outro dado muito interessante que surge no trabalho de 2016 é a associação da baixa escolaridade à escolha por empreender. Esse dado também será fonte de discussão mais adiante. No artigo, Messeder (2016) explicita a fala de seu

¹⁸ Publicado no Caderno Muito, do Jornal A Tarde, de 19 de julho de 2009 – apud Messeder, 2019.

interlocutor “Não tinha estudo, por isso, comprei a barraca. Com a minha falta de estudos era difícil conseguir um emprego melhor, mas sempre quis ter meu salário” (Marco, 42 anos, negro, ensino fundamental apud Messeder, 2016).

Além dessa fala, é interessante trazer aqui a voz de outro interlocutor fazendo uso fluido e natural da expressão cacete-armado a fim de explicar parte de sua trajetória empreendedora: “Quando começamos era um ‘cacete armado’, não tínhamos nada disso. Era uma palha para cobrir as bebidas. Eu mesmo comecei com uma grade de cerveja como a guia, dada por um amigo” (Dinho, 62 anos, branco, ensino fundamental apud Messeder, 2016).

Ainda sobre o artigo de 2016, vale destacar que a autora elenca, a partir do achado no campo, os motivos para adentrar na atividade empreendedora, um dos quais já exposto na fala do interlocutor Marco (supracitado):

Importante verificar que os motivos declarados por nossos/as interlocutores/as não divergem dos motivos encontrados nas demais pesquisas realizadas com as pessoas que querem iniciar um negócio informal. Assim, destacamos: a tradição familiar, a falta de emprego no mercado formal, a falta de qualificação profissional, a necessidade de complementação da renda familiar ou mesmo o sustento de toda a família (Messeder, 2016, p. 10).

Como uma etapa importante do desenvolvimento do projeto citado anteriormente, o PRONEM 8603/2014, no ano de 2018, os integrantes do Grupo Enlace, junto com estudantes de diversos cursos da Universidade Estadual da Bahia, partiram para fazer o mapeamento de pequenos estabelecimentos da cidade de Camaçari (salões de beleza, pousadas e bares), objetivando a identificação do perfil dos microempreendedores e microempreendedoras, a caracterização da história e do funcionamento dos estabelecimentos, identificação dos *modus operandi* das pessoas, considerando os marcadores sociais de classe, raça/etnia, gênero, orientação e identidade sexual e a verificação das dinâmicas das interações entre os microempreendedores/as, funcionários/as e clientes. Essa atividade foi de suma importância para dar mais substância ao escopo do empreendedorismo cacete-armado.

No artigo “Entre o familiar e o exótico: uma reflexão sobre o saber-fazer dos(as) empreendedores(as) baianos(as) ou trabalhadores(as) por conta própria”,

publicado em 2019, Messeder traz a ideia que é nuclear para esta tese – o puxadinho como a dimensão física do cacete-armado:

No contexto da prestação de serviços, quando o/a nativo/a evoca a representação visual do cacete armado podemos encará-lo como um **estabelecimento pouco estruturado, bastante precário, sem luxo, simples**. São estabelecimentos que não podem ser caracterizados como estritamente capitalistas, que normalmente apresentam construções pequenas, precárias, situadas na frente, na lateral ou no quintal da moradia do dono do negócio, os intitulados “**puxadinhos**” (Messeder, 2019, p. 72, grifo meu)

Em seguida, a autora aprofunda sua proposição, chamando a atenção e elucidando que a ideia de cacete-armado extrapola a questão espacial:

Ao se escapar da representação visual do estabelecimento, quando o(a) nativo (a) evoca o cacete armado, designa um modo de fazer baiano. Ainda no setor de serviço, pode ser uma forma de fazer algo sem cuidar dos detalhes, sem acabamentos, sem retoques, sem refinamentos, mas pode ser algo também bastante inventivo, posto que não existe facilidade para a aquisição de produtos ou ferramentas, de forma que se “vira com o que tem” (Messeder, 2019, p. 72).

Interessante a postulação do “se vira com o que tem” da professora, algo que nos remonta também à perspectiva do empreendedorismo bricolagem inspirado no antropólogo francês Claude Lévi-Strauss. A ideia de bricolagem chegou à senda do empreendedorismo através do trabalho de Baker e Nelson (2005) que, inspirados no antropólogo, traz a postulação de fazer acontecer com os recursos disponíveis.

Aprofundando mais a perspectiva do cacete-armado na seara do empreendedorismo, Messeder (2019) apresenta uma contraposição, de maneira mais explícita, aos fundamentos de uma literatura mais universalizada amparada em Schumpeter, conforme apresentado no quadro a seguir:

Quadro 2 – Características de empreendedores schumpeterianos e empreendedores “desempregados”

Empreendedores schumpeterianos	Empreendedores “desempregados”
Motivados pelas oportunidades	Movidos pela necessidade
Busca da Inovação	Busca pela sobrevivência
Maior capital pessoal (capacidades empreendedoras e de gestão e conhecimento aprofundado dos mercados)	Pouca informação e desatualizado
Empreendedorismo da inovação	Empreendedorismo da necessidade

Fonte: Messeder (2019)

No quadro 2, a antropóloga apresenta, como contraposição a uma vertente clássica, a caracterização “empreendedores desempregados” e o faz ante uma constatação de que muitas pessoas que partem para o empreendedorismo o fazem porque estão nessa condição.

O empreendedorismo cacete-armado aponta que os microempreendedores não necessariamente seguem modelos da racionalidade hegemônica, como a busca de lucro (Messeder, 2019). Além disso, manuais e prescrições quanto à abertura de empresas, apregoados por diversas agências de fomento, são ignorados e/ou desconhecidos por grande parte desses microempreendedores. Na prática e na luta pela sobrevivência, “não existe um projeto, um plano de negócios, para a existência do cacete armado importa apenas o seu fim, e, assim, os detalhes e os cuidados com o bom atendimento são supérfluos” (Messeder, 2019, p. 72-73).

Vale mencionar o caráter de aventura e da tomada de riscos que emerge na aura dos empreendedores do cacete-armado. A ideia de aventura aparece em diversos momentos nos trabalhos da antropóloga, a exemplo do trecho:

Existem também aqueles/as que se aventuraram no ramo pelo fato de terem sido demitidos/as das empresas do Polo Petroquímico e investiram a sua verba indenizatória na compra do “ponto”, uma vez que o terreno onde está situada a barraca não poderia ser vendido (Messeder, 2016, p. 236)

Falar em aventura nos impõe analogia com a ideia de aventureiro capitalista e a noção de espírito empreendedor. É de Weber (2002) a ideia de aventureiro capitalista – “especuladores das oportunidades de ganho monetário de todos os tipos” (p. 28). Trata-se do espírito empreendedor manifestado, que não se furta de correr riscos (Schumpeter, 1934). Tal coincidência com medalhões históricos,

aparentemente contraditória, fica evidente quando postula Messeder (2019, p. 73) que “o cacete armado pode ser interpretado como uma vontade de potência. É o arriscar-se no ramo de negócio, apesar do pouco recurso e do improvável futuro”.

Em 2021, Messeder, junto com Barreto e Miranda, se empenhou na escrita do artigo “O caminhar na mediação ética entre o saber-fazer da comunidade epistêmica e da comunidade de prática: um estudo sobre o cacete armado no contexto da baianidade”, que está em fase de pré-publicação¹⁹. No artigo, Barreto, Messeder e Miranda (no prelo) avançam e postulam a ideia do saber-fazer no âmbito do cacete-armado, ao mesmo tempo que coincidem também com a ideia da bricolagem, a ver: “Trata-se de um *modus operandi*, um saber-fazer, através do qual as pessoas envolvidas se viram com que tem em situações de grande precariedade ou em situações que requerem um senso de improviso” (no prelo, p. 97).

Aprofundando em direção à questão social, as autoras nutrem-se de Milton Santos para observarem a postura da classe média sobre a expressão cacete-armado:

Como numa espécie de analogia ao que postula Milton Santos (1996) sobre o olhar enviesado, o termo evoca sentimentos negativos por parte da classe média. Depreende-se que, ao olhar dessa classe que busca incessantemente a manutenção de seus “privilegios”, a categoria cacete armado está no arcabouço daquilo que o querido geógrafo chamou de “cidadania mutilada”, visto que maioritariamente estamos lidando com setores populares que sofreram uma mutilação social ao terem “oportunidades de ingresso no trabalho negadas” ((Messeder, Barreto e Miranda – no prelo, p. 98).

Na referida peça textual, à luz da análise cognitiva e no movimento de avanço da abordagem, foi possível começar a delinear algumas características para o que chamam empreendedorismo cacete-armado que, no artigo, são apresentados como princípios/traços. Relevante ressaltar o debate interno entre as autoras sobre a nomenclatura a ser utilizada (princípios, traços, características) para não parecerem prescritivas. Assim, elas apresentaram os seguintes traços:

¹⁹ A obra foi registrada com o número de ISBN 978-65-5630-528-8 pela EDUFBA.

1) Ausência de um planejamento (plano de negócios) vinculado à uma contabilidade formal; 2) Ética do Desejo; 3) Improviso – cadêncio; 4) Criatividade; 5) Precariedade; 6) Funcionalidade – feita a facão sem refinamento; 7) Falta de parceria (corda do caranguejo); 8) Desconfiança; 9) Inveja – olho grosso; 10) Coragem; 11) Fazer bem; 12) A apropriação do público e privado; 13) A imiscuição (o imiscuir-se) entre a pessoa física e a jurídica. (Messeder, Barreto e Miranda – no prelo, p. 102).

As autoras destacam no artigo o status de não-peremptoriedade desses traços elencados, entendendo que são construções contínuas, não deterministas e não universalizadas. Tratarei dos traços em subseção mais à frente.

Permeia toda a produção de Messeder, embora não apareça como um traço no trabalho de 2023, a perspectiva do saber-fazer. Em tese de doutorado sob sua orientação, Melo (2017, p. 71) sinaliza que o grupo de artesãs do capim dourado é o exemplo de uma “comunidade cognitiva de prática, com foco no saber-fazer a partir de suas histórias de aprendizagem entre gerações, com vivências e experiências de produção do conhecimento acerca do artesanato”.

Toda a produção escrita de Messeder encontra entrelace em diversos projetos coordenados por ela nas searas extensionista, de pesquisa, de projeto de desenvolvimento e no diálogo com comunidades específicas. O quadro abaixo mostra como o delineamento da abordagem empreendedorismo cacete-armado é de destacada solidez, não só pela diversidade nos estudos sobre o empreendedorismo, mas também de modo mais geral, ao longo dos anos.

Quadro 3 – Projetos no caminho do empreendedorismo coordenados por Suely Messeder

Título	Tipo/Ano	Breve descrição
Masculinidades, Turismo e o Terceiro Setor: um estudo sobre os atos performativos masculinos reproduzidos pelos microempresários e os membros dos movimentos sociais.	Projeto de Pesquisa 2009 - 2010	Este projeto tem como objetivo compreender e identificar os atos performativos masculinos quer seja dos microempresários que trabalham no segundo setor da economia baiana que lidam diretamente com as áreas potencialmente turísticas, quer seja dos membros coordenadores do terceiro setor.
Masculinidades e Turismo: um estudo sobre os atos performativos	Projeto de Pesquisa 2010 - 2012	O objetivo era compreender e identificar os atos performativos masculinos dos varões

masculinos reproduzidos pelos microempresários da região		microempresários.
A construção da tecnologia social com as microempresárias e os CETEPs: um estudo sobre as microempresárias baianas e o ethos do cacete armado em Alagoinhas	Projeto de Pesquisa 2013 - 2019	A presente proposta de pesquisa tem como objetivo desenvolver tecnologia social mediante o modus operandi das microempresárias negras, com foco ao ethos do cacete armado, associada aos saberes da produção científica e da educação profissional.
A baianidade e o/a empreendedor/a em seu fazer cotidiano: um estudo sobre os/as microempreendedores/as e seus estabelecimentos na cidade de Camaçari	Projeto de Pesquisa 2014 (atual)	Tem como objetivo investigar como se opera o modus operandi, as biografias, processos de subjetivação e os processos cognitivos do microempreendedor/as baiano ao conduzir o seu estabelecimento/negócio no cotidiano da cidade de Camaçari. Aqui se pretende articular temas aparentemente desconexos entre os estudos clássicos sobre economia e os estudos sobre baianidade.
O trabalhador por conta própria e o empreendedor/as por necessidade: Um estudo sobre práticas e práticas e percursos de vida de microempreendedores/as sociais em situação de vulnerabilidade, no Brasil e em Portugal'	Projeto de Pesquisa 2018 (atual)	As questões norteadoras desta pesquisa possuem as seguintes proposições: Quais os modus operandi e processos de subjetivação dos empreendedores/as da "necessidade" em Portugal e empreendedores/as da informalidade no Brasil? Como construir um modelo de análise comparada (proximidades e divergências) entre práticas e percursos de vida de microempreendedores/as "da necessidade" e "da informalidade" entre os estudos, cujos contextos política e economicamente distintos, mas socialmente portadores de similitudes?
As fazedoras de cocadas de Monte Gordo: um estudo sobre o saber-fazer na produção do conhecimento tradicional	Projeto de desenvolvimento 2021 (atual)	Trata-se de um estudo sobre o saber-fazer tradicional das fazedoras de cocada de Monte Gordo. Esta investigação insere-se no âmbito de um projeto mais abrangente na cidade de Camaçari que trata do modus

no município de Camaçari.		operandi dos/as empreendedores informais e/ou da necessidade, através do qual o Grupo de Pesquisa Enlace tornou-se um Núcleo de Pesquisa na Universidade do Estado da Bahia (Edital Pronem/2014).
---------------------------	--	---

Fonte: Elaboração Própria

Além desses trabalhos contributivos para a abordagem em discussão, é muito importante mencionar a produção de pesquisadoras do Grupo Enlace que trataram, de alguma forma, do cacete-armado, havendo sido orientadas por Messeder.

A dissertação de mestrado da pesquisadora integrante do Enlace, Fabiane Guimarães (2019), intitulada “O saber-fazer das Pretas de Camaçari: do improviso às novas formas de (Re) Existir”, versou sobre a construção do saber-fazer e das subjetividades das mulheres negras, trabalhadoras por conta própria, da cidade de Camaçari. Em seu texto, o empreendedorismo cacete-armado se evidencia no fazer diário das mulheres, reverberado num ato improvisado que “carrega o esforço de (re) existir e a coragem de, muitas vezes, iniciar seu negócio como um puxadinho, no quintal de casa ou em uma guia nas ruas” (Guimarães, 2019, p. 103). A autora ressalta a carga emocional das mulheres que, no esteio da improvisação, estão dispostas a fazer o seu melhor diariamente:

O saber-fazer desenvolvido no trabalho por conta própria de Camaçari por parte das mulheres negras pesquisadas, revela-se como formas outras de existir em uma sociedade capitalística, desigual e patriarcal, que estrutura e designa nossa conduta e forma de viver de forma indigna. O modus vivendi e modus operandi da vida dessas mulheres e de seus empreendimentos, em sua maioria, organizam-se como suas vidas, um cacete armado, baseado na memória de suas marcas e na base do improviso diário, gerando resultados de vidas e ações que se articulam nos seus saberes e vivências, transgredindo e autoafirmando-se... (Guimarães, 2019, p. 132).

A dissertação de Guimarães é muito rica, cheia de sensibilidade e, através dela, ficou perceptível como as mulheres pretas agenciam o seu saber-fazer para montar o seu próprio negócio e sustentarem suas famílias.

Outra pesquisadora do Enlace, Licia Magalhães (2021) escreveu a dissertação de mestrado intitulada “Quem vê close, não vê corre!!! – O trabalho na informalidade de jovens mulheres em Monte Gordo, Camaçari/BA”. A dissertação da

Professora Lícia se dedicou a pesquisar como jovens mulheres empreendem e sobrevivem na informalidade, no contexto do distrito de Monte Gordo, na cidade de Camaçari. Para a autora:

Nas atividades laborais desenvolvidas e no funcionamento do negócio verifica-se trabalhos no ramo alimentício, da beleza e moda, os quais dialogam mais com o *ethos* do cacete armado, marcados pelo improviso, pela criatividade, pelos arranjos dos trabalhos dentro de casa, do que aquilo que propõe o discurso do empreendedorismo com planejamento, estudo dos riscos, *network*, no comprometimento com o lucro (Magalhaes, 2021, p. 8).

Muito interessante o trabalho da professora, pois trouxe, dentre outros pontos importantes, a percepção de que mulheres jovens baianas têm da expressão cacete-armado que, pode-se dizer é quase sinonimizada à palavra “corre”, termo central da dissertação e também oriundo do repertório popular e sobre isso ela elucida em seu texto:

Há quem entenda, entre pessoas de Monte Gordo, por exemplo, cacete armado como confusão, briga, mas a maioria das pessoas entende como algo feito de forma improvisada. Nesta pesquisa a expressão tomada de empréstimo desse repertório popular será o “corre”, termo o qual na conversa entre jovens da área é recorrente. Para as interlocutoras da pesquisa esta expressão significa: “*fazer algum serviço que não estava planejado um bico para ganhar um dinheiro extra.*”; “*E trabalhar pra vc msm, sair em buscar de algo pra ganhar dinheiro*”; “*trabalhar, fazer uma diária*”; “*trabalhar*”; “*fazer um trabalho rápido ou ir à um compromisso*”. É comum suas postagens em redes sociais utilizarem a expressão “quem vê close, não vê corre”, uma alusão ao trabalho que está por trás de publicações nas quais aparecem desfrutando de algum momento de lazer (Magalhães, 2021, p. 21).

Em seu trabalho, diversas vezes o *ethos* do cacete-armado aparece associado às atividades meio de vida marcadas pelo improviso e pela criatividade, muito distantes daquilo que o discurso hegemônico do empreendedorismo entende como “planejamento, estudo dos riscos, network” e “comprometimento com o lucro” (Magalhães, 2021, p.8).

Está em fase de escritura a tese de doutorado da integrante-pesquisadora Dejiária Santiago de Jesus. O título de seu trabalho é “Empreendedorismo e gestão do conhecimento: trajetórias formativas e profissionais de mulheres negras que trabalham por conta própria no município de Salvador, Bahia, Brasil”. A investigação da pesquisadora se propõe a refletir sobre os sentidos e significados atribuídos por

mulheres negras que trabalham por conta própria no município de Salvador, acerca do conhecimento construído durante suas experiências formativas profissionais, buscando compreender como esse conhecimento é aplicado na organização de seus negócios.

Como ainda está em andamento, fica mais difícil falar com mais propriedade sobre o trabalho, porém é importante mencioná-lo, visto que está inserido no arcabouço do empreendedorismo e, seguramente, trará ainda mais contribuições para esta área de conhecimento.

É muito importante destacar que a abordagem que se delineia, empreendedorismo cacete-armado, não escapa do entrecruzamento de outros pontos de interesse e de outros escopos teóricos do encarne investigativo da antropóloga e das demais pesquisadoras e pesquisadores do Grupo Enlace. Tendo o Enlace as linhas de pesquisa “Corpos, Gêneros e Sexualidades na literatura e em textualidades da cultura”, “Difusão e Gestão de Conhecimento”, “Educação e Trabalho” e “Sexualidades e Direitos Humanos” é natural que tais ramas se vejam refletidas, de alguma forma, na abordagem nascente. Assim, o empreendedorismo cacete-armado é também atento a pautas sociais importantes como as relações de gênero, a luta contra o racismo e as demandas da comunidade LGBTQIA+. Análises e estudos à luz da abordagem não refutam tais questões que também emergem no segmento da atividade empreendedora.

Para concluir esta seção, relevante retomada se impõe e diz respeito à questão dos princípios/traços elencados no artigo intitulado “O caminhar na mediação ética entre o saber-fazer da comunidade epistêmica e da comunidade de prática: um estudo sobre o cacete-armado no contexto da baianidade”, de Messeder, Barreto e Miranda (2023). Esta questão se torna muito importante porque é também objetivo nosso a identificação desses aspectos no exercício empreendedor das nossas interlocutoras em seus puxadinhos, com vistas à contribuição para a solidez do empreendedorismo cacete-armado.

Feitas essas discussões, na subseção vindoura, criada a fim de melhorar o aspecto discursivo do texto, apresento os traços do cacete-armado que emergiram a partir das produções do Grupo Enlace sobre o assunto.

1.5.1 O delineamento de uma abordagem – traços do cacete-armado

Antes de adentrar na discussão central desta subseção, é muito relevante tecer algumas palavras sobre o saber-fazer, algo que perpassa todas as nuances e características do cacete-armado. O saber-fazer diz respeito a um conhecimento fruto de uma aprendizagem muito oriunda da vivência no ambiente e forjada muito mais no contexto social informal, “entendimento e/ou compreensão na prática”, do que nos ambientes formais de aprendizagem, ou seja, na “cultura da aquisição”.

Para Lave (1997, p. 32), o saber-fazer “é a forma mais poderosa de cognoscibilidade da pessoa no mundo vivido”. Tal cognoscibilidade tem como meio de efetivação a observação (por vezes, a imitação) por parte daquele/daquela que aprende com alguém (Ingold, 2000). De fato, depreende-se das histórias de vida das empreendedoras colaboradoras desta pesquisa, que o saber-fazer é um dos aspectos característicos de seus ofícios. Algo que será mostrado mais adiante no capítulo 5.

Já foi dito que interessante debate houve entre as autoras Messeder, Barreto e Miranda (2023) sobre o tratamento que seria dado às características da abordagem que vem se delineando. Naquele momento, não houve consenso e a opção por manter as duas opções lexicais (princípios/traços) foi interessante porque não tínhamos o interesse de cristalizar a proposta – a ideia de construção contínua foi imperiosa.

A escrita como uma atividade planejada nos impõe uma série de reflexões e, ao refletir sobre o emprego do léxico *princípio*, foi necessário extrapolar o campo semântico de indicação temporal de começo ou início de alguma coisa. Assim, fui a uma pesquisa com contornos mais filosóficos da palavra, com vistas à decisão de melhor adequação conceitual. Nesse sentido, vi que Bunge (2006, p. 296) aponta que um princípio “é uma assunção extremamente geral ou regra”, de algum fenômeno e aponta Kant (2014) e seu imperativo categórico, afirmando que “todas as regras de conduta deveriam ser universalizáveis, isto é, aplicáveis a cada um” (...) “trata-se de um princípio” (p.186-187).

Ao contrastar com uma condição negativa, Heidegger (1992) afirma que “um princípio é uma proposição tal que nela é posto um fundamento para a verdade possível, quer dizer, é uma proposição que basta para suportar a verdade do juízo”

(p. 169). Depreende-se então o tom de regra e universalização embutido na palavra *princípio*, algo que se desterra do cacete-armado.

Dito isto, mobilizo aqui o conceito de traços como uma proposta que escapa de um encerramento e se ampara, muito mais, na perspectiva teórica que aqui se delineia. Não adentrarei na rama da psicanálise que traz sólido estudo sobre traços, principalmente, nas contribuições teóricas freudiana e lacaniana. A ideia de traços, como empregarei, limita-se ao delineamento de aspectos característicos integrantes, componentes e distintivos de um dado objeto de análise.

O delineamento da abordagem, a partir de tudo que foi produzido a respeito, tem estabilidade sincrônica, que nos possibilita elencar os traços na horizontalidade temporal. Porém, no aspecto diacrônico-vertical, os traços são disposições transitórias que podem variar, avançar, retroceder, emergir e submergir. Não são traços incontestáveis.

Tais traços devem ser compreendidos à luz de tudo que foi pautado. É extremamente relevante a compreensão de que o empreendedorismo cacete-armado é baianidade empreendendo sob os efeitos das práticas neoliberais. Tendo isso em mente, trago novamente os traços elencados por Messeder, Barreto e Miranda (2023, no prelo, p. 103).

- 1) Ausência de um planejamento (plano de negócios) vinculado à uma contabilidade formal; 2) Ética do Desejo; 3) Improviso – cadências; 4) Criatividade; 5) Precariedade; 6) Funcionalidade – feita a facão sem refinamento; 7) Falta de parceria (corda do caranguejo); 8) Desconfiança; 9) Inveja – olho grosso; 10) Coragem; 11) Fazer bem; 12) A apropriação do público e privado; 13) A imiscuição (o imiscuir-se) entre a pessoa física e a jurídica.

A despeito de elencar todos esses traços, extraídos de produções e muitas observações, no artigo, elas se dedicaram a explorar os seguintes traços: falta de parceria (metáfora da corda do caranguejo); desconfiança; inveja – olho gordo; coragem; apropriação do público pelo privado; imiscuição (o imiscuir-se) entre a pessoa física e a jurídica.

Os traços apresentados são ilustrados com experiências extraídas de trabalhos de campo. Segundo as autoras, os traços *falta de parceria* (*metáfora da*

corda do caranguejo²⁰) e desconfiança se evidenciam a partir da impossibilidade de união entre microempreendedores/as que desconfiam um dos outros/uma das outras e terminam por renunciar à ajuda mútua na condução de seus negócios. Há, entre eles, uma destacada competitividade quando, na verdade, deveria haver um senso de cooperação que seria benéfica a todos e todas.

Estas observações emergiram do campo quando o Grupo Enlace foi aos rincões de Camaçari, em 2018. Constatou-se diversos casos, diversas aglutinações de pequenos estabelecimentos, uns colados ao outro, rivalizando acidamente, onde deveria haver cooperação.

Do ponto de vista da literatura conservadora, rivalizar comercialmente é algo tido como natural do processo de empreender. O esteio competitividade/concorrência é ponto corrente, uma vez que a ameaça da entrada de uma empresa e o previsível aumento da concorrência fazem com que empresas já existentes comecem a ver suas posições no mercado ameaçadas (Sarkar, 2014). Além do sentido macro de mercado, pequenas empresas e microempreendedores se veem lançados em uma atemorização oriunda da possível perda de clientes para o vizinho/vizinha, gerando um natural sentimento de desconfiança. Para Sarkar (2014), existe uma natural pressão competitiva entre aqueles que empreendem.

Sobre o traço inveja, as autoras trazem postulações de Mãe Stella de Oxóssi (2011) como amparo. Segundo as autoras, a ilustre e querida ialorixá revela que, muitas vezes, é procurada pelas pessoas que se sentem invejadas e acometidas pelo conhecido “olho gordo”. Acredito que dentre essas pessoas, haja muitos pequenos/as empreendedores/as. Embora não conste no artigo das autoras, considero importante trazer a fala completa de Mãe Stella de Oxóssi a respeito do assunto:

²⁰ Metáfora da corda de caranguejo (ou mentalidade de caranguejo) é uma referência a um conto popular cuja origem é desconhecida. Por se referir a caranguejo e partir da observação comportamental dos mesmos, provavelmente nasceu numa região de mangue. O balde referido é bem ilustrativo das pessoas que trabalham arduamente como catadores/as de caranguejo para sobreviverem. O conto popular denota a ideia de competitividade e egoísmo e parte da observação de caranguejos capturados, colocados num balde e tentando sair. Cada vez que um está à beira de conseguir escapar, os outros o puxam para baixo. O resultado é que nenhum consegue sair e todos morrem. Extrai-se a conclusão competitiva e egoísta de que se eu não posso fazer ou alcançar algo, você também não pode.

Surpreende-me o fato de que uma grande parte dos que me procuram sente-se vítimas de inveja. Engraçado é que nunca, nem um só dia sequer, alguém chegou pedindo-me ajuda para se libertar da inveja que sentia dos outros. Será que só existem invejados? Onde estarão os invejosos? E o pior é quando consulto o oráculo e ele me diz que os problemas apresentados não são decorrentes de inveja, a pessoa fica enfurecida. Percebo logo que existe ali uma profunda insegurança, que gera uma necessidade de autovalorização. Se isso ocorresse apenas algumas vezes, menos mal, o problema é que esse comportamento é uma constante. Isso me leva a pensar que cada pessoa precisa olhar dentro de si, tentar perceber em que grau a inveja existe dentro dela, para assim buscar controlar e emanar este sentimento, de modo que ela não venha a atuar de maneira prejudicial ao outro, mas principalmente a si, pois qualquer energia que emitimos, reflete primeiro em nós mesmos. (2011, não paginado)

Dois pontos importantes certamente fizeram com que as autoras vinculassem a postulação de Mãe Stella ao trabalho sobre empreendedorismo. Primeiramente, é que estamos na esfera do discurso da baianidade e a religiosidade é uma marca forte (Mariano, 2008). Olhando de mais perto, o sincretismo é praticamente uma das mais marcantes características da gente baiana, com rituais católicos e os de base africana que aparecem convivendo e justapostos (Mariano, 2009).

Outro ponto, que se alinhava a este primeiro, é a busca por proteção sagrada inclusive nas empreitadas empreendedoras. Não é difícil, e assim se deu, encontrarmos falas de empreendedores/as nesse sentido – a expurgação das forças negativas para o bem-andar do empreendimento. Nessa trilha, inveja e olho gordo são objetos de depuração e podem ser referidos como os únicos responsáveis pelo fracasso do negócio.

No âmbito da Psicologia, Cukier (2011) escreveu um artigo sobre a inveja, mostrando sua evolução ao longo da história, além de trazer distintas concepções a respeito. Sobre o “olho gordo” (ou mau olhado), a autora pontua que ele é oriundo da crença de que uma enfermidade é transmitida por alguma pessoa que está com inveja ou ciúmes. É muito interessante a pesquisa de Cukier ao trazer a perspectiva freudiana. Para Freud (1901, p. 919 apud Cukier, 2011, p. 21), a crença no “mau olho” é uma superstição e representa o temor de desgraças vindouras. O medo é fruto da manifestação consciente da repressão inconsciente de nossos próprios desejos maldosos contra as outras pessoas (Freud, 1901 apud Cukier, 2011).

Interessante como esta análise coincide com o que traz a saudosa Mãe Stella de Oxóssi.

Sobre a coragem, as autoras trazem uma conversa com uma interlocutora microempreendedora sobre a ideia que tem da expressão cacete-armado. Ao responder, a interlocutora, chamada Sônia, fala sobre a positividade imbuída na expressão e sobre sua vontade e coragem para abrir um negócio. Na verdade, faltou às autoras aprofundar um pouco mais sobre esse traço. Mariano (2009), em seu trabalho sobre a baianidade, traz “várias alusões a aspectos que podem ser definidos genericamente como um ‘modo baiano de ser’” dentre os quais a “coragem” (p. 66).

A coragem, entretanto, não deve ser objeto de romantização porque o que ficou claro, e que será mostrado mais adiante, é que a coragem no seio do empreendedorismo é fruto da necessidade, da necessidade de vida. Precisa ter realmente coragem para aventurar-se em uma atividade empreendedora carregada de incertezas, que se realiza sem recursos, improvisada num puxadinho ao lado de casa, por não ter outra oportunidade de meio de vida. O campo mostrou, e ficará mais evidente adiante, que para os/as microempreendedores/as a coragem é um traço fundamental para enfrentar as tantas adversidades que se impõem – empreender é para quem tem coragem²¹.

O traço intitulado pelas autoras como “apropriação do público pelo privado” encontra fundamento na atitude de uma empreendedora entrevistada no campo. Segundo as autoras, trata-se da “mistura entre a varanda de sua casa e o espaço da prestação do serviço”, ou seja, “a ocupação do público pelo privado no movimento de ampliar o restaurante usando o espaço público da calçada” (Messeder, Barreto e Miranda, 2023, no prelo, p. 102). Cabe algumas palavras a respeito.

A apropriação do espaço público pelo privado diz respeito a um fator propício à ampliação do entendimento dos desejos e das necessidades da população (Mendonça, 2007). Santos e Vogel (1985 apud Mendonça, 2007) atribuem às apropriações dos espaços públicos à função de mecanismos de defesa e de superação da população aos modelos urbanísticos impostos pelos responsáveis por planejar o espaço urbano.

²¹ Reverencio Dona Canô parafraseando frase atribuída a ela: “Ser feliz é para quem tem coragem!”

Na trilha dessa apropriação, a rua é tida como a extensão da casa para muitas comunidades e é o local onde se observa vivências por meio de atividades cotidianas, como as brincadeiras infantis e encontros de vizinhos, ou sazonais, como as festas (Santos; Vogel, 1985 apud Mendonça, 2007). Esses aspectos são muito importantes e estão muito vinculados a um debate sobre o direito à cidade que trago no capítulo 3. Lá, com inspiração em Santos (2006), eu puto que o espaço é uma grande miscelânia social. Nessas premissas, muitos empreendedores e empreendedoras veem o espaço público como espaço de busca por sobrevivência.

Durante as experiências etnográficas em Camaçari, vários exemplos de empreendimentos adentrando o espaço público surgiram como este da figura a seguir:

Figura 3 – Barbearia no espaço público, cidade de Camaçari.



Fonte: Acervo próprio

O empreendedor que abriu essa barbearia deu a seguinte explicação para a abertura de seu empreendimento no espaço público:

Rapaz, eu tava sem trabalho, não conseguia nada e tinha que ganhar algum din-din... tenho mulher e dois filhos...não estudei, parei no primeiro ano do segundo grau...aí resolvi botar a barbearia aqui mesmo no meio da rua...se é pública é minha também... me tornei um empreendedor, sem patrão para me azucrinar(Carlos Alberto, Camaçari, 2018).

Como fica evidente, o traço da apropriação do público pelo privado se confirma e essa figura é exemplo disso. Vale destacar que a estratégia de usar o espaço público em prol do negócio privado não é nova. Na verdade, trata-se de uma prática recorrente, não só no contexto baiano, não só no Brasil, principalmente no segmento de bares e restaurantes quando muitos se apropriam de calçadas e ruas para dispor suas mesas e cadeiras. No contexto baiano, é comum vermos donos/as de barracas de praia se apropriarem de áreas da faixa de areia no intuito de desenvolverem seus negócios.

Ainda constando no artigo “O caminhar na mediação ética entre o saber-fazer da comunidade epistêmica e da comunidade de prática: um estudo sobre o cacete armado no contexto da baianidade”, a imiscuição é outro traço dos empreendedores e das empreendedoras no esteio do cacete-armado. As pesquisadoras explicam que se trata da ausência de separação entre o que é da pessoa física (empreendedor) e o que é da pessoa jurídica (empreendimento).

Na perspectiva clássica do empreendedorismo, aponta as autoras, esta é uma “má conduta, um aspecto responsável pela fatalidade de vários negócios” (p. 102). Essa falta de separação é abrangente, incluindo contabilidade, contas e recursos como ficará mais evidente no capítulo 5. Muitos pequenos empreendedores/as não conseguem sequer vislumbrar a possibilidade de separação entre suas contas pessoais e as contas do empreendimento. Houve, inclusive, muita estranheza por parte de alguns/algumas.

Aqui demarco o extrapolar dos traços discutidos pelas três autoras. Sigo deslindando os traços do cacete-armado, porém trago outras produções, faço inferências e análises outras que não constam no artigo até aqui utilizado como fundamentação.

A discussão sobre a ética do desejo como traço do cacete-armado emergiu do artigo de Messeder (2019) intitulado “Entre o familiar e o exótico: uma reflexão sobre o saber-fazer dos(as) empreendedores(as) baianos(as) ou trabalhadores(as) por conta própria. Dentre outros pontos, o artigo traz a concepção da expressão baiana “de veneta”, destacando que:

Este atributo deverá ser uma variável complexa a ser compreendida no rol das características que constituem o *ethos* do empreendedor informal, ou melhor, do trabalhador por conta própria de veneta. Se, por um lado, verificamos que a negligência, a falta de cuidado com o cliente pode ser reveladora nesta interação, por outro lado, podemos incorporar esta característica como uma resistência ao programado deveras reveladora da assunção de uma vontade, do desejo do trabalhador por conta própria cujo trabalho decorre da sua busca pela sobrevivência e não visando o lucro (Messeder, 2019, p. 75).

A ideia embutida na perspectiva da “veneta”, vinculada ao empreendedorismo é a de inconstância quanto à condução do negócio e essa interpretação encontra amparo na assertiva de Messeder (2019) ao mencionar “resistência ao programado” e “vontade”. Assim, um proprietário ou proprietária abre o seu empreendimento (já existente) ou não o abre para a prestação de serviço segundo a sua vontade, sem se preocupar com possíveis necessidades de sua clientela. Não há preocupação com o cumprimento do programado.

Nesse sentido, a ética do desejo retratada é de fundamentação kantiana e sua preconização da dicotomia existente sobre o princípio do prazer e o princípio do dever (a razão prática pura). Para Kant (apud Deleuze, 1997) o sujeito que segue o princípio do dever é um sujeito moral que age em respeito às leis, às normas, às condutas sociais. A resistência ao programado representa a alternância entre o princípio do prazer e o princípio do dever, numa profusão em que a faculdade de desejar, ao encontrar sua determinação em si mesma, se chama vontade – configurando a veneta.

Na enumeração dos traços, entendo que alguns deles estão vinculados à ideia maior de cacete-armado como se houvesse, na verdade, um elencar de sinônimos. A ausência de um planejamento (plano de negócios) vinculado a uma contabilidade formal; o improviso; a ideia de algo feito a facão e a precariedade estão completamente imbricados e podem ser aglutinados discursivamente, principalmente na perspectiva de que são elementos constitutivos da ideia maior de cacete-armado, que é a improvisação.

Se tornam características que estão emaranhadas principalmente pelo fato de que alguns desses elementos terminam sendo consequência de outros. O improviso é o eixo central da abordagem cacete-armado e, consequentemente, seu traço mais distintivo: termina por denotar que algo *foi feito a facão*, ou seja, de qualquer jeito, com pressa, mal-feito (Priberam da Língua Portuguesa, 2023), de maneira *precária* e

sem nenhum planejamento, dispensando qualquer tipo de formalidade, inclusive a contabilidade formal. À luz desta análise, é imperativa a fusão desses traços, resultando em um só – o improviso; o improviso como traço basilar. Essa característica e esse traço ficarão bem sólidos e mais evidentes quando adentrarmos nas histórias de vida.

Há mais três traços a serem deslindados: a criatividade, o fazer bem e a ética do desejo. Esses, não emergiram especificamente do artigo escrito pelas três autoras. São oriundos das diversas produções da antropóloga Suely Messeder, das pesquisadoras do Enlace e extraídos das experiências etnográficas realizadas em Camaçari. Nessas experiências, quando da aplicação do questionário (já apresentado aqui), muitas observações, nossas percepções e nossa escuta facilitaram a caracterização desses traços.

A criatividade é um elemento altamente relevante para qualquer negócio. Para alguns autores, é um dos lastros impulsionadores da inovação (Gartner, 1989; Sarkar, 2014). A ideia de criatividade (e criação) perpassa toda a cultura empreendedora, sendo muito presente na literatura tradicional.

É importante ter em mente que “a criatividade está longe de ser um privilégio de alguns poucos indivíduos, pelo contrário, está no âmbito da vida humana em toda sua extensão” (Santos; Oliveira, 2018, p. 237). Entretanto, pode-se inferir que a noção de criatividade para grandes negócios, grandes empreendimentos, difere da criatividade situada no contexto do cacete-armado que tem muito mais amparo nas demandas urgentes de exercício da atividade empreendedora, constituindo-se como um meio de gestão e construção da própria vida em sociedade (Santos; Oliveira, 2018).

Assim, na esfera do cacete-armado, concluímos que toda a criatividade, toda a criação e todo ato criador se dão em parte de necessários arranjos para a obtenção mais rápida de retorno financeiro. A criatividade termina por surgir com um caráter de funcionalidade, principalmente ante a falta de meios e recursos apropriados para a condução do empreendimento. Isso se dá tanto no âmbito das dinâmicas mais subjetivas, como no campo físico-estrutural do empreendimento.

Retomando a figura 3, que traz a barbearia na rua, temos a imagem que mostra o resto da estrutura do pequeno empreendimento aberto no espaço público.

Figura 4 – Sala de espera de uma barbearia no espaço público, cidade de Camaçari



Fonte: Acervo próprio.

Na imagem, podemos observar que há uma lona enrolada. Segundo o proprietário, ela é utilizada para “fechar” o estabelecimento, para proteger da chuva e para dar mais privacidade a alguns clientes que não querem ser vistos por transeuntes quando estão sendo atendidos. Além disso, mesmo em sua escassez, o proprietário providenciou um banco de espera, feito com remanescentes de árvores e o banco de um carro abandonado.

Considerando que a criatividade é um ato criador próprio de quem faz e apropriado em seu fazer em uma constelação específica (Galeffi, 2014), temos no exemplo, a criatividade manifestada segundo as possibilidades de materialização. A criatividade é sempre um ato de um indivíduo em particular, mas é carregado de sociabilidade, visto que quem cria, cria para os outros/as no conjunto social que a produz (Galeffi, 2014).

O ato criativo do barbeiro, a preocupação com detalhes, o cuidado, a despeito de suas dificuldades, é um ato voltado para aquele contexto, para a realidade específica, para o outro/outra. Ainda que jaza no ato criador algo superior que é a necessidade de vida, há criatividade. Em síntese, a criatividade no cacete-armado está associada e se manifesta a partir de necessidades práticas na condução dos negócios, dos puxadinhos.

O traço fazer bem está relacionado ao fato de que, a despeito da simplicidade do empreendimento, o serviço ofertado é tido como muito bom. Nesta trilha, o bom serviço extrapola questões físicas e estruturais. Muitos restaurantes puxadinhos, por

exemplo, são procurados e bem frequentados bela e boa comida que servem, sendo a aparência tratada como algo realmente secundário. Muitas cabeleireiras são buscadas por saberem fazer um bom corte de cabelo, mesmo que no espaço não haja aparelhos sofisticados como ocorre nos grandes salões. As interlocutoras desta pesquisa falam da qualidade do serviço que prestam independente da estrutura precária que possuem.

Finalizando, destaco que esta seção trouxe todo o processo de delineamento do empreendedorismo cacete-armado, a partir das produções, vivências e observações do Grupo Enlace. Foi possível apresentar e discutir traços (características) dessa abordagem nascente que tem outras possibilidades para ampliação de sua caracterização.

No próximo capítulo, dou atenção à expressão cacete-armado a qual chegou a ser questionada por integrantes da Academia, no que tange ser apropriado ou não seu uso num trabalho acadêmico.

2 CACETE-ARMADO NO CONTEXTO DA BAIANIDADE

A Bahia que vive pra dizer
 Como é que se faz pra viver
 Onde a gente não tem pra comer
 Mas de fome não morre
 Porque na Bahia tem mãe Iemanjá
 De outro lado, o Senhor do Bonfim
 Que ajuda o baiano a viver
 Pra cantar, pra sambar pra valer
 (Gilberto Gil, Eu Vim da Bahia,
 1985)

No bojo da literatura sobre o empreendedorismo, emergem diversas questões sociais, dentre as quais a identidade como uma base conceitual. Gartner (1985) há muito preconizou que a atividade empreendedora não deve ser tratada como um processo universal que tem atores e atrizes idênticos/as.

Destarte, o empreendedorismo cacete-armado nasce na baianidade, uma identidade de nome próprio. A seguir, trago discussões que considero importantes para a constituição da abordagem.

2.1 NOTAS SOBRE A BAIANIDADE – IDENTIDADE DE NOME PRÓPRIO

No início do século XX, identificou-se um comportamento, em diversos estados do Brasil, que consistiu em ressaltar características singulares do lugar visando à elevação de sua história, de sua cultura e de seus modos de vida (Carmo, 2021). Nesse movimento, diga-se que muito capitaneado por grupos de intelectuais, a ideia de uma identidade baiana começou a ser construída. Talvez tenha sido uma estratégia conduzida por esses intelectuais e políticos, à luz pós-colonial, no intuito de obter voz e diminuir uma posição periférica iniciada com a mudança da capital do Brasil para o Rio de Janeiro.

De fato, houve um isolamento da Bahia a partir do declínio da indústria açucareira no estado, fazendo com que a região perdesse a sua centralidade (Furtado, 2007). Sobre isso, Castells (1999) afirma que na formação das identidades existe uma relação e que essas “podem ser construídas a partir de instituições dominantes” (p.23). Para Vasconcelos (2009, p. 2):

Por ser o ‘berço do Brasil’ e sua capital durante mais de dois séculos, a Bahia jamais poderia se deixar ver meramente como mais um estado pobre que compõe a imagem do Nordeste/Sertão, sendo necessário, então, forjar uma imagem que a protegesse do ostracismo que se encontrava principalmente entre o fim do século XIX e o início do século XX e que, além disso, garantisse a manutenção do antigo prestígio da elite local, gerando recursos financeiros para compensar a perda de poder econômico e político para o Sudeste.

Adentrando no papel da intelectualidade, alguns intelectuais baianos ou radicados na Bahia tomaram o timão para difundir a ideia de identidade peculiar. Tiveram peso para a solidificação da referida identidade, figuras como Dorival Caymmi, Gilberto Freyre, Pierre Verger, Carybé, Antônio Carlos Magalhães. Amado, Caymmi, Freyre, Carybé e Verger formaram uma espécie de núcleo impulsionador da identidade baiana que se reverberou altamente imbatível e eficiente no propósito comum.

A promoção do discurso dos autores, incluindo os textos imagéticos de Carybé e os versos malemolentes de Caymmi, adentrou o ideário de toda uma sociedade que legitimou a ideia de identidade especial também impulsionada pelo viés político-econômico da indústria turística, sob a batuta de Antônio Carlos Magalhães. Nessa trilha, o conceito de baianidade é parte daquilo que Hobsbawm e Ranger (1984, p. 43) chamam de “construção das tradições” para embasar um discurso identitário.

A ideia de baianidade passou a ser usada como referência a uma forma de ser dos baianos; representando a imagem e a autoimagem da gente da Bahia e suas peculiaridades. Um dos principais estudiosos do tema, o professor Milton Moura (2001) define baianidade como:

[...] um texto identitário, ou seja, que realiza a asserção direta de um perfil numa dinâmica de identificação. É compreendida como um *ethos* baseado em três pilares: a familiaridade, que supõe a ambivalência numa sociedade tão desigual; a sensualidade, associada à naturalização de papéis e posturas; e a religiosidade, que costuma acontecer como mistificação numa sociedade tão tradicional. Seu estabelecimento é viabilizado pela sua suposta problematice e marcado pela reiteração de seus enunciados pela mídia, em que se observa a remissão recíproca dos notáveis (Moura, 2001, p. 4).

O antropólogo identifica certo desgaste no discurso e também certa alteridade, mas enfatiza que todo o imaginário identitário baiano não se destrói e prevalece não como uma marca comum, mas como uma espécie de grife, mas uma grife com imagem cansada. Para o autor:

Essa formatação mais recente contém o que chamamos de *axé-music*, cultura de carnaval, governantes como ACM, Paulo Souto, César Borges e Imbassahy abraçados com as baianas de acarajé e os capoeiristas, os grandes intérpretes da música de carnaval, incluindo o Ilê Ayiê, Filhos de Gandhi e outros ícones da nossa cultura musical (Moura, 2006, p. 56).

Desgastado ou não, o texto da baianidade perpetua-se através de movimentos musicais de massa (*axé-music*, principalmente) aliados às proposições da indústria turística – a identidade sendo atualizada. O capital cultural mais uma vez mobilizado pelo capital econômico. Um grande convite é feito ao mundo, um chamamento em prol da baianidade feito por cantores e cantoras, de todas as cores, alardeiam em suas vozes, entre guitarras e percussões, as peculiaridades da terra com ênfase no hibridismo cultural, na religiosidade que mistura o sagrado com o profano na festa momesca (Castro, 2017).

A despeito da importância de todos esses segmentos para a formação da baianidade, nada tem maior peso que a literatura. Os Estudos Culturais, fruto do movimento pós-colonial, deu evidência à relevância que as narrativas nacionais têm na constituição das identidades coletivas. Para muitos teóricos (Bhabha, 1998; Said, 2007; Maalouf, 2009), a identidade se solidifica pelo viés literário. A literatura nacional é a representação que possibilita a identificação dos *eus* com o *nós* nacional, com o *nós* regional, com o *nós* local.

Nesta senda literária, é muito importante retomar Jorge Amado, pois ele foi um dos grandes propagadores e talvez o principal articulador do conceito de baianidade. O escritor foi um dos grandes responsáveis pela vinculação da *Terra da Felicidade*²² à mestiçagem, à herança africana e à sensualidade. Nossa representação e autorrepresentação identitária, reforçada na literatura amadiana, é a

²² Termo amplamente utilizado pela Bahiatursa (Órgão Estadual de Turismo) para vender a Bahia como produto turístico.

de um estado exitoso no que se refere às diferenças. A fábula das três raças²³ se concretiza na Bahia. Mais do que isso, Amado, por diversas vezes, chegou a afirmar que a baianidade estava envolta num privilégio de ser e estar no mundo: “Baiano quer dizer quem nasce na Bahia, quem teve este alto privilégio, mas significa também um estado de espírito, certa concepção de vida, quase uma filosofia, determinada forma de humanismo” (Amado, 1981, p.26 apud Mariano, 2009).

Fato constatado é que, ao falar da intencionalidade da construção da baianidade, encontramos em Jorge Amado uma espécie de garoto-propaganda que agiu com sua escrita. Em toda a obra amadiana, o escritor utiliza:

A sua forma documental de fazer literatura, aliada a uma proposta e compromisso político de captar a identidade e a singularidade da Bahia e do Brasil através da fala, da cena e dos problemas do povo, fez de Jorge Amado um porta-voz reconhecido e consagrado da Bahia e lhe conferiu uma considerável credibilidade ao se proferir sobre a Bahia (Vasconcelos, 2009, p. 3).

O viés literário de Amado me é muito relevante aqui porque uma das manifestações mais fortes de qualquer identidade é, sem dúvida, a língua. Nesse sentido, Jorge Amado leva para o seu fazer literário o linguajar do povo – escreve do povo, para o povo. Para Goldstein (2003), Jorge Amado tem um estoque de textos, imagens, símbolos e ritos que possibilitam a construção da baianidade.

Amado acarreta necessária e naturalmente a adoção de uma linguagem marcada pela oralidade, na qual, o coloquial vem a ser o maior traço distintivo de um estilo cujo objetivo primordial é o de recuperar as várias modalidades dos falares populares (Bezerra, 1996). Na literatura amadiana, a língua errada do povo, os jargões religiosos, os africanismos, as expressões chulas e gírias reverberam-se como manifestações do *falar-identitário* baiano. Muniz Sodré (2012) usa o termo “jorgeamadez” para definir as características da literatura do escritor baiano, por conta da originalidade com o uso das palavras e da habilidade na construção de um imaginário de povo.

Para Gildeci Leite, professor da UNEB, que vem se dedicando a analisar diversas obras de Jorge Amado, o escritor se colocou como etnógrafo da cultura para

²³ Expressão cunhada por Roberto Da Matta. Cf. “Digressão, a fábula das três raças”, em Relativizando: uma introdução à Antropologia Social, Rio de Janeiro, Zahar, 1987.

uma espécie de descoberta do povo baiano. Nessa linha, o escritor termina por usar em seus textos uma imensa gama de verbetes da gente baiana. Leite (2012) aponta que já catalogou mais de mil palavras usadas por Jorge Amado em seus livros.

É embebida nessas notas sobre a baianidade, pontuando a contribuição amadiana, que trago uma das expressões que nos é muito cara. Tratada como categoria nativa na visão da Antropologia, a expressão cacete-armado é dessas que compõem o vasto e interessante repertório da baianidade e que também foi empregada pela literatura amadiana, como poderá ser conferido adiante.

Vale dizer, como conclusão, que o Estado, os artistas, o escritor Amado podem ter investido pesado e com muito exagero nessa construção da baianidade, como apregoam os que refutam a ideia de identidade específica. Entretanto, é muito relevante considerar que nenhuma identidade se estabelece única e exclusivamente de cima para baixo. Os sujeitos envolvidos, os membros ativos da identidade, precisam abraçar a ideia para garantir a permanência do discurso e isso é plenamente constatável aqui na nossa terra.

Apesar do papel relevante dos artistas, da literatura, da indústria turística e midiática no tocante ao discurso da baianidade, os atores/as atrizes (a massa populacional) do texto identitário também contribuem para o reforço e a permanência de toda a simbologia do ser baiano/a, afinal quem manda na Bahia é o povo, dele se alimentam artistas e escritores (Amado, 2002).

A seguir, na próxima seção, continuo me dedicando à expressão que nomeia nossa pesquisa. Por fim, encerro esta seção afirmando que sendo a língua a oralização de uma identidade, o falar da gente da Bahia é a oralização da baianidade.

2.2 A EXPRESSÃO CACETE-ARMADO

Ao fazer um pequeno exercício e puxar pela memória, resgatei o episódio de quando ouvi a expressão *cacete-armado* pela primeira vez, com consciência e atenção. Se deu na minha pré-adolescência, no episódio de uma grande reforma na minha casa, pelos meados dos anos 80. Minha mãe, preocupada quanto ao local de descanso dos pedreiros, falou com o mestre de obras que não queria que eles

ocupassem a parte interna da casa durante o período da obra, pois tinha duas filhas em casa.

Como uma criança que participava de tudo que acontecia na família e muito apegada à minha mãe (a definidora de tudo na família), os meus ouvidos, muito atentos à resposta do mestre (um senhor mulato muito forte de cabelo branco rapado), registraram a pronta resposta despachada de uma forma um pouco confusa no meio da fumaça do cigarro que saía da boca: “Por essa razão não vai ter desavença porque já comprei lona e esteiras pra montar um *cacete-armado* para os peões descansarem no quintal”.

Após alguns dias, iniciada a obra, tenho nítida na lembrança, foi montada uma estrutura de quatro toras de madeiras coberta com uma lona amarelo alaranjada. A lona, de corte quadrado ou retangular (não lembro bem), tinha suas extremidades amarradas com arame em cada uma das quatro toras fincadas na terra. Ali, os pedreiros colocavam ferramentas, sacolas para a troca de roupas e esteiras de palhas sobre as quais deitavam para um descanso depois de comerem as marmitas que traziam.

Não demorou muito para que eu, criança curiosa, fosse inspecionar de perto aquela espécie de tenda cheia de bugalhos, muito feia, com cheiro de cimento misturado à sobra de feijão e suor, mas muito interessante. Fiquei desejosa, na verdade, para que aquela casinha de brincadeiras (que já fazia parte dos meus planos futuros) se mantivesse ali no quintal uma vez findada aquela turbulenta reforma. Desde então, a imagem da referida estrutura me surge, primeiramente, quando ouço a expressão *cacete-armado*.

Mais recentemente no ambiente acadêmico, testemunhei, de parte de alguns colegas e professores, certo estranhamento ao empregar a expressão. Cheguei a ser questionada se esta seria uma expressão adequada para constar num trabalho científico como se coloquialidades, idiomatismos, metáforas, linguagem popular e/ou qualquer tipo de subversão da língua não pudesse ser foco ou participar de estudo científico.

Na última disciplina cursada, Natureza da Criatividade, um dos professores (diga-se, professor muito querido!) se mostrou entusiasmado com o uso da expressão no ambiente acadêmico que, para ele, precisa romper com conservadorismos inclusive, os linguísticos. Porém, outro se mostrou desconsertado

e alegou que a expressão tinha dois sentidos e que isso poderia ser muito perigoso (?). Aconselhou-me ele, a conversar com minha orientadora sobre uma possível mudança de abordagem. No mesmo cenário, dia e aula, ouvi de um colega, professor de Matemática, que, pelo título, o meu trabalho deveria ser muito obsceno. Ri, inicialmente, e depois conclui que o fantasma do tabu linguístico presilhava as mentes e as falas do professor e do meu colega de turma.

Para Sandmann (1992, p. 222), o tabu linguístico é uma expressão “tida como desagradável, porque é ofensiva aos bons costumes, boas maneiras ou porque lembra fatos ou situações desagradáveis”. Para Orsi (2011), é oriundo de restrições (e autorrestrições), sanções (e autossanções) e de um excesso de escrúpulos sociais. Segundo o autor, o tabu linguístico “atua na não permissão ou na interdição de se pronunciar ou dizer certos itens lexicais aos quais se atribui algum poder e que, se violados, poderão trazer perseguições e castigos para quem os emprega” (Orsi, 2011, p.336). Proposições de colega e professor prontamente ignoradas!

O fato é que as duas experiências supra narradas, ilustram as duas esferas semânticas principais sob as quais podemos analisar a expressão *cacete-armado*. Cabe pontuar que a referida expressão não aparece nos dicionários correntes da Língua Portuguesa. Neste grupo, não consegui identificar a definição para a expressão em nenhum dos dicionários da linha normativa. Foram consultadas as versões físicas de Bechara (2011), Ferreira (2004), Ximenes (2000), Bueno (1992), Houaiss (2001) e Aulete (1980). No âmbito virtual, foram consultados os dicionários nos sites Michaelis – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, Academia Brasileira de Letras, Léxico – Dicionário de Português On-line, Aulete Digital, Infopédia – Dicionários Porto Editora, Priberam Dicionário, Dicionário Houaiss Corporativo. Nenhuma referência a expressão.

Entretanto, uma das componentes do grupo nominal – a palavra *cacete*²⁴ – aparece em todos os dicionários consultados e tal fato pode ser a razão para uma das esferas semânticas da expressão. Chama a atenção que a palavra *cacete*

²⁴ Há uma predominância nos dicionários a definição de *cacete* como madeira, pau cilíndrico, bastão a ser utilizado em diversas finalidades (BECHARA, 2011; FERREIRA, 2004; XIMENES, 2000; BUENO, 1992; HOUAIS, 2001; AULETE, 1980). Além disso, no campo das relações de informalidade, alguns dicionários apresentam expressões com o verbete, a exemplo de: baixar/descer o cacete, do *cacete*, é o *cacete*, meter o *cacete*, pra *cacete* e ser o *cacete* (AULETE DIGITAL, 2022).

aparece em muitos dicionários também como uma definição-sinônima e classificação informal de pênis (Bechara, 2011; Dicionário Houaiss Corporativo, 2022; Priberam Dicionário, 2022; Michaelis – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, 2022). Provavelmente, em *cacete-armado*, em virtude de aproximação estrutural das duas palavras que compõem o grupo nominal, ocorra uma inferência associativa no espaço cognitivo de alguns segmentos sociais, estabelecendo a primeira como núcleo, resvalando a compreensão de “obscenidade”, como fora apontado pelo colega de programa do doutorado – pênis em estado de ereção.

Por outro lado, retomando a primeira narrativa, há certa literalidade na experiência, visto que há predominância denotativa: quatro toras de madeira, armadas e cobertas por uma lona – cacetes-armados. Essa literalidade talvez seja uma espécie de gênese do grupo nominal que terminou evoluindo para uma metáfora. Nesse caminho, como já dito anteriormente, não foi possível a identificação dessa expressão em dicionários correntes.

Entretanto, *cacete-armado* aparece em alguns dicionários informais, glossários regionalistas e redes sociais. O *Dicionário de Baianês*, de Nivaldo Lariú (1991) é, talvez, o mais célebre de todos os dicionários informais de caráter regionalista. Nele, é possível encontrar milhares de termos e expressões vinculados ao falar da gente baiana. No dicionário, *cacete-armado* tem a definição de birosca, pequeno negócio mal arrumado. No *Dicionário de Termos Nordestinos* organizado por Gilberto Albuquerque (2006) a definição apresentada é de “bar ou restaurante pequeno com pouco asseio e de baixíssima qualidade” (sem paginação).

Em tempos de ampliação dos meios de difusão do conhecimento, principalmente nas últimas décadas (com amplo destaque para os meios eletrônicos e virtuais), acompanhamos o surgimento de uma série de sites com propostas enciclopédicas e/ou dicionaristas desenvolvidos e nutridos de maneira colaborativa. A finalidade maior é a disseminação de conteúdos, os mais diversos, com finalidade de dominância pública e licença livre – tudo isso alcançado através do engajamento de voluntários na imensa globalidade da internet.

É nesta senda, que se encontram várias definições de expressões corriqueiras de distintas realidades. Um exemplo disso, é o *Dicionário Informal de Português*. Nele, verbetes e expressões são definidos pelos usuários. Assim, podemos encontrar a expressão *cacete-armado* com as seguintes definições: “lugar

mambembe, improvisado, mal feito, que funciona mal , ordinário" (contribuição do próprio site); "Termo usado para se referir a um bar ou restaurante montado sem estrutura, sem asseio e comida péssima, também conhecido como "pé sujo"(contribuição de Carlos Lins – RJ); "pênis ereto, membro em estado de ereção, pau duro" (contribuição de Klaus Wirz – PA); "barzinho com mesas e cadeiras no passeio ou na rua" (contribuição de Ricardo – BA); "diz-se de briga que envolve muita gente, confusão" (contribuição de Eugênio Nascimento – SE).

Ainda na linha colaborativa em espaços virtuais, há uma comunidade no Facebook²⁵ intitulada “Baiano Fala Assim”, que consta com a participação de 25.979 integrantes. Dela, retiro a seguinte definição “quando a gente quer dizer que um lugar é uma birosca, uma zona, sujo, bagunçado, tipo caino²⁶ aos pedaços, a gente diz que esse lugar é um cacete-armado”. O interessante nesses casos é a contribuição e a participação de pessoas, aparentemente, de fora da Bahia.

Aproveitando o meu trabalho em sala de aula no IFBA-Camaçari e com o intuito de enriquecer o debate, apliquei um questionário às minhas turmas de terceiro ano do ensino médio integrado e às minhas turmas da graduação. Foi, inicialmente um questionário aberto com apenas uma questão, a saber: *Em poucas palavras diga o que entende sobre a expressão cacete-armado (pode usar sinônimo)*. Conseguí aplicar a 109 alunos, dentre os quais, 6 responderam que não sabiam e 7 entregaram em branco. As 96 respostas obtidas foram as seguintes: lugar/espaço/estabelecimento “caindo aos pedaços” (12); empresa sem planejamento (9); lugar sem estrutura (8); barraco para vender (diversas) coisas (8); lugar bagunçado (8); lugar sujo (7); restaurante improvisado (5); lugar desarrumado (5); homem excitado (5); bar improvisado (4); restaurante/bar/estabelecimento “cheio de armengue” (4); lugar “armengado” (4); estabelecimento “feito nas coxas” (4); pau ereto (4); “biboca” improvisada (3); “espelunca” (2); lugar feio com comida barata (1); pinto duro (1); briga com muita gente (1); empresa que não dá nota fiscal (1).

²⁵ Em tempos de relevância do Facebook e a título de curiosidade, encontrei uma página de uma Vila chamada Cacete Armado, no município de Paudalho, no interior de Pernambuco. <https://www.facebook.com/vilacacetearmado/> No site da Prefeitura de Paudalho, há referência a Vila Cacete Armado

<https://www.paudalho.pe.gov.br/portal/prefeitura-do-paudalho-inicia-2a-etapa-da-campanha-de-vacinacao-antirrabica-nesta-segunda-feira-29/>: Acesso em: 18/09/2023

²⁶ Replicado com a escrita original para mostrar uma das marcas linguísticas do falar baiano: o gerúndio sem o -d.

Expressões muito interessantes emergiram das respostas dos discentes que poderiam ser facilmente foco de outra pesquisa de registro informal no contexto baiano, tais como as palavras “espelunca” e “biboca” e a expressão “feito nas coxas”. Por outro lado, é interessante também a atenção à questão da formalidade do estabelecimento/empresa que fica evidente na associação do *cacete-armado* com “empresa sem planejamento” e “empresa que não dá nota fiscal”. Em síntese, dessa amostra ilustrativa com os discentes *ifbianos*, ficam nítidos dois agrupamentos que se alinham com o discutido até aqui que são a vinculação com a estrutura e o improviso e a conotação sexual. Esta última se reverbera minoritária, conforme as evidências dicionaristas e a discussão apontadas anteriormente.

A fim de adicionar mais uma amostra da forte presença da expressão no contexto baiano e a sua vinculação com o aspecto estrutural e o improviso, no ano de 2019, foi publicada uma matéria no Jornal Metro 1 (30/07/2019)²⁷. A matéria jornalística, com contorno de denúncia, teve como manchete “Bar de vereador, no estilo ‘cacete armado’, tem autorização para funcionar na Ribeira”. Na matéria, que teve muito burburinho, foi adicionada à foto a seguir:

Figura 5 – Cacete-armado no bairro da Ribeira, em Salvador



Fonte: Jornal Metro 1 – versão on-line de 30/07/2019

Como se pode ver pela imagem, trata-se de um cacete-armado, literal: sustentado por toras de madeira e coberto por lonas. Vale dizer que se depreende da matéria (também constatada pela imagem) que o lugar é muito frequentado. Fato

²⁷ Disponível em:<https://www.metro1.com.br/noticias/cidade/77610,bar-de-vereador-no-estilo-cacete-armado-tem-autorizacao-para-funcionar-na-ribeira> – Acessado em 13/10/2023

interessante é que o então secretário de Desenvolvimento e Urbanismo de Salvador, Sérgio Guanabara, afirmou que a autorização de colocação do cacete-armado no meio da via pública foi expedida pela Secretaria da Fazenda da cidade de Salvador.

Ainda no rol da ideia de improviso, Góes (2010) aponta que cacete-armado é também um prato elaborado pela querida quituteira Dadá. Segundo o autor, o prato Cacete-Armado surgiu quando um “freguês” (p. 51), em busca de alguma novidade, pediu a “Negona Dadá” (p. 51) que fizesse algo diferente para comer. “Ela preparou a comida com base em espaguete com mariscos, acrescentando uma gama de temperos e outros ingredientes” (GOÉS, 2010, p. 51). O prato que nasceu do improviso, se tornou um grande sucesso.

Não poderia deixar de dar um passeio nas ferramentas de inteligência artificial, tão debatidas na atualidade. Nesse sentido, consultei o tão famoso ChatGPT²⁸, perguntei o que significa a expressão cacete-armado e obtive a seguinte resposta:

A expressão “cacete armado²⁹” é uma gíria brasileira, uma expressão vulgar em português brasileiro que pode ser usada para expressar surpresa, incredulidade ou até mesmo irritação. Ela utiliza palavras coloquiais para transmitir uma emoção intensa ou para considerar que algo é vulgar ou ofensivo, dependendo do contexto e da audiência. Por exemplo, alguém pode dizer “Cacete armado, não acredito que isso aconteceu!” para demonstrar choque ou espanto diante de uma situação inesperada. Lembre-se de que o uso de linguagem respeitosa é sempre recomendado em comunicações formais e com pessoas que você não conhece bem. (ChatGPT, 24/08/2023)

Procurei ser mais contextual, e perguntei ao *chatbot* o que significava a mesma expressão na Bahia e obtive a seguinte resposta:

Na Bahia, assim como em outras partes do Brasil, a expressão “cacete armado” também é utilizada para transmitir surpresa, espanto ou choque de maneira enfática. É uma gíria coloquial que reflete a cultura local. No entanto, a conotação e o contexto podem variar de acordo com a região e as interações sociais. Certifique-se de usar essa expressão com cautela, pois o seu significado e a sua aceitabilidade podem ser diferentes dependendo do público e da situação (ChatGPT, 24/08/2023).

²⁸ ChatGpt 3.5 August Version, 2023 – versão livre.

²⁹ O chatbot respondeu com a expressão cacete-armado de maneira não-hifenizada.

Interessante que a inteligência artificial sempre costuma terminar suas respostas com uma recomendação ou um conselho, numa estratégia discursiva, fruto da arquitetura generativa, que faz com que a interação conversacional seja muito parecida com a humana. Para além disso, na primeira resposta, chama a atenção o fato de que o *chatbot* usa um exemplo que normalmente se emprega apenas com a palavra “cacete”, como em “Que cacete! Pensa que somos meninos de tico-tico...”, exemplo retirado do Dicionário Michaelis (24/08/2023) e “Não para de chover, cacete!” retirado do Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (24/08/2023).

O passeio dicionarista e a busca por respostas da inteligência artificial são muito interessantes, porém, é muito recomendável a ampliação dessa revisão de conceito e de uso da expressão. Destarte, penso que a literatura, que costuma nos salvar das desventuras, das desilusões e da nossa dura realidade de vida, é um bom acervo a se verificar o emprego da expressão, principalmente quando se trata de baianidade, já que alguns representantes literários têm muito apreço a coloquialismos – algo que pode contribuir para este trabalho. Assim, na seguinte seção, abordo essa perspectiva para a expressão.

2.3 A IDEIA DE CACETE-ARMADO E A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA

É possível detectar uma primeira evidência escrita de *cacete-armado* lá no início da década de 1980, do século passado. Havia que ser na literatura. Havia que ser por arte amadiana. Amado, em sua escrita para do povo para o povo, traz a coloquialidade como marca porque transita para beber e se alimentar das dinâmicas de vida das ruas, vielas e becos. É nesses espaços que ele encontra de tudo, inclusive pequenos e precários estabelecimentos. É recorrente em sua literatura narrativas ambientadas em bares, tendas, botecos, restaurantes, mercearias, bordéis. Atrevo-me a dizer que Jorge sempre observou e deu destaque ao empreendedorismo³⁰ popular, ao cacete-armado.

³⁰ Alguns empreendimentos das obras amadianas que ficaram famosos: O Bar Vesúvio do livro *Gabriela, Cravo e Canela*; O bar Lanterna dos Afogados do livro *Jubiabá*; o Restaurante Colón do livro *O Sumiço da Santa*; O armário O Barateiro do livro *A descoberta da América pelos Turcos*. Com certeza há mais exemplos de empreendimentos na vasta obra do autor. Em *Tenda Dos Milagres* há uma grande variedade de pequenos estabelecimentos por toda narrativa – barracas, bares, barbearias, lojas, armazéns, panificadoras, etc.

Especificamente, sobre *cacete-armado*, no romance Tocaia Grande (1984), Jorge Amado usa a expressão e, pelo menos aparentemente, este é o primeiro registro na literatura. Dá-se na descrição da personagem do turco Fadul Abdala, amigo do poderoso Capitão Natário. Fadul é proprietário de uma espécie de armazém, na verdade, primeiro comércio de Tocaia Grande. No lugar se vendia de tudo e o autor menciona o pequeno estabelecimento durante a narrativa por diversas vezes, sempre se referindo como um cacete-armado. Logo de cara, Amado escreve:

No cacete armado do turco — **cacete armado, como diziam os tropeiros para provocar Fadul e ouvi-lo esbravejar** —, Pergentino quis saber se o comerciante podia lhe dar notícias do paradeiro do capitão Natário da Fonseca. O administrador da Atalaia marcara-lhe encontro em Tocaia Grande (Amado, 1984, p. 97, grifo meu).

Mais adiante, o escritor baiano dá mais detalhe do cacete-armado do turco, evidenciando sua percepção que se aproxima das discussões aqui:

Nos dois primeiros dias da ausência de Fadul, nada de mais grave sucedera. Depois de descarregar os animais, tropeiros e ajudantes dirigiam-se ao “**cacete armado** do turco”. Assim diziam referindo-se à casa de negócio de Fadul, **levantada em madeira, material barato**, numa das pontas do renque de casebres de barro batido inicialmente conhecido por Caminho dos Burros, depois e durante vários anos por Rua da Frente (Amado, 1984, p. 158, grifo meu).

Nos trechos, ficam nítidas a ideia do uso da expressão como uma espécie de insulto, visto a intenção de provocar o dono de um estabelecimento precário, bem como a ideia de improvisação ao ser o estabelecimento levantado em “madeira e material barato”.

Porém, não é só isso. Jorge Amado é muito grande! Jorge Amado traz justamente a ideia de um empreendedorismo tosco, improvisado que se assemelha, por demais, com a nossa proposição. Essa ideia de vender de tudo é semelhante ao que encontramos no campo, durante nossas incursões quando das experiências etnográficas em Camaçari.

Quase uma década depois, outro baiano ilustre bebe da linguagem popular para sua escrita. Na obra ficcional “O bicho que chegou à Feira³¹”, o queridíssimo Muniz Sodré (1991) usa e abusa da expressão, empregando-a na narrativa com mais de um sentido, inclusive. Inicialmente, a expressão surge com o sentido de pequeno estabelecimento totalmente baseado no improviso e no armengue no diálogo das personagens Lúcio Aguiar e Fernando Lopes, amigos de Antão, personagem central da história. Lúcio e Fernando conversam sobre o caos no qual se encontrava o Brasil e argumentavam com seus pontos de vista:

- Que bases são estas? – indagou o engenheiro, solícito.
- A do **cacete-armado** – respondeu Fernando Lopes, em tom enfático, explicando para o engenheiro que ali na região **cacete-armado era qualquer negócio que se improvisava para ganhar dinheiro**. O sujeito chegava na festa de largo, montava um estrado com cobertura de lona, algumas latas de água, gelo, umbu, e estava pronto **o cacete-armado da garapa**. Depois, não precisava sequer limpar o local, que a prefeitura cuidava disto. Outro abria uma portinha perto da zona do comércio, arrumava em cima do balcão uns poucos pares de sapatos e alpercatas, fechava as portas nos dias de inspeção fiscal, e podia estar dando origem a sapataria regular, mas que por enquanto era só **cacete-armado do sapato** (Sodré, 1991, p. 36-37, grifo meu).

Nesse trecho, vale pontuar também o drible a fiscalização (olha o rapa!), como algo costumeiro e corriqueiro na vida de vendedores de rua que aparece como uma das etapas anteriores a uma possível formalização. Além disso, é interessante a apropriação do espaço público para a finalidade privada, aspecto que ainda vemos atualmente e se reverbera como um dos traços do empreendedorismo cacete-armado (já visto).

Nos trechos seguintes, Sodré (1991) emprega a expressão para criticar a improvisação, a falta de planejamento e o desleixo que foi a colonização portuguesa e o desenvolvimento do Brasil em comparação com outras nações:

³¹ A narrativa trata do rebuliço do golpe militar na cidade de Feira de Santana e suas reverberações. O autor tece uma crítica ao regime instaurado no país através dos augúrios do personagem central, Antão que, com seus amigos, sofre com a chegada do Capelão a cidade.

- Seja, seja – admitiu o engenheiro. – Mas o mesmo pode ser dito de quase todo país quando surge, não me parece nada exclusivo do Brasil.

- Claro, eu sei que **o fenômeno do cacete-armado tem a sua universalidade**. O problema é que já nessa época os nossos nativos achavam que **cacete-armado era civilização** (*Ibid.* p. 37, grifo meu).

- O progresso deste país foi na verdade a ampliação do cacete-armado (...) A gente pode até ler outra coisa nesses livrinhos que impingem aos meninos no colégio (...) Mas a verdadeira história deste país é a do cacete-armado. Quando me falam nesse troço de luta de classes aqui, eu dou risada, porquê **o verdadeiro motor da história no Brasil é, sim senhor, o cacete-armado** (*Ibid.* p. 38-39, grifo meu).

Não para por aí. Sodré é genial! Em outro trecho da história, o poeta Fernando Lopes segue argumentando e utiliza a expressão para esclarecer a verdade sobre o Brasil e o capitalismo tupiniquim. Extrai-se do trecho até uma intertextualidade freiriana em Sodré, do par oprimido virando opressor:

Aqui o capitalismo funciona assim: chegar, explorar, enriquecer, arrasar e partir para outra. Vejam o caso de Lulu do Boi, que se tornou o homem mais rico de Feira, arrebatando terras dos pequenos lavradores, recebendo favores dos governos, pilhando gado. Hoje se diz capitalista moderno e vive falando em transformar a cidade em zona industrial. Pois bem, **esse capitalismo de terra arrasada é a lei do cacete-armado**. Foi primeiro aplicado pelos gringos aos índios, aos negros e às pequenas populações; depois os burguesinhos nativos acostumaram-se ao sistema e passaram a aplicá-lo três por dois, com todo tipo de variação (Sodré, 1991, p. 39, grifo meu)

Já no final da narrativa, a expressão é empregada para mostrar que o protagonista Antônio finalmente comprehendeu que o golpe militar nada trazia de novidade, nada trazia de revolução ou modernidade como se supunha. Na verdade, tratava-se de um processo malfeito, malconduzido, que não obedeceu a parâmetros legais, que nada de revolucionário possuía e que na verdade representaria os interesses daqueles de sempre, dos que mandavam, “do mando”:

A modernidade pregada pelo Capelão pertencia à antiguidade dos interesses, era coisa dos mandões de sempre, os velhos udenistas, pessedistas, fosse lá quem fosse, mas sempre velhos - oxente, como essa modernidade é velha! [...] o golpe, o **cacete-armado** do mando, era o modo permanente de governo dos que se achavam escolhidos pelo destino para mandar no mundo. O rico, o político, o militar reúnem-se sim senhor, nas horas mortas, fora do olho do povo, para tramar o que lhe convém (Sodré, 1991, p.146, grifo meu).

Importantíssima a contribuição de Sodré para esta pesquisa. Vale ressaltar que, no cerne de sua obra, está a crítica ferrenha à ditadura, período nefasto da nossa história e ele faz isso no esteio da regionalidade. Poucos, no meu parco conhecimento, conseguiram tratar do assunto na perspectiva de uma cidade do interior.

O livro de crônicas “Dicionário Amoroso de Salvador” (2014), o poeta João Filho trata de *cacete-armado* em dois momentos. Inicialmente, ele explica o apreço pela improvisação que a gente da Bahia tem, fazendo uma referência às construções edificadas a partir do “desconcerto”:

Palacetes, casarões coloniais, monumentos centenários e outras edificações mais ou menos sumptuosas, são os eixos com alguma fixidez para que ele, o baiano, desenvolva, quer dizer, **edifique seu cacete armado. Estes são as construções improvisadas de qualquer espécie: casa, barraco, bar, boteco etc.** Se o exterior é reflexo do interior, logo, ser baiano é uma experiência aberta, um arranjo que se molda ao instante e dele equilibra ou desequilibra a vida inteira. Baiano não morre de depressão, mata de pirraça (Filho, 2014, p. 34, grifo meu).

Em outro momento do livro, ele desenvolve a ideia da expressão e fala em “filosofia do cacete armado”, referindo-se ao termo vinculando-o a informalidade e mais uma vez a falta de estrutura:

Quem vem a Salvador, vem para a Bahia (...) Sua beleza é irrefutável, disso ninguém duvida. O que às vezes me cansa é esse pendor ao cartão-postal (...) Salvador à revelia. **A filosofia do cacete armado. A informalidade da chuleta, a bodega, o pé-sujo sem comparações. A estrutura do desconcerto. Se for muito arrumado, não vinga. É preciso o furdunço para o baiano aprovar** (...) Salvador em si não se contém. E transborda para que possamos, apesar de tudo, amá-la" (Filho, 2014, p. 203, grifo meu).

Saindo um pouco da literatura ficcional e da poesia, vale mencionar que em artigo intitulado “Do samba de roda ao pagode baiano: um percurso de performances erótico-dançantes e de prazeres fraternal e profissional em Salvador” de Rodrigues (2020), *cacete- armado* aparece vinculado à noção de precariedade no exercício profissional:

(...) “profissionalização entre aspas”, ou seja, a necessidade sentida de melhoramento da apresentação das habilidades musicais para outros, ainda que sob condições precárias. Essa situação de auto pressão para o aprimoramento, que está na raiz da atitude profissional, associado às limitações para o aperfeiçoamento da prática e da própria conduta profissional, ganhou um termo peculiar sugestivo: **cacete armado** (Rodrigues, 2020, p. 106).

Na tese de doutorado intitulada “A cidade e a construção da baianidade sob a perspectiva de João Filho e o Dicionário Amoroso de Salvador”, Mota (2020) mobiliza postulados do poeta João Filho, supracitados, para a construção de seu trabalho. Sobre a “filosofia do cacete armado”, apontada pelo escritor, ela pontua:

O que fica evidente é o fator improvisação na vida do baiano, está aberto às mudanças, principalmente, em transformar o espaço conforme sua necessidade e vontade. O “cacete armado”, trazido no Dicionário Amoroso, refere-se à construção de casas e estabelecimentos ao redor do que é considerado histórico, sem se preocupar com a arquitetura urbana da cidade. A estrutura irregular formada pelos inúmeros “puxadinhos”, boteiros e barracos aglomerados, altera a morfologia urbana, se moldando ao momento, à vontade do sujeito, ainda que isso custe o incômodo com as autoridades governamentais (...) O que se soma à característica do baiano é a bagunça. A interpretação do narrador está em pensar que o baiano é despreocupado com os problemas, vive como uma pessoa livre, não diria sem compromisso sobre o que passa ao seu redor, mas não “esquenta a cabeça” com coisas que possam melhorar. O positivismo é um dos atributos dado ao baiano, por ser um sujeito que “dança conforme a música”, não tem medo do amanhã porque está sempre preocupado com o agora (Mota, 2020, p.162).

Todos os elementos apresentados aqui evidenciam a relevância da literatura ficcional para proposições diversas. A equivalência linear entre realidade e ficção dá suporte à identidade de um povo. A escrita literária é capaz de inscrever interseções ambivalentes de tempo e lugar (Bhabha, 1998) sob a batuta de quem escreve que, por sua vez, faz escolhas pautadas em suas experiências de vida no seio identitário ao qual pertence.

Nesse sentido, a língua, com seus variados elementos linguísticos e com suas devidas coloquialidades, permeia a paisagem imaginativa do/da autor/autora. Quando há ênfase às coloquialidades, expressões como *cacete-armado* afloram, emergem num processo natural, não planejado cuja intencionalidade, muitas vezes inconsciente, é somente o retrato fidedigno de um povo.

Nesta seção, a ideia de *cacete-armado* vinculada à improvisação e à falta de planejamento se solidifica ainda mais, algo que fortalece a abordagem para o empreendedorismo que estamos delineando

Na próxima seção, aponto algumas considerações sobre o discutido até aqui.

2.4 CONSIDERAÇÕES: O ENTENDIMENTO SOBRE A EXPRESSÃO CACETE ARMADO NO CONTEXTO DA BAIANIDADE.

Bem, a partir dos elementos apresentados, pode-se concluir que há uma esfera semântica que predomina para expressão *cacete-armado*, cujo distanciamento da conotação morfológica-sexual é notório. No contexto da baianidade, a expressão é muito mais compreendida e vinculada à minha primeira experiência, relatada no início desta seção. Sem embargo, após tudo que foi dito aqui, para concluir este tópico são importantes ainda algumas considerações sobre a expressão, pois trata-se também de uma questão linguístico-identitária.

O espaço sociopsicológico de pertença que pressupõe toda identidade é submetido a estruturas mais complexas e profundas que envolvem a capacidade rica e fluida da comunicação em cada cultura. O processo de comunicação é uma premissa inescusável de sobrevivência humana. Nesse sentido, é a língua, como expressão das estruturas cognitivas de uma dada coletividade, o meio principal pelo qual a comunicação se faz possível. Através da língua, cada um/uma é apresentado/a ao mundo, pois a língua é a casa do ser, o cordão umbilical que nos une a uma dada identidade (Bravo Utrera, 2004.). Não é um elemento a mais – é um elemento imprescindível.

Ao tratar da identidade, o escritor libanês Amin Maalouf (2009) aborda-a como identificada diretamente à língua. Afirma ele que, entre os diversos elementos que definem uma cultura “é uma identidade, citei sempre a língua, porém não insisti em que não se trata de um elemento mais. [...] E não faltam grandes argumentos para constatar que um homem pode viver sem ter uma religião, mas não sem ter uma língua” (Maalouf, 2009, p. 172-173).

Elucido, entretanto, que passa longe de mim a intenção reducionista de instrumentalização da língua, o que poderia levar a crer em uma relação neutra entre os diversos falantes e suas respectivas línguas (Calvet, 2002). Com efeito e

como adepta da sociolinguística, enfatizo que compreendo a língua como um microssistema dentro do sistema identidade e faço essa observação também como conchedora dos mecanismos de tradução, visto que a identidade não se esgota em uma língua somente. Diversos trabalhos acadêmicos já mostraram a transposição possível da identidade³² a outras línguas que não sejam a nativa de uma comunidade.

A questão relacional entre língua e identidade vem sendo muito debatida na sociolinguística, visto que a língua também atua na construção da projeção da coletividade no mundo. Dessa forma, é interessante e condição elementar a compreensão de qualquer expressão a partir de um contexto específico. Nesse sentido, é importante observar o papel da língua na construção de uma identidade nacional-cultural pelo mundo. Língua age como um organizador de código (signo), um elo entre o mundo interior de uma pessoa e o mundo externo: uma pessoa, percebendo o mundo em processo de atividade, fixa os resultados de sua cognição na língua, isso se estende ao coletivo. A relação entre identidade e língua se manifesta nos conceitos básicos inerentes a cada cultura linguística. A interpretação linguístico-cognitiva de uma língua nos permite a compreensão de como se dá (ou como se deu) a representação da consciência conceitual comunitária.

Neste ponto, cabe trazer novamente trecho do texto de Messeder (2019, p. 67-82), a saber “a expressão ‘cacete-armado’ é uma categoria nativa” (grifo meu), para fazer um adendo a esta discussão. Quando a professora atribui ao cacete-armado a classificação de categoria nativa é importante que fique claro que não se trata de abordagem distinta da linguística. Desta forma, é relevante compreender o seu lugar de antropóloga e o meu lugar, de pessoa formada na área de Letras. São posições e análises que não se excluem; se complementam na verdade.

A atenção e o estudo das categorias nativas no âmbito da antropologia e das ciências sociais encontram despertar em trabalhos de diversos autores consagrados como Durkheim e Maus (1963), Lévi-Strauss (1963) e Needham (1962). Contudo, merece amplo destaque aqui o fato de que o trabalho de Saussure encontrou

³² Os literatos cubanos HIJUELOS (1982, 1989); GARCIA (1993); e FERNANDEZ (2000), dentre outros, são exemplos de autores que trabalham o espaço sociológico de pertencimento que se vê submetido a uma interação entre o deixado atrás e o adquirido na emigração, resultando em uma ambivalência da identidade própria, que inclui a língua: A língua fonte se vê transportada a nova língua de comunicação com sua identidade inerente.

proeminência em trabalhos da antropologia (Ulmann, 1962) e a linguística estabeleceu sólido vínculo com a antropologia através do estruturalismo de Lévi-Strauss. A teoria do campo semântico foi um intento de apresentar, de maneira empírica, a percepção saussureana³³ (Ardener, 1971) de que o significado de um elemento em um sistema (a exemplo de uma expressão) dependia de sua relação com todos os outros elementos sociais.

Assim, há que se ter em mente que *cacete-armado* é uma expressão que não surge a esmo. Primeiramente, é interessante pontuar que no *ethos* baianidade existe uma espécie de veia humorística muito peculiar, ácida e muito voltada à autocrítica. Rimos de nós mesmos, de nosso jeito, de nossos costumes e crenças e de nossos males. Caricaturamo-nos com muita facilidade e em todas as situações. Isso é tão forte em nós, que inventamos um gênero teatral, o besteirol, e lotamos teatros, cinemas e demos forte audiência televisiva para vermo-nos na baianidade hiperbolizada de *Ó Paí Ó*. É muito curioso, por exemplo, ouvir uma pessoa dizer: “Lá no cacete-armado de Dona Zélia sai um sarapatel maravilhoso!” Então: jaz na expressão uma carga cômica!

Logo, pontuo que, com essa comicidade inerente, à luz da filologia e da sociolinguística, a expressão evoluiu para uma metáfora, uma categoria nativa metafórica e isso é muito interessante. É interessante e esclarecedor para os críticos da proposta de Suely Messeder (a qual tratarei a seguir), cerne teórico desde trabalho.

Certa feita, um colega doutorando disse-me que a expressão não devia ser tratada como uma metáfora, pois, em sua visão, atrelada a um paradigma clássico, a metáfora é um recurso linguístico relacionado aos grandes brados da retórica e da esfera literária e que não cabia tratar uma proposta tão vulgar (*cacete-armado*) como um recurso metafórico. Cabe-me trazer a grande contribuição de George Lakoff e Mark Johnson para os estudos linguísticos e o rompimento com tal paradigma.

Em *Metáforas da Vida Cotidiana* (2002) os autores afirmam que a metáfora está na esfera cognitiva e na formação dos conceitos dos falantes. Para além disso, pontuam que tanto a linguagem do dia a dia como a linguagem científica/acadêmica,

³³ Referência a Ferdinand de Saussure, importante linguista suíço. Em sua teorização, dentre outros pontos, propôs a separação entre a língua (*langue*) e a fala (*parole*). Suscintamente, a língua é um sistema de valores e a fala é um ato individual e está passível de influência de elementos externos.

estão repletas de metáforas resultantes de nossas experiências corpóreas com o mundo e que elas nos amparam na compreensão, expressão e representação de nossas abstrações (Lakoff; Johnson, 2002). Dizer, por exemplo, que uma universidade é um cacete-armado é reconhecer uma série de características inerentes a esta, como escassez de planejamento.

Concluo, desta forma, que cacete-armado no contexto da baianidade é uma metáfora crítica e autocrítica, cheia de graça e apreciada; muitas vezes, usada com o intento depreciativo; é uma metáfora da improvisação, da falta de planejamento; é uma metáfora da materialização do armengue, da gambiarra, do puxadinho, do meia-boca; é uma metáfora de *modus-operandi*, de jeito dado, de caminho encontrado, do “vai assim mesmo”; é uma metáfora do precário que pode ser bom, por mais estranho que isso pareça; é, dentre outras coisas, uma metáfora de vida possível, de vida desejada.

A seguir, adentro naquilo que tratamos como materialização do cacete-armado – os puxadinhos – não sem antes abordar tópicos importantes que trilham os passos para a sua ocorrência no plano físico-estrutural.

3 NA TRILHA DOS PUXADINHOS

(...) Sentado a descansar ao fim da azáfama do dia, ai estafante! Na calçada do Empório de Itaguassu – **na frente o negócio, nos fundos a moradia** –, decorridos alguns anos da cerimônia do pedido de casamento, Jamil Bichara ria estrepitosamente ao recordar os lances da transação do **armarinho**, o perigo que correra, quando aconselhado por Raduan Murad, Ibrahim Jafet lhe oferecera sociedade em *O Barateiro* (...)

(Jorge Amado, 2008, p.22, grifo nosso)

A epígrafe é uma amostra de como a literatura-ficção é algo realmente muito pautada na vida-realidade e isso se acentua com Jorge Amado. Conforme já apontado, Amado tem grande apreço por cenários descritos e/ou referenciados em pequenos estabelecimentos. No caso em questão, é interessante ele tratar de um armarinho, proposta de estabelecimento comercial muito importante e marcante na sociedade brasileira, que povoa as nossas lembranças, mas que está em vias de desaparecimento. O grande aspecto alegórico do trecho para esta seção/tese é a característica espacial do referido negócio – um puxadinho – um dos eixos centrais desta escrita.

Esta seção aqui está muito vinculada à seção anterior. Na verdade, está tudo interconectado e espero que esta interconexão esteja realmente evidente para quem se dispuser a ler este trabalho. Tratar do empreendedorismo cacete-armado, de fato, requer discussões prévias para um maior entendimento do assunto.

Desta forma, entendo que tratar de puxadinhos e da atividade empreendedora requer a abordagem, ainda que suscinta, de três assuntos que considero, na minha humilde percepção, que estejam imbricados: o direito à cidade, o direito à moradia e o fenômeno das autoconstruções³⁴. Penso os três com vinculação sólida a aspectos

³⁴ O IBGE anunciou recentemente (janeiro de 2024) que substituiu a denominação dos “Aglomerados Subnormais”, adotada pelo instituto em seus censos e pesquisas desde 1991, para a denominação *favela*. O instituto destacou que a nova denominação foi discutida amplamente com movimentos sociais, comunidade acadêmica e diversos órgãos governamentais. O IBGE esclareceu que não houve alteração no conteúdo dos critérios que estruturam a identificação e o mapeamento dessas áreas e que orientaram a coleta do Censo Demográfico 2022. Trata-se da adoção de um novo nome e da reescrita dos critérios, refletindo uma nova abordagem do instituto sobre o tema. No texto mantive o termo anterior, afim de demarcar a mudança. A partir desse ponto, usarei *favela*.

que já foram discutidos aqui como capitalismo, neoliberalismo, informalidade, desemprego, ausência do poder público, dentre outros pontos. Neste sentido, me detengo em algumas contribuições de teóricos e teóricas, estudiosos/as dos assuntos, antes de adentrar com mais especificidade no cerne do puxadinho e da atividade empreendedora.

3.1 DO DIREITO CIDADE

Milton Santos (2006) tratou não especificamente da cidade, mas de conceitos importantes e afins como território, espaço e lugar. A aparente uniformidade espacial se desmancha facilmente com enquadramentos ajustados e o auxílio de lupas que ampliam e melhoram a nossa visão – assim podemos ver que o espaço é um grande mosaico social no qual há muito movimento.

Para Santos (2006), o espaço tem certa esquizofrenia, visto que há nele lutas travadas por sobrevivências (aparentemente na abstração) e, no esteio do capitalismo, é no espaço que se dá “uma produção acelerada de pobres, excluídos, marginalizados” (Santos, 2006, p. 114). Esse pensamento sobre o espaço encontrará afinidade com outras postulações, fato a se evidenciar com o avanço da minha escrita.

Pensar no espaço, com esse caráter esquizofrênico e produtor de exclusões, nos remete a pensar a cidade, uma das maiores expressões físicas da vida em sociedade. Robert Park (1967) afirma que a cidade é algo muito importante e essencial na vida humana. Afirma ele que se trata da:

Tentativa mais bem-sucedida do homem de reconstruir o mundo em que vive o mais próximo do seu desejo. Mas, se a cidade é o mundo que o homem criou, doravante ela é o mundo onde ele está condenado a viver. Assim, indiretamente, e sem qualquer percepção clara da natureza da sua tarefa, ao construir a cidade o homem reconstruiu a si mesmo (Park, 1967, p. 3).

Talvez seja devido a essa aura de reconstrução de si mesmo, com influência da ética neoliberal de pujante individualismo possessivo e de renúncia a formas de ação coletiva (Nafstad et al., 2007), que jaz na cidade a diferença excludente, desarmônica e hierárquica potencializada pela competitividade nefasta como elementos naturalizados da vida social.

Todo espaço é político e ideológico (Lefebvre, 2008). Henri Lefebvre é dito como um dos maiores colaboradores sobre os estudos acerca do espaço urbano, havendo destaque para a sua obra “O Direito à Cidade³⁵”. Para o francês, que teve forte influência da base teórica de Karl Marx, o direito à cidade é algo inalienável e deve ser avaliado e tratado no âmbito da política, não só no âmbito da engenharia e da arquitetura.

O que se pode extrair ao ler Lefebvre é o ensinamento importante (e de fácil constatação prática!) de que o espaço urbano é recheado de encontros e desencontros, quereres e não-quereres e isso não deve ser encarado como um problema, visto que a homogeneidade é algo não humanista e não deveria ser desejado ou imposto. Para o autor, o maior problema do espaço urbano é a incontrolável industrialização sagazmente subordinada aos ditames do capitalismo que, por sua vez, produz a segregação nas cidades.

O autor francês faz uma crítica ferrenha e uma análise bem minuciosa do capital e seus efeitos na cidade. Para ele: “a cidade e a realidade urbana dependem do valor de uso. O valor de troca e a generalização da mercadoria pela industrialização tendem, ao subordiná-las a si, a destruir a cidade e a realidade urbana” (Lefebvre, 2006, p. 14).

Essa realidade do engendramento do capital causou a perda do direito à vida urbana e do direito à cidade, visto que a estratégia do Estado e de seus grandes aliados, leia-se elite econômica, capital privado e especuladores imobiliários, foi a expulsão, o banimento de trabalhadores e trabalhadoras (o proletariado, nas palavras de Lefebvre) do centro da cidade. Impressionante como algumas análises locais (no caso, Paris) são facilmente transferíveis a outras realidades mundo a fora.

Para Harvey (2005), desde o princípio, as cidades surgiram como resultado da concentração social e geográfica do produto excedente e, assim, o processo de urbanização sempre foi um fenômeno de classe, já que o excedente é extraído de algum lugar e de alguém, enquanto o controle sobre sua distribuição repousa em umas poucas mãos. A cidade é essencialmente excludente! Ele afirma que o neoliberalismo, dentre outras coisas, criou um novo sistema de governança integrante do Estado e dos interesses corporativos.

³⁵ Publicada inicialmente no ano de 1968.

Através do poder monetário, ele assegurou que a disposição do excedente através do aparato estatal beneficiasse o capital corporativo e as classes superiores na moldagem do processo urbano. Progressivamente, aponta Harvey (2008, p. 86) que: “o direito à cidade cair em mãos privadas ou interesses quase privados” (p. 86). Para o autor, a fim do alcance do pleno exercício do direito à cidade, uma vez que compreendamos que o processo urbano é o principal canal de utilização do excedente, é importante o estabelecimento de uma organização democrática para o pleno e amplo desfrute da mesma.

Para Rolnik (2007), a realidade brasileira se assenta nessas mesmas bases descritas nos parágrafos anteriores. Para a autora, as nossas regras de ocupação do solo foram feitas por poucos, para poucos, dialogando com o modo de organização econômico-cultural das classes médias e altas, ignorando a maior parte da população da cidade. A professora Raquel Rolnik faz uma crítica severa às escolas de arquitetura dos anos 1990, bem no auge da implementação das políticas neoliberais no país, conforme já mostrado aqui. Afirma ela:

(...) arquitetura fragmentada e excludente... E as escolas de arquitetura embarcaram nessa viagem. Teve uma onda perversa nos anos 1990. A cidade sumiu das escolas de arquitetura. Não havia mais reflexão sobre a cidade, só sobre edifícios e projetos. Abandonamos a ideia de universalidade, da cidade como espaço coletivo para todos, em nome de projetos urbanos isolados (Rolnik, 2007 p. 29).

A crítica da professora mostra o impacto do individualismo neoliberal no âmbito acadêmico e nos faz refletir sobre o papel da academia para a justiça social. Parece que a falta de criticidade nos domina e nos silencia, em silêncio... o silêncio dos bons...efeito manada (in)conveniente.

Interessante é a visão da pesquisadora Maricato (2000), que fala também sobre a realidade brasileira, e ela se torna muito ilustrativa de tudo que vem sendo discutido até aqui (incluindo a seção anterior). Para a pesquisadora, “a cidade é, em grande parte, reprodução da força de trabalho. Desde sempre, essa reprodução, entre nós, não se deu totalmente pelas vias formais e sim pelos expedientes de subsistência” (Maricato, 2000, p. 155). Extraí-se desse pensamento, a evidente conclusão de que se temos um alto grau de informalidade nas relações de trabalho,

temos também um alto grau de informalidade naquilo que tange os aspectos da vida na cidade, incluindo aí as moradias.

A professora Ermínia Maricato traz conceitos interessantes como o da “não cidade” ou cidade dos excluídos ou favelados (*Ibid*, p.165); “cidade formal” ou “cidade oficial” às quais “se aplica a legislação urbanística” e onde “os serviços de manutenção das áreas públicas, da pavimentação, da iluminação e do paisagismo, são eficazes” (*Ibid*, p. 165); e a “cidade ilegal” para a qual “não há planos, nem ordem. Aliás, ela não é conhecida em suas dimensões e características. Trata-se de uma lugar fora das ideias” (*Ibid*, p. 122).

Pode-se concluir, destarte, que a cidade é uma representação (que possui um papel econômico vinculado à geração e à captação da renda imobiliária) e uma construção ideológica ardilosa que torna o exercício da cidadania um privilégio e não um direito universal (Maricato, 2000).

Essas palavras sobre o direito à cidade são muito elucidativas para compreendermos a amplitude dos processos de exclusão social aos quais vidas vulneráveis estão submetidas. A cidade se revela como um espaço de cisões entre aquelas pessoas que podem e usufruem de direitos e vantagens e entre aquelas que apenas lutam por sobrevivência. O tópico de discussão da próxima seção tem aderência natural, quase que automática a esta discussão.

3.2 DO DIREITO À MORADIA

Veremos a partir daqui, conforme apontei anteriormente, alguns pontos sobre o direito à moradia e faço uma importante observação no que tange a cronologia. São assuntos inerentes, afins e de mesmo campo de conhecimento. Seguindo uma lógica dedutiva, tentei partir do aspecto mais geral para ir afunilando. Alerto, porém, que isso não implica uma linha cronológica, como alguém poderia imaginar. Dito! Sigo!

O direito à moradia tem literatura antiga, fruto do entendimento social de que o assunto é, de fato, muito importante. Há um apontamento na literatura a Friedrich Engels como um dos primeiros estudiosos do assunto. Melo (2015) assinala a engenhosidade do autor que analisou os diversos fatores econômicos na composição do aluguel, em que se pode observar o capital original empregado nos

custos de construção e de manutenção, o benefício do capital original investido em residências, o pagamento escalonado dos juros ao capital e os lucros, os valores do campo e o possível aumento, dependendo da localização do terreno, ou seja, a renda da terra.

Foi um trabalho exaustivo que incluiu também a relação entre a oferta e a procura de habitação, o aluguel não pago, o período em que as instalações permanecem vagas, o custo do desgaste inevitável de construção. Ao considerar todos estes elementos, verificou que a relação entre o custo inicial de habitação e o valor pago pelo aluguel não é uma operação completamente arbitrária (Engels apud Melo, 2015). Para Engels (s/d), a crise de habitação:

É um produto necessário da ordem social burguesa; que não poderia existir sem a crise de habitação uma sociedade na qual a grande massa trabalhadora não pode contar senão com um salário e, portanto, exclusivamente com a soma de meios indispensáveis para a sua existência e para a reprodução de sua espécie; uma sociedade onde os aperfeiçoamentos da maquinaria etc. lançam constantemente massas de operários para fora da produção; onde o retorno regular de violentas flutuações industriais condiciona, por um lado, a existência de um grande exército de reserva de operários desocupados e, por outro lado, lança à rua, periodicamente, grandes massas de operários sem trabalho; onde os operários se amontoam nas grandes cidades e, na verdade muito mais rapidamente do que nas presentes circunstâncias, são construídas moradias para eles, de sorte que podem sempre encontrar-se na situação de arrendatários da mais infecta das pociegas; por fim, uma sociedade na qual o proprietário de uma tem, na sua qualidade de capitalista, não somente o direito, mas também, em certa medida, até o dever de exigir sem consideração os aluguéis mais elevados. Em semelhante sociedade, a crise de moradia não é de modo algum um fenômeno causal; é uma instituição necessária, onde não poderá desaparecer, com suas repercussões sobre a saúde etc., senão quando toda a ordem social que a fez nascer seja transformada pela raiz (Engels, s/d, p. 137 apud Melo, 2015).

Fica evidente que a relação de irmandade entre a questão do trabalho e do direito à moradia. Extraímos de Engels que, na fase do nascimento do sistema capitalista, constatou-se a miséria habitacional de trabalhadores e trabalhadoras, fruto da grande indústria, evidenciando a forma de produção de capital assentada no empobrecimento absoluto da classe. Devem-se destacar as diversas formas de pauperismo em termos absolutos impostas pela burguesia ao operariado (Melo, 2015), estas persistentes na contemporaneidade.

Marx (1988 apud Melo, 2015) também se dedicou a tratar do assunto (como não?):

Quanto mais rápido se acumula o capital numa cidade industrial ou comercial, tanto mais rápido o afluxo do material humano explorável e tanto mais miseráveis as moradias improvisadas dos trabalhadores. Observa-se, assim, que, a despeito do crescimento capitalista, ocorreu a produção do pauperismo no espaço urbano em relação à moradia dos populares, visto que o avanço da construção das novas casas é muito vagaroso, o dos negócios, muito rápido (Marx, 1988, p. 213).

A obra literária de Aluísio Azevedo, já tratada aqui, cujo trecho está epigrafado no início é uma ilustração das pesquisas tanto de Engels quanto de Marx. A exportação da vida precária de trabalhadores que viviam em cortiços europeus teve grande êxito planetário e foi sucesso no Brasil, ainda que nós tenhamos experimentado uma industrialização tardia. Desfortúnio nosso é a constatação de que, não só a obra dita fictícia teve lastro na realidade, conforme já apontado nesta tese, mas também saber que persiste em nossa realidade condições inumanas de habitabilidade.

Em termos históricos, um intento de romper com essa lógica pode ser percebido com o aparente avanço das discussões sobre direitos e garantias individuais e sociais (no rastro do pós Segunda Grande Guerra), principalmente na esfera do que se convencionou como dignidade humana, e das conquistas da luta sindical que sofreram *spread* mundo a fora. Tais fatos trouxeram, dentre outros pontos, o direito à moradia³⁶ digna como elemento integrante dos estados democráticos de direito.

Entretanto, as forças econômico-hegemônicas estão sempre um passo à frente e tiram vantagem de tudo. Com a promoção da “vulgarização da casa própria” (Havey, 1982, p.13) inculcada nas mentes desejasas e consumidoras de trabalhadores e trabalhadoras como um sonho a ser alcançado, a classe capitalista ganha com a promoção da ética do “individualismo possessivo” (p.13) e consegue a fidelização de pelo menos uma parte que lhe é interessante da força de trabalho. Segundo Harvey (1982, p. 13):

³⁶ O Artigo 6º da Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 1988, fala o seguinte: “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a **moradia**, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (grifo nosso).

A aparente entrada dos trabalhadores nas formas menores de propriedade de habitações é, na realidade, em grande parte, seu exato oposto: a penetração do capital-dinheiro numa posição de controle, dentro do fundo de consumo. O capital financeiro não controla somente a disponibilidade e a taxa de novos investimentos em habitação; controla também o trabalhador através de crônicas obstruções por dívidas. Um trabalhador hipotecado até o pescoço é, na maioria dos casos, um bastião da estabilidade social e os esquemas para promover a casa própria para a classe trabalhadora há muito tempo que reconheceram este fato básico.

Como se pode concluir, as forças hegemônicas e a sagacidade por dominação não brincam. Para Harvey (1982), o trabalhador (hipotecado ou não) passa a ter que travar duas lutas: a primeira, localizada no local de trabalho, refere-se às condições de trabalho e à taxa de salário que oferece poder aquisitivo para bens de consumo; a segunda luta é a travada no local de viver que é contra formas secundárias de exploração e apropriação representadas pelo capital mercantil e propriedade fundiária.

Resulta, pois, “que o capital domina o trabalho não só no local de trabalho, mas também no espaço de viver, através da definição da qualidade e dos padrões de vida da força de trabalho” (Harvey, 1982 p. 20). O capital dita o que o trabalho poderá prover (ou não) como habitação, de maneira altamente restritiva visto que “o custo da reprodução da força de trabalho não inclui o custo da mercadoria habitação, fixado pelo mercado privado” (Maricato, 2000, p. 155), pelo capital financeiro.

A grande questão é que, muitas vezes, essa exclusão do custo da mercadoria habitação leva a condições de moradia altamente precárias, em total desacordo com proposições de regulação internacional. Gandolfi (2015) alude que o direito à moradia adequada é assunto de interesse internacional e, de acordo com o Escritório do Alto Comissariado de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU), envolve, além da provisão das unidades habitacionais, vários elementos-chave que em grande parte dependem da atuação do Estado.

Regina Gandolfi menciona em seu texto uma página específica da ONU, denominada *The Right to Adequate Housing Toolkit* que me chamou atenção. Fui buscar o documento em sua íntegra que é denominado *The Right to Adequate*

*Housing*³⁷ (Direito à Moradia Adequada, em tradução livre) e transcrevo algumas prerrogativas trazidas pelo documento:

A habitação adequada deve fornecer mais de quatro paredes e um telhado. Uma série de condições devem ser atendidas antes que formas particulares de abrigo possam ser consideradas como “habitação adequada”. Esses elementos são tão fundamentais quanto a oferta básica e a disponibilidade de moradia. Para que a moradia seja adequada, ela deve, no mínimo, atender aos seguintes critérios:

- a) Segurança da posse: a moradia não é adequada se seus ocupantes não tiverem um grau de segurança da posse que garanta proteção legal contra despejos forçados, assédio e outras ameaças.
- b) Disponibilidade de serviços, materiais, instalações e infraestrutura: a habitação não é adequada se seus ocupantes não tiverem água potável, saneamento adequado, energia para cozinhar, aquecimento, iluminação, armazenamento de alimentos ou descarte de lixo.
- c) Acessibilidade: a habitação não é adequada se o seu custo ameaça ou compromete o gozo dos ocupantes de outros direitos humanos.
- d) Habitabilidade: a habitação não é adequada se não garantir a segurança física ou o espaço adequado, bem como a proteção contra o frio, a humidade, o calor, a chuva, o vento, outras ameaças à saúde e riscos estruturais.
- e) Acessibilidade: a habitação não é adequada se as necessidades específicas dos grupos desfavorecidos e marginalizados não forem consideradas.
- f) Localização: a moradia não é adequada se estiver isolada de oportunidades de emprego, serviços de saúde, escolas, creches e outros equipamentos sociais, ou se estiver localizada em áreas poluídas ou perigosas.
- g) Adequação cultural: a habitação não é adequada se não respeita e leva em conta a expressão da identidade cultural (ONU, 2014, tradução livre)

Infelizmente, no que diz respeito à realidade brasileira, essas prerrogativas

³⁷ Disponível em: <https://www.ohchr.org/en/special-procedures/sr-housing/resources-and-publications>. Acessado em: 03/04/2022.

O documento é muito importante. Porém, além de o direito à moradia/habitação já constar na Constituição da República desde 1988, o registro de atenção internacional ao direito à moradia/habitação é datado de 1948 na Declaração Universal dos Direitos Humanos. O artigo 25, inciso 1 da Declaração afirma que: Todo ser humano tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e à sua família saúde, bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis e direito à segurança em caso de desemprego, doença invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle. Além disso, Doebbler (2004) apontou em seu trabalho que o direito à moradia também foi reconhecido em muitos documentos de direitos humanos relacionados a certas categorias de pessoas. As disposições mais fundamentais a esse respeito podem ser encontradas nos textos das convenções internacionais sobre refugiados, trabalhadores migrantes, crianças, mulheres, povos indígenas, pessoas com deficiência, bem como na convenção sobre a proibição da discriminação racial. Ver: DOEBBLER, C. International Human Rights Law. Cases and materials. London: CD Publishing, 2004.

estão situadas na esfera do desejo – são prerrogativas de gaveta que passam longe das práticas e políticas governamentais. As moradias brasileiras da classe mais pobre são problemáticas, principalmente nos quesitos **a** e **d** das prerrogativas supracitadas. O IBGE aponta alguns relatos de problemas estruturais em muitos domicílios brasileiros:

Tabela 1– Pessoas residentes em domicílios com existência, conforme avaliação da família, de problemas no domicílio (%) – Brasil

Pessoas residentes em domicílios com existência, conforme avaliação da família, de problemas no domicílio (%)

Local/região	Pouco espaço	Casa escura, com pouca iluminação natural	Telhado com goteira	Fundações, paredes ou chão úmidos.	Madeira das janelas, portas ou assoalhos deteriorados
Brasil	33,2	23,2	28,3	30,2	23,3
Áreas urbanas dos municípios das capitais e das regiões metropolitanas das capitais	34,5	24,7	25,9	31,5	20,4
Nordeste	37,1	26,5	37,5	36,7	29,3
Bahia	38,5	23,8	34,9	34,6	27,9
Áreas urbanas da região metropolitana de Salvador	36,1	22,2	23,0	26,9	16,4

Fonte: Dados do IBGE. Período 2017-2018. Elaboração Própria.

Ainda sobre a não-inclusão da mercadoria habitação, é importante destacar que tal fato atinge também as moradias alugadas pela massa trabalhadora que sofre duras penas para o pagamento de aluguéis cujos valores consomem boa parte do que recebe como salário. Relevante mencionar que o pagamento de aluguéis pela classe trabalhadora também foi foco de atenção de Engels (2008). Em seus estudos,

verificou o abuso praticado por locadores burgueses ao proletariado em condições miseráveis de vida.

Avançando no tempo, Davis (2006) publicou um interessante trabalho no qual ele aborda a questão da locação em periferias de grandes cidades latino-americanas e de outras partes do mundo, tendo como foco a realidade das favelas. O professor californiano assinala que, na verdade, há uma espécie de hierarquia no flagelo social da pobreza – há pobres com mais recursos, pobres mais pobres ainda e os mais pobres de todos. Os *pobres com mais recursos* tem a possibilidade de comprar terras no mercado informal e, por outro lado, os *pobres mais pobres ainda* precisam invadir terras públicas. Porém, os *mais pobres de todos* na hierarquia (ou escala) necessitam alugar daqueles que invadem terras públicas. Para Davis (2006, p. 52):

A locação, na verdade, é uma relação social fundamental e decisiva na vida favelada do mundo todo. É o principal modo para os pobres urbanos gerarem renda com seu próprio patrimônio (formal ou informal), mas, com frequência, numa relação de exploração de pessoas ainda mais pobres. A mercadorização da habitação informal incluiu o crescimento rápido de distintos subsetores da locação: construção entre as casas de favelas mais antigas ou prédios multifamiliares em loteamentos clandestinos.

Sobre essa informalidade da hierarquia social da pobreza, é interessante mencionar que, no que tange a realidade brasileira, ela também se reflete no aspecto contratual ou, melhor dizendo, na ausência de contrato de locação – uma informalidade total e irrestrita:

Tabela 2 – Residentes em domicílios alugados (%) – Brasil

Local/região	Residentes em domicílios alugados
	Residentes em domicílios alugados com contratos verbais de locação (%)
Brasil	51,4
Áreas urbanas dos municípios das capitais e das regiões metropolitanas das capitais	44,8
Nordeste	64,2
Bahia	56,9
Áreas urbanas da região metropolitana de Salvador	41,5

Fonte: Dados do IBGE. Período 2017-2018. Elaboração Própria.

Ermínia Maricato (2000) afirma que trabalhadores e trabalhadoras, mesmo muitos daqueles regularmente empregados/as por grandes empresas, não ganham o suficiente para pagar o preço da moradia fixado pelo chamado mercado formal (seja própria ou alugada). “A situação é frequentemente mais precária em se tratando de relações de trabalho também precárias” (Maricato, 2000, p. 155), nas quais o acesso ao financiamento é quase impossível. Afirma ela:

No Brasil, onde jamais o salário foi regulado pelo preço da moradia, mesmo no período desenvolvimentista, a favela ou o lote ilegal combinado à autoconstrução foram partes integrantes do crescimento urbano sob a égide da industrialização. O consumo da mercadoria *habitação* se deu, portanto, em grande parte, fora do mercado marcado pelas relações capitalistas de produção (Maricato, 2000, p. 155).

Se os salários não cobrem os custos da habitação de acordo com as leis do mercado imobiliário privado e se as políticas oficiais estatais direcionam os investimentos ou sua produção para as camadas restritas da sociedade, aquelas que têm poder aquisitivo mais alto, a população trabalhadora é obrigada a recorrer para seus próprios recursos a fim de suprir essas necessidades de habitação, repetindo tradicionais hábitos rurais (Maricato, 1979), a saber: a construção da própria casa. É disso que tratao a seguir.

3.3 O FENÔMENO DAS AUTOCONSTRUÇÕES³⁸

A decisão da construção da propria casa é decorrência daquilo que o Estado³⁹ não foi capaz de prover ou, à luz neoliberal, não teve interesse em fazê-lo. Além disso, conforme sinaliza Sá (2009), o mercado não tem muito interesse na oferta de construção de moradia para populaçõeses de baixa renda. Como tudo que está sendo discutido está entrelaçado, a autoconstrução é evidentemente impulsionada, também, pelos baixos salários e pelo desemprego da classe trabalhadora.

³⁸ É importante ressaltar que nem todo puxadinho é necessariamente uma autoconstrução nos moldes a serem discutidos aqui.

³⁹ É possível elencar algumas iniciativas de políticas estatais de habitação no Brasil ao longo da história. Porém, a própria história mostra a notada escassez dessa políticas.

Apesar do descaso estatal resultante do modelo neoliberal predominante em âmbito mundial, o modelo autoconstrução já experimentou um caráter de política pública em distintas realidades do mundo, ao longo do século XX. São notados, por exemplo, o incentivo e o financiamento público da autoconstrução nos Estados Unidos, algo constatado, romanticamente, como pano de fundo em distintas narrativas da indústria cinematográfica hollywoodiana – a cena prosaica da casa de madeira sendo literalmente levantada pelos braços da família é recorrente na filmografia estadounidense.

Harris (1999) publicou um interessante artigo sobre o assunto e nele chama atenção sobre o equívoco de se pensar que a política da autoconstrução surgiu em nações periféricas e subdesenvolvidas, destacando que, na verdade, se iniciou na Europa⁴⁰, se tornou muito forte nos Estados Unidos (que levou para Porto Rico), se estendendo a diversas nações caribenhas. Logo, alcançou nações latino-americanas como Peru e Colômbia, colônias e ex-colônias britânicas, países africanos como Quênia e África do Sul, chegando também a Índia. Nas palavras de Harris (1999, p. 282):

(...) na Europa, a autoconstrução surgiu como uma resposta pragmática e não teorizada a problemas de habitação escassez e agitação política após a Primeira Guerra Mundial. Em níveis nacionais e locais, tomou formas muito variadas. Na década de 1930, no entanto, foi incorporada de uma maneira bastante mais padronizada nas políticas de propriedade tanto na Europa quanto nos EUA. Foi nos anos imediatos do pós-guerra que ela se tornou mais difundida, alcançando uma proeminência no debate público que não havia antes (tradução livre).

É muito interessante o artigo do professor Richard Harris porque ele traz aspectos e experiências europeias motivadoras de alguma espécie de política pública naquilo que tange às autoconstruções – tais experiências nos parecem bem familiares.

Na Grã-Bretanha, aponta o autor, no primeiro terço do século XX, muitos milhares de famílias construíram casas e chalés para si em terrenos irregulares. Assim como muita gente pobre e vulnerável aqui no Brasil sofre com os interesses escusos ao construírem suas moradias e muitas vezes são expulsos e/ou tem seus barracos derrubados, essas famílias britânicas sofreram ataques de críticos que

⁴⁰ Em seu artigo, Harris (1999) destaca como política de autoconstrução governamental, em âmbito nacional, o caso da Alemanha e, em âmbito municipal, o caso de Viena e Estocolmo.

argumentaram que os terrenos eram insalubres e uma praga estética nas paisagens rurais e suburbanas. Todos os esforços foram feitos para evitar novos desenvolvimentos desse tipo e, eventualmente, remover e desenvolver novamente aqueles que já haviam crescido.

Ainda reporto outro exemplo citado por Harris (1999), que muito se assemelha à nossa realidade. Refere ele que durante a década de 1920, muitos milhares de trabalhadores franceses construíram casas modestas para si mesmos, sendo sua maior concentração em loteamentos que ficavam além dos limites da cidade de Paris, no Departamento do Sena. À medida que seus números cresciam, também cresciam os problemas do desenvolvimento desregulado. Semelhança qualquer, mera coincidência não é!

O arquiteto inglês John Turner (1963) é tido como o maior defensor da prática da autoconstrução capitaneada pelo Estado. Ele também é tido como influenciador de diversos autores e de diversos programas de habitação, em distintos países, incluindo a América Latina⁴¹. Para Harris (1999), Turner teve grande mérito ao elaborar um corpo teórico sobre a habitação, incluindo a autoconstrução, no qual o Estado destinava especial atenção ao provimento habitacional para a população de baixa renda.

Assim, sob influência de Turner, foi perceptível que programas e projetos amparados na autoconstrução e em projetos estatais de construção para essa faixa da população, foram alçados a meta prioritária de diversos governos mundo a fora. Para Turner, era necessária uma mudança profunda na relação entre as pessoas e o governo a fim de que este deixasse de persistir em fazer o que faz mal ou de forma pouco econômica (construir e gerenciar casas) e passasse a focar naquilo que tem autoridade para fazer: garantir o acesso equitativo aos recursos que as comunidades locais e as pessoas não podem prover para si (Turner, 1963). Nesse sentido, afirmava ele:

Os recursos do governo, mesmo com o máximo de créditos externos, são bastante insuficientes para o financiamento direto de todas as obras habitacionais necessárias; mas não estão sujeitos aos mesmos riscos e demandas que o capital privado, e muitas vezes podem ser usados como capital “semente” para algum projeto habitacional, bem como para financiar a assistência técnica

⁴¹ Turner deu especial atenção a realidade peruana, sobre a qual fez sólido trabalho.

necessária. Além disso, o governo tem acesso ao conhecimento e meios de comunicá-lo a quem dele necessita; e, finalmente, o governo é o poder legislativo capaz de dirigir e, em maior ou menor grau, fazer cumprir a disposição e uso da terra e dos recursos nacionais (Turner, 1963 apud Hupaya; Grappi, 2017 – tradução livre⁴²).

Segundo Lima (2005), Turner teve muita ressonância. Suas ideias disseminaram-se e exerceiram forte impacto nos organismos internacionais de financiamento, tornando-se requisito para a concessão de recursos nos programas alternativos do Banco Mundial-BM e do Banco Interamericano de Desenvolvimento-BID. Ao serem apropriadas pelo Banco Mundial, a proposta da autoconstrução assumiu uma conotação de redução dos custos da moradia para os pobres dos países periféricos.

No Brasil, concorreram para a estruturação dos programas alternativos de habitação popular os quais foram formulados pelo Banco Nacional de Habitação (BNH), em execução a partir da década de 1970, quando a autoconstrução é introduzida como forma de acesso à habitação por intermédio de política pública (Lima, 2005).

Turner recebeu muitas críticas. No Brasil, ao se posicionar sobre a proposta, Oliveira (2006, p. 59) afirma que:

Uma não insignificante porcentagem das residências das classes trabalhadoras foi construída pelos próprios proprietários, utilizando dias de folga, fins de semana e formas de cooperação como o ‘mutirão’. Ora, a habitação, bem resultante dessa operação, se produz por trabalho não pago, isto é, supertrabalho.

Além de Francisco de Oliveira, Ferreira (2020) aponta autores que teceram críticas à proposta de Turner como Rod Burgess, Mike Davis, Emilio Pradilla e Sérgio Ferro. Segundo a pesquisadora, esses autores evidenciaram contradições e limitações constantes na abordagem da institucionalização da autoconstrução, ressaltando que num contexto capitalista, essa prática representaria um mecanismo injusto do governo para economizar custos à base do sacrifício das famílias pobres, inferindo um caráter exploratório sobre o trabalhador que precisa fazer horas extras

⁴² Os autores citam o texto original de Turner, em inglês.

de trabalho (não remuneradas) para ter acesso ao serviço de habitação.

Por outro lado, ela se refere ainda a outro grupo de autores como Nabil Bonduki, Ermínia Maricato, João Marcos Lopes, Peter Marcuse, Erhard Berner, Benedict Phillips, Jorge Fiori, Ronaldo Ramirez e Kosta Mathéy que apoiam as políticas que se utilizam da autoconstrução, porém apontam ressalvas. Segundo Ferreira (2020, p. 56), estes “consideram a questão habitacional como um problema macroestrutural, mas identificam no modelo de autoconstrução institucionalizada um meio possível para redistribuição de riqueza”.

Pois bem. Depreendo das postulações de Turner (em voga, principalmente, em algumas realidades na década de 70) forte influência keynesiana e nos princípios do *welfare state* que resistiam, em respiros ofegantes, num contexto mundial que já começava a ser impactado pelo acirramento das políticas neoliberais, conforme já foi mostrado em seções anteriores.

É fundamental observar esse aspecto, visto que, a partir da década de 90, a intensificação de políticas de diminuição da participação do Estado resvalou em uma série de encerramentos de propostas, programas e órgãos específicos que tinham a habitação popular como meta e, consequentemente, o da autoconstrução como política pública.

Nesse contexto, a autoconstrução adquire um novo caráter de ação individual e se torna ferramenta de luta pelo alcance de um direito que é negado a massa popular. A partir da onda neoliberal nefasta e da consequente expansão dos movimentos excludentes, a produção das moradias passa a se apresentar como um “campo de conflito entre distintos agentes sociais que disputam a produção e a apropriação da cidade, defendendo seus interesses” (Ferreira, 2020, p. 62), quase sempre irremediáveis e contraditórios. Noções de mutirão, autogestão e autoconstrução passam a ser práticas e objetos de disputa no segmento habitacional.

Nesse sentido, percebe-se uma espécie de virada conceitual no que se entende como autoconstrução. Largados a esmo e a cargo de suas próprias vivências, vulnerabilizadas por salários baixos e desemprego, a despeito das conquistas do suposto Estado de Direito, trabalhadores e trabalhadoras veem na autoconstrução única saída para moradia própria.

Observa-se que se configura como forma de supressão do aluguel da moradia, que tem peso expressivo para uma população com renda deprimida, e de criação de condições de habitação para a família de modo a permitir-lhe estabilidade e segurança (Lima, 2005). Ela passa a representar mais uma luta no contexto do neoliberalismo – este que adora, se apega e impõe uma vida de *autos*. Está tudo muito conectado, numa cadeia de precariedades: “(...) as contradições entre crescimento e pobreza, acumulação e miséria, modernidade e exclusão ficam mais patentes nos modos utilizados pela população trabalhadora e sem salário para promover a moradia” (Maricato, 1995, p. 4).

Na realidade brasileira, as autoconstruções estão maioritariamente situadas em zonas periféricas, visto que a população mais pobre é empurrada para esses locais, ou nas chamadas favelas. Segundo o IBGE (2010), uma favela⁴³ é um conjunto composto por 51 unidades habitacionais (barracos, casas...) carentes de serviços públicos essenciais que ocupam terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estão dispostas, em geral, de forma desordenada e densa, situando-se no sítio urbano ou rural do tipo extensão urbana.

Independente da localização, quer seja na zona periférica quer seja num movimento *pop up* do tipo favela, as autoconstruções no Brasil são muito presentes nas distintas paisagens, a ponto de ser muito difícil localizar dados e informações estatísticas oficiais a respeito. Contudo, fabricantes e comerciantes de materiais de construção já perceberam o peso da autoconstrução nos seus negócios, que superam o consumo relacionado com o setor imobiliário formal (Gandolfi, 2015). Os dados sobre a informalidade na indústria da construção apontam para algo em torno da metade da produção de habitação construída sem nenhuma regularização técnica ou legal, com grande parte atuando em autoconstrução.

Mais pista estatística se pode tirar ainda da pesquisa de Regina Gandolfi, pois segundo a autora, uma pesquisa encomendada pela associação empresarial dos fabricantes de material de construção – ABRAMAT⁴⁴ – junto a diversas fontes (PNAD, CAIXA, Banco Central, Ministério das Cidades, e empresas do setor)

⁴³ As favelas podem se enquadrar, observados os critérios de padrões de urbanização e/ou de precariedade de serviços públicos essenciais, nas seguintes categorias: a) invasão; b) loteamento irregular ou clandestino; e c) áreas invadidas e loteamentos irregulares e clandestinos regularizados em período recente (IBGE, 2010).

⁴⁴ Associação Brasileira da Indústria de Materiais de Construção.

concluiu que a autoconstrução representava 77% da produção de novas unidades habitacionais no país, no ano de 2001.

Além disso, 92% do total produzido eram autofinanciados, e apenas 6,8% contavam com apoio público para serem produzida. Evidentemente, que nem todos esses números se referem à autoconstrução promovida pela população de baixa renda, e menos ainda nos assentamentos informais (Gandolfi, 2015), ante a dificuldade de coleta de números mais precisos. Porém, nos dão indícios da magnitude do modelo autoconstrução no país.

A figura a seguir foi retirada do material produzido pela ABRAMAT e é bastante ilustrativo para a discussão aqui:

Figura 6 – Segmentação da Construção Habitacional (dados de 2001)

Segmentação da Construção Habitacional ⁽¹⁾		
	Construção Auto-Gerida	Construção Via Construtora
Auto-Financiamento	R\$ 48 Bi (62%) 700 mil U.H. ⁽²⁾ (64%)	R\$ 22 Bi (30%) 100 mil U.H. (9%)
Financiamento Privado	R\$ 0,7 Bi (0,9%) 20 mil U.H. ⁽²⁾ (2%)	R\$ 0,4 Bi (0,5%) 50 mil U.H. (5%)
Financiamento Governamental	R\$ 3 Bi (4,1%) 130 mil U.H. ⁽²⁾ (12%)	R\$ 2 Bi (2,7%) 100 mil U.H. (9%)
		R\$ 5 Bi (6,8%) 230 mil U.H. (21%)
		R\$ 52 Bi (67%) 850 mil U.H. ⁽²⁾ (77%)
		R\$ 24 Bi (33%) 250 mil U.H. (23%)

(1) Estão excluídas as “Obras de Arte”, Construção Pesada e Obras Industriais e Obras de Infraestrutura
(2) O número de Unidades Habitacionais (U.H.) não contempla as reformas em unidades pré-existentes

Fonte: PNAD; Bacen; Caixa; Ministério das Cidades; CBIC; Prospectividade Tecnológica; PINI; base 2001

Fonte: (Abramat, 2003 apud Gandolfi, 2015)

Apesar do prefixo *auto*, não necessariamente significa que proprietários e proprietárias produzem pessoalmente ou sozinhos/as suas moradias. Bonduki (2017) afirma que essa imagem de que a mão de obra é do próprio/a morador/a ou da sua família é um pouco romântica. Afirma ele que, na verdade, os arranjos da autoconstrução:

Envolvem contratação de pedreiros avulsos e de algum tipo de apoio de mão de obra especializada. Ou seja, existe um arranjo de mão de obra para o processo de produção. Neste contexto, há uma ideia de empreendimento com um conjunto de atores e fatores que atuam neste processo de produção da unidade habitacional (Bonduki, 2017⁴⁵).

Ou seja, o proprietário ou a proprietária gerencia o processo, pois adquire ou ocupa o terreno, traça uma espécie de esquema de construção sem nenhum apoio técnico, busca obtenção dos materiais necessários, agencia a mão de obra, gratuita ou remunerada de maneira informal, e constroi a sua casa (Bonduki, 1994). A despeito dessa afirmação de Bonduki, não é incomum que, nos casos de mutirão, proprietários e proprietárias participem de alguma forma, contribuindo integralmente ou participando de etapas, da construção de suas casas. Essa ideia de contribuição, de cooperação e mutualidade é também apontada por Maricato (1979, p. 71) ao destacar que:

A autoconstrução, o mutirão, a auto-ajuda, a ajuda mútua são termos usados para designar um processo de trabalho calcado na cooperação entre as pessoas, na troca de favores, nos compromissos familiares, diferenciando-se portanto das relações capitalistas de compra e venda da força de trabalho.

A proposição de Bonduki e a de Maricato foram constatadas em uma pequena entrevista que fiz com um pedreiro que está prestando um pequeno serviço para mim. Ele trabalha com diferentes públicos aqui na região da Sapiranga/Praia do Forte e lhe perguntei várias coisas sobre seu trabalho. Uma das perguntas foi sobre o processo de construir uma casa sem projeto de arquiteto ou de engenheiro para ser seguido e ele me respondeu:

Na verdade a pessoa me diz o que quer... vai mostrando e eu vou tentando entender o que ela quer... vai apontando "daqui até ali o quarto", "aqui o banheiro" entendeu? Tem gente que desenha. Eu vou fazendo devagar para não ter que derrubar parede e perder material... muitas vezes lá em Pau Grande o povo fala que quer uma casa levantada igual a de fulano aí eu vou olhar a casa dessa pessoa... daí vou dizendo o que precisa ser comprado.. se o terreno precisa ser ajeitado... mais ou menos desse jeito. (Teteca, 2022 – conversa informal).

⁴⁵ Palestra proferida no Conselho de Arquitetura e Urbanismo/RJ

Ainda lhe perguntei sobre a participação de quem lhe contrata no processo de construir:

Ahh, sim, claro! Quando não tem muito dinheiro para chamar ajudante, tem gente que ajuda com o telhado, para botar uma pia, encher uma coluna...com parente ou amigo isso ocorre muito. Aqui perto, gente lá do Pau Grande, da Tapera, do Barreiro que não tem muito dinheiro...quando a gente vai bater laje mesmo tem que ter mais pessoas. É comum aqui o dono ajudar na laje e chamar os vizinhos. Quando é assim, a empreitada começa 5h da manhã...todo mundo ajudando...quando termina solta foguete⁴⁶ para comemorar e tem a feijoada que a dona da casa faz para todo mundo para comemorar também. (Teteca, 2022 – conversa informal)

Tacitamente, para além das posições assertivas dos autores, não me furto de dizer que a narrativa de Teteca é usual em outros rincões Brasil a fora. Na trilha do pequeno relato dele, aliado às outras ponderações aqui presentes, considero pertinente tocar em dois pontos. Primeiramente, toco na questão relativa ao (des)conhecimento técnico inerente ao processo de autoconstruir. A informalidade do processo tem uma forte relação de fé calcada numa difusão comunitária sobre a suposta habilidade técnica de quem vai construir a moradia.

O total descaso estatal e ausência de órgãos reguladores que avalizem aquele/aquela que mete mão na massa (literalmente) e a destacada falta de recursos para a contratação de profissionais certificados, atira aqueles/aquelas que buscam construir as suas moradias a um obscurantismo técnico. A única garantia possível é justamente um lastro empírico de saber-fazer do/da profissional amplamente difundido nas comunidades e/ou em redes de comunicação específicas e círculos de amigos e/ou de familiares – muito de boca a boca.

Outro ponto importante é justamente a questão do trabalho informal com lupa voltada para o trabalhador – o pedreiro (ou os pedreiros) responsável pela autoconstrução alheia. Não vou me ater⁴⁷ muito a esta questão, mas não poderia

⁴⁶ Pessoalmente, eu e minha esposa fomos despertadas por fogos de artifício em algumas manhãs de sábado, inclusive no auge da pandemia em 2020. Através de conversas com pessoas da comunidade, fomos informadas sobre o costume local. Recentemente, essa prática foi proibida em razão de ser uma zona de proteção ambiental.

⁴⁷ Os professores Roberval Passos de Oliveira (UFRB) e Jorge Alberto Bernstein Iriart (UFBA) publicaram um interessante trabalho sobre os profissionais da construção civil cuja leitura vale muito a pena. O artigo intitulado “Representações do trabalho entre trabalhadores informais da construção civil” está disponível na base Scielo.

deixar de mencionar, visto que o pedreiro representa a ponta da cadeia de precariedade que envolve o assunto. Além de não ter uma capacitação técnica formal (não desmerecendo a importância o conhecimento tácito), a relação de trabalho que se estabelece (?) é completamente frágil, fragmentada e insegura.

Sobre os esforços comunitários para o mutirão, Oliveira (2006) aponta os riscos de se tornarem generalizações, visto que, na verdade, são uma espécie de estado de exceção e representam um território extremamente ambíguo, uma vez que quem mais participa e pode ajudar nos mutirões são pessoas que estão desempregadas. Afirma ele: “O mutirão é uma espécie de apelo aos naufragos: ‘salvem-se pendurando-se nos próprios cabelos’. Como imagem, é ótima. Como solução, é péssima” (Oliveira, 2006, p. 74). Fica muito evidente a complexidade do assunto.

O Brasil é um país que aglutina leis sem efeitos práticos relevantes. A lei 11.888/2008, ou Lei sobre Assistência Técnica em Arquitetura, sancionada sob o governo Luiz Inácio Lula da Silva, assegura que as famílias com renda de até 3 salários mínimos possam utilizar de serviços de arquitetura e engenharia de forma gratuita, de maneira que possam construir suas casas de maneira mais segura e regular.

A lei abrange acompanhamento e execução da obra a cargo dos profissionais de arquitetura, urbanismo ou engenharia, reformas, ampliação e regularização fundiária. Não vingou! O que vemos é um cenário de moradias (principalmente, em assentamentos urbanos irregulares) precárias e consolidadas, que se encontram em situações adversas quanto às condições ambientais, de infraestrutura urbana, regularização fundiária, entre outras (Gandolfi, 2015).

Esta situação impede que a população-alvo da lei se aproxime dos agentes públicos para solicitar a assistência técnica necessária à produção da moradia neste contexto de ilegalidade, tornando a lei inócuia em grande parte dos casos de autoconstrução no país e, mais acentuadamente, em aglomerados subnormais. É evidente que essa situação não é a exceção: é a regra nas cidades brasileiras. (Maricato, 2014).

Pois, o que se pode constatar é que a autoconstrução é oriunda de redobramento das políticas neoliberais que engendram a fuga estatal e o desinteresse privado no provimento de habitação digna para pessoas de baixa

renda, cujos salários e/ou pequenas rendas obtidas na informalidade não comportam a construção de moradias regulares, edificadas com apoio técnico. Mais uma vez o Estado, por ausência, é um agente de segregação social.

Adentro, a seguir, nos puxadinhos, um dos eixos deste trabalho.

3.4 A AUTOCONSTRUÇÃO PUXADINHO

A definição dicionarista do verbete puxadinho está semanticamente vinculada ao acréscimo (Dicionário Houaiss Corporativo, 2022) e à pequena obra não prevista na planta original de uma dada construção (Aulete Digital, 2022). De fato, o verbete se refere a uma prática muito recorrente aqui no nosso país que é a ampliação da casa, tradicionalmente, para abrigar um parente, um filho ou filha que se casou e não tem como arcar o custo de uma casa própria ou a simples necessidade de mais um cômodo para algum outro destino, como uma dispensa ou um espaço de estudo (dentre tantas outras possibilidades).

A construção do puxadinho, modelo de autoconstrução que tem alta ocorrência, geralmente, é um processo que se dá em etapas e pode ir ampliando a construção principal de um lado para o outro, ocupando os espaços disponíveis, quando estes existem. Tudo isso se dá, maioritariamente, à revelia do poder público. Para Rolnik (2007, p. 28), “o país é um monte de puxadinhos! A legislação não toma conhecimento da produção real”. A regulamentação pública só se preocupa e/ou fiscaliza quando conveniente. A conveniência também reside no fato de que, à luz da irregularidade e da informalidade, impostos são cobrados revelando a grande contradição do cenário.

Certa dificuldade foi encontrada quando da busca por literatura específica sobre os puxadinhos⁴⁸, de forma mais detalhada. O assunto é muito referido no escopo jurídico, no âmbito do Direito Real de Laje e, nesse campo, a pauta predominante reside nos processos de regularização fundiária a fim de garantir o direito à moradia, especialmente, após a aprovação da Lei 13.465/2017. Destarte, muita coisa que apresentarei aqui foram retiradas de inferências sócio interpessoais

⁴⁸ Há uma matéria no YouTube muito interessante sobre os Puxadinhos em São Paulo (Revista Veja São Paulo), perfeitamente transferível para outras realidades. Está disponível no link: <https://youtu.be/WqC2zls73hw>

e das experiências etnográficas quando da ida a campo em Camaçari e a partir das entrevistas com as interlocutoras (mais evidenciadas no capítulo 5 deste trabalho). Além disso, conforme já apontou a professora Raquel Rolnik, sobre os puxadinhos especificamente, vi inviabilizada qualquer possibilidade de simples aproximação estatística, em qualquer das esferas – nacional, estatal, municipal.

Maioritariamente, associado aos menos favorecidos, o puxadinho adentra a escala social num movimento de subida, revelando que a prática está muito mais presente na realidade brasileira do que de fato temos noção. Enquanto proposta conceito-linguístico-espacial, transita em distintas classes, como se pode ver nas imagens que trago a seguir.

Na figura 7, apresento uma imagem publicada pelo Jornal Tribuna Da Bahia, noticiando a Lei 13.465/2017 e na figura 11 a imagem de um puxadinho de um site especializado em arquitetura.

Figura 7 – Puxadinhos em Salvador

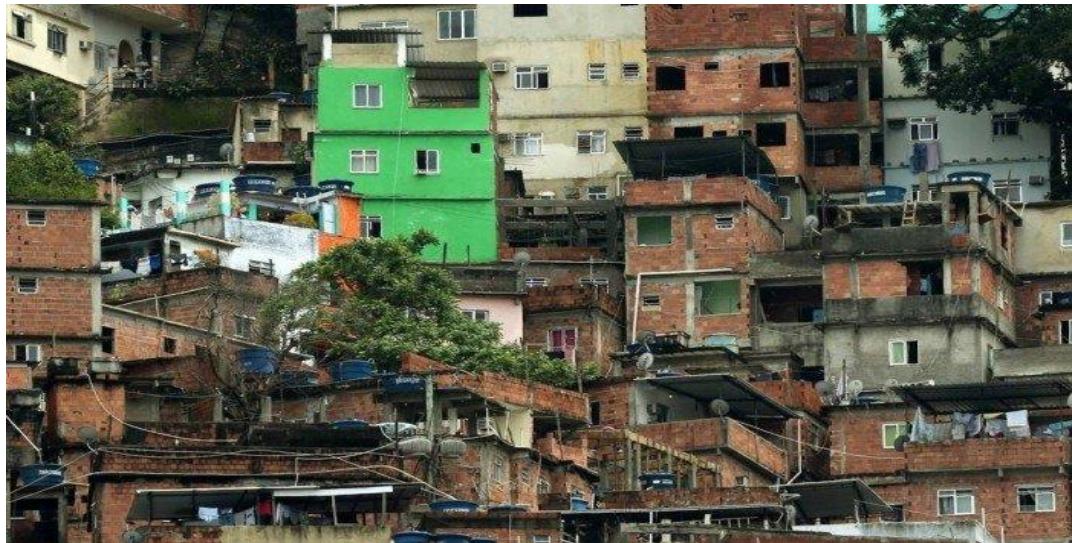


Figura 8 – Puxadinho Residencial Planejado



Fonte: Galeria de Arquitetura⁴⁹

A título de curiosidade e como mais uma ilustração, a arquiteta Kátia Bello (2021) relata a prática de grandes lojistas, em grandes espaços físicos, daquilo que ela intitulou de “Puxadinho Store”. Trata-se de uma lógica, pelo menos (des)organizativa, semelhante à dos puxadinhos das autoconstruções, executada em etapas, no improviso, sem planejamento. Ela afirma que, grandes lojistas estão “puxando a construção, esticando gôndolas e remendando o que podem. O resultado é uma colcha de retalhos tortos, o que não é positivo para a imagem da loja e do empreendimento” (Bello, 2021, p. s/n).

Bem, a decisão pela ampliação da casa via puxadinho tem impacto direto no contexto de sua produção. O impacto atinge, primeiramente, a estética do lugar que, geralmente, foge de modelos e das propostas hegemônicas, visto que a ampliação é feita segundo a necessidade e, acima de tudo, segundo a possibilidade.

Trata-se de uma contraordem em virtude de uma produção acelerada de pobres, excluídos e marginalizados que, uma vez aglutinados e periferizados (na maioria dos casos), se insurgem e não se subordinam à racionalidade dominante, uma vez que se apropriam do lugar e experimentam a situação de vizinhança (Santos, 2006) que dá força coletiva contra pragmatismos incompreensíveis. Vejo como um movimento em que a dialética da necessidade ganha supremacia sobre a dialética da estética.

⁴⁹ Disponível em: https://www.galeriadaarquitetura.com.br/projeto/vaga_/puxadinho/3969 - Acesso em 20/03/2022.

O contexto é impactado também em âmbito subjetivo. Neste aspecto, é interessante trazer a experiência de Baitsch (2018) e seu estudo sobre habitação em locais pobres e periféricos na Índia. Dentre outros pontos, ele trata de pequenas reformas que, muitas vezes, envolvem a ampliação com a construção de pequenos anexos (um dormitório para um parente, por exemplo). Aponta ele que:

As transformações das casas geralmente têm impacto imediato nos vizinhos. Parece, por exemplo, que a transformação da habitação acontece em massa, sugerindo que quanto mais próxima uma casa estiver de outra casa reformada, maior a probabilidade de ser transformada também. Os moradores sugeriram que a inveja geralmente desempenha um papel quando as pessoas constroem (Baitsch, 2018, p. 160 – tradução livre).

Não vejo muita distância da nossa realidade. Aqui, também, parece que vivemos sob a égide do bordão *a grama do vizinho* – sua movimentação nos interessa. Durante as nossas (nós do Grupo Enlace) incursões nos rincões da cidade de Camaçari, foram vários os relatos que continham palavras como inveja, imitação, cópia e expressões/declarações como “olho gordo/só porque me viu fazendo” em referência aos estabelecimentos, aos serviços prestados e aos espaços de atuação (muitos, puxadinhos).

A transformação da casa via construção de puxadinho está maioritariamente relacionada com mudanças importantes da dimensão doméstica. O crescimento familiar é tido como a razão mais alardeada para a construção de um puxadinho e a mais citada na parca literatura existente (Marques, 2020; Ózio; Pinto; Prampero, 2020). Não é só mais frequente, como a mais sólida, visto que a noção social de “lar” tem pujança nas relações e é vista como nuclear no tocante a habitação.

Nesta senda, há modalidades diferentes, sendo as mais recorrentes a chegada de um novo filho/a, o idoso/idosa que precisa estar perto dos filhos/as (e/ou outros familiares) em virtude de questões de saúde, para não ficar sozinho/a, os/as filhos/as que se casam e não tem condições de arcarem com os custos de uma nova moradia.

O puxadinho representa também um investimento estratégico informal que, por vezes, se reverbera, especulativo. É o caso, por exemplo, do aluguel de quartos, diga-se quartos puxados, representando uma espécie de cortiço moderno. A questão da locação, já fora apontada aqui neste trabalho e retomo a constatação

para interrogar sobre o fato da relação precária no tocante habitações alugadas informalmente – que há de se dizer quando a locação se restringe a um puxadinho?

Em zonas periféricas ligadas a polos industriais ou em favelas, situadas próximas à oferta de serviços públicos essenciais, a especulação imobiliária informal eleva a exploração financeira do puxadinho, na senda do alto custo de vida. Como no romance de Aluísio Azevedo no qual João Romão e Bertoleza veem no aluguel de quartos do cortiço um incremento da situação financeira, trabalhadores e trabalhadoras *pobres* veem no aluguel de seus puxadinhos a possibilidade de adicional à renda, às custas da exploração das pessoas *mais pobres ainda*, infelizes detentoras de parca renda flutuante.

Ressalto que a questão da locação não se restringe à moradia. Este outro viés do aluguel de puxadinhos, deixarei para tratar na próxima seção. A maleabilidade da autoconstrução puxadinho deixa aberta as inúmeras destinações do referido espaço, algo a critério de cada proprietário/a.

Na próxima seção, abordo o puxadinho como espaço de empreendedorismo.

3.5 PUXADINHO – MATERIALIZAÇÃO DO CACETE-ARMADO, LÓCUS DA ATIVIDADE EMPREENDEDORA

Conforme visto, o *boom* da atividade empreendedora na atualidade é fruto de uma restruturação do trabalho, fragmentação das relações trabalhistas e diluição de direitos e garantias, na senda do neoliberal, que impulsionam o desemprego. Neste caminho, muitas trabalhadoras e trabalhadores são empurrados/as ao empreendedorismo, como uma forma de possibilidade de obter alguma remuneração. Aqui, iremos tratar da atividade empreendedora nos puxadinhos, cuja motivação emergiu das experiências etnográficas na cidade de Camaçari. Merece destaque o fato de que a atividade empreendedora em puxadinhos é uma das características do empreendedorismo cacete-armado.

Não são todos os pequenos negócios que estão formalizados via MEI ou, até mesmo, como pequenas empresas. Há muita informalidade e muita gente, com seus puxadinhos, fica de fora de grandes índices e de muitas pesquisas. Quando se fala em informalidade no empreendedorismo, vejo sempre uma nuvem que neblina densamente a minha visão e fragiliza discursos alheios emitidos com aparente

certeza, mas com ecos de dúvidas, pois não há dados mais abrangentes e mais precisos a respeito da *real realidade* dessas pessoas que empreendem nas vulnerabilidades de suas vidas – é a materialização da velha lição da exclusão como um aspecto natural do capitalismo em todas as esferas, nas distintas situações. Há uma sentida subdimensão de dados por parte de órgãos como IBGE (Maricato, 2000). Nos ensina Oliveira (2007, p. 74) “que muitas pessoas desempregadas (muitas delas empreendendo – adendo meu!) não estão desocupadas”. Para o autor, a ocupação é:

Uma espécie de força de trabalho virtual, potencializada pela revolução tecnológica. Então se dá esta estranha relação: há superacumulação de capital no sentido de uma massa informal — sem relações trabalhistas — mas que não está inteiramente desocupada. Os desempregados são a fração que as pesquisas mostraram como pessoas que não têm emprego formal. Cruzamos com o que eles fazem no cotidiano, e vemos que a maior parte dos desempregados está ocupada, vendendo bagulhos na rua, fazendo qualquer coisa (Oliveira, 2007, p. 74).

Ou seja, as forças hegemônicas, o poder econômico, têm essa força de trabalho virtual que é descartada quando não há comercialização interessante, deixando de gerar custos para o capitalista – o trabalho formal gera custos, o informal não. Isso é muito conveniente! O informal não custa nada e realiza funções basicamente de circulação da mercadoria. A produção é pelos meios do capital e de reprodução do capital, mas a circulação é vastamente irrigada por esse enorme exército informal (Oliveira, 2007).

Há uma sentida lacuna na literatura referente ao espaço físico de desenvolvimento e exercício do empreendedorismo. Sei que há muita atenção a esta questão, principalmente no empreendedorismo mais hegemônico, em que não há problemas com recursos para investir e onde a ideia e a inovação imbuídas no negócio são questões mais relevantes. O debate sobre o espaço físico é muito tocado, por exemplo, em pequenos negócios vinculados ao sistema de franquias⁵⁰, em razão das peculiaridades desse modelo.

No tocante a pequenas empresas, no site do Sebrae, é possível encontrar uma série de orientações para pequenos e pequenas empreendedores/as. Ao

⁵⁰ Mais informação sobre o assunto no portal Associação Brasileira de Franchising: <https://www.abf.com.br/>

apresentar os 7 passos para a elaboração do Plano de Negócios⁵¹ do empreendimento, há um referência ao espaço físico no item sobre plano operacional, falando rapidamente sobre localização e estrutura física.

Muita coisa sobre empreender num puxadinho emergirá das entrevistas em profundidade que serão realizadas e esperamos poder contribuir, de fato, para um campo de conhecimento tão proeminente como este. Não nos custa pontuar que esta proposta nada tem a ver com as atividades em *home-office* muito debatidas recentemente no flagelo da pandemia COVID-19. De momento, trago alguns apontamentos e aproximações sobre o assunto com base na literatura disponível e que, de alguma maneira, nos ajudarão a desbravar a vereda empreendedora nos puxadinhos camaçarienses.

Um modelo tido como primas ricas de modelos precários de atividade comercial no espaço doméstico (insiro os puxadinhos), são as *garage companies*. Na verdade, incorporadas a esta literatura, há referências não só à garagem de uma casa, mas também a outras partes da esfera doméstica, como porões (os *basements*) e cozinha. Além disso, há menções a quartos em republicas universitárias (o que não deixa de ser uma esfera íntima). Nomes como Walt Disney, Bill Gates, Steve Jobs e Jeff Bezos iniciaram seus negócios em garagens.

Sobre as *garage companies*, que são muito associadas à inovação e à indústria informacional (Lima; Oliveira, 2017), Overfelt (2003 apud Sarkar, 2008) aponta que essa proposta é a “maternidade da principal região de alta tecnologia, o Vale do Silício” (p. 233). A ideia de origem dessa região surgiu do professor Terman (Universidade de Stanford) que incentivou seus alunos, entre eles R. Hewlett e David Packard, a criarem *startups* de suas próprias empresas eletrônicas (Sarkar, 2008).

O estudo das *garage companies* tem uma forte relevância na cultura estadunidense, sendo ponto de pauta de escolas de administração em diversas universidades (Overfelt, 2003). Tacitamente, asserto que há forte ligação com os ideais do *american dream*. Nessa linha, o cofundador da Garage Technology Ventures, Guy Kawasaki, afirma que “*Garage is a state of mind. It's a rejection of the*

⁵¹ Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/ce/artigos/como-fazer-um-plano-de-negocios-para-sua-empresa-aprenda-em-7-passos,5538717b4b34a710VgnVCM100000d701210aRCRD> – Cessado em 26/04/2022.

*status quo*⁵²!" (Kawasaki, 2004 apud Chopra, 2017). Chopra (2017) afirma que a ideia da garagem é, de fato, uma marca de empreendedorismo que estimula novos empreendimentos. Aponta ele que, em uma pesquisa realizada por estudantes de escolas de negócio para avaliar a familiaridade com a ideia de empresário de garagem, "89% dos entrevistados foram capazes de citar pelo menos uma empresa que começou em tais locais" (Chopra, 2017, p. 3 – tradução livre).

Chopra (2017) critica todo o ideário que se faz do modelo da garagem. Para ele, ao fornecer um retrato impreciso do processo pelo qual muitos indivíduos se tornam empreendedores, a proposta do empresário de garagem oferece lições equivocadas. Talvez, o maior perigo seja o aspecto predominante da imagem do indivíduo solitário e portador de talento extraordinário criando e desenvolvendo uma grande ideia e, consequentemente, uma nova organização (Chopra, 2017).

Porém, para além dessa crítica, há alguns aspectos importantes a serem apontados, ao trazer para a nossa realidade. Não precisa fazer grande esforço para perceber o abismo que existe entre a atividade empreendedora na garagem estadunidense e no puxadinho brasileiro. Começando pela questão lexical. O nome já denota uma posição social do detentor da ideia. Ter uma garagem implica uma posição de classe média dos garageiros que tem tecnologia de ponta à disposição de suas mentes.

Para além da questão de classe, há uma sentida questão de gênero e de raça, visto que os grandes exemplos citados na literatura são homens, brancos, muitos deles universitários. Outro ponto importante diz respeito ao tipo de negócio, visto que, na maioria dos casos, os garageiros usam a garagem ou o porão como uma espécie de laboratório para o desenvolvimento de ideias, com vistas a um empreendimento que provavelmente não será colocado em prática naquele espaço ou ali permanece durante curto espaço de tempo.

Muitas pesquisas sobre urbanismo e sua pertinência social vêm sendo produzidas na Índia. Uma vez que temos muitas diferenças, culturalmente falando, mas também, muitas semelhanças, não é materialmente inconcebível um deslocamento das produções de acadêmicos indianos para a nossa realidade. Muita coisa vem sendo produzida acerca da habitação sob a égide das inúmeras

⁵² Numa tradução livre: "A Garagem é um estado de espírito. É uma rejeição do *status quo!*"

possibilidades econômicas que podem ser desenvolvidas neste espaço, originariamente íntimo.

Os urbanistas, professores e pesquisadores Matias Echanove e Rahul Srivastava têm se dedicado a inúmeras e interessantes análises no campo da habitação e do espaço urbano. Eles trazem o termo *tool house* (casa ferramenta, numa tradução livre) para designar um modelo de autoconstrução (inspiração em Turner) muito reincidente em lugares da Índia, que seguem uma linha de uso eficiente em um contexto de escassez. A *tool house* é caracterizada por um uso múltiplo – casa e espaço de trabalho – que, muitas vezes, entram em conflito (Echanove; Srivastava, 2009).

Ante o alto preço dos imóveis, a casa tem que, muitas vezes, dobrar para fins de geração de renda. Nesse sentido, no modelo, há uma estrita divisão espacial e, acentuadamente, temporal, visto que, numa casa a cozinha pode ser transformada em cantina para os trabalhadores migrantes durante o almoço, por exemplo; os espaços de dormir e de fabricação podem ser separados por questão de horas e, às vezes, dispostos ao mesmo tempo, conforme apontam os autores – como uma cópia pobre dos *lofts* artísticos e milionários dos países ricos, projetados por famosos arquitetos (Echanove, 2012). Fica explícita a relação entre produção, subsistência e moradia num intenso uso do espaço (Echanove; Srivastava, 2011).

Outro autor indiano, supracitado, Baitsch (2018) fez um estudo minucioso sobre a região de Shivajinagar. Ele aponta que em muitos bairros informais, as casas são usadas para fins produtivos e comerciais. Para muitas famílias urbanas pobres, o lar é de grande importância como local de geração de renda, principalmente, para as mulheres, que, muitas vezes, ficam restritas ao lar como local de trabalho, seja por obrigações domésticas ou por questões culturais (Baitsch, 2018).

Para além das questões de gênero, Baitsch (2018) observa que grande parte da força de trabalho vive no local onde trabalha, e as lojas e oficinas são rotineiramente transformadas em dormitórios durante a noite. Muitas vezes, ocorre de trabalhadores encontrarem espaço de aluguel para moradia nos andares superiores de casas residenciais, já transformadas pela finalidade da dupla função. Afirma ele que:

As casas funcionam como residências, locais de produção, espaços de geração de renda, locais comerciais ou até mesmo como veículos econômicos. Muitas vezes, essas “funções” não podem ser separadas claramente. Normalmente, as casas são o local onde essas múltiplas funções são realizadas. Essas funções podem ocorrer ao mesmo tempo, e muitas vezes se alternam ou mudam de uma para outra em diferentes momentos do ano, mês, dia ou mesmo dentro da mesma hora. Esse uso polivalente é uma característica central das casas. Fronteiras aparentemente indistintas entre funções – de outra forma conceituadas como discretas e irreconciliáveis – são condensadas e destacadas sob a condição de escassez econômica e espacial em muitos bairros (Baitsch, 2018, p. 172 – tradução livre).

Numa foto apresentada pelo autor, fica muito nítida a semelhança com várias localidades periféricas brasileiras:

Figura 9 – Houses as place of production in Shivajinagar



Fonte: Baitsch (2018)

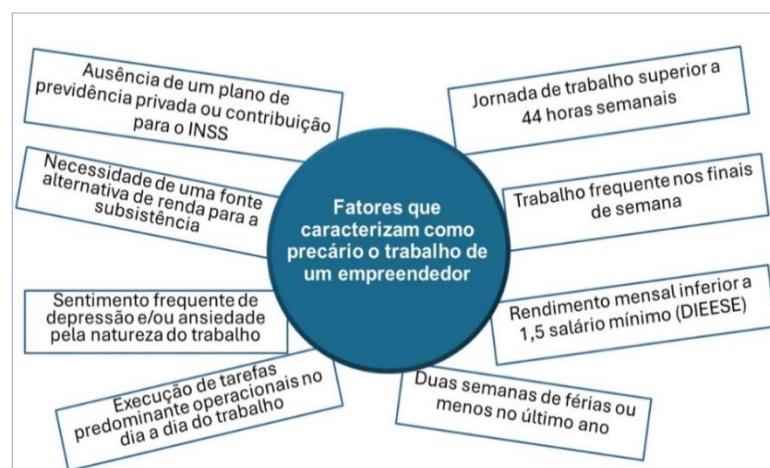
Das parcias menções sobre o assunto na literatura aqui no país, Maciel (2014) afirma que o interesse central de trabalhadores e trabalhadoras no empreendedorismo decorre da necessidade de escapar do desemprego e/ou dos salários degradados e dá pistas sobre a atividade empreendedora no local de moradia. Ele não cita o termo puxadinho, mas fica muito fácil inferir quando afirma que, muitos dos pequenos “negócios, para não dizer a maioria deles, ocorrem no espaço da casa dos empreendedores, seja construindo um ambiente novo ou transformando algum espaço do domicílio em um lugar de negócios” (Maciel, 2014, p. 11).

Para além da espacialidade, Maciel (2014) nos traz algo que nos importa muito como possível pista sobre as dinâmicas da atividade empreendedora e da vida familiar no puxadinho:

Em um primeiro momento, a vida familiar parece estar mais fortificada, visto a proximidade física do empreendedor e de seus parentes. Os laços familiares, a priori, não apresentam danos. Porém, com o passar dos dias, a necessidade de maiores lucros passa a percorrer a mente dos donos de negócios, sejam estes pensamentos motivados pela ambição de se expandir o negócio, seja pelo desejo de proporcionar um maior conforto para a família. De todo modo, para que essas motivações se materializem, necessita-se de uma maior intensificação da atividade, maiores atendimentos, maior volume de vendas, maior tempo no trabalho, maiores jornadas. O tempo dedicado à família passa a ser gradativamente reduzido, e nesse aspecto, o empresário se vê na mesma situação ou até mesmo em uma condição ainda mais desfavorável que outrora quando era funcionário de alguma empresa. Todavia, não há como retroceder, pois as amarras físicas e ideológicas não lhes permitem um retorno: lucros maiores, empréstimos bancários, clientes, fornecedores, funcionários, padrão de vida familiar, ou seja, diversos são os novos elementos que o permeiam e o engessam no falso empoderamento da geração de renda (Maciel, 2014, p.11).

Como possível resultado dos apontamentos de Maciel (2014), chamo Vasconcelos e Delboni (2015) e sua figura 10 que trata dos fatores que caracterizam como precário o trabalho de um/uma empreendedor/a. Muitos desses fatores ocorrem justamente no esteio do empreendimento no seio doméstico ou no espaço anexo, como um puxadinho.

Figura 10 – Fatores que caracterizam como trabalho precário a rotina de um empreendedor



Fonte: Vasconcelos e Delboni, 2015 (Adaptada)

Os autores apontam que o fato de tornar-se um empreendedor ou uma empreendedora, muitas vezes, se confunde com a própria precarização, uma vez que o dono ou a dona de um novo e pequeno negócio não usufrui de nenhum dos direitos assegurados para um trabalhador/a assalariado/a, como as férias, remuneração nos períodos de parada de trabalho por enfermidade, descanso remunerado, seguro desemprego, aposentadoria (Vasconcelos; Delboni, 2015). Como ficará evidente com as entrevistas, há empreendedoras que sequer têm consciência da própria precarização, sendo esta vista e sentida tão somente por olhos externos.

Conforme discutido até o momento, os puxadinhos estão mais presentes na cultura brasileira do que de fato mostra a literatura. Muita coisa ainda precisa ser pesquisada e descortinadas, a fim de enriquecimento do campo de pesquisa e preenchimento das lacunas detectadas. A autoconstrução puxadinho quando destinada à atividade empreendedora representa a aglutinação de uma série de vulnerabilidades que perpassam desde a perda do emprego até dificuldades de acesso a uma moradia digna.

No capítulo 5, será possível trazer mais elementos sobre a atividade empreendedora realizada nos puxadinhos, através das entrevistas às colaboradoras desta pesquisa.

A seguir adentramos no capítulo que trata da metologia usada para a realização desta tese.

4 METODOLOGIA

Em nosso litoral, se deleite com
mais cultura popular.
Vila de Abrantes...
Dance com o Boi Bonito e
Mestre Sardinha!
Arembepe...
Cante e dance com a
Chegança Feminina e Dona Bete!
Barra do Pojuca...
Sambe e vibré com o
Espermacete e Dona Nildes!
Barra de Jacuípe...
Caia no samba do
Boi Estrela de Mestre Careca!
(Edna Maria Pessoa,
Você Ainda Não Foi a Camaçari,
2014)

4.1 CAMAÇARI, LÓCUS DA PESQUISA

No encarne coletivo do Grupo Enlace, a cidade de Camaçari tem uma forte relevância e representatividade. É no campus da Universidade do Estado da Bahia onde está nossa sede oficial. Individualmente, minha atuação profissional se dá no campus camaçariense do Instituto Federal da Bahia, onde estou lotada como docente desde o ano de 2011. Além de mim, muitos/as pesquisadores/as do Enlace tem vínculos laborais na cidade. Diversos trabalhos acadêmicos, projetos, eventos, pesquisas e visitas técnicas vêm sendo conduzidas pelo grupo tendo a cidade como lócus.

Camaçari é um importante município baiano, cujo marco político-divisório foi estabelecido pela lei 628, de 30 de dezembro de 1953 (Bahia, 1994). Composto politicamente por três grandes distritos territoriais, que totalizam aproximadamente 785,421 quilômetros quadrados de área (IBGE, 2021), ocupa uma faixa de terra com uma largura média de 20 km da orla marítima ao interior e tem limites com os municípios de Mata de São João (norte), Lauro de Freitas (sul), Simões Filho (sudoeste) e Dias D'Ávila (noroeste). Ao leste, limita-se com as águas do Oceano

Atlântico, o que lhe dá uma privilegiada faixa litorânea compostas por mais de 42 km de praias⁵³.

Figura 11 – Distritos territoriais de Camaçari



Fonte: Adaptado da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente – SEDUR

Como sou de curiosidades etimológicas, consultei dois dicionários sobre a origem do nome do município, somente a título de ilustração deste apartado. Segundo a versão on-line do Dicionário Ilustrado Tupi-Guarani, a palavra deriva-se do tupi-guarani “camasari” que significa a lágrima do peito e também se refere à árvore combretácea semelhante ao tamaquaré. Já no dicionário de tupi antigo, Navarro (2013, p. 551) apresenta Camaçari como derivada do tupi antigo “kamasary”, designando a árvore conhecida na atualidade como “cachaporra-dogentio”.

Para além de viagens na etimologia dos vocábulos, durante muito tempo, Camaçari foi quase sinônimo de polo, em referência ao Polo Petroquímico, que iniciou suas atividades no final da década de 70 do século passado, caracterizando-se por ser o primeiro complexo industrial planejado do país. Com o avançar do tempo, passou a ser conhecido como Polo Industrial de Camaçari, adquirindo o título de maior complexo industrial integrado do hemisfério sul, abrigando mais de 90

⁵³ Destacam-se as praias de Jauá, Busca Vida, Arembepe, Barra do Jacuípe, Guarajuba e Itacimirim, todas com forte apelo turístico e alvos da exploração do mercado imobiliário.

empresas químicas, petroquímicas e de outros ramos de atividade como indústrias de pneus, celulose solúvel, metalurgia do cobre, têxtil, fertilizantes, energia eólica, fármacos, bebidas e serviços (COFIC⁵⁴, 2022). Atualmente, o Polo Industrial de Camaçari responde por 22% do PIB da indústria de transformação do Estado da Bahia (COFIC, 2022).

Outra marca do município, que começou a se enfraquecer, foi a automobilística. A cidade deu abrigo a *Ford Motor Company Brasil* a partir do ano de 2001, destacando-se como a primeira fábrica de veículos a instalar-se na região nordeste. Fruto de uma jogada político-estratégica e apesar das inúmeras críticas sobre as vantagens fiscais presenteadas a montadora estadunidense, a presença da Ford em Camaçari gerou milhares de empregos diretos e indiretos e foi um importante vetor econômico local.

O encerramento das atividades da fábrica no ano de 2021, após vinte anos de funcionamento e em plena pandemia COVID-19, ainda carece de estudos sobre o impacto econômico-social do fechamento de portas. Tacitamente, podemos asseverar que muitos foram os prejuízos, muitas foram as perdas. Um aparente reacendimento da chama do setor automobilístico está em processo com a chegada da gigante chinesa BYD à cidade, no ano de 2023. Há que se esperar mais tempo para conclusões.

Outro ponto importante que tem relevância econômica é a vocação natural para o turismo de lazer e de aventura do município (SEBRAE, 2004). Entretanto, segundo dados do Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável – Salvador e entorno (PDITS), o turismo de lazer na Costa dos Coqueiros é sustentado basicamente pelo destino de Praia do Forte – município de Mata de São João –, e mais recentemente pelo Complexo Costa do Sauípe – município de Entre Rios (Bahia, 2004 apud Souza, 2006). Quanto a este último, já sabemos que não anda bem, apesar da ausência de dados oficiais.

Ainda na senda do turismo, a pesquisa realizada por Souza (2006) mostra que a maior concentração de estabelecimentos voltados para o atendimento ao turismo encontra-se no ramo de bares e barracas de praia, representando aproximadamente 30% do total de estabelecimentos do segmento. Quanto às barracas de praia, especificamente falando, Messeder (2016) apontou a existência

⁵⁴ Comitê de Fomento Industrial de Camaçari.

de 172 barracas distribuídas pela extensão litorânea da cidade, maioritariamente, no bojo da informalidade.

Integrante do agrupamento Região Metropolitana de Salvador (RMS), tendo a capital como sua principal cidade de influência socioeconômica e identitária (situa-se no *ethos* da baianidade), Camaçari tem uma população de 309.208 mil habitantes (IBGE, 2021). Importante apontar que, no rastro da forte e rápida industrialização da cidade, o crescimento da população desenfreou um vertiginoso processo de ocupação, sendo constatado que uma população de 34.281 habitantes em 1970, saltou para 191.855 em 2005 e, nesse ritmo, rapidamente passará os 310.000 (análise demográfica IBGE, 2021).

Como não poderia deixar de escapar do bojo de contradições sociais que persistem como característica brasileira, a cidade de Camaçari ao mesmo tempo que possui o segundo maior produto interno bruto municipal do estado da Bahia (ficando atrás somente de Salvador), o sexto da região nordeste e o trigésimo terceiro do país (IBGE, 2019), possui também 41,5% da população com rendimento mensal *per capita* de até meio salário mínimo (IBGE, 2010) e apenas 27,1 % da população formalmente ocupada (IBGE (2019).

Tais contradições já foram apontadas em outros estudos. De acordo com Cunha (2009 apud Messeder, 2016, p. 230-231):

Esses números acabam por trazer controvérsias quanto à efetividade de políticas públicas no município de Camaçari, uma vez que a população, é altamente carente de serviços básicos, passa por mais privações que os moradores de Salvador, quando se analisa proporcionalmente as receitas e despesas municipais e compara-se com as políticas aplicadas na capital que, embora seja palco de mazelas sociais, ainda ocupa uma posição superior à de Camaçari em termos de desenvolvimento social.

O apontamento de Cunha (2009) é nitidamente sentido em diversos segmentos da sociedade. Muito críticos, atentos e queixosos quanto à falta de estrutura básica, principalmente, no setor de transportes, muitos estudantes (falo de minha experiência no IFBA) nomeiam a cidade como *Bagaçari*.

Na criatividade inerente da baianidade, Bagaçari é a junção da palavra bagaceira (esculhambação, baderna, lixo, segundo o Dicionário Informal on-line) com o nome oficial da cidade. De fato, quem vive ou trabalha na cidade testemunha

as sucessivas reclamações e manifestações dos estudantes reivindicando transporte público regular e digno para o deslocamento até as instituições.

Quanto à repercussão de outros pontos importantes deste trabalho, já foi falado aqui sobre subdimensionamentos de dados, exclusões, apagamentos e invisibilizações como aspectos recorrentes do capitalismo. Nesse sentido, a experiência e o contato com o campo nos ensinam a olhar para dados oficiais sempre considerando que a realidade é sempre um pouco diferente dos números apresentados. Importante relembrar isso!

Entretanto, dados oficiais são deveras importantes, pois nos fornecem elementos fundamentais para aguçar o desejo pesquisador e nos servem como referência para análises e discussões. Há muita ausência e/ou falta de atualização de dados sobre aspectos importantes da cidade.

O SEBRAE, que se projeta como um órgão importante no tocante ao assunto do micro empreendedorismo, carece de dados mais atuais sobre a realidade camaçariense, essa importante cidade para a economia baiana. ficou de fora. Assim, trago dados mais antigos e restritos.

Em 2004, o mesmo SEBRAE realizou o Censo Empresarial do Setor de Comércio e Serviços de Camaçari, detectando a existência de 3.070 estabelecimentos comerciais, dentre os quais 63,6% situavam-se na informalidade.

Tabela 3 – Natureza jurídica dos estabelecimentos de Camaçari

Setor de atividade	Quantidade	%
Artesanato	46	1,5
Comércio	1.139	37,1
Indústria	99	3,2
Serviços	1.730	56,4
Não sabe ou não respondeu	56	1,8
Total	3.070	100,0

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do SEBRAE (2004)

Ainda com amparo no censo do SEBRAE, é possível constatar que, apesar da pujante receita do setor industrial, a maior parte das atividades empresariais está voltada para o setor de comércio e prestação de serviços.

Tabela 4 – Setor de atividades dos empresários de Camaçari

Setor de atividade	Quantidade	%
Artesanato	46	1,5
Comércio	1.139	37,1
Indústria	99	3,2
Serviços	1.730	56,4
Não sabe ou não respondeu	56	1,8
Total	3.070	100,0

Fonte: Ibid

Dados mais recentes do IBGE (2019), sem maiores detalhamentos como o SEBRAE costuma fazer, apontam a existência 4.999 empresas e outras organizações atuantes na cidade Camaçari, com uma população economicamente ativa na ordem de 125.448 pessoas (IBGE, 2010).

A escolaridade é um aspecto muito importante e que repercute sobremaneira nas vidas de trabalhadores e trabalhadoras. Em 2010, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade era de 96,7%. Na comparação com outros municípios do estado, ficava na posição 284 de 417. Já na comparação com municípios de todo o país, ficava na posição 3987 de 5570. No ano de 2021, o IDEB para os anos iniciais do ensino fundamental na rede pública era 5,5 e para os anos finais, de 4,8. Na comparação com outros municípios do estado, ficava nas posições 48 e 39 de 417. Já em comparação com municípios de todo o país, ficava nas posições 2714 e 2559 de 5570.

Quando entramos num caminho mais detalhado desses índices, o Censo do IBGE de 2010 aponta 47.413 pessoas no agrupamento “sem instrução e com fundamental incompleto”; 23.338 no “fundamental completo e médio incompleto”; 47.358 no “médio completo e superior incompleto”; 6.472 no “superior completo” e 867 no agrupamento escolaridade “não determinada”. Quanto ao número de estabelecimentos de ensino, foi possível encontrar dados mais recentes (IBGE, 2023). No município há 169 estabelecimentos de ensino fundamental e 32 de ensino médio.

Não é novidade que a educação resvala diretamente nas profissões, empregos e/ou ocupação das pessoas. Quanto a este tema, trouxe o quadro 8 para um panorama das principais ocupações da cidade.

Quadro 4 – Ocupação principal na cidade de Camaçari

Ocupação	Nº total de pessoas	Número por sexo	
		Feminino	Masculino
Diretores e gerentes	2.740	967	1.773
Membros das forças armadas, policiais e bombeiros militares	87	-----	87
Ocupações elementares	22.104	10.048	12.056
Operadores de instalações e máquinas e montadores	8.562	1.067	7.495
Profissionais das ciências e intelectuais	5.199	3.285	1.194
Técnicos e profissionais de nível médio	6.069	2.457	3.612
Trabalhadores de apoio administrativo	6.186	4.177	2.009
Trabalhadores dos serviços, vendedores dos comércios e mercados	21.150	12.473	8.677
Trabalhadores qualificados da agropecuária, florestais, da caça e da pesca	2.640	987	1.653
Trabalhadores qualificados, operários e artesãos da construção, das artes mecânicas e outros ofícios	16.151	1.054	15.097
Ocupações mal definidas	15.240	4.723	10.517

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Censo IBGE (2010).

Algumas leituras podemos fazer ainda a partir desse quadro, principalmente no que tange as questões de gênero. Se repete na cidade aquilo que já se sabe e é ponto recorrente em todas as partes: as mulheres estão em menor número nos postos de chefia, nos cargos mais altos. Em Camaçari, o número de homens nesses postos é quase o dobro, algo que não surpreend, mas ainda nos causa perplexidade. Chama nossa atenção também o fato de haver muitas mulheres na prestação de serviço, aspecto condizente com a realidade das interlocutoras desta pesquisa.

Sobre o quesito moradia, dados dos estudos para a Adequação e Atualização da Proposta de Plano Diretor Urbano de Camaçari ao Estatuto da Cidade (Camaçari, 2005 apud Souza, 2006), a cidade de Camaçari tem um déficit habitacional da ordem de 12.270 moradias, concentradas principalmente na faixa de renda de até 5 salários-mínimos. Ainda de acordo o mesmo estudo, o total de unidades habitacionais subnormais é de 18.436 distribuídos em 43 assentamentos.

Destes números, 5.834 moradias estão em loteamentos clandestinos e 12.602 em loteamentos irregulares. O total de famílias residentes nesses assentamentos é de 79.680 pessoas, ou seja, 49% da população municipal (Camaçari, 2005 apud Souza, 2006).

O Censo IBGE 2010 mostra a identificação de 10 favelas no município, conforme aponta o quadro a seguir:

Quadro 5 – Universo de favelas de Camaçari

Universo de favelas de Camaçari	Quantidades
Número de favelas	10 unidades
Média de moradores em domicílios particulares ocupados em favelas	3,32 moradores
População residente	16.586 pessoas
Residentes do sexo feminino	8.355 pessoas
Residentes do sexo masculino	8.288 pessoas

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Censo IBGE (2010).

Ainda sobre a moradia, o Censo IBGE 2010 traz alguns pontos que podem nos ser interessantes para a análise das autoconstruções no município. Foi perguntado sobre o tipo de material das paredes externas das casas: 58.783 pessoas responderam que moram em domicílios com paredes em alvenaria com revestimento; 11.183 em domicílios com paredes em alvenaria sem revestimento; 95 em domicílios com paredes em madeira aparelhada; 324 em domicílios com paredes em madeira aproveitada; 13 em domicílios com paredes em palha; 19 em domicílios com paredes em taipa revestida e 36 com taipa não revestida.

Um aspecto final que gostaria de trazer, após apontar todos esses dados importantes sobre o município, é o fato de que há uma percepção, compartilhada por parte de alguns segmentos sociais, de que Camaçari é composta por dois municípios. Não há nada oficial a respeito, nada registrado e nenhum tipo de pleito

quanto a isso. Quero trazer apenas a reflexão que sai da boca das pessoas que vivem na cidade.

Como trabalho no local há muito tempo, converso muito com a gente camaçariense e, como boa ouvinte, percebo muito isso nos infra discursos. Acontece que para muitas pessoas há duas grandes zonas urbanas, separadas, compondo o município: a cidade e a orla – para alguns, o trabalho e o lazer. Ambas estão apartadas por cerca de 15km de distância, aspecto que dificulta um entrelace mais efetivo entre os dois espaços geográficos.

Não se trata apenas de geografia. Diz-se que há distinções econômicas e subjetivas. A despeito da grande fonte de produção de dinheiro está na cidade e nos seus arredores, a elite dona dessa produção reside na orla. Por sua vez, a orla se subdivide em dois caminhos muito diferentes e separados por um trecho de estrada. Tal subdivisão é caracterizada por moradores de alta renda e moradores prestadores de serviço. Essa questão ficará mais perceptível com o seguimento da minha escrita.

Como últimas palavras desta seção, assevero que Camaçari é uma cidade muito importante para a Bahia, para o Brasil. É uma cidade com aspectos econômicos e sociais muito díspares: se de um lado jorra riqueza, que é para poucos, do outro perdura a escassez e a inacessibilidade a essa riqueza, realidade imposta a muitos. Nada de novo – é a lógica do capitalismo.

Na seção seguinte, trago a etapa inicial do caminho trilhado para a escolha do método utilizado nesta tese.

4.2 PRECONIZAÇÃO DO MÉTODO

Todas as produções do Grupo Enlace sobre empreendedorismo e a formulação empreendedorismo cacete-armado tiveram impulsionamento a partir do projeto “A baianidade e o/a empreendedor/a em seu fazer cotidiano: um estudo sobre os/as microempreendedores/as e seus estabelecimentos na cidade de

Camaçari”, coordenado pela professora Suely Aldir Messeder, no ano de 2018 (PRONEM 8603/2014 da FAPESB/CNPQ⁵⁵).

O projeto teve como objetivo geral a compreensão e a identificação do *modus operandi*, dos processos de cognição e da subjetividade dos/as microempreendedores baianos, situados na cidade de Camaçari. Dentre os objetivos específicos do projeto que merecem destaque, ressaltamos o mapeamento dos estabelecimentos da cidade de Camaçari (salões de beleza, pousadas e bares), identificação do perfil dos microempreendedores e microempreendedoras, caracterização da história e do funcionamento dos estabelecimentos, caracterização dos *modus operandi* dos microempreendedores e microempreendedoras, considerando os marcadores sociais de classe, raça/etnia, gênero, orientação e identidade sexual e a verificação das dinâmicas das interações entre os microempreendedores, funcionários e clientes.

O projeto foi norteado pela noção, muito tácita até então, de que o fenômeno empreendedor é carregado de complexidade, nuances e subjetivações que trazem à tona o caráter não-universal e, principalmente, não-universalizante da atividade empreendedora. Nesta senda, nós, integrantes do projeto, tínhamos consciência da centralidade do contexto – baianidade – como um pano de fundo, uma ambiência imprescindível e irrefutável para a compreensão do processo de empreender na cidade de Camaçari. Tal centralidade vem sendo negada por produções acadêmicas que tratam do tema empreendedorismo.

Conforme apontou Messeder (2014), os trabalhos e pesquisas acadêmicas sobre a economia baiana se pautam em uma racionalidade de mercado e terminam por menosprezar as formas de ser e de agir das pessoas em suas interações socioculturais. Assim, o referido projeto se mostrou altamente relevante, principalmente para pesquisas futuras que buscam sair da cilada do escopo hegemônico.

Com vistas à execução do projeto, o primeiro desafio do Grupo Enlace foi a definição de questões de cunho metodológico. Após um imenso debate, chegamos à conclusão de que a nossa ida a campo, especificamente aos distintos rincões de

⁵⁵ O Projeto, seus objetivos, instrumentos e possíveis reverberações, foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Pesquisa da Universidade do Estado da Bahia (Parecer CEP/UNEB nº 4.629.978).

Camaçari, requeria um repasse bibliográfico para uma melhor definição do nosso percurso. Uma vez compreendido que o nosso objetivo era o aprofundamento do conhecimento de um contexto específico, chegamos à conclusão de que a nossa pesquisa tinha um objetivo exploratório (Marconi; Lakatos, 1996), visto que ela serviria de base para futuras pesquisas, daria lastro à formulação de hipóteses e auxiliaria na formulação mais precisa de problemas de pesquisas (Mattar, 1996) a serem desenvolvidas por integrantes do Grupo Enlace.

Um segundo desafio foi reverberado após a superação do primeiro, a saber: a natureza da pesquisa. Nesse ponto, foi altamente relevante a participação das professoras Mary Castro e Elaine Cambuí no nosso debate interno. Foi através do curso ministrado por elas (Curso Metodologia de Pesquisa Quantitativa), que pudemos nos acercar às bases teóricas das pesquisas *quanti*, comumente associadas a uma concepção positivista e distanciadas dicotomicamente de investigações que buscam interpretações subjetivas de distintos espaços sociais (Denzin; Lincoln, 2005).

A partir de então, a indagação nossa foi quanto à técnica de coleta de dados. Foi com amparo em Oliveira (1997), para quem numa pesquisa de objetivo exploratório pode-se utilizar questionários, entrevistas, observação e análise de conteúdo, de acordo com a intencionalidade de partida, que optamos por realizar entrevistas *in loco*, seguindo um roteiro com questões que possibilitariam a obtenção de informações que nos seriam de suma importância.

Optamos por um arranjo misto, com questões fechadas e abertas. Nesta etapa, constatamos ser pertinente a assertiva de Hair Jr (2005) ao afirmar a dificuldade que emerge no momento de criar questionários de pesquisa. Tendo isso em mente, elaboramos, coletivamente o questionário a ser aplicado. Trago a seguir.

4.2.1 A feitura coletiva de um questionário

O questionário para as entrevistas nasceu para atingir um propósito maior, principalmente em atenção aos objetivos do PRONEM 8603/2014 da FAPESB/CNPQ. Entretanto e para além disso, é importante levar em conta que muitas das perguntas se alinharam a própria proposta de pesquisa do Grupo Enlace. Neste ponto, merece destaque o postulado de pesquisa encarnada que resvala

naturalmente na criação das perguntas. Tendo o Grupo como estruturantes às linhas de pesquisa “Corpos, Gêneros e Sexualidades na literatura e em textualidades da cultura”, “Difusão e Gestão de Conhecimento”, “Educação e Trabalho” e “Sexualidades e Direitos Humanos” é natural que muitas das perguntas tenham incorporado aspectos importantes para pesquisas e pesquisadores/as do grupo, extrapolando os limites do projeto de partida.

Conforme já dito, a participação da Professora Doutora Mary Castro e da Professora Doutora Elaine Cambuí no Curso Metodologia de Pesquisa Quantitativa⁵⁶ foi de suma importância para a feitura do instrumento. Incialmente, um curso de metodologia *quanti* causou certo estranhamento para alguns/algumas integrantes do grupo. Muito do estranhamento se deve ao fato de que em muitas prescrições metodológicas há uma separação, ora tácita, ora objetiva, entre *quanti* e *qualis*.

De um lado, pesquisas quantitativas abordariam questões ligadas aos constructos tradicionais de cunho estrutural (Kirschbaum, 2013) e seriam reconhecidas como adequadas ao paradigma positivista por estarem calcadas sobre a dedução de hipóteses oriundas de uma teoria estabelecida (Knorr-Cetina, 1981). Assim, o material coletado numa dada pesquisa deveria ser mensurado e condensado em variáveis (Kirschbaum, 2013).

Do outro lado, pesquisas qualitativas estariam mais ligadas a agenciamentos (Kirschbaum, 2013), seriam mais flexíveis, menos estruturadas, cujas descobertas de campo levariam a desdobramentos que guiariam o pesquisador/a em seus passos (Ragin; Becker, 1992). Dessa forma, seriam mais percebidas como adequadas a investigações com foco em pontos da subjetividade das pessoas e suas formas de interpretação das realidades sociais nas quais estão inseridas (Denzin; Lincoln, 2005).

O curso foi fundamental para superação dessa aparente dicotomia. Foi possível discutir e conferir que trabalhos recentes vêm mostrando que as abordagens não são excludentes e que a integração entre pesquisas *quanti* e *qualis* são perfeitamente possíveis (Teddrie; Tashakkori, 2003), para não dizer complementares. Kirschbaum (2013) menciona em seu trabalho que o próprio

⁵⁶ O curso foi organizado pelo Grupo Enlace e realizado no período de 2 a 6 de outubro de 2017, no campus I da Universidade do Estado da Bahia.

Bourdieu, em alguns de seus escritos, já apontava a ausência da utilização de métodos quantitativos como uma sentida lacuna nos estudos da sociologia.

De fato, para o sociólogo francês “a divisão das operações da pesquisa que serve de paradigma – pelo menos inconsciente – à maior parte dos pesquisadores, não passa da projeção no espaço epistemológico de um organismo burocrático” (Bourdieu, Chamboredon; Passeron, 2004: p. 90).

Dessa forma, em possesão do conhecimento produzido coletivamente, partimos para a feitura do nosso questionário, tendo em mente o privilégio indiscutível desse instrumento e atentos/as ao zelo necessário para tal elaboração, mais do que isso, ciente de que um questionário:

Pressupõe todo um conjunto de exclusões, nem todas escolhidas, e que são tanto mais perniciosas quanto permanecerem inconscientes: para saber estabelecer um questionário e saber o que fazer com os fatos que ele produz é necessário saber o que faz o questionário, isto é, entre outras coisas, o que não pode fazer (Bourdieu, Chamboredon; Passeron, 2004: p. 57).

Para além dessas conclusões, tínhamos em mente que este seria aplicado através de entrevistas, algo de muita relevância em todo o processo e que, seguramente, causaria impacto em todos/as. Neste contexto, o postulado *bourdesiano* sobre a importância da vigilância epistemológica (Bourdieu, 1999) é questão fundante para qualquer pesquisa. Assim, evidenciar os pressupostos teóricos que estavam colocados para nós aplicadores/as do questionário, foi algo nuclear.

Então, passamos ao debate sobre as entrevistas para a aplicação do questionário. Tínhamos consciência de que todo o desvelo deveria ser empenhado, visto que, no terreno da intersubjetividade de uma possível e desejada compreensão, o encontro entre pesquisador/a e pesquisado/a deveria ser feito com base em algum controle metodológico (Habermas, 1989). Tal controle perpassava justamente pela preparação para as entrevistas, tendo em mente que não são meros “bate-papo informal ou conversa de cozinha” (Duarte, 2004: p. 215). Tudo isso exigiu, conforme orienta a literatura, um planejamento da nossa atuação no campo que envolvia ensaio prévio e decisões, até mesmo, sobre questões de traje a usar.

Finalmente, após todas as discussões, chegamos a um questionário-roteiro para as entrevistas, pensado em facilitar o acesso à cultura local de Camaçari.

Desta forma, a linguagem empregada foi coloquial, informal, muito próxima ao contexto social que visitaríamos, como ficará evidenciado a seguir.

Além das perguntas, foi colocada uma seção preliminar com orientações importantes para as pessoas que iriam fazer as entrevistas, numa espécie de controle e chamamento da atividade prática a se realizar. Esse foi um ponto importante, visto que éramos muitos aplicadores divididos em duplas espalhadas, circulando nos inúmeros rincões da cidade de Camaçari.

Quadro 6 – Questionário do PRONEM 8603/2014 da FAPESB/CNPQ – Parte 1

PARA O/A APLICADOR/A
- Tipo de estabelecimento: SALÃO () BARBEARIA () BAR/RESTAURANTE ()
- Data da entrevista
- Pequeno texto sugestivo de apresentação: Olá, somos da Universidade do Estado da Bahia (UNE) e estamos realizando uma pesquisa para melhor conhecer o comércio local – bares, restaurantes, salões e barbearias. Queremos conhecer como os donos e donas trabalham, o funcionamento dos estabelecimentos e sua história.
- Código do Questionário
- Informação sobre o endereço do estabelecimento (Rua, Bairro)
- Registro fotográfico do estabelecimento (após autorização do/da dono/a)
- Informar se o/a interlocutor/a é um corpo abjeto

Fonte: Elaboração própria com base no Roteiro de Aplicação do Questionário da Pesquisa

Vencendo esta seção de orientação preliminar, o questionário ficou com os seguintes agrupamentos de perguntas:

Quadro 7 – Questionário do PRONEM 8603/2014 da FAPESB/CNPQ – Parte 2

PERFIL DA PESSOA ENTREVISTADA (EMPREENDEDOR/A)
Qual a sua idade? Onde você nasceu? (Município e Estado) Qual a sua nacionalidade? Há quanto tempo mora em Camaçari? Qual o seu nível de escolaridade? Qual a sua cor/raça? Segundo as opções do IBGE, qual a sua cor/raça? Você segue alguma religião? Qual seu estado civil? Qual o seu sexo? Como se vê no dia a dia (mais masculino ou mais feminino)? Como se vê em suas atividades de trabalho (mais masculino ou mais feminino)? Em algum momento de sua vida, você já manteve relações sexuais ou amorosas com pessoas do mesmo sexo?

Qual a sua identidade sexual/identidade de gênero?
CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO – O SABER-FAZER
Com quem você aprendeu a trabalhar neste ramo? Há quanto tempo trabalha neste ramo? Há quanto tempo é dono/a deste estabelecimento? Já teve outros estabelecimentos deste ramo em outras localidades? Quais? Preferiria ter outro emprego? Qual a principal razão para abrir o estabelecimento? Alguém foi consultado para a abertura do estabelecimento? Quem?
A ATIVIDADE EMPREENDEDORA
Quais os dias de funcionamento do estabelecimento? Em qual dia da semana você fecha para o descanso? O estabelecimento abre nos dias de feriado? Quais os turnos de funcionamento? Qual o mês de maior movimento de clientes? Inicialmente alguém te ajudou financeiramente para a abertura do seu estabelecimento? Como você consegue os recursos necessários para financiar a continuidade das atividades do estabelecimento? Há parceria entre os donos dos estabelecimentos da região? Como funcionam essas parcerias? Qual o diferencial do seu estabelecimento em relação aos concorrentes? Quais os principais problemas que você enfrenta no estabelecimento? Quais produtos você vende? Como você faz seu preço? Quais serviços são oferecidos neste estabelecimento (somente para salões e barbearias)? É possível manter o seu sustento e o de sua família com o seu estabelecimento? Além do estabelecimento, existe outra fonte de renda para o sustento da família? Você costuma ter ajudante? Possui ajudante? Quantas pessoas trabalham com você? Como você faz o pagamento dessas pessoas? Você tem outras formas de pagamento (para os clientes) que não seja dinheiro? Como feita a contabilidade do estabelecimento? Há separação entre o seu dinheiro e o dinheiro do estabelecimento? Qual faturamento mensal aproximado do estabelecimento?

Fonte: Elaboração própria com base no Roteiro de Aplicação do Questionário da Pesquisa

Como fica evidente, o questionário⁵⁷ foi bem abrangente e os dados coletados forneceram mais elementos para a elaboração do empreendedorismo cacete-armado. A despeito disso, questões mais específicas para a minha investigação não foram contempladas objetivamente. Sem embargo, a participação nas entrevistas foram cruciais para a minha questão de pesquisa.

4.2.2 As experiências etnográficas na cidade de Camaçari e o despertar de uma pesquisa

A ida a campo⁵⁸ envolveu muitas pessoas, além de integrantes do Grupo Enlace. Foi aberta a participação de estudantes de graduação de diversos cursos da UNEB (evidentemente após o devido treinamento). Além disso, envolveu uma grande organização logística para o deslocamento das pessoas. Foram várias etapas e vários subgrupos para dar conta de diversas localidades de Camaçari a serem visitadas.

Centramo-nos nas localidades com muitos estabelecimentos comerciais e focamos nos segmentos salão/barbearia, bar/restaurante. A figura 12 mostra (escrito em vermelho) o caminhar do Grupo Enlace nos estabelecimentos de Camaçari.

⁵⁷ O questionário para a entrevista passou por processo de análise e validação por duas pesquisadoras externas ao Grupo Enlace. Validaram o questionário, com emissão de parecer favorável, a Professora Cristina Albuquerque da Universidade de Coimbra e a Professora Maria Inês Marques da Universidade Federal da Bahia.

⁵⁸ Todo o material coletado foi tabulado. Alguns dos dados, em gráficos, poderão ser conferidos na seção Anexo desta tese.

Figura 12 – Mapa locais de aplicação questionário Grupo Enlace



Fonte: Elaboração própria com base em cartografia da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente – SEDUR.

Aqui tenho que situar-me e reivindicar meu encarne na pesquisa, mais uma vez. Não pude participar de todas as etapas, visto que, conforme apontado anteriormente, muitas delas ocorreram quando eu estava convalescente, em virtude de cirurgia e consequente infecção hospitalar. Minha participação restrinhi-se às localidades de Jauá, Arembepe, Coqueiro de Arembepe, Parque São Vicente e Monte Gordo. Nas minhas participações, estávamos em trio com exceção da localidade de Monte Gordo na qual fiz entrevista sozinha.

A despeito da não-participação em todas as etapas, a experiência foi crucial para o meu caminho pesquisador. Estar em campo é se deparar com arranjos particulares de vida e um intentar apreender e traduzir uma lógica que, por vezes, difere muito da sua. Como estávamos, quase sempre em trio, foi possível observar aspectos outros que escapavam das perguntas-guia de cada entrevista – de fato, muitas vezes, fui muito mais observadora; observadora das cenas configuradas no momento das entrevistas.

Neste sentido, foi possível trabalhar naquilo que Magnani (2009) chama de experiência etnográfica, visto que, diferentemente da etnografia propriamente dita, não foi algo programado, elaborado e contínuo num período pré-estabelecido. A experiência etnográfica é descontínua e imprevista, porém não menos fornecedora de elementos importantes e motivadores para pesquisas outras – a experiência etnográfica fornece pistas e desperta o interesse numa dada realidade, numa dada situação (Magnani, 2009).

Para o autor, é possível captar “hábitos, conflitos e expedientes, deixando-se imbuir pela fragmentação que a sucessão de imagens e situações produz” (Ibid. p. 106-107). Fragmentações cotidianas ou, até mesmo momentâneas são partes da totalidade de uma existência, estão vinculadas às complexidades de vidas.

As entrevistas transbordaram as perguntas-guia, ante a nossa postura de horizontalidade pesquisadora, muito amparada em Viveiros de Castro. O pujante afastamento de dualidades colonizadoras do tipo selvagem/civilizado e a nossa afabilidade, que perpassou até o linguajar informal, com certeza facilitou a captação de nuances outras muito ricas para a pesquisa.

Superada a desconfiança quanto ao nosso papel, quanto a quem seríamos de verdade e quanto à nossa real intenção, a nossa postura despertou boa vontade e aquiescência de participação. Em muitos casos, lanches, água e alguns mimos em forma de guloseimas nos foram oferecidos. De modo geral, o campo nos tratou muito bem.

Foi nessa ambição, que nos ativemos a observar corporeidades múltiplas. Foi possível identificar performatividades e atravessamentos corporais de raça, gênero e sexualidades. Foi possível perceber ritos e compassos inerentes às práticas empreendedoras e, por vezes, ignoradas na literatura. Foi possível extrair dos discursos dores, erros, acertos, alegrias e tristezas que conduziram trabalhadores e trabalhadoras ao caminho do empreendedorismo.

Foi possível observar estruturas físicas precárias, mobiliários improvisados, ferramentas de trabalho oxidadas, umidade transparecendo em paredes (muitas descamadas e/ou sem pintura), vazamentos, fiações armengadas. Foi possível uma percepção inicial das dinâmicas do trabalho nos puxadinhos, ora puxado para um dos lados da casa principal, ora situado embaixo, ora nos fundos.

O transbordamento das perguntas-guia forneceu informações interessantes e revelou que muitos dos puxadinhos são informalmente alugados (referidos como ponto), o que eleva a carga de tensão dos empreendimentos. No que tange as dinâmicas de vida nos puxadinhos, foi possível observar familiares se mesclando com clientes, filhos/as ajudando no labor, interrupções do serviço em virtude de demandas pessoais diversas. Foi possível, também, identificar bons serviços, boa comida e muita dedicação – desejos de trabalho, desejos de vida.

Toda essa contemplação pesquisadora foi tomada como etapa preliminar para a proposta de pesquisa e para a escolha do método, abordado na seção seguinte

4.3 HISTÓRIA DE VIDA – O MÉTODO ESCOLHIDO

As histórias de vida estão inseridas no campo da pesquisa qualitativa, cujo paradigma fenomenológico sustenta que a realidade é construída socialmente por meio de definições individuais ou coletivas de uma determinada situação (Taylor; Bogdan, 1984). Ou seja, o tão conhecido *qualis* está interessado em compreender o fenômeno social, do ponto de vista de atores e atrizes postos no centro investigativo.

Assim, os dados obtidos pela metodologia qualitativa consistem em ricas descrições verbais das questões estudadas (Kavale, 1996). Além disso, leva em consideração o significado emocional das coisas, situações, experiências e relacionamentos que afetam as pessoas. Nesse sentido, os estudos qualitativos seguem diretrizes de pesquisa flexíveis e holísticas sobre as pessoas, cenários ou grupos, objeto de estudo, que, ao invés de serem reduzidos a variáveis, são estudados como um todo, cuja riqueza e complexidade constituem a essência do que se investiga (BERRÍOS, 2000).

A investigação qualitativa enquanto atividade científica consistente com os seus princípios não pode partir de um desenho pré-estabelecido como acontece na investigação de natureza quantitativa, cuja finalidade é a verificação de hipóteses. A idiossincrasia da investigação qualitativa implica que o desenho da investigação se caracterize por ser indutivo, aberto, flexível, cíclico e emergente. Ou seja, surge de tal forma que é capaz de se adaptar e evoluir à medida que se gera conhecimento sobre a realidade estudada (Bisquerra, 2004).

Em suma, os métodos qualitativos referem-se a um estilo ou forma de investigar os fenômenos sociais que se baseiam em um pressuposto básico: o mundo social é um mundo construído com significados e símbolos, o que implica a busca por essa construção e seus significados.

Nesse sentido, representam um processo de construção social que tenta reconstruir os conceitos e ações da situação estudada. Trata-se de saber como é criada a estrutura básica da experiência, seu significado, manutenção e participação por meio da linguagem e outras construções simbólicas. Para isso, recorre a

descrições aprofundadas, reduzindo a análise a áreas limitadas da experiência através da imersão nos contextos em que ocorre.

No espectro *quali*, nas últimas décadas, o interesse pela investigação da história de vida – a interpretação de histórias ou testemunhos pessoais – tem crescido continuamente (Roberts, 2002). A história de vida adentrou como contrabando no mundo científico causando certo estardalhaço (Bourdieu, 2006). A popularidade deste método de investigação vem muito no esteio de uma relutância das ciências sociais (e áreas afins) em se submeter a metodologias investigativas fechadas e distanciadas de contextos específicos.

Para muitos pesquisadores/as, a investigação sobre história de vida reflete um bem-vindo afastamento da suposta objetividade científica clássica, privilegiando a subjetividade e a posicionalidade (Riessman, 2001) de atores e atrizes envolvidos nos processos investigativos.

Há certa confusão terminológica no campo, uma vez que estes vários termos têm sido usados quase indistintamente (Bertaux, 1981). Isto decorre em grande parte do fato de a popularidade da investigação sobre a história de vida ter se desenvolvido numa ampla rede de pesquisas que tem as suas raízes não só na Sociologia e na Antropologia, mas também noutras áreas, como a Teoria Feminista e os Estudos Literários.

Além disso, está vinculado a culturas com ricas histórias orais, testemunhos pessoais e comunitários. Este estilo metodológico específico recebeu vários nomes e termos abrangentes: investigação narrativa, método biográfico, pesquisa de história de vida são frequentemente usados para simplificar este vasto campo de pesquisa.

Denzin (1989) reflete que há muitos métodos biográficos ou muitas maneiras de escrever sobre a vida. Entretanto, no que tange a história de vida, é possível elencar alguns pontos específicos, marcantes e/ou características para o delineamento do método. As histórias de vida representam uma modalidade de pesquisa qualitativa que fornece informações sobre acontecimentos e costumes para demonstrar como é a pessoa. Isso revela as ações de um indivíduo como ator/atriz humano/a e participante da vida social por meio da reconstrução dos acontecimentos que vivenciou e da transmissão de sua experiência de vida.

Paraná (1996) aponta que o método história de vida é de valiosa importância social porque possibilita uma abordagem histórica com um viés democrático que é singular em termos metodológicos. Trata-se da promoção real da evidência humana, pois dá “voz àqueles cujo discurso foi calado ou teve pouca influência no discurso dominante” (*Ibid.* p. 317).

Berríos e Lucca (2004) ampliam a ideia de Paraná (1996), destacando a importância do método, no sentido de que não só se pode conhecer e dar voz à pessoa que narra, mas também se pode desvendar as realidades que muitos países, comunidades e contextos específicos vivenciam, explicitando o implícito e visibilizando o oculto.

Cordero (2012) traz, como elemento importante a considerar, as modalidades e dimensões das histórias de vida. A autora sinaliza que, devido à sua natureza aberta, não é fácil encontrar uma taxonomia reconhecida de histórias de vida. Mckernan (1999) se refere a três tipos de histórias de vida: as completas, as temáticas e as editadas. Histórias de vida completas são aquelas que abrangem a extensão da vida ou trajetória profissional da pessoa entrevistada.

Os temas compartilham muitas características de histórias de vida completas, mas delimitam a pesquisa a um tema, questão ou período da vida do sujeito/a, realizando uma exploração aprofundada do mesmo. As histórias de vida editadas, sejam elas completas ou temáticas, caracterizam-se pela inserção de comentários e explicações de outra pessoa que não é o sujeito/a principal (Cordeiro, 2012).

Tem um aspecto crucial e muito relevante no processo narrativo da história de vida, que é a questão da memória. Esta é uma seara nuclear muito peculiar e abaladiça. Se pararmos para analisar, com refinada atenção, a memória é a juntura do *eu*, do *me*, do *mim* (e todas as pessoalidades possíveis) do/a entrevistado/a, mergulhado/a nas subjetividades interpretativas de sua vida, movimentando-se, abalando-se, desestabilizando-se na revisitação ao passado. Trata-se da empreitada narrativa de produzir-se (Bourdieu apud Preuss, 1997) para a pessoa interlocutora, como se fora um refazer-se, e não uma simples revivência (Chauí, 1973).

Muito da peculiaridade explica-se pelo fato de que a memória é um processo individual, mas que ocorre num campo social dinâmico que possui instrumentos

socialmente criados e compartilhados⁵⁹, de modo que, muitas vezes, as recordações trazidas à tona por quem narra, possam parecer contraditórias ou sobrepostas (Portelli, 1997). A revisita é um repasse da trajetória de vida que proporciona, com mais clareza, uma série de reflexões e o entendimento das razões de certas escolhas, o porquê de certos caminhos trilhados e o encontro de possíveis respostas (Tramarin, 2005) – por vezes, vêm cheios de alegrias e risos; por vezes, vêm cheios de tristezas e choros.

O condutor, a condutora da viagem da história de vida é o pesquisador, a pesquisadora. Em sentido prático, nas entrevistas para a escuta das narrativas são utilizados gravações, escritos pessoais, visitas a ambientes diversos, fotografias, comunicações/mensagens via dispositivos móveis, nas quais o pesquisador/a incorpora as relações com os membros do grupo e sua profissão, sua classe social. Mas não só fornece informações essencialmente subjetivas sobre toda a vida de uma pessoa, como também inclui a sua relação com a sua realidade social, os contextos, os costumes e as situações das quais o entrevistado/a participou.

Entretanto, extrapolando a técnica e a seleção de equipamentos e ferramentas inerentes, a questão subjetiva que envolve a relação entre pesquisador/a e sujeito/a é um aspecto basilar do processo, pois está vinculado a qualidade da entrevista (Bosi, 2004). Quem pesquisa tem acesso a informações importantes acumuladas no arcabouço de vida da pessoa: escolaridade, saúde, família, entre outras. Através de sucessivas entrevistas, ele/ela obtém o relato subjetivo de uma pessoa sobre os acontecimentos e avaliações de sua própria existência.

Narra-se o vivenciado, com as nuances de avanço, de retrocesso, com vestígios de alegrias, tristezas, apontamentos de acertos, de erros, arrependimentos, justificativas e certezas. O processo narrativo reverbera-se uma rica fonte de dados que permite aos investigadores/as explorar o curso da vida e examinar as relações entre causa e efeito, agência e estrutura (Paerregaard, 1998). Logo, a postura ética incorpora-se como pauta de conduta *sine qua non* de quem está abrindo a caixa de vida de uma pessoa que se dispõe a desnudar-se.

⁵⁹ Portelli (1997) afirma, no entanto, que embora sejam socialmente compartilhadas “em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são – assim como as impressões digitais, ou, a bem verdade, como as vozes – exatamente iguais (p.16).

Nesse caso, o vínculo que se estabelece é muito importante. Bosi (1999) aponta que a qualidade do vínculo determina a qualidade da entrevista. Nos trilhos deste pensamento e numa perspectiva mais etnográfica, porque o método e a história de vida têm entrelace com pontos da etnografia, os ensinamentos de Viveiros de Castro são altamente válidos e devem ser considerados para o debate sobre o vínculo pesquisador/a-entrevistado/a.

Viveiros (2002) aponta que se deve evitar posturas assimétricas na relação que se estabelece e critica o objetivismo e o distanciamento propostos por métodos fundados na premissa da suposta neutralidade científica. Há que se evitar essa perspectiva de exterioridade, na qual jaz a ideia de que o conhecimento científico do pesquisador/a é melhor e lhe dá maiores condições de compreender a vida das pessoas entrevistadas.

É importante ter como crucialidade o fato de que na relação ambos os atores/atrizes são detentores/as de conhecimento e que o novo conhecimento produzido, fruto da aproximação e do mergulho na interioridade das vidas de outrem, é mútuo. Para Viveiros (2002), é fundamental a aceitação de que o entrevistado/a é detentor/a de sentido do seu próprio sentido e não mero/a reproduutor/a desse sentido, ou seja, não se trata de trivial objeto investigativo analisado sob as lutas da superioridade.

Assim, com inspiração em Viveiros, entendo que é importante que a perspectiva de trabalho do pesquisador/a esteja azeitada no respeito, na horizontalidade, escapando de armadilhas universalizantes e considerando que cada pessoa pode encarnar soluções específicas para problemas genéricos.

Quanto ao conteúdo, ao material colhido, ao conhecimento produzido, pontuo que, através das análises de narrativas de histórias de vida, pesquisas, de distintas áreas do conhecimento, conseguem evidenciar uma perspectiva que, num indivíduo, família ou pequeno grupo de informantes, é mais holística do que aquilo que pode ser inferido pela mera observação ou usando outras ferramentas metodológicas. As histórias de vida se assentam numa perspectiva fenomenológica que põe holofote na conduta humana, naquilo que as pessoas dizem e fazem como inerentes à definição que têm de mundo.

Ante tudo que foi discutido aqui, ressalto que a utilização de dados de histórias de vida para informar a nossa compreensão sobre a atividade

empreendedora no contexto da baianidade é especialmente útil por uma série de razões. Primeiramente, histórias de vida são relacionais e têm o potencial de vincular processos macro e micro, desestabilizando certezas hegemônicas, tais como postulações teóricas desvinculadas da realidade.

De fato, podem iluminar o conhecimento pré-existente sobre um dado assunto, refutar conceitos comuns, mas prejudiciais (Kothari; Hulme, 2004) e gerar conclusões contraintuitivas, estimulando, assim, novas áreas de investigação. Além disso, entrevistas de história de vida permitem que os indivíduos discutam não apenas sobre si mesmos e suas vidas, mas também sobre os espaços sociais, econômicos e políticos em que vivem. Assim, podem ser usadas para comunicar como a estrutura e a agência se entrecruzam para produzir as circunstâncias da vida de uma pessoa ou comunidade específica.

Por fim, histórias de vida capturam processos de mudança. Podem ser usadas para mapear a trajetória da pobreza de um indivíduo, para identificar os principais impulsionadores, processos de manutenção e de rupturas da pobreza, processos e caminhos educativos e escolhas empreendedoras (com suas desventuras e/ou êxitos).

Como importante ferramenta para o método aqui debatido, a entrevista é o meio de viabilização da captura das especificidades de vida.

4.3.1 Entrevistas – o caminho para o diálogo

Ao lado da observação participante, a técnica da entrevista está muito vinculada ao método história de vida. A literatura acadêmica traz distintos tipos sendo as mais recorrentes as entrevistas estruturadas, semiestruturadas e não-estruturadas. As entrevistas estruturadas são elaboradas e planejadas previamente à interação e trazem, nuclearmente, um conjunto de perguntas fechadas, sequenciais e pautadas na rigidez da objetividade (Fowler Jr, 2011; Edwards; Hollands, 2013). Geralmente, uma entrevista estruturada tem o propósito de cunho estatístico (Minayo, 2000; Silva; Russo; Oliveira, 2018).

As entrevistas semiestruturadas têm uma linha mais qualitativa e permitem uma maior interação entre a pessoa que pesquisa e o/a interlocutor/a. Elas têm um

script previamente planejado, mas permitem o surgimento de outros pontos e perguntas durante a sua realização (Glesne, 2015).

Por sua vez, nas entrevistas não-estruturadas, como a entrevista em profundidade, a entrevista narrativa e o grupo focal, o pesquisador/a se coloca como um aprendiz com rotunda disposição para aprender tudo o que o/a entrevistado/a tem para ensinar (Mack *et al.*, 2005).

Fontana e Frey (1994, p. 361) asseveram que “a entrevista em profundidade é uma das mais poderosas maneiras que utilizamos para tentar compreender nossa condição humana”. Para Fraser e Gondim (2004), a entrevista dá voz ao interlocutor/a para que ele/ela fale do que está acessível à sua mente no momento da interação com a pessoa que entrevista e, em um processo de influência mútua, produz um discurso compartilhado por ambos.

Trata-se, pois, de um rico tipo de interação social no qual a palavra tem um peso muito grande – é pela palavra que atores e atrizes do foco investigativo dão sentido discursivo às suas vivências (Jovechlovitch; Bauer, 2002). Esses atores e atrizes podem trazer dados e informações que podem ser confirmados e cotejados em documentos, gerando fatos (Minayo; Costa, 2019), contribuindo para as mais distintas áreas do conhecimento (Schirato, 2000; Curvello, 2000; Pereira Jr., 2000; Marques de Melo; Duarte, 2001).

A técnica da entrevista em profundidade tenta estudar a experiência vivida (Seidman, 1998), ou o mundo como os participantes experimentam de uma maneira ainda pré-reflexiva. Essa ideia de pré-reflexão refere-se a uma etapa anterior a possíveis conceituações ou categorizações que os/as participantes possam vir a fazer (Husserl, 1982). A técnica é especialmente benéfica quando motivada a fornecer detalhes a fim de alcançar uma compreensão profunda dos caminhos de pensamento e decisões das pessoas entrevistadas (Geertz, 1973).

Pautam-se por encontros presenciais entre a pessoa que pesquisa e as/os interlocutores/as destinados a compreender as perspectivas que estes/estas têm sobre suas vidas. Em termos práticos, a técnica é permeada por sessões de audição que tem um caráter muito aberto, aparentemente sem controle, como se tratasse de uma conversa.

Para Creswell (1998), o procedimento de entrevistar em profundidade é uma abordagem fenomenológica a ser realizada em um ambiente natural no qual o

pesquisador é um instrumento de coleta de dados que reúne palavras ou imagens, analisa-as indutivamente, concentra-se no significado dos participantes a fim de descrever um processo que é expressivo e persuasivo na linguagem.

Uma característica que não se pode deixar de mencionar da entrevista em profundidade é que, no campo das ciências sociais, a técnica termina por assumir um pujante engajamento com a transformação social, visto que se lastreia na promoção da autorreflexão e da ação emancipatória desencadeada nos/nas participantes (Fraser; Gondim, 2004).

Superadas as devidas explicações e justificativas sobre método e técnica, dou início ao processo de interação com as interlocutoras na seção 4.4 desta escrita.

4.4 SELEÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DAS EMPREENDEDORAS – OS LUGARES E AS PESSOAS

Antes de iniciar a caracterização das empreendedoras, é importante evidenciar os meus caminhos, os lugares por onde andei. Já falei da cidade de Camaçari, em termos mais gerais. Entretanto, preciso pormenorizar minha andança camaçariense.

Atualmente, Camaçari é composta por uma sede e dois distritos, Abrantes e Monte Gordo, conforme mostrado antes. Trato, então, das características dos lugares por onde andei e por onde encontrei lindas flores.

4.4.1 Jauá, no distrito de Abrantes

Segundo Ott (1986), a Aldeia dos Índios do Espírito Santo, atual Abrantes, tem povoamento registrado desde o século XV. O local, embora tivesse um solo mesclado com barro e terras arenosas, foi considerado ideal para estabelecer aldeias indígenas que, a despeito do fato de estarem na faixa litorânea, dedicaram-se principalmente a agricultura (Ott, 1986). Um fato marcante é que “os índios só se estabeleceram pois em Abrantes quando os jesuítas os aldearam aí, tirando-os de povoados anteriores” pensando nos “próprios proveitos, que iriam tirar desta aldeia, projetando o estabelecimento de uma fazenda de criação de gado junto da aldeia

dos índios" (*Ibid.* p. 5). Ou seja, das tantas dores do processo de colonização, temos mais um registro (intra) diaspórico.

Por outro lado, essa característica histórica de Abrantes guarda certo ineditismo. Ott (1986) aponta uma participação política da comunidade indígena muito pouco sabida e difundida – em Abrantes, os indígenas participavam com mais afinco das decisões do lugar e chegaram a ocupar cargos políticos, conforme fica evidente no trecho:

...logo depois da criação da Vila Nova de Abrantes, em 1758, os seus vereadores indígenas logo pediram uma nova demarcação de suas três léguas em quadrado, dizendo que, em 1562, os jesuítas escolheram para si mesmos as melhores terras, para aí estabelecer o pasto para o seu gado (Arquivo Público do Estado da Bahia⁶⁰, 603 apud Ott, 1986, p.5).

Copque (2021) assevera que essa intensa participação política dos indígenas em Aldeia dos Índios do Espírito Santo se deu em razão do Período Pombalino (1750 a 1777), correspondente aos anos em que o Marquês de Pombal exerceu o cargo de primeiro-ministro de Portugal. O Diretório Pombalino na teoria (muito na teoria) proibia a escravidão indígena e criava medidas que tinham como objetivo a integração dos povos indígenas à lógica do sistema colonial português. Em Abrantes, os dados históricos mostram que as postulações do referido diretório foram colocadas em prática.

Importante destacar que o nome Abrantes é uma homenagem à cidade portuguesa de Abrantes, situada na região do Tejo. Essa prática dos colonizadores já fora apontada pelo grandioso Cid Teixeira (2003), ao asseverar que os mandatários da corte portuguesa, no intuito de manter bem presente à disposição da condição de colonizadores, trouxeram os nomes de velhas vilas portuguesas para seus domínios no Brasil (Teixeira, 2003, p. 7-8).

Elevada a Vila em 1758, durante 167 anos, Abrantes foi sede administrativa de Camaçari e em 1925, perdeu esta primazia e tornou-se distrito. O distrito é composto por vinte bairros, a saber: Busca Vida, Catu de Abrantes, Boa União, Nova

⁶⁰ Colônias de índios 1752-1759. **Manuscrito existente no Arquivo Público do Estado da Bahia, nº 603**, caderno 16, n. 1, f. 3v-4r.

Abrantes, Vila de Abrantes, Malícia, Areias, Coqueiros de Arembepe, Alphaville, Vale do Landirana, Parque das Dunas, Jauá, Pé de Areia, Arembepe, Interlagos, Cajazeiras de Abrantes, Varge Grande, Cascalheira, Sítio São Gonçalo, Cachoeirinha (SEDUR Camaçari, 2023). Em termos de quantidade de bairros, Abrantes só é menor que a sede de Camaçari. A área geográfica começa da Ponte do Rio Joanes, em Catu de Abrantes e vai até a ponte do Rio Jacuípe.

Abrantes aglutina diversas indústrias, dos mais distintos segmentos, com destaque para os ramos da construção, decoração, jardinagem. À beira da pedagiada rodovia BA-099, iniciando em Catu de Abrantes até Arembepe, é possível localizar um sem-fim de galpões, depósitos, fábricas de pré-moldados, madeireiras, fábricas e lojas de móveis, fabricas de tecidos, estofarias, fabricas de piscinas de fibra, dentre muitos outros produtos. Há destaque para um grande shopping na modalidade *outlet*⁶¹, que atrai um grande fluxo de pessoas para a região.

Junto a um comércio muito efervescente, Abrantes é um distrito que conta uma enorme quantidade de condomínios de alto padrão, condomínios mais simples, conjuntos habitacionais, frutos de programas do poder público, e favelas. Há escolas públicas e privadas, bancos, supermercados e farmácias, o que dá certa autonomia ao distrito.

Figura 13 – Zona comercial do bairro de Jauá, distrito de Abrantes



Fonte: Acervo próprio

⁶¹ *Outlet* é um modelo comercial trazido dos Estados Unidos que consiste em vendas a varejo capitaneadas diretamente por produtores e indústrias para o grande público. Geralmente, as vendas têm preços mais baixos do que aqueles oferecidos por lojas. No Brasil, temos as chamadas lojas da fábrica que se assemelham com a proposta. A diferença está no fato de que o modelo *outlet* agrupa, concentra essas lojas da fábrica numa área, bairro, rua ou centro comercial, geralmente em saídas de cidades ou zonas metropolitanas, por isso também o nome *outlet*.

O bairro de Jauá, que tem destaque no distrito, conta como marca histórica o fato de ser originariamente uma vila de pescadores. O nome vem em referência a uma espécie de papagaio⁶² muito comum na região. Dados colhidos no campo, através de interlocutores/as durante a pesquisa, apontam que a praia de Jauá tem aproximadamente dois quilômetros de extensão.

De águas tranquilas e larga faixa de areia, o mar de Jauá, com a ajuda de um grande anteparo, deixa transparecer arrecifes quando a maré está baixa. O local, durante muito tempo, foi um agitado ponto de veraneio para as pessoas que moravam em Salvador, tem um apelo turístico forte.

Há um comércio latente, com destaque para bares, pequenos restaurantes, farmácias, salões de beleza, sorveterias, depósitos de bebidas, mercadinhos, dentre outros tipos de estabelecimentos. A localização à beira-mar proporcionou o surgimento de pequeno nicho hoteleiro do segmento pousada.

4.4.2 Monte Gordo e Barra do Pojuca no distrito de Monte Gordo

Segundo Copque (2021), o nome Monte Gordo (originariamente São Bento de Monte Gordo) é uma homenagem a uma antiquíssima freguesia situada na Costa Sul do Algarve denominada de Monte Gordo, pertencente ao Conselho de Vila Real de Santo Antônio. Ante as semelhanças físicas de ambas as regiões, Garcia D'Ávila, em terras tupiniquins, decidiu homenagear a remota e secular localidade portuguesa (Copque, 2021), repetindo a tradição colonizadora, conforme já explicada anteriormente. Dessa forma, algumas outras versões para a origem do nome Monte Gordo não encontram amparo em registros históricos.

O distrito de Monte Gordo é uma área litorânea que adentra os resquícios de mata atlântica da costa baiana. Segundo dados da Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente (SEDUR)⁶³ da Prefeitura Municipal de Camaçari, além dos bairros de Monte Gordo e Barra do Pojuca, o distrito é composto por Barra do

⁶² Segundo informação do Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi, de Antônio Geraldo da Cunha (1978), o nome popular da ave *amazona rhodocorytha* era *chauá*, de origem tupi. Ao longo do tempo, o nome evoluiu para jauá.

⁶³ Ver cartografia oficial: <https://arquivos.camacari.ba.gov.br/sedur/arquivo/191017032136789642.pdf>

Jacuípe, Guarajuba, Itacimirim⁶⁴, Boa Esperança, Coqueiros de Monte Gordo, Várzea da Meira, Genipabu e São Bento. Trata-se do segundo maior distrito em extensão territorial do município, com 292 quilômetros quadrados e uma população estimada em 29 mil pessoas que compõem povoações que têm a peculiaridade de manter vivas suas designações indígenas que receberam dos povos originários, desde os tempos que antecedem ao século XVI (Copque, 2020).

Copque (2021) aponta que, na atualidade, essa essência ameríndia compõe a identidade étnica, não só de Monte Gordo, mas de toda a costa camaçariense. Porém, o historiador demarca que ela se amplia “não deixando de ser lusa, banto, sudanesa” (Ibid. p. 228). Ao longo da história, essas culturas “construíram variadas práticas e costumes. Suas trajetórias, saberes e memórias forjaram nossas práticas cotidianas que a nós chegaram por raízes e heranças étnico-culturais” (Ibid. p.228). Importante lembrar que, conforme já dito nesta tese, o distrito encontra-se situado no *ethos* da baianidade. Toda a miscigenação étnico-cultural, marca nuclear da baianidade, encontra tranquilo assento no distrito de Monte Gordo. Esses dados são altamente relevantes, porque nos dão pistas úteis para a fase de análise.

Deslindando o distrito, chegamos aos bairros-lócus. O bairro de Monte Gordo está situado no lado oposto ao bairro de Guarajuba. Ambos são separados fisicamente pela rodovia estadual BA-099 (pedagiada via concessão a CLN – Concessionária Litoral Norte). Para além da estrada, a diferença socioeconômica representa a verdadeira separação entre as localidades. Guarajuba caracteriza-se como um bairro praiano, com imóveis de alto padrão e frequentada por pessoas de diversas partes do mundo.

O bairro de Monte Gordo, por outro lado, é um bairro que terminou por adquirir a característica de *downtown* guarajubano, oferecendo apoio logístico-comercial bem variado à Guarajuba. Há um sem-fim de lojas de prestação de serviço, salões de beleza, mercadinhos, pequenos restaurantes, farmácias, escolas, delegacia, posto de saúde etc. Importante destacar que há uma concentração, na

⁶⁴ Diego Copque fez uma pesquisa sobre a origem dos nomes dos bairros do distrito. Ele indica que: Jacuípe, de origem tupi, traduzida para o português, significa “rio dos jacus”, um tipo de ave galinácea que habitava a região; Guarajuba ou Guigrajuba, por sua vez, significa “garça dourada” ou “garça amarela”; Itacimirim, que outrora era grafado como Tassimirim, significa “pequena fileira de pedras”; Genipabu, Rio dos Jenipapos; e finalmente Barra do Pojuca, que quer dizer “fonte de água podre” ou “água não potável” (COPQUE, 2021, p. 212)

lógica dos grandes centros, dessa intensa atividade comercial bem na via principal do bairro.

Ao lado do eixo comercial, há uma comunidade residente situada no ponto mais urbano e uma outros grupos comunitários nas zonas mais periféricas que contam com casas simples, algumas favelas, e com propriedades com características alusivas a antigos sítios, chácaras e fazendas. Nas figuras abaixo, é possível perceber a efervescência comercial do bairro:

Figura 14 – Zona comercial do bairro Monte Gordo, distrito de Monte Gordo



Fonte: Acervo próprio

A voz do povo sussurra que Barra do Pojuca está para Itacimirim o que Monte Gordo está para Guarajuba. A questão física na BA 099 é replicada assim como a pujante diferença socioeconômica entre o bairro nobre-ajuntado-de-condomínios, assentados na beira da praia e o bairro marcado pela forte aglutinação de pequenos comércios – a Barra do Pojuca.

O bairro, que é a faixa limítrofe norte do município de Camaçari com de Mata de São João, tem o privilégio de ser banhado diretamente pelo Rio Pojuca. O lugar onde de tudo há! O cardápio amplo de estabelecimentos e serviços (muitos puxadinhos), que passa por posto de combustível e vai até a casa da baiana de acarajé, atrai pessoas de outras localidades como Praia do Forte, Sapiranga, Açu da Torre e Imbassaí (pertencentes ao município vizinho). Assim,

como se dá em Monte Gordo, há uma concentração comercial na via principal, como fica evidente na figura a seguir:

Figura 15 – Zona comercial do bairro de Barra do Pojuca, distrito de Monte Gordo



Fonte: Acervo próprio

Essa concentração territorial no que tange aos empreendimentos de bens e serviços nos bairros aqui descritos, foi apontada por Santos e Silveira (2006) como uma prática do neoliberalismo no uso do território. Vejo como a cinesia da repetição do global no local; a lógica das grandes cidades replicada nos pequenos bairros; uma espécie mimesis comercial. Para os autores, “o neoliberalismo conduz a uma seletividade maior na distribuição geográfica dos provedores de bens e de serviços, levados pelo império da competitividade a buscar, sob pena de seu próprio enfraquecimento, as localizações mais favoráveis” (Santos; Silveira, 2006, p. 302). Nos bairros, fica nítida a disputa por evidência que gera uma concentração que, consequentemente, pode ser desfavorável ao acesso a bens e produtos de maneira mais equânime e democrática.

Feitas essas considerações sobre o *lócus* micro da pesquisa, sigo com a caracterização das empreendedoras.

4.4.3 AS INTERLOCUTORAS E SEUS PUXADINHOS – A IDEIA DE CACETE-ARMADO E AS PERCEPÇÕES DE SI NA ESFERA EMPREENDEDORA

Reforço que a entrevista é uma importante ferramenta para a elicitação de informação e/ou produção conhecimento. Apesar da aparente simplicidade, a

qualidade e a profundidade de dados necessários para produzir resultados significativos, muitas vezes, podem ser difíceis de operacionalizar. É importante ter claro que a preparação das entrevistas é muito importante pois, envolve questões técnicas e éticas. A entrevista não é neutra, a pessoa entrevistada não é simples informante e há que haver sinergia na conversação que se estabelece (Szymanski, 2004).

Antes de iniciar a caracterização das empreendedoras, é importante evidenciar o caminho trilhado para as escolhas. Houve uma irregularidade temporal, ante as diversas dificuldades pessoais encontradas por esta que escreve. Uma delas, e talvez a principal, foi a pandemia da COVID-19 que terminou por me engessar por dois anos. Eu própria tive a enfermidade por duas vezes, sendo a primeira vez uma experiência tenebrosa por ainda não existir vacina à época. Além disso, a enorme carga de trabalho terminou por provocar uma série de atrasos na minha escrita. Dessa forma, elucido que as entrevistas foram realizadas somente entre os meses de janeiro de 2022 e julho de 2023.

Conforme sinalizado, no meu ideário investigativo, as pessoas a participarem da pesquisa seriam todas oriundas das experiências etnográficas realizadas com o Grupo Enlace na cidade de Camaçari. Então, deu-se um movimento de retorno, de revisita a alguns espaços onde apliquei os questionários no ano de 2018. Entretanto, não foi fácil encontrar muitas das pessoas com as quais tive contato lá atrás. O flagelo pandêmico trouxe uma verdadeira devastação à vida de vários empreendedores e empreendedoras. Muita gente fechou seus pequenos estabelecimentos, muita gente buscou trabalho em outras áreas e algumas pessoas, desafortunadamente, padeceram ante o vírus.

Além desse fato, há uma questão que assola o trabalho de muitos pesquisadores/as que vão fazer pesquisa de campo que é o fato de que muitas pessoas não querem participar – muitas delas, por medo. Algumas se recusam até mesmo em ouvir a explicação sobre o que se trata, sobre o nosso propósito etc. e tal. A solução para isso é recorrer à rede de amigos, pesquisadores/as, colegas de trabalhos e até alunos/as que moram na localidade onde queremos pesquisar. Ademais, é possível fazer uso da estratégia da bola de neve, quando uma pessoa que se propõe a contribuir, vai indicando outras.

Destarte, elucido que apenas uma das pessoas colaboradoras deste trabalho teve contato comigo no ano de 2018. As outras são todas frutos de novos contatos e indicações.

As entrevistas foram realizadas com 5 mulheres empreendedoras. Todas elas baianas. São dois segmentos de empreendimento: três delas têm salão de beleza e duas têm restaurante. Alberti (2006) trata dos critérios para a definição da quantidade de pessoas entrevistadas no espectro do método história de vida. Para a autora, os critérios não devem estar pautados no esteio do quanto mais melhor; devem ser “qualitativos, como a posição dos entrevistados no grupo e o significado da experiência” (*Ibid.* p. 172). Até mesmo pelo fato de estarmos diante de riquezas narradas que podem ser olhadas sob diversas perspectivas, a quantidade não é fator fundamental para o método. Uma narrativa apenas pode despertar inúmeros vieses investigativos. Para Alberti (2006, p. 175), a história de vida tem

...como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou. Pode-se dizer que a entrevista de história de vida contém, em seu interior diversas entrevistas temáticas, já que ao longo da narrativa da trajetória de vida, os temas relevantes para a pesquisa são aprofundados.

Para além da questão do número de entrevistadas, é importante destacar que a escolha também teve um critério híbrido oriundo da fusão da gênese da pesquisa (Projeto PRONEM 8603/2014 da FAPESB/CNPQ) e da conveniência geográfica, visto que sou moradora do município vizinho, Mata de São João, desde o início da pandemia. Logo, excetuando a colaboradora de Jauá, focar nas colaboradoras situadas nas regiões de Monte Gordo e Barra do Pojuca foi uma facilidade que não convém negar. A conveniência e facilidade de acessibilidade da pesquisadora não é algo incomum na seara acadêmico-investigativa (Flick, 2009).

As entrevistas foram compostas e aplicadas individualmente, na perspectiva dos aspectos metodológicos já apresentados aqui. A todas foi explicado o objetivo da pesquisa, foi prestado agradecimento pela participação e engajamento, e foi entregue, lido e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Todos os encontros tiveram como cenário o ambiente natural de cada uma delas, conforme pilar da abordagem fenomenológica.

Creswell (2007, p. 197) pontua que “a coleta e a análise de dados devem ser processos simultâneos na pesquisa qualitativa”. Desse modo, elucidado que as entrevistas foram registradas por *software* gravador de áudio para dispositivo móvel versão *Gravador de voz 2.2.4* para Iphone, em modo avião a fim de dar mais qualidade ao material coletado. Imediatamente, após cada registro, as entrevistas gravadas foram extraídas e transcritas através da plataforma *Transkriptor* e formatadas em versão word para leitura e análise. As entrevistas foram transcritas literalmente, porém somente alguns trechos foram selecionados para tese.

Nesta seção de apresentação das colaboradoras e seus puxadinhos, aproveito para trazer também a percepção de cada uma delas quanto à expressão cacete-armado. De maneira muito sutil, em determinado ponto da entrevista, que foi diverso e consonante com cada especificidade, eu introduzi a expressão e elas me responderam de maneira muito clara, objetiva e, até mesmo, divertida.

Há um debate em alguns espaços acadêmicos sobre o anonimato e/ou o uso de pseudônimos para interlocutores/as de pesquisas que utilizam o método história de vida e etnografias. Entendo que os saberes e as vivências trazidos neste trabalho escapam a um nexo de racionalidade altamente prescritivo e que expor as empreendedoras ao usar seus nomes reais em nada contribui para a tradução e entendimento desses referidos saberes/vivências. Seguir essa linha dita clássica não significa ser colonizada ou colonialista; não é um caminho suspeito nem politicamente menos consequente (Fonseca, 2010) como apregoam alguns.

Dito isso, apresento as empreendedoras engajadas na pesquisa com nomes fictícios, assim como são fictícios os nomes dos estabelecimentos. Procurei nomeá-los muito proximamente aos nomes originais. Pensando também no importante cuidado com as empreendedoras, as imagens-fachadas de seus estabelecimentos sofreram tratamento efeito-artístico (esboço à lápis), disponível em editor para imagens do software *Word*.

Sob certa influência *drummoniana*, sugeri a cada uma delas que escolhesse um nome de flor, pois considero que elas rompem o asfalto⁶⁵ de uma lógica empreendedora hegemonicamente pavimentada. Dessa forma, as flores do meu jardim serão referidas como: Buganville, Ixora, Margarida, Rosa e Jasmin.

⁶⁵ Referência ao poema “A Flor e a Náusea” de Carlos Drummond de Andrade, publicado no livro de poemas “A Rosa do Povo” (1945).

Um aspecto relevante de se destacar foi a duração das entrevistas. Não houve uma regularidade, visto que tudo foram feitas no ambiente natural de atuação de cada uma delas e muitas interferências surgiram. Assim, os encontros tiveram uma média de duas horas-duas horas e meia. Margarida e Ixora escaparam dessa média de tempo. Conseguí estar com elas por quase cinco horas (tarde inteira), de modo que me foi possível extrair mais detalhes sobre elas.

A seguir, dou início à caracterização mais pormenorizada de cada uma das flores, colocando a partir do nome dos estabelecimentos.

a) Buganville Silva Espaço de Beleza

Buganville tem 23 anos e é proprietária de um salão de beleza numa área periférica do bairro de Monte Gordo. Tivemos três encontros, nos dias 24/02/2023, 16/03/2023 e 18/04/2023. Ela é solteira, não tem filhos, é de religião cristã e se autodeclarou negra.

Quando perguntei a Bungaville sobre a expressão cacete-armado, ela me respondeu o seguinte:

Cacete-armado é nós aqui. Assim, tem algumas gírias que eu não conheço, mas eu ouvi falar na outra pesquisa. Tinha lá sobre o cacete-armado. O cacete-armado é como se fosse esse meu espaço aqui. É algo como se fosse algo improvisado, algo temporário... assim, a pessoa vai lá e monta um espaço rápido algo que ela vá fazer alguma atividade ali dentro e usa esse nome. Para mim é uma coisa boa. Que é algo que a pessoa vai desenvolver alguma atividade ali dentro. Vai fazer algo (Buganville, 2023)

Buganville se autoidentifica no cacete-armado. O puxadinho de Buganville, uma autoconstrução, foi construído na frente da casa onde mora com seus pais e tem uma estrutura muito precária. Está localizado numa zona periférica do bairro de Monte Gordo, num aglomerado subnormal, a despeito de haver muitas propriedades grandes, chácaras e sítios no entorno. A rua é bem estreita e sem calçamento. Há várias casas muito próximas umas das outras, de modo que todo mundo se conhece.

Na primeira vez que fui até Buganville, tive dificuldade para encontrar o lugar, porque a localização GPS enviada me levou a outro ponto. Porém, bastou falar com

alguns transeuntes que eu estava procurando Buganville, que eu encontrei o lugar. Ela explica o porquê de colocar o seu empreendimento ali:

Antes de abrir aqui, eu ia na casa das pessoas fazer unha, cuidar dos cabelos, essas coisas... E pra mim sair daqui pra me deslocar pra casa do cliente eu dependia muito do mototáxi. Às vezes nem vinham aqui ou atrasavam. Perdia o cliente seguinte. E aí eu conversei com meus pais. Pedi o espaço a eles, eles cederam (Buganville, 2023).

Assim, conforme se vê na figura 16, o puxadinho foi levantado na parte frontal-lateral da casa dos pais.

Figura 16 – Puxadinho salão de beleza de Buganville



Fonte: Acervo próprio – Foto com tratamento especial efeito artístico, esboço à lápis

A autoconstrução puxadinho de Buganville está situada num contrapiso de tijolos pré-moldados acimentado. A estrutura é toda de madeira, coberta de telha de zinco. As colunas centrais da estrutura são estacas de eucalipto tratado, presentes também no telhado para o assentamento das telhas. As paredes frontais e laterais são feitas de madeira de paletes. A parede de fundo é a parede do quarto da casa, cuja janela dá para dentro do salão. Segundo Buganville:

Eu resolvi colocar o palete porque é algo rústico é algo que vai ventilar mais. Se fosse fazer de bloco e cimento ia me dar mais trabalho e precisaria de um investimento maior. Aí eu fui e resolvi fazer de paletes. Comprei os paletes, recebi doação de alguns, catei alguns caixotes na feira.... tive ajuda dos meus pais na questão da mão de obra e no financeiro (Buganville, 2023).

Além de usar os paletes nas paredes (na porta também), os paletes foram utilizados na parte interior, como prateleiras e armários para guardar produtos e equipamentos.

Figura 17 – Puxadinho salão de beleza de Buganville – parte interna 1



Fonte: Acervo próprio

O salão de beleza de Buganville é bem pequeno, com aproximadamente seis metros quadrados. Na parte interior, tem um sofá de dois lugares numa condição bem precária, mas bem arrumado com uma manta que o cobre e disfarça seu notado longo tempo de uso. Há uma cadeira que também se assemelha a um banco, numa condição bem precária também. Há um espelho bem simples pendurado numa das paredes. A iluminação é bem improvisada – foi puxada um fiação da casa dos pais e colocada uma lâmpada. “Meu namorado fez essa gambiarra”. Para acendê-la, é necessário “ir lá dentro de casa ou gritar para alguém acender”. A cadeira lavatório, um dos equipamentos mais simbólicos de um salão de beleza, foi adquirida de “segunda mão”. As instalações hidráulicas referentes a cadeira foram feitas pelo pai e pelo namorado de Buganville. Tanto a fonte de

alimentação de água, como a canalização de drenagem da água utilizada foram puxadas da casa dos pais.

Figura 18 – Puxadinho salão de beleza de Buganville – parte interna 2



Fonte: Acervo próprio

Além das instalações hidráulicas, todo o salão foi construído, principalmente pelo pai, que contou com a ajuda do namorado dela e dela mesma. Apesar de o pai ter problemas de saúde sérios, que lhe levaram a perder uma das pernas, ela explica o papel fundamental que o pai teve na construção do lugar:

Meu pai é carpinteiro. Ele é carpinteiro e arrumador de ferragem. Então, ele fez tudo isso e também o meu namorado. Ele ajudou meu pai na montagem. Meu pai fez a porta, fez essa cobertura, bateu o contrapiso. Essas caixas foram caixas de vinho que eu resolvi usar como prateleiras. Eu mesma limpei e coloquei na parede, com prego e martelo (Buganville, 2023).

O empreendimento-puxadinho de Buganville é muito dependente da residência. Perguntei-lhe sobre sanitários para clientes e ela me explicou que, quando há necessidade, as clientes usam o único banheiro que tem na casa. Além disso, Buganville explica que o banheiro da casa também é utilizado para a prova de roupa:

É que eu também vendo roupa aqui no salão e se precisarem experimentar, tem que ir lá dentro. Pego umas roupas com um senhor lá de Sergipe e revendo para as clientes e para pessoas aqui do bairro. Boto o meu valor em cima de cada coisa. Ele passa uma vez por mês aqui para pegar o dinheiro da venda e trazer mais mercadorias (Buganville, 2023).

Ao ser interrogada a respeito da sinalização do empreendimento, Buganville explica que ainda não tinha dado para colocar uma placa de identificação no salão, mas que ela planejava mandar fazer algo “bem bonito, para verem de longe”. Explicou que, embora a inexistência da placa, o salão se chama Buganville Silva⁶⁶ Espaço de Beleza.

Buganville mencionou que os pais lutam há alguns anos para regularizar a casa perante a prefeitura, visto que foi levantada num pequeno lote sem legalização nenhuma. O lote, segundo ela, foi comprado, com muito esforço, de uma outra pessoa que não deu documento nenhum.

Ela concluiu o ensino médio e empreendedora solo, não contando com ninguém para ajudá-la.

b) Salão Beleza Divina

Ixora tem 42 anos e é proprietária de um salão de beleza em Barra do Pojuca. É casada e tem três filhos. De religião evangélica, se autodeclarou negra. Tivemos três encontros, nos dias 04/04/2023, 11/05/2023 e 24/05/2023.

Quando perguntei a Ixora sobre a expressão, ela deu muita risada. Transcrevo diálogo para ficar mais compreensível:

- Já vi tudo... Acho que você acha esse meu muquifo um cacete-armado.... (risos).... e é mesmo!
- Muquifo? – lhe questionei rindo também.
- É, muquifo, cacete-armado (risos)... Ah minha filha, mas qual é a panela que faz a comida boa? É velha, amassada, preta, suja de carvão e lenha. Mainha sempre fala que na hora de fazer o feijão tem que pegar as velhas que já tem história. Aqui é um lugar feio e sei que precisa melhorar, mas é aqui que as pessoas me procuram para ficar bonitas. (Ixora, 2023; Barreto, 2023).

Ixora, além de declarar que se situa no âmbito do cacete-armado, me trouxe uma palavra como sinônima. De fato, a palavra existe e foi localizada em alguns dicionários. Somente a modo de ilustração, no Dicionário Online de Português, *muquifo* é definida como “casa pequena, geralmente rústica ou em ruínas; casebre; habitação suja, desorganizada, que possui más condições” (Dicio, 2023). O

⁶⁶ Sobrenome também fictício.

ChatGPT (2023) define como palavra informal em português que “geralmente é usada para descrever um lugar bagunçado, desorganizado ou pouco cuidado. Pode referir-se a um local simples, de qualidade inferior ou até mesmo malconservado”. Interessante e divertido.

A casa de Ixora está situada numa área periférica do bairro Barra do Pojuca e foi construída num lote onde também o irmão tem uma casa. Segundo ela, o irmão comprou aquele terreno e cedeu uma parte para ela e o marido Carlos. Não existe nenhuma documentação, somente um recibo de compra, segundo ela: “Mas a palavra vale, né?”.

O puxadinho de Ixora está situado no espaço na lateral de sua casa, conforme se pode ver na figura 19:

Figura 19 – Puxadinho salão de beleza de Ixora



Fonte: Acervo próprio – Foto com tratamento especial efeito artístico, esboço a lápis

Ixora me conta como foi o início da estruturação do espaço:

Eu pedi a Carlos para fazer. Começou no ano de 2017. Tudo muito devagar porque não tinha dinheiro. Precisa melhorar muito, mas dá para trabalhar. Essa laje é muito quente e quando puder quero logo botar ar-condicionado. Esse ventilador precisei comprar. Já é o terceiro ventilador porque se não tiver as pessoas não aguentam ficar aqui. Esse lavatório era a coisa mais difícil de conseguir. Foi um sonho realizado! Antes tinha que lavar os cabelos aqui no fundo na lavanderia. Foi uma luta para conseguir comprar. Comprei esse

usado através de uma colega lá do Embelleze que mora em São Cristóvão. Tem essa porta de enrolar que foi luta, viu? Carlos conseguiu usada através do pastor e deu um jeito para caber aqui. Sei que aqui precisa melhorar, melhorar, muito, mas desde 2019 que tiro muita coisa da despesa daqui do meu pequeno empreendimento. Empreendimento. Aprendi isso no curso que fiz. Aqui é minha vida, meu sangue, meu empreendimento. Sou uma empreendedora, com a graça de Deus! (Ixora, 2023).

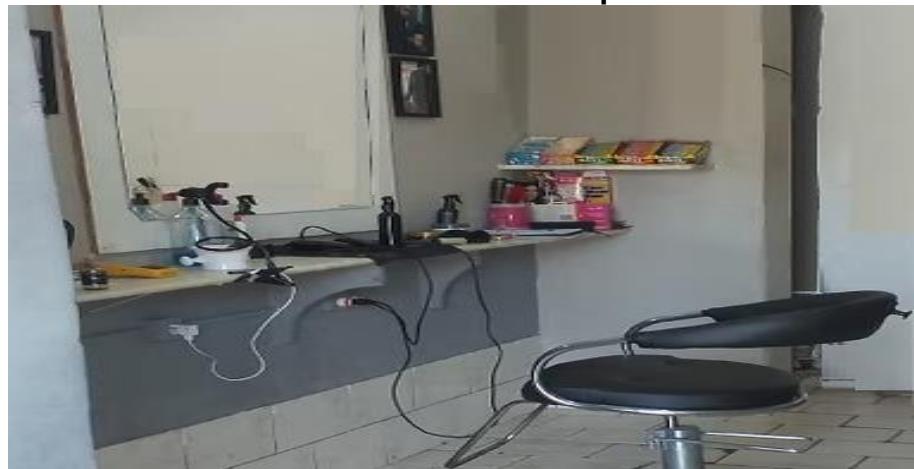
O depoimento de Ixora é muito rico e possibilita fazer muitas observações. Porém, irei me ater às questões da estrutura neste momento. Pela foto frontal, manipulada a fim de preservar a identidade da nossa interlocutora, não dá para ver bem, mas as paredes da fachada do salão estão rebocadas, mas sem pintura. Percebe-se que o reboco cimentício foi feito há muito tempo a ponto de o cinza original já estar amarronzado e com marcas de limo.

Assim como no salão de Buganville, não há placa indicativa de nome, mas ela explica: “Não tem placa, mas quero que chame Beleza Divina, como homenagem a minha fé, ao meu Jesus”. O povo aqui chama de Salão de Ixora.” A porta de ferro, de enrolar, emperra em alguns momentos, mas ela sinaliza orgulho pela conquista.

No fundo do salão, há outra porta que conecta o empreendimento à casa, diretamente à entrada da cozinha e ao banheiro. Segundo ela, o espaço tem mais ou menos dez metros quadrados. A cobertura é uma laje e, em virtude de estar descoberta, podemos ver desenhos abstratos no teto (manchas), formados a partir da umidade da água da chuva que cai e empoça na laje.

A pintura, branca e cinza é antiga e há fiações expostas pregadas nas paredes, mas é possível constatar que foram colocadas com cuidado, numa linearidade que vai do chão, segue a parede e desfila pelo teto até uma lâmpada central responsável por iluminar o lugar. O piso é composto por dois tipos diferentes de cerâmica, que ela explica que foram sobras de obras de vizinhos/as.

Figura 20 – Puxadinho salão de beleza de Ixora – parte interna



Fonte: Acervo próprio

Muito atenta e muito sensível, ao me ver com olhar de observação e atenção ao espaço, Ixora se antecipou e explicou:

Eu estou querendo emassar as paredes até o fim do ano para dar uma pintura melhor. Essa cadeira giratória reclina um pouco também. Comprei da minha antiga patroa lá de São Gonçalo. Ela facilitou o pagamento e eu paguei tudo certinho. Essas prateleiras Carlos fez e colocou com a ajuda de meu filho (Ixora, 2023).

No salão há um banco de madeira sem encosto de mais ou menos 1,80m de comprimento com aparência bem antiga, mas com pintura recente na cor branca, destinado a clientes em espera. Há outro banco pequeno e baixo, aparentemente destinado a pedicure que. Procurei saber sobre a construção do espaço do salão e ela forneceu mais detalhes:

Da mesma maneira que ajudei na casa, ajudei neste meu salão. Fiz cimento, pintei, ajudei a botar este piso, ajudei com as telhas. Eu faço de um tudo. Estou tentando comprar uma televisão usada porque aí a cliente se distrai, né? Quero colocar um espelho grande de parede a parede. E também quero colocar internet para as clientes, mas ainda preciso aprender mais. (Ixora, 2023)

Da mesma maneira que ocorre no salão de Buganville, no empreendimento de Ixora toda a parte hidráulica da cadeira lavatório está vinculada à casa. Além disso, a energia também é uma só para a casa e para o salão, assim como o banheiro.

Percebi uma bíblia na bancada e Ixora me explicou que, muitas vezes, quando não tem cliente, ela lê e, muito sábia, me alerta que a Bíblia requer “estudo constante porque é muita coisa para dar conta”. Ela diz que quer memorizar tudo para quando o pastor citar algum versículo, ela dizer “todinho para ele” durante o culto. Além da bíblia, percebi balas, alguns doces, chocolates e chicletes que ela informa que são para venda. Ademais, ela esclarece que também vende “geladinho”, pois precisa de dinheiro para comprar as “coisas do salão”.

Ixora Iniciou o segundo grau, mas não concluiu. É também trabalhadora por conta-própria, não contando com ninguém para ajudá-la.

c) Salão da Margarida

Margarida tem 55 anos e é proprietária de um salão de beleza no bairro de Jauá, no distrito de Abrantes. Margarida é testemunha de Jeová e se autodeclarou negra. É solteira, mãe de uma moça e vó de um garotinho. Margarida é a única das interlocutoras deste trabalho cujo primeiro contato se deu nas experiências etnográficas em 2018 (mais precisamente em 13/04/2018). Tivemos dois encontros, nesse nosso reencontro – um no dia 05/07/2023 e o outro no dia 12/07/2023.

Relembrei à Margarida sobre o nosso primeiro contato, quando da aplicação do questionário. Contei-lhe que, ao observá-la fazendo uma escova numa cliente em 2018, eu descrevi a cena, para um trabalho acadêmico, como um lindo baile braçal ante a agilidade e desenvoltura que ela tinha. No seu rosto, um honesto semblante de satisfação configurou-se seguido por um “muito obrigada”.

Perguntei-lhe o entendimento que tinha sobre a expressão cacete-armado e ela deu uma gargalhada tão contagiente que me vi gargalhando junto:

Vocês de pesquisa fazem cada pergunta! Não esqueço que da outra vez você perguntou se eu já tinha tido namorada mulher, se eu tinha sido maria-sapatão. Nunca esqueci e minha filha faz piada até hoje com isso. Fica dizendo que eu não arranjo um velhinho para mim porque tenho uma maria-sapatão dentro de mim...risos... Nem só de tristeza se vive, né? A vida é boa (Margarida, 2023).

Eu gargalhei ainda mais com o comentário dela. Gargalhamos juntas numa doce cumplicidade. Fiquei surpresa com a lembrança e de como o questionário havia mexido com ela. Ao se recompor do momento, Margarida explicou:

Eu entendo esse dizer. É engraçado e parece até ousadia, mas eu entendo. Um cacete-armado é algo tipo assim sem din-din, sem verba para arrumar as coisas, o espaço, a casa. Assim, por exemplo, tem uma vizinha que pegou o carrinho de pipoca velho do marido e vende mingau lá na praça Abrantes no centro de Camaçari. O Salão da Margarida é isso, um cacete-armado, mas é limpo, organizado, tá vendendo aqui? Eu me viro! Acho que é isso (Margarida, 2023).

Além de situar-se no espectro do cacete-armado, Margarida trouxe um exemplo para demonstrar sua compreensão. Ela ressalta as características de organização e limpeza de seu empreendimento, a despeito da noção de improvisação que se depreende de sua fala.

Figura 21 – Puxadinho salão de beleza de Margarida



Fonte: Acervo próprio – Foto com tratamento especial efeito artístico, esboço a lápis

O salão de Margarida está situado em Jauá, numa área de muito movimento que era, originalmente, uma favela. Há um comércio forte, com muitos bares, mercadinhos e depósitos de bebidas. As construções estão muito próximas umas das outras e, visualmente, temos uma aglutinação de puxadinhos comerciais. Ela destaca que a casa é própria, comprada com muito suor “na mão do vizinho aqui de trás”. Então decidiu ir melhorando a casa aos poucos. “Não, não tem escritura, ninguém aqui tem documento nenhum”.

O Salão da Margarida foi construído na frente da casa dela e é pequeno, não tendo mais do que 10 metros quadrados. Na entrada, há um piso em mosaico, compostos por sobras de diversos outros pisos cerâmicos, segundo ela. Há uma espécie de varanda coberta por telhas de amianto, sustentadas por duas estacas frontais de um lado e cravadas na parede de outro. Nessa varandinha há uma

iluminação bem precária cuja fiação aparente mostra sua vinculação com a residência. Há um portão de ferro lateral, alto e bem desgastado, que dá o acesso a casa.

Figura 22 – Puxadinho salão de beleza de Margarida – parcial parte interna⁶⁷



Fonte: Acervo próprio

A porta do salão é de ferro de enrolar e cuidadosamente pintada de lilás. Quem adentra o espaço, logo perceberá que o lilás não se restringe a essa porta – está nas paredes, nas poltronas, no sofá, no letreiro de identificação do salão pintado na parede externa. Há um pequeno sofá e uma poltrona, que são destinados à espera por atendimento. Há duas poltronas giratórias, específicas de salão, para as clientes que vão tratar dos cabelos e uma poltrona, que parece de escritório, improvisada para o serviço de manicure e pedicure. Ao fundo, há uma poltrona lavatório que deixa o espaço um pouco apertado.

Quase ao lado do lavatório, há uma porta que conduz a um pequeno quintal, que é integrante da casa da proprietária. Há prateleiras com produtos de beleza para venda, uma bancada com cafecinho e balas para clientes e três potes com jujubas, chocolates e doce de banana para venda. Tanto dentro, como na porta do empreendimento, há roupas dispostas num cabideiro, que Margarida explica serem para venda e compõem o seu brechó. São roupas doadas por clientes que ela dá um tratamento prévio e coloca à disposição.

⁶⁷ Margarida pediu para não tirar fotos muito detalhadas do empreendimento dela. Essa foto foi autorizada.

Sobre a construção do salão, Margarida explica:

Demorou muito tempo. Foi tudo construído aos poucos, mas eu já atendia aqui quando só tinha chão batido de terra. Ajudei a fazer algumas coisas porque meu pai era pedreiro e aprendi...sei fazer reboco, sei usar desempenadeira. Aqui só não tem massa nas paredes porque não tem din-din para comprar. Mas quase tudo foi feito por seu Antônio, pedreiro que mora aqui na rua de trás. Quando quero fazer algo e tem grana, chamo ele. O filho dele de 16 anos já tá fazendo umas coisas também (Margarida, 2023)

Ela acrescenta, para o meu espanto, que fez parte da instalação elétrica:

Não, não tem risco não. Eu puxei essa tomada aqui...é só não misturar os fios. A gente tem que aprender um pouco de tudo para viver nessa vida, minha queridona. Esse plafon fui eu que troquei. Era outro que Seu Antônio tinha colocado, mas deu uma infiltração da laje e ele tava meio ocupado. Aí eu mesma troquei com minha filha. Ela segurou a escada (Margarida, 2023).

Percebi que na parte de cima do salão havia pessoas morando. Ela explicou que havia cedido para o primo morar durante um tempo. Em troca, ele mesmo investiu e construiu, mas que depois a “quitinete” será dela: “Fizemos um trato. Poderei ter alguma renda de aluguel.”

Margarida também chegou a iniciar o segundo grau, mas não concluiu. Conta com a ajuda tão somente da filha na condução do salão.

d) O Restaurante de Rosa – Presença de Deus

Rosa tem 55 anos, é dona de um pequeno restaurante também no bairro de Monte Gordo. É casada, tem dois filhos, é evangélica e se autodeclarou branca. Foram duas sessões de entrevista. A primeira foi no dia 02/06/2022 (quando Rosa me recebeu com um delicioso empadão) e a segunda no dia 12/09/2022.

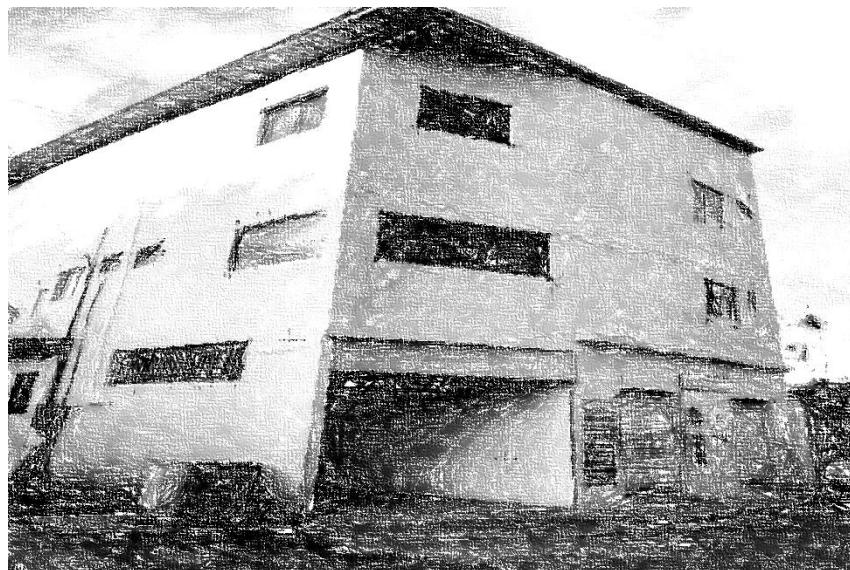
Na primeira vez que fui recebida por Rosa, ela, gentilmente, me serviu um maravilhoso empadão, mesmo eu insistindo que ela não precisava se preocupar. Na segunda vez, nos encontramos pela tarde e Rosa estava me esperando numa ruazinha ao lado do restaurante, à sombra, onde estava enrolando coxinhas, numa cena repleta de frugalidade. A cada coxinha que ela enrolava, um olhar crítico silencioso era destinado a fim de verificar se a forma estava adequada e dentro do

padrão que desejava. Deu vontade de escrever sobre esse processo de feitura da coxinha, essa iguaria tão peculiar da nossa cultura gastronômica. A ver!

O restaurante puxadinho de Rosa está situado numa região oriunda daquilo que já foi uma favela. Em suas palavras: “Era uma invasão isso aqui.” Depois de diálogos introdutórios e de ser alertada que ela iria fritar umas coxinhas para a gente, lhe perguntei sobre a percepção que tinha sobre a expressão cacete-armado: “Um cacete-armado quer dizer um lugar desorganizado, com armengues. Esse meu restaurante aqui já foi um cacete-armado, mas Deus me deu força para subir na vida” (Rosa, 2022).

Da fala de Rosa, o mais importante é a percepção quanto à semântica da expressão que é muito próxima do visto até aqui neste trabalho. Porém é muito significativo também o fato de reconhecer que esteve no espectro e dele saiu. Se fosse me reter tão somente à questão físico estrutural, principalmente no campo visual, de fato, talvez Rosa não tivesse inserção neste trabalho.

Figura 23 – Puxadinho Restaurante de Rosa.



Fonte: Acervo próprio – Foto com tratamento especial efeito artístico, esboço a lápis

O restaurante de Rosa está embaixo de dois apartamentos. Trata-se de um prédio erguido por ela e pelo marido ao longo de muitos anos. Em um apartamento ela mora com a família e o outro ela aluga para ter renda. Além disso, ela tem mais duas casas anexas que também aluga. Rosa construiu, aparentemente, um grande patrimônio, do ponto de vista estrutural. Ela explicou:

Deixei os estudos por causa de meu primeiro marido e ele me largou. Ele me largou e aí arranjei outro marido, tive dois filhos, me casei dessa vez, não morei junto, me casei. E aí construí aqui, né? Comprei esse terreno, construímos aqui, eu e ele, construímos nosso prédio. Aí que a gente tem nossos aluguéis e eu sempre, eu nunca me conformei só em ter o trabalho (Rosa, 2022).

Apesar da boa estrutura levantada, Rosa afirma que não há escritura nem da casa, nem do terreno, mas ela disse não se preocupar com essa situação: “Não, não, aqui ninguém liga para isso não. Ninguém vai tomar minha casa, não.” Embora eu não tenha falado nada de risco, pelo teor de sua fala, há um escamoteado temor por alguma ação de questionamento por parte do poder público.

Ao entrar no restaurante, nos deparamos com um lugar simples, mas com aparência organizada de aproximadamente 35 metros quadrados. Há dois espaços integrados – o restaurante e uma espécie de mercadinho, onde há alguns gêneros alimentícios, produtos de limpeza, de beleza e roupas, tudo exposto para venda. Quanto a isso, Rosa logo disparou: “Eu me viro!”

Figura 24 – Puxadinho Restaurante de Rosa, parte interna



Fonte: Acervo próprio

Segundo Rosa, os equipamentos todos foram comprados de “segunda mão” e pagos com muito sacrifício. Ela se mostra orgulhosa pelo fato de ter dois carrinhos buffet térmicos (um com oito cubas e outro com seis), adquiridos em momentos distintos de seu empreendimento. A geladeira expositora também é objeto de orgulho, apesar de desgastada pelo tempo e com diversos pontos de corrosão. Há

cinco mesas com quatro lugares cada, dispostas bem próximas umas das outras, em virtude do espaço pequeno.

As paredes não são emassadas, porém pintadas em duas cores. – trabalho executado pelo esposo e filho. O piso cerâmico branco foi assentado pelo esposo. Há fiação aparente, mas organizada. Em um canto do restaurante, há um tubo branco, grande, saindo do teto e percorrendo parte do estabelecimento. Rosa explicou que se trata de tubulação dos banheiros dos apartamentos. Ao fundo, há um pequeno lavabo destinado aos clientes.

Rosa explica e detalha um pouco mais sobre a batalha que foi construir o empreendimento dela e me surpreende ao dizer que se trata de seu segundo restaurante:

Eu trabalhava numa casa lá em Guarajuba e cozinhava, pegava encomendas de salgados. Aí o genro de meu patrão ficava assim bote seu restaurante, bote seu restaurante, bote o restaurante. Aí eu fui e comecei na minha varanda da minha casa né? Comecei o restaurante, mas depois ele pegou fogo. Aí destruiu tudo completamente da área, o dinheiro do dia foi embora, tudo foi embora, o fogão industrial, tudo, tudo, tudo, tudo, armário, tudo, tudo foi embora. Pia, tudo, tudo, tudo. Isso foi dez anos atrás. Tive que voltar para a faxina por um tempo. Não tinha dinheiro para nada. Aí, dona Conceição, ex-patrão minha, me emprestou quatrocentos reais. Aí eu fui no Atacadão comprei tudo que eu precisava na feira e no Atacadão. Aí marquei uma inauguração. Nessa inauguração eu consegui vender quatrocentos e setenta reais. Corri lá para devolver o empréstimo, mas ela disse para eu investir tudo de novo e me pagar só quando estivesse em condições (Rosa, 2022).

Rosa destaca como foi importante contar com a ajuda de outra pessoa. Na época do incêndio relatado, ela estava sozinha, sem o esposo, quanto ao qual ela esclarece uma sucessão de idas e vindas no relacionamento. Ela explica que o restaurante já tem sete anos de existência e é o sustento seu e de sua família, inclusive de onde se tira o valor para pagar a faculdade do filho.

Rosa tem o primeiro grau e não é empregadora, conta com a ajuda de uma sobrinha na condução do restaurante.

e) O Restaurante da Pétala

Jasmim tem 51 anos, é casada e tem dois filhos. É de religião católica e se autodeclarou negra. Estivemos juntas em três momentos: Em 17/01/2022, em

24/01/2022 e 19/01/2023. Jasmim é dona de um restaurante no bairro de Monte Gordo.

Pétala é o nome da mãe de Jasmim, que iniciou tudo muitos anos atrás. Dona Pétala foi pioneira na região onde mora e Jasmim fala disso com muito orgulho e de como essa experiência a acompanha desde sempre:

Na verdade, começou com minha mãe e minha tia. Aqui nesta casa sempre teve essa de comida, né? Médicos, empresas, a construção da Estrada do Coco, o povo, as empresas, todo mundo almoçava aqui. E depois minha mãe resolveu abrir um restaurante. Cresci com o povo da rua vindo comer aqui em casa. A casa estava sempre cheia de gente para comer a comida de minha mãe. Acho que esse movimento começou com meu pai porque ele tinha uma venda e ele ficava sabendo de gente buscando lugar onde comer. Então terminava que todo mundo vinha para cá, atras da comida de dona Pétala (Jasmim, 2022).

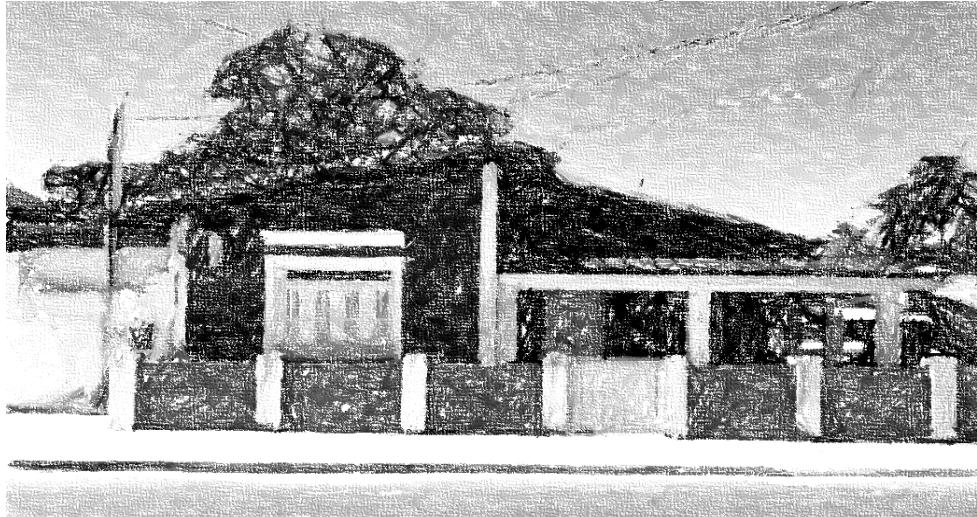
Quando lhe perguntei sobre a expressão cacete-armado, Jasmim foi bem contundente:

Conheço, sim. Acho que o restaurante é meio cacete-armado porque tudo sempre foi muito improvisado aqui. Até hoje a cozinha da casa e daqui é a mesma. Tudo é feito lá dentro. Café da manhã nosso é lá na casa, mas o almoço da família é o mesmo almoço feito para os clientes. As pessoas que me ajudam aqui, entram e saem da minha casa, da minha sala. Tudo junto. A gente tá aqui fora, mas o motor central tá lá dentro – que é a cozinha. Acho que isso é um cacete-armado...risos... (Jasmim, 2022).

A casa restaurante fica bem localizada, numa avenida de boa circulação do bairro de Monte Gordo. Segundo Jasmim, após a morte da mãe, ficou decidido entre elas e os irmãos que a casa seria a parte dela da herança da mãe, visto que ali sempre havia sido sua morada, junto com Dona Pétala. Ela demonstrou certa preocupação e disse estar providenciando para “deixar tudo documentado.”

Ante a longa atuação da mãe, Dona Pétala, o restaurante é conhecido e goza de boa reputação na região. É um puxadinho lateral, ao lado da casa dela. A casa merece uma atenção especial, pela preservada arquitetura antiga. Não consegui dados mais precisos, mas, segundo Jasmim, a casa deve ter entre noventa e cem anos de construída. Dona Pétala faleceu aos 84 anos em 2022 e já nascera na casa.

Figura 25 – Casa de Jasmim, base do restaurante puxadinho da Pétala



Fonte: Acervo próprio

Sabiamente, sem que tenham recebido qualquer orientação do poder público, a família procurou preservar a arquitetura da casa, sem fazer grandes intervenções e respeitando o máximo possível sua originalidade. O janelão frontal de madeira, a varanda com as colunas em destaque, o muro baixo e tudo isso bem próximo à rua, são marcas de construções e estilos de outrora. Chama atenção, por exemplo, que o piso da sala da casa ainda seja original.

Figura 26 – Casa de Jasmim, base do restaurante puxadinho da Pétala – piso da sala



Fonte: Acervo próprio

Na primeira vez que estive no estabelecimento de Jasmim, num momento anterior a seu engajamento nesta pesquisa, tive a oportunidade de conhecer Dona

Pétala. Era um domingo, dia de muito movimento, e a simpática senhora estava sentada na sala de casa, toda arrumada e linda, numa posição de onde se podia ver o movimento do restaurante puxado e o frenético baile entra-e-sai da cozinha cujas bailarinas eram as ajudantes que serviam – ela observava tudo. Alguns clientes adentravam a sala particular, configurada publica, a fim de cumprimentá-la numa espécie de rito de reverência e respeito. Trocamos algumas palavras, muitas perdidas no ruído-alvoroço típico de restaurante cheio, mas não esqueço que me disse: “Isso aqui é a minha vida, minha filha!”

Figura 27 – Restaurante de Jasmim, puxadinho lateral



Fonte: Acervo próprio

Pois! O restaurante puxadinho de Jasmim é relativamente amplo, ambiente simples, mas aconchegante. Pode-se observar organização e cuidado em tudo. Contei mais de dez mesas no espaço puxado lateral da casa. A área é coberta por uma telhado montado com telhas de cerâmica e madeira e há colunas de cimento para a sustentação.

Figura 28 – Restaurante de Jasmim, puxadinho lateral – distribuição das mesas



Fonte: Acervo próprio

Essa área das mesas foi construída por um pedreiro da região, pelo marido e pelo sogro de Jasmim, seguindo a idealização dela que afirma que diversas vezes ela mesma ajudou na construção, literalmente. A área tem piso revestido em cerâmica, de maneira uniforme. Ao fundo, há os lavabos para uso exclusivo dos clientes do empreendimento, com denominação “lindos” e “lindas” para a designação de uso segundo o gênero. Entre a casa e a área das mesas, há um telhado de policarbonato improvisado conectando os dois espaços. Segundo Jasmim, essa foi uma forma encontrada para evitar problemas com a chuva, já que havia uma espécie de vácuo descoberto num ponto crucial entre a casa e o puxadinho.

O ponto nevrálgico do estabelecimento é a cozinha. O ponto nevrálgico da casa é a cozinha. A cozinha comum aos dois espaços, é comandada por Jasmim e uma senhora ajudante que já trabalhava para a sua mãe há alguns anos. Em vez de um fogão comum, como na maioria das residências, um fogão industrial se impõe no espaço que tem ainda muitas prateleiras para guardar alimentos e utensílios e panelas extragrande para atender à demanda. Familiares e ajudantes circulam e se mesclam harmonicamente no espaço.

Figura 29 – Cozinha do restaurante de Jasmin



Fonte: Acervo próprio

Jasmim faz questão de ressaltar o caráter de continuidade em sua relação com o restaurante e demarca que está à frente do estabelecimento com mais envolvimento há poucos anos, principalmente a partir da pandemia COVID-19.

Das colaboradoras, ela é a única com curso superior, é professora e pós-graduada. Jasmin é empregadora – tem três funcionárias, uma já com carteira assinada. Além disso, conta com a ajuda de familiares na condução do restaurante.

No quadro abaixo, é possível ter uma visualização de forma mais esquemática do perfil das empreendedoras engajadas neste trabalho:

Quadro 8 – Quadro resumo perfil das empreendedoras entrevistadas

Empreendedora (Idade)	Estado civil	Escolaridade	Religião	Cor / raça ⁶⁸	Tipo de negócio	Característica do espaço físico
Buganville (23 anos)	solteira	ensino médio	cristã	negra	salão de beleza	Puxadinho horizontal/frontal
Ixora (42 anos)	casada	segundo grau incompleto	evangélica	negra	salão de beleza	Puxadinho horizontal/lateral
Margarida (55 anos)	solteira	segundo grau incompleto	testemunha de Jeová	negra	salão de beleza	Puxadinho horizontal/frontal
Rosa (55 anos)	casada	segundo grau incompleto	evangélica	branca	restaurante	Puxadinho vertical
Jasmim (51 anos)	casada	superior	católica	negra	restaurante	Puxadinho horizontal/lateral

Fonte: Elaboração própria, 2023.

⁶⁸ Classificação utilizada pelo IBGE.

Antes de concluir este capítulo, perguntei sobre a percepção de si como empreendedoras e a definição de empreendedorismo na visão de cada uma. Nesse sentido, fiz dois agrupamentos que foram colocados nos quadros a seguir. Primeiramente perguntei: Você se vê como uma empreendedora?

Quadro 9 – Percepção de si como empreendedora

Interlocutora	Você se vê como empreendedora?
Margarida	“Sou, sim. Eu vivo de mim, do meu trabalho”.
Jasmim	“Sim, eu sou parcialmente. Tenho outro vínculo, mas sou. Sou empreendedora por herança.”
Rosa	“Sim, porque trabalho para mim mesmo e minha família”
Ixora	“Sim, eu fiz curso e ensinaram lá o que era empreendedora. Eu sou.”
Buganville	“Sim, sou. Eu compro, vendo, presto serviço, vou atrás de melhorias.”

Elaboração Própria

Fica claro que a ideia de si como empreendedoras foge das conceituações clássicas, nas quais predomina a ideia de empreendedor como aquela pessoa responsável pelo impulsionamento do desenvolvimento econômico da sociedade. As percepções de si mesmas como empreendedoras estão muito autocentradas, contextualizadas e denotam necessidades e características individuais no estrelo empreendedor. A outra pergunta feita foi quanto ao entendimento delas acerca do empreendedorismo. Perguntei: O que é empreendedorismo para você?

Quadro 10 – O que é empreendedorismo segundo as interlocutoras

Interlocutora	O que é empreendedorismo?
Margarida	“É matar um leão por dia, sem saber o que vem, se vai ter cliente ou não”
Jasmim	“Acredito que seja fazer investimentos para obtenção de renda”
Rosa	“É poder se sustentar mesmo sem ter trabalho, abrindo um negócio”
Ixora	“É ter uma forma de emprego, um trabalho, uma renda sem patrão”
Buganville	“É ter uma forma de correr atrás do seus sonhos prestando serviços, trabalhando para si mesma.” ⁶⁹

Elaboração Própria

⁶⁹ A ideia de sonho apontada por Buganville dialoga com Dolabela (2003), para quem "é empreendedor, em qualquer área, alguém que sonha e busca transformar seu sonho em realidade" (p. 38)

A vinculação do empreendedorismo com o já postulado aqui nesta tese, é muito significativa. Trabalho, emprego, renda formam um repertorio muito condizente com a proposição de que trabalhadores e trabalhadoras compõem a grande massa de empreendedores e empreendedoras da atualidade. Vale ressaltar a fala de Margarida que tem relação com a ideia de incerteza que permeia a atividade empreendedora, principalmente dos/das microempreendedores/as. Sobre isso, haverá uma discussão mais pontual no capítulo 5 deste trabalho.

As interlocutoras têm uma percepção de si como empreendedoras de fato, algo que foge das definições conservadoras e exige de mim vigilância pesquisadora a fim de evitar tecer julgamentos quanto às interpretações de si das individuas. O julgamento deve ser evitado não só em relação às questões da atividade em si, mas também quanto a questões outras que emergem no contexto das histórias de vida.

Temos interlocutoras cujos puxadinhos têm estruturas variáveis, de paletes a uma estrutura mais robusta, como no caso de Rosa. Entretanto, os perfis mostram, e o desenrolar textual também mostrará, que cacete-armado é *também um modus operandi* que extrapola a questão meramente física, conforme postulação messederiana.

Entro, no capítulo seguinte, num âmbito mais pormenorizado do empreender dessas interlocutoras a fim de ampliar a compreensão das dinâmicas de suas atividades empreendedoras. Foram feitos agrupamentos que tiveram impulsionamento a partir de perguntas feitas por mim, das quais algumas tiveram inspiração no questionário aplicado pelo Grupo Enlace nas veredas de Camaçari.

5 EMPREENDENDO EM PUXADINHOS

Lavo a roupa que visto
 Lavo o cabelo alheio
 Passo a roupa da casa
 Prancho cabelo crespo
 Faço a compra do lar
 Faço também a manicure
 Preparo a tinta para pintar
 Garanto o banheiro salubre
 Faço boa progressiva
 Aqui no meu puxadinho
 Preparo também a comida
 Para filhos e maridinho
 Sexo para ele garantido
 Din-din infelizmente não
 Insatisfeita me motivo
 Para a garantia do pão
 Minha vida um emaranhado
 De moer o coração
 Mas na senda do cacete-armado
 Conquisto minha realização
 (L. Barreto, 2024, Puxando a vida)

Conforme visto, o *boom* da atividade empreendedora na atualidade é fruto de uma restruturação do trabalho, fragmentação das relações trabalhistas e diluição de direitos e garantias, na senda neoliberal, que impulsionam o desemprego. Neste caminho, muitas trabalhadoras foram empurradas ao empreendedorismo como uma forma de possibilidade de obter alguma remuneração ou melhorar salários degradados.

Devido a uma série de questões que vão além da busca por uma vida melhor, muitas mulheres empreendem no local de moradia. Isso não é um dado novo. Na verdade, é uma prática que remonta a outros tempos, sem o nome empreendedorismo e seus derivativos. Nesta senda, abro parênteses para falar sobre o estudo de Matos e Borelli (2013) sobre o trabalho de mulheres no Brasil. Elas apontam o aumento da população urbana na primeira metade do século XX, algo que impulsionou de maneira abrupta as atividades comerciais e de abastecimento no grandes centros brasileiros, multiplicando os empreendimentos de pequeno e médio porte, como açougues, armazéns, quitandas, bares e botequins – locais onde a participação de mulheres foi determinante.

As pesquisadoras ainda descrevem com detalhes o intenso comércio de rua onde mulheres foram grandes protagonistas: verdureiras, leiteiras e floristas eram figuras comuns em ruas de grandes centros. Ademais, Matos e Borelli (2013) destacam uma intensa atividade laboral de mulheres nos domicílios, para além das atividades do cuidar tradicionalmente postas pelo heteropatriarcado:

Nos domicílios, exímias cozinheiras faziam doces, salgados e petiscos para serem comercializados pelas ruas em bandejas e cestas; algumas adquiriram clientela fixa e produziam regularmente quitutes sob encomenda. Havia as que forneciam refeições diárias e as que transformavam suas residências em pensão. Outra alternativa para as mulheres era o trabalho domiciliar, ou seja, atividades realizadas nas próprias residências para empresas, oficinas ou intermediários, no regime pagamento por peça (Matos; Borelli, 2013, p. 130).

Esse registro histórico das acadêmicas traz semelhança a muito do que esse trabalho propõe, a muito do que identificamos com a nossa ida a campo. Em outras palavras, a casa, ou uma parte dela para a produção de renda não é coisa nova. Apesar de nos fixarmos em Camaçari, já foi visto aqui que esta estratégia é empregada também em outras culturas como a indiana, retratada em outro capítulo. Fecho os parênteses.

Conforme aponta Maciel (2014, p. 11), muitos dos “pequenos negócios, para não dizer a maioria deles, ocorrem no espaço da casa dos empreendedores, seja construindo um ambiente novo ou transformando algum espaço do domicílio em um lugar de negócios”. Os puxadinhos, assim, despontam como uma espécie de ferramenta que, no âmbito da autoconstrução e da falta de controle do poder público, emerge pulsante como alternativa para o desenvolvimento da atividade empreendedora.

No contexto da baianidade e nas bases do que chamamos empreendedorismo cacete-armado, o puxadinho se torna coprotagonista por ser mais do que o espaço físico das dinâmicas de vida maioritariamente precárias – o puxadinho é a representação física do *modus operandi* cacete-armado.

Ressalto que a minha interação com as interlocutoras foi pautada na ética. Procurei utilizar um vocabulário acessível e estive atenta, todo tempo, ao fato de estar atrapalhando ou não a rotina de cada uma delas, visto que estava em seus ambientes naturais de exercício empreendedor. Em diversos momentos foi

necessário interromper, retomar, adiantar, deixar para depois, numa demonstração de muito respeito a elas, a seus valores e a seus desejos. Os recortes das entrevistas que usarei não terão linearidade e nem reverenciarei Chronos – prestarei homenagem a minha conveniência discursiva, a qual almejo compreensão da parte de quem se interessar em ler este trabalho.

A elaboração das seções se deu a partir de perguntas que considerei relevantes para compreender as dinâmicas das atividades empreendedoras das interlocutoras, entrecruzando com suas vivências. Não descartei reverberações das perguntas e procurei não fazer muitas interrupções, de modo que houvesse fluidez discursiva em suas falas.

Algumas das perguntas tiveram inspiração no questionário elaborado pelo Grupo Enlace, conforme já apontado. Assim, as entrevistas foram bordeadas por perguntas relativas à vida pregressa de cada uma delas, ao processo de abertura dos puxadinhos, ao ser mulher e empreender, manutenção do negócio (divulgação) e ao problemas enfrentados no cotidiano empreendedor.

A seção sobre a COVID-19 considero especial por ser um registro de algo nunca vivido antes. Seguramente, teve impacto na vida de todas as pessoas – a minha escrita não poderia ignorar o momento histórico.

A seguir, adentro em todos esses pontos.

5.1 EMPREENDE-**DOR**-ISMO – MEMÓRIAS DE VIDAS PUXADAS: ENTRELAÇANDO INFÂNCIA, FAMÍLIA, ESCOLA, TRABALHO

Nas aulas de derivação por sufixação que tive no curso de Letras, li Margarida Basilio (1995) e seus apontamentos quanto às formações lexicais em – dor. Para a importante e renomada linguista, o referido sufixo é empregado para substantivos agentes. Em outras palavras, aqueles substantivos que carregam a semântica de exercício e/ou prática de uma ação verbal específica, tais como os substantivos designadores de agentes profissionais.

Entretanto, aqui, o sufixo põe seus cornos para fora e acima da palavra⁷⁰. O sufixo transmuta-se em feminino: a dor. A dor e seus tentáculos motrizes, angústia e

⁷⁰ Referência ao trecho da música Vaca Profana de Caetano Veloso, depois de Língua, minha música favorita. O verso original é: “Vaca profana põe teus cornos para fora e acima da manada”.

sofrimento, é uma experiência da subjetividade humana oriunda da melancolia e nostalgia em relação a algo que se perdeu, que se deixou de ter e, por vezes, se ampara em algo que nunca se concretizou. Nessas poucas palavras, fica nítida a minha influência freudiana, porém não aprofundarei nos estudos do pai da psicanálise que dedicou muitas linhas sobre a dor em seus escritos, em distintos momentos de sua vida.

A dor na atividade empreendedora brasileira está presente e é fortemente constatável nos discursos de quem empreende, um exemplo disso, é o motivo apresentado por muitos/muitas de empreender porque não tem emprego, não tem trabalho, algo que tem muita relevância para as pessoas, conforme discussão da seção 2.

Neste trabalho, a ativação da memória das vidas das interlocutoras significou trazer ao baile momentos de dor, algo inevitável ante o escopo metodológico proposto. Certeau (1994) afirma que a memória é fundamental para se compreender o indivíduo e suas singularidades. Trata-se de mediatizar transformações porque ela infringe a noção de espaço, de tempo, de lei e de lugar.

Penso que o verbo de ativação da memória é lembrar e não memorizar, como poderia parecer mais lógico. Se pararmos para analisar com mais atenção, memorizar é de dentro para fora e, quase sempre, um ato voluntário, programático e cerebral. Lembrar, não. Lembrar é exterior, é interativo, inesperado e do coração. Lembrar é ressuscitar o passado, faiscar sentimentos bons ou ruins, impulsionar sinestesias e trazer imagens para o telão dos nossos olhos.

O ato de lembrar põe o presente em coma, ainda que por alguns poucos segundos, impossibilitando qualquer futuro. É individual e internalizado, mas quase impossível sem outras pessoas, objetos, fatos ou artefatos – a exterioridade ativa o movimento de alguma forma. A memória lembrada e revivida internamente precisa de outrem para configurar-se porque mesmo elas (outrem) não fazendo parte da memória, são elas que ativam o lembrar-memória, direta ou indiretamente.

Algumas memórias, dolorosas e/ou traumáticas, estão escondidas em sombras da nossa mente e não querem ser lembradas, refutam sair da penumbra. Nesse sentido, é um gesto de imensurável boa-vontade narrar experiências e vivências não muito agradáveis, despertadas por uma pesquisadora. Nessa hora, todo cuidado e desvelo se fazem necessários.

Uma das primeiras questões levantadas em todas as entrevistas foi sobre a família, infância, a escolaridade das empreendedoras (a lembrança que elas tinham da escola), dos estudos, do estudar (e de alguma forma a experiência laboral prévia ao empreendimento) – nada muito estruturado a fim de deixar a entrevista leve. Lembro o suspiro, meio reclamação, meio surpresa, a fala de Margarida sobre isso: “Nossa, vou fazer uma viagem dolorosa no tempo!” Logo deu uma gargalhada e começou a falar:

Comecei na labuta aos 11 anos de idade como doméstica...como babá. Sempre tive vontade de estudar, de fazer faculdade... um sonho! Mas não consegui nem terminar o segundo grau. Eu era doméstica de dia e estudava de noite. Eu sempre falo com minha filha a importância de estudar e que ela pode ser mais do que manicure (Margarida, 2023).

Margarida se expressa bem. Muito vaidosa, está sempre bem arrumada, unhas longas e bem decoradas, no esteio da moda. Fala olhando intensamente nos meus olhos e tem um sorriso franco que esconde certa tristeza – o oxímoro do seu semblante (sorriso triste) é intrigante. Questiono-lhe se não gostaria de voltar a estudar. “Não tenho mais cabeça para isso! Nem cursos quero mais fazer, prefiro aprender no youtube que tem tudo. Acho que na minha cabeça agora só entra as leituras de Jeová, meu pai”. Eu lhe perguntei sobre sua família, sobre sua infância:

Eu tenho oito irmãos porque dois morreram. Um morreu porque se meteu em coisa errada e a polícia matou. O outro morreu dirigindo caminhão na estrada. Era caminhoneiro. Nossa vida foi muito ruim, meu pai bebia e batia muito na gente. A gente sempre viveu aqui em Camaçari. A gente vivia perto da sede. Ninguém nunca quis estudar ou não pode. Eu e minhas três irmãs começamos de doméstica muito cedo. Ser doméstica é muito ruim, mas era a opção que tinha. A gente não tem paz, não tem descanso. Tem uma irmã que é mais nova que o dono da casa pegou ela a força e ela pegou filho dele e ainda foi mandada embora pela patroa. Que Jesus perdoe ela, mas ela tirou o filho com cytotec. Não sei se você sabe desse remédio para tirar barriga (Margarida, 2023).

Os temas infância, escola, família parecem lhe causar muita dor e não seria para menos ante o que relata para mim. Ela foi falando de maneira rápida, objetiva e seca como se estivesse vomitando algo ruim. Seus olhos marejados marejaram os meus. Argumentou não ter mais nada para falar sobre o assunto. Então, respeitosamente, mudei o foco da conversa.

Rosa é muito falante e vai logo desenrolando sua vivência sem muitos titubeios. Ela começa falando do despertar do desejo de estudar:

Eu morava numa fazenda que não tinha escola e eu desde já muito cedo queria estudar. Eu ia na cidade e via aquelas meninas com aquelas conguinhas, com aquelas merendeiras do lado, aquelas saias pinçadinhas, aquela blusa branca...eu chorava porque eu queria ser uma daquelas meninas.... Lembro que eu tinha sete anos. Aí eu ficava muito, muito apaixonada por aquelas meninas. Queria ser uma delas, mas não podia. Eu morava a vinte quilômetros da cidade e meus pais não tinham carro, não tinha nada e eu não podia ir para a escola porque eles eram empregados dessa fazenda (Rosa, 2022).

Ela segue sua narrativa para elucidar como conseguiu chegar à escola, aos oito anos de idade.

No final do ano os donos da fazenda construíram uma casa na cidade e resolveram ir pra lá. E aí eu comecei a ir com eles algumas vezes. Eu já tinha oito anos. Aí quando eu ia eu ficava cuidando das crianças, brincando, dava banho, cuidava e tal. Aí eles disseram “vou levar essa menina pra mim, eu vou levar, vou levar”. Mas aí meu pai disse que não – “essa menina é meu faz tudo aqui, é a menina que corta a vassoura, que varre o quintal, que pega galho pra mim, que corta os galhos que faz tudo; não, essa menina não pode ir não; essa menina tinha que ter nascido homem pra ser meu companheiro”. Mas eu disse a ele que queria ir porque eles disseram iam deixar eu estudar e eu queria muito ir. Aí eu fui embora com oito anos, deixando meus irmãos mais novos. (Rosa, 2022).

Rosa conta que viveu e trabalhou para a família até os 20 anos de idade. Assim como Margarida, trabalhava como doméstica e babá durante o dia e estudava à noite. Ela fala que não conseguiu concluir o segundo grau:

Eu desisti de tudo. Me apaixonei pelo mundo. Eu conheci um rapaz... me apaixonei e desisti de tudo... fiquei louca, doida, maluca. Ele fazia terceiro ano de patologia lá no Edgar Santos e eu fazia segundo de enfermagem. Eu era amada por todos e elogiada pelos professores. Mas tinha que ser burra e trocar tudo por um homem. Triste história. Escolha errada, muito errada (Rosa, 2022).

A conversa com Ixora foi muito fluida. Ela logo me disse que lembrava de todas as coisas que viveu; enfatizou que tinha muito boa memória. Disse-me que podíamos falar sobre tudo que eu quisesse e que a vizinha dela (minha aluna no IFBA) falou que era importante contribuir para “pesquisa de universidade”. Confesso

que fiquei muito emocionada com essa fala. Ixora disse que gostaria de um dia escrever um livro sobre a história da família dela. Ela é, originariamente, da zona rural de São Gonçalo e vivia com a família longe do centro da cidade, onde havia escola. Ela contou que o seu pai, inicialmente, não queria que os filhos estudassem, dando a entender que isso só ocorreu porque ele sofreu pressão de algum setor público:

Eu e Nildo, os filhos mais velhos ia andando...ele começou a escola tarde, com dez anos. No início ele ficou contente por poder estudar. Fomos para escola porque alguém foi lá dizer que a gente tinha que estar na escola entendeu? Minha mãe diz que foi alguém da prefeitura. Nildo estudou até a quarta série com muito mal gosto. Começou a dizer que aprender a assinar o nome bastava. Ele queria era ficar na roça para ajudar painho. Quando Vivi, minha irmã mais nova, começou a ir para a escola já tinha transporte.... um ônibus velho que passava e pegava muita gente da zona rural. Mas ela só estudou até a quinta série...era namoradeira (risos)... Eu quase me formei, quase tirei o segundo grau.... Tirei o primeiro ano do segundo grau (Ixora, 2023).

Ao interrogar Ixora sobre o motivo da interrupção dos estudos, ela explica: “Eu queria trabalhar. Conheci meu esposo na igreja... a gente começou a querer casar. Aí, peguei barriga do meu filho mais velho. O pastor disse que a gente tinha que casar.” (Ixora, 2023). Ela dá mais detalhes sobre sua experiência e de como a escola foi importante para a sua vida:

Eu gostava de português, estudos sociais, ciências. História eu não gostava porque tinha que ficar memorizando aquelas datas, coisas da terra dos outros gringos lá. Eu nunca entendia matemática e todo ano era recuperação. Na verdade, eu tinha pavor de matemática. Matemática devia sair da escola.... Poxa, eu aprendi muita coisa né? Escola é importante. Sempre digo aos meus filhos para estudarem, para terem uma vida melhor que a minha. Agora, foi na escola que fiz um cursinho de maquiagem, uma vez. Foi um cursinho para meninas. A gente ganhou uns *modes* e explicação sobre menstruação e de gravidez e teve um cursinho de maquiagem...acho que eu comecei a me interessar por salão daí. (Ixora, 2023).

Conforme dito anteriormente, não há intenção de ser linear aqui porque a condução das entrevistas foi na perspectiva de conversa informal. Nesse sentido, Ixora começou a falar da escola e somente depois trouxe mais alguns detalhes do seu percurso:

Na roça a gente trabalha desde sempre... Desde meus dez anos que entrei na labuta de roçar, plantar e ajudar na cozinha. Quando não tava na escola eu tinha que dar conta de tudo junto com minha mãe e depois com minhas irmãs. Mas quando fiz 15 anos eu fui trabalhar numa casa lá na cidade para tomar conta de um menino e limpar a casa. De noite ia para a escola. Tava na sexta série quando comecei esse trabalho. Eu dava o dinheiro quase todo a mainha para ajudar na roça, ficava com pouco para comprar coisas de escola, roupas e revistas de beleza (Ixora, 2023).

Jasmim teve acesso à boa educação desde cedo e não me trouxe grandes detalhes sobre sua vivência escolar, resumindo-se a dizer que sempre foi uma aluna dedicada. Estudou na Escola Técnica Federal da Bahia, atual IFBA, onde se formou em técnica em química e construiu uma trajetória de estudo e trabalho bem diferente do que foi visto até aqui. Nas palavras dela:

Eu fiz escola técnica, né? E aí quando eu concluí o ensino técnico eu trabalhei por sete anos no polo petroquímico como analista químico e aí depois vim ser professora. Depois eu saí do Polo⁷¹. Aí eu já tinha concluído a faculdade. Vim morar aqui em dois mil e dois. Voltei a morar aqui e trabalhar como professora (Jasmim, 2022).

Ao passo que teve acesso a bons estudos, Jasmim relata que sempre ajudou nos afazeres domésticos, desde muito nova:

Rapaz, a gente sempre viveu em um espaço de muito trabalho, né? Meus pais sempre trabalharam em casa. E isso deu essa vontade de buscar conhecimento e melhorar a cada dia. O trabalho sempre esteve muito presente nas nossas vidas desde criança; é minha lembrança maior. Minha e de meus irmãos. Essa questão de estar sempre se movimentando foi dentro de casa mesmo. Aqui na minha vida sempre teve essa relação com comida, né? E de abrigar as pessoas, né? Porque como aqui não existia pousada, não existia hotel, não existia nada... Então as pessoas ficavam muito aqui. Aqui se hospedavam, médicos, professores... todos ficavam aqui. Quando crianças a gente fazia muita coisa dentro de casa porque a casa estava sempre cheia. Tinha que lavar os pratos, arrumar a casa, o quarto, né? Eu sempre ajudando a minha mãe. Fazia muita coisa, mas sempre ajudando minha mãe. Eu tinha essa participação na cozinha, no preparo da comida. Eu comecei a ajudar mesmo com uns dez-doze anos (Jasmin, 2022).

⁷¹ Referência ao Polo Industrial de Camaçari.

Uma questão que Jasmim resgatou de sua infância e que talvez tenha marcado a vida dela, foi a criação desigual entre ela e seus irmãos:

Eu ficava em casa ajudando minha mãe e meus irmãos ficavam com meu pai na venda; meu pai tinha uma venda. Antigamente era venda que chamava, né? Com dez anos, meus irmãos já dirigiam a caminhonete de meu pai. Eu? Eu queria também, mas eu só fui aprender adulta, quando meu filho já tinha nascido (Jasmim, 2022).

O empreendimento de Jasmim, casa e restaurante-puxadinho, é herança recebida da matriarca e ela afirma que, além de ajudar na complementação de renda, ela conduz o negócio em respeito à mãe: “dedicação ao sonho de minha mãe”. Ela acompanhou todo o desenvolvimento e toda a luta da mãe no desenvolvimento do restaurante.

Buganville é a mais nova das empreendedoras, com apenas 23 anos. Ela tem duas irmãs mais velhas e os pais. É também a que tem o empreendimento há menos tempo (dois anos) e que está situado numa zona distante do aglomerado comercial do bairro.

Eu moro aqui com meus pais. Minha infância foi aqui mesmo em Monte Gordo, nessa região aqui mesmo, a vida toda. A vida toda. Eu tenho vinte e três e já concluí meus estudos. Fiz o ensino médio e aí eu pensei em fazer alguns cursos. Minha infância não foi difícil. Eu na verdade, eu não morava aqui nessa localidade. Eu morava num sítio e aí cheguei a ir um período andando para a escola, que foi logo quando eu comecei a estudar e tinha essa dificuldade, né? Porque era um pouquinho longe, era lá no Hermógenes que eu estudava e eu ia e vinha com minhas irmãs. A gente brincava de tudo inclusive por dentro do mato, sempre conectadas com a natureza e é isso (Buganville, 2023).

Pergunto-lhe sobre a vivência na escola:

Eu sempre fui um pouco travada. Não era aquela pessoa de falar muito participar muito. Eu vim participar mais e aprender a falar mais no ensino médio, já no estadual. Que aí eu comecei a participar de gincanas, participar de algumas atividades extras que tinham. E daí eu fui me comunicando mais. Nunca reprovei e me considero uma boa aluna. Sempre tinha aquelas pegadinhas de adolescente, mas é coisa de escola, mas nunca reprovei. Já cheguei a ficar de recuperação em Matemática, mas me dava bem nas outras. (Buganville, 2023)

Para a análise das falas elencadas aqui, gostaria de tratar primeiramente de um dos pontos cruciais da pesquisa que é o fato de esta ser dedicada ao estudo de mulheres no segmento do empreendedorismo. Assim, gostaria de cotejar alguns dados oficiais com a realidade do grupo de mulheres engajadas aqui neste trabalho. Na tabela abaixo, temos dados do GEM 2019:

Tabela 5 – Percentual dos empreendedores brasileiros por sexo

Sexo	Iniciais	Estabelecidos	Sexo
Masculino	50,0	56,5	Masculino
Feminino	50,0	43,5	Feminino
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados do GEM Brasil, 2019.

Note-se que em 2019, no segmento de pessoas empreendedoras iniciais, não houve diferença na presença de homens e mulheres. Entretanto, o sexo masculino representou a maioria entre as pessoas empreendedoras estabelecidas, 13 pontos percentuais a mais que o feminino. A despeito da crescente participação feminina no setor do empreendedorismo ao longo da última década, mais adiante, veremos que, em 2021, houve uma pequena queda.

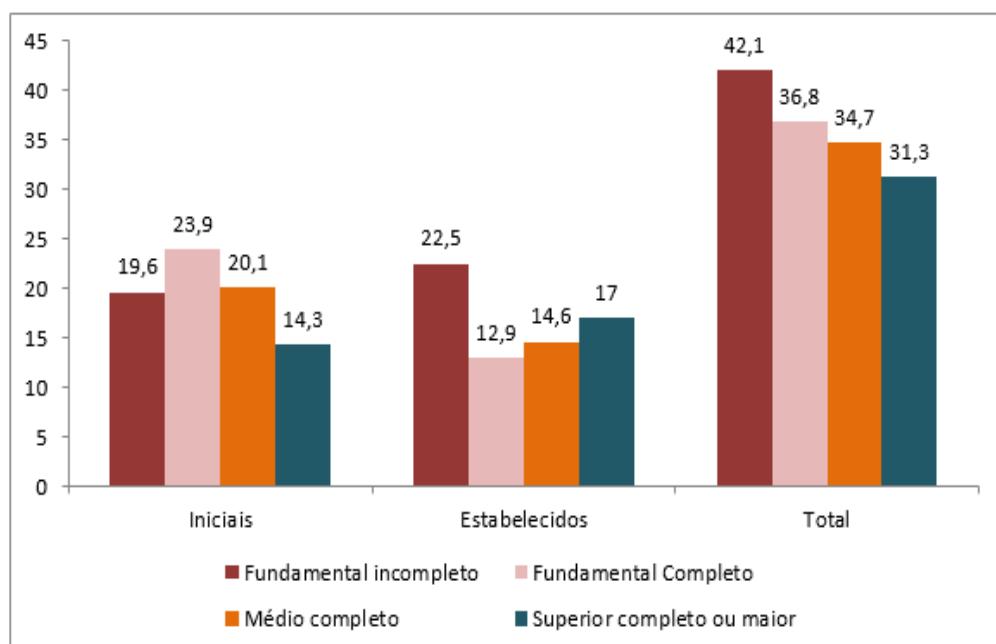
As falas das interlocutoras ajudam na compreensão dos caminhos trilhados, posto que ambiente familiar, infância e escola são instâncias que representam os primeiros contatos com o mundo e reverberam-se como núcleo de afetividades primeiras, relações sociais e cognitivas podendo refletir em toda a vida de uma pessoa (Oliveira; Braga; Prado, 2017). Para três das nossas entrevistadas, o acesso à educação se deu de maneira tardia e precária, uma vez que tiveram que trabalhar desde muito cedo (empregadas domésticas). A essas, não somente uma educação formal sólida foi negada, mas também a própria infância.

A atenção a tais aspectos possibilita elencar pistas importantes para o entendimento da busca/escolha pelo caminho empreendedor das nossas entrevistadas. Mais do que uma escolha ou busca, o empreendedorismo como única opção/meio de sobrevivência também pode ser um fato. Essa realidade pode ser chave para a classificação da atividade empreendedora por necessidade, visto que uma pessoa sem formação terá mais dificuldade de ingressar no mercado de trabalho e terá mais probabilidade de buscar o empreendedorismo para sobreviver.

Segundo dados Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua, do IBGE (2023), o desemprego no Brasil, que segue mostrando diferenças sociais e regionais, teve uma média de 8,8% da população. Em relação à escolaridade, o IBGE apura a maior taxa de desemprego (15,2%) entre as pessoas com ensino médio incompleto. Com ensino superior completo, cai para 4,5%, mas dobra se for incompleto (9,2%).

O que se vê é a materialização de uma tríade com teor de precariedade: baixa escolaridade/desemprego/empreendedorismo. De fato, o gráfico 1 do GEM (2018), mostra que quanto menor o nível de escolaridade, maior é a chance desse indivíduo ser um empreendedor no Brasil.

Gráfico 1 – Taxas (em %) específicas do número de empreendedores por nível de escolaridade segundo estágios de empreendimento – Brasil



Fonte: GEM, 2018.

Ainda sobre escolaridade, a pesquisa SEBRAE (2021) traz um recorte por gênero e raça/cor para o assunto, algo que é interessante de trazer aqui:

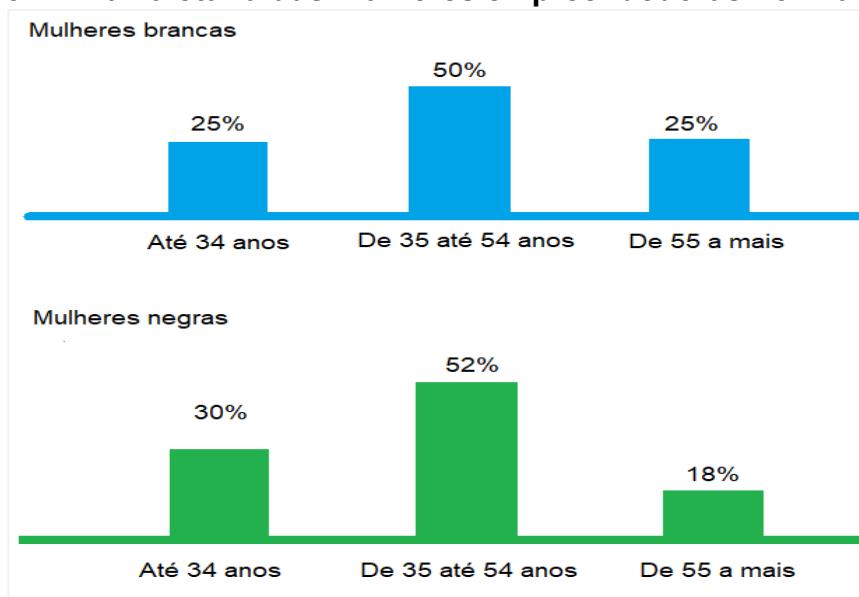
Tabela 6 – Escolaridade das mulheres empreendedoras no Brasil

	Superior (incompleto ou mais)	Médio (completo ou incompleto)	Fundamental (completo ou incompleto)	Sem instrução	Sem informação
Mulher branca	39%	35%	19%	0%	7%
Mulher negra	17%	45%	27%	1%	10%

Fonte: Elaboração Própria com base em dados do SEBRAE, 2021.

A pesquisa SEBRAE mostra que as mulheres brancas são as que possuem maior proporção de curso superior (39%), o que evidencia que ainda temos um longo caminho a percorrer no quesito igualdade no acesso à universidade. A despeito das cotas e dos distintos programas de promoção da presença e permanência dos corpos negros no ambiente acadêmico, a estrada para a equidade é longa, cheia de curvas, declives e muitas pedras. No que tange às colaboradoras desta pesquisa, apenas Jasmim, mulher negra, tem curso superior completo e é pós-graduada, o que dá uma porcentagem de apenas 20% do total, perto dos 17% em tela.

Outro dado geral divulgado pelo SEBRAE (2021) que vai pela mesma direção do panorama das engajadas nesta pesquisa trata da faixa etária das mulheres.

Gráfico 2 – Faixa etária das mulheres empreendedoras no Brasil

Fonte: Elaboração própria com base em dados do SEBRAE, 2021.

A maioria das mulheres empreendedoras, independente do fator raça, está numa faixa etária que vai dos 35 aos 54 anos. Dentre nossas empreendedoras, essa faixa etária predomina. Buganville, com 23 anos, escapa da faixa. Vale ressaltar um aspecto dos dados do SEBRAE que é o fato de a mulheres negras serem as mais novas a adentrarem no segmento empreendedorismo.

Não poderia me furtar de comentar um dos pontos comuns de três experiências das cinco relatadas aqui – o fato de terem atuado como empregadas domésticas, desde muito novas. Essa atividade tem base escravista e totalmente servil, na qual está inerente a disponibilidade contínua e irrestrita do exercício laboral não remunerado na esfera privada. A base escravista é muito forte e o trabalho doméstico passou a ser a mais importante forma de ocupação de ex-escravizadas (Teixeira; Saraiva; Caarieri, 2015).

Após muitas gerações pós-abolição e após a aprovação da PEC 72/13 e de sua regulamentação pela Lei Complementar nº 150, de 1 de junho de 2015, o trabalho doméstico ainda segue como caminho de vida de meninas negras pobres⁷². Melo e Thomé (2018) apontam que até o ano de 2010, a atividade doméstica ainda era um trabalho tradicional de mulheres negras de baixa renda, correspondendo à atividade remunerada de mais de 14% das mulheres negras ocupadas com 16 anos ou mais.

Em síntese, ainda persiste no país um séquito de meninas que trabalham em casas de extratos sociais mais abastados, mas seguem sem direitos – sem direitos à infância, sem direito à educação, sem direito trabalhista.

A despeito dessas dores, não é raridade o fato de que muitas ex-domésticas, como as três entrevistadas, se tornaram empreendedoras, muitas, inclusive, grandes empresárias. Num movimento rápido de *clipping* jornalístico no Google, é possível encontrar várias histórias⁷³ que tratam disso.

Esta seção foi quase um preambulo e intencionou mostrar pontos familiares, da infância e da educação das interlocutoras da pesquisa (o trabalho apareceu, em

⁷² Também algumas meninas brancas de baixa renda, como é o caso de Rosa.

⁷³<https://g1.globo.com/economia/pme/noticia/2013/09/ex-domestica-vira-empresaria-e-hoje-fatura-quase-r-80-mil-por-mes.html>
<https://razoesparaacreditar.com/empregada-domestica-reinvencao-tupperware/>
https://www.sindomestica.com.br/noticias_mostra.php?id=190
<https://exame.com/pme/ex-domestica-abre-franquia-e-ganha-ate-clientes-do-antigo-emprego/>

dados momentos). Não objetivou estabelecer métricas ao trazer dados estatísticos, mas trazer informações ilustrativas em cotejo, para além do universo denso de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes de uma abordagem qualitativa e, consequentemente, do método história de vida.

Foi possível constatar como as instâncias família e educação (escolaridade) são fatores que pesam e meio que definem o caminho do empreendedorismo, principalmente o empreendedorismo como o que estamos lidando nesta pesquisa.

5.2 PROCESSO DE ABERTURA DOS PUXADINHOS

Quando perguntei à Margarida sobre a decisão e os meios empregados para iniciar o seu empreendimento, ela me contou que foi tudo muito difícil em sua vida. Conforme já mencionado, ela foi babá e trabalhou como doméstica por muitos anos. Depois de um tempo, ela foi trabalhar de faxineira em um *spa*, onde teve sua carteira assinada pela primeira e única vez. Ela conseguiu o emprego através de uma antiga patroa que lhe dispensou do emprego de doméstica. Fica evidente que esse emprego foi uma espécie de divisor de águas em sua vida:

Foi lá que comecei a me interessar por beleza. Passei quatro anos lá em Sauípe, limpando lá e observava tudo. Comecei a me interessar. Tinha uma colega faxineira que também me ajudou, foi Azaleia. Ela já tinha feito curso lá no Embeleze. A gente ficava limpando e olhando aqueles homens e mulheres fazerem as coisas nas mulheres de grana... (Margarida, 2023).

Ela acrescentou que um cabeleireiro do *spa*, por vezes, fazia escova no cabelo dela e no da amiga após o expediente e ela foi apreendendo muita coisa: “Eu observava tudo que ele fazia, Era muito bom, ele!”

Quando eu recebi o aviso de demissão eu fiquei arrasada. Eu gostava tanto de lá e era tão dedicada. Até hoje não entendi porque perdi meu emprego. Só falaram de corte de gastos. Foi muita gente demitida. Eu chorei muito, sabe? Me deram todos os meus direitos, tudo, tudo direitinho. Eu gostava de meu trabalho, eu gostava. Conhecia gente de tudo quanto é lugar e ganhava presente e me davam gorjeta. Era bom! (Margarida, 2023).

Perguntei-lhe como foi a decisão de empreender.

Eu fiquei direito sem saber o que fazer quando saí de lá. Pensei em voltar a fazer faxinas ou trabalhar como diarista. Eu não queria mais fazer faxinas. Mas Azaleia me incentivou a abrir o salão e eu já havia começado a fazer cabelo de algumas pessoas aqui. Primeiro eu chamei o pedreiro, Sr. Antônio. Aqui da vizinhança. Expliquei a ele o queria. Quando recebi minha rescisão, começamos fazer. Logo, logo comecei a atender aqui, ainda com chão batido de terra. A rescisão não deu para fazer muita coisa, nem o seguro-desemprego, mas eu não desisti porque eu precisava ganhar dinheiro para viver, eu precisava. Tinha minha filha, meu netinho. Minhas vizinhas e o pessoal da igreja ajudou muito falando com outras pessoas (Margarida, 2023).

Perguntei-lhe como ela fez para começar o seu negócio e para comprar os produtos do salão:

Com a rescisão eu comprei vários produtos básicos como relaxantes, tinta, xampu, condicionador. Comprei um secador bom, uma prancha e vários materiais pequenos...muita coisa eu já tinha. No início lavava os cabelos das clientes na lavanderia aqui de casa mesmo. Ah, o pessoal lá no spa me deu algumas toalhas, potes de hidratantes, óleos, alguns pentes e escovas. Comprei muita coisa em Salvador e ainda compro. Uma vez por mês vou lá comprar produtos, mas não é fácil não. Eu preciso trabalhar muito para conseguir ter dinheiro para comprar. Se não tenho serviço, fica difícil repor. É como o povo diz que tem que trabalhar no almoço para garantir o jantar. Eu não quero voltar a ser faxineira, entendeu? Basta o que passei na pandemia. Eu tenho que lutar muito para não perder meu negócio. (Margarida, 2023).

Margarida me disse que ela não consegue lembrar direito sobre o investimento total para iniciar o salão, pois já tem quase dez anos que ela tem aquele ponto – “Eu acho que no total foi quase dois mil reais, quase tudo que recebi e mais as parcelas do seguro-desemprego”. Ela afirma que o pior foi levantar aquela estrutura que “até hoje não está terminada”.

Perguntei à Margarida sobre o conhecimento que ela tinha a respeito da atividade dela. Ela já havia elucidado que muita coisa aprendeu a partir da observação no emprego anterior e com a colega de trabalho:

O grosso mesmo aprendi olhando e fazendo. Eu também sempre me virei fazendo minhas tinturas e passando alisante no meu cabelo e no de minha filha...na vizinha... agora que está na moda deixar as aruabas soltas, mas antes tinha que alisar, não tinha nada de black. Eu cheguei a fazer o curso total de cabeleireira profissional lá no Embelleze. Fiz até o quinto mês, mas não deu para continuar, era muito longe e minha filha estava pequena e era uma perturbação

porque tinha que levar ela e sentia que o povo não gostava. Também o dinheiro não deu para continuar. (Margarida, 2023)

A ex-colega de trabalho, também abriu um salão na região do subúrbio em Salvador:

Azaleia foi demitida um ano depois de mim lá de Sauípe. Ela também abriu o salão dela em Paripe e toda novidade pego com ela. Várias vezes vou lá aprender uma novidade. As vezes passo o dia lá. Mas tem muita coisa que pego no *Youtube*. Peço a minha filha para procurar e assisto com atenção. Minha filha mesmo aprendeu um monte de novidade de unha assim. Ela faz cada coisa linda. (Margarida, 2023)

Perguntei-lhe também sobre a contabilidade do salão, sobre as contas e se há separação entre o pessoal e o do empreendimento: “Que nada! É tudo uma coisa só, né? Aqui é meu sustento, como vou separar? Está tudo junto. Moro aqui. Tudo meu é aqui. Se precisar de algo lá de casa, vou e trago. Está tudo ligado na graça de Jeová. Perguntei-lhe sobre a renda que retira do salão e ela responde:

Não tiro muita coisa não, mas dá para viver. É melhor do que faxinar na casa dos outros. Aqui sou minha própria patroa. Depois de pagar água e luz e repor alguns produtos, sobra uns dois e quinhentos. Compro comida e coisas para meu neto. Minha filha ajuda aqui, mas ainda faz faxina para completar. (Margarida, 2023).

Após esse rico depoimento de Margarida, passo para outra colaboradora. Conforme já pontuado anteriormente, Ixora tem um discurso muito direto e fluido, além de ótima memória. Ela começa me esclarecendo que tudo começou na escola, lá na cidade de São Gonçalo onde morava:

Escola é importante... sempre digo aos meus filhos para estudarem... pra terem uma vida melhor que a minha. Agora, foi na escola que fiz um cursinho de maquiagem, uma vez. Foi um cursinho para meninas... a gente ganhou uns modess⁷⁴ e explicação sobre menstruação e de gravidez e teve um cursinho de maquiagem... acho que eu comecei a me interessar daí. (Ixora, 2023)

⁷⁴ Modess é uma marca de absorvente feminino, tida como a primeira linha de absorventes descartáveis a ser produzida no Brasil. Há indícios de que já no ano de 1930, a marca já existia (ver: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=025909_03&pasta=ano%20193&pesq=modess&pagfis=829). Dada a sua importância e popularidade, terminou se tornando uma metonímia.

Questionei-lhe quanto ao que ela aprendeu no cursinho e ela me traz a importância de uma revista que, até então, eu não conhecia. Ela explica:

Aprendi no cursinho a usar base, rímel, como delinear olho.... o básico. Eu comecei a comprar umas revistas quando tinha dinheiro. Pera.... na verdade, eu descobri na escola umas revistas velhas do IUB. Depois é que comecei a comprar umas revistas melhores nos centro de São Gonçalo. IUB era... significava... acho que... Instituto Universal Brasileiro...não sei se ainda tem..., mas tinha umas revistas dessa com curso de beleza na escola.... eu levava para a casa e ficava treinando umas coisas com minha irmãs. Depois fazia nas vizinhas da roça. (Ixora, 2023)

Ixora foi conduzida a um percurso parecido, em parte, ao de Margarida. Ela trabalhou durante muitos anos como doméstica e babá e foi através de uma das patroas que teve o primeiro contato mais direto com salão de beleza, conforme fica evidente em sua fala:

Depois fui trabalhar em outra casa que não tinha criança, mas tinha adolescentes.... a casa era da amiga de Dona Helena. Era muito trabalho, muita coisa para fazer.... eu ficava muito cansada. Dona Rita queria que eu fosse todo dia. Era difícil lá...Eu ia, mas domingo só ficava até depois do almoço...eu fazia muita coisa.... A cunhada de Dona Rita um dia me chamou para fazer uma limpeza no salão de beleza dela. Eu adorei! Era um dos poucos que tinha em São Gonçalo. Depois de um tempo a gente combinou e eu ficava indo todo sábado ajudar. (Ixora, 2023)

Ela elucida seus primeiros passos no ramo:

Eu comecei a aprender algumas coisinhas... Aprendi a fazer unhas e depois de um tempo a dar escova. No início era só no sábado. Combinei com Dona Rita. Era primeiro para ajudar Dona Marilúcia a dona do salão que era cunhada da minha patroa. Aos poucos a dona foi deixando eu fazer essas coisas... tipo treinando sabe? Ai, tinha umas vezes que ela abria o salão domingo de manhã, principalmente quando tinha festa na cidade e eu sempre ia também. Comecei a dar tintura nos cabelos também. Dona Mari dizia que eu levava jeito. Foi por essa época que Carlos começou a achar que eu passava muito tempo na rua e que não tinha tempo para ele. Ele reclamava demais e dizia que só conseguia me ver no culto. (Ixora, 2023)

Ixora explica que houve muita pressão para ela deixar de trabalhar fora de casa. O marido não aceitava, algo que foi intensificado com a gravidez.

Eu já estava com 20 anos e engravidei. Aí começou a pressão para eu deixar de trabalhar. Foi bom porque fui abençoada por Deus com um filho, mas tive que parar de ganhar meu dinheirinho. Era bom, sabe? Eu ajudava muito meus pais e queria fazer uma casinha para mim lá na roça. A gente teve que casar logo porque a barriga começou a crescer. Minha mãe chegou a dizer que eu só casava se quisesse, mas Carlos, meu pai e o pastor cobravam muito. Carlos se mudou lá para casa. Os homens da casa improvisaram um quarto, um puxadinho como você disse. (Ixora, 2023)

Após sete anos sem trabalhar fora de casa, já com dois filhos, Ixora explica um pouco como foi parar em Barra do Pojuca:

Meu irmão Evanildo veio para essa região aqui primeiro. Ele foi para Praia do Forte trabalhar na limpeza de um hotel. Aí comprou esse terreno aqui quando foi demitido.... Era somente mato isso aqui. Quando vim aqui a primeira vez fiquei perplexa. Mas encheu de casa logo, logo. Ele foi fazendo a casa dele essa aqui do lado aos poucos. Depois que ele se casou, ele começou a chamar a gente para viver aqui. Ele queria que a família toda viesse porque tem espaço para cada um fazer sua casa. Depois de encher a cabeça de Carlos e arranjar serviço para ele aqui por essa área a gente decidiu vim para cá (Ixora, 2023).

Ixora explicou que ela e a família moraram na casa do irmão e da cunhada por aproximadamente um ano até conseguir levantar a estrutura da sua casa. Nesse ínterim, diante de muita necessidade e sob apelos, ela conseguiu autorização do marido para trabalhar num mercadinho do bairro:

Uma vez arranjei com uma irmã da Igreja para trabalhar de limpadora naquele Mercadinho lá da frente, no centro ali de Barra, sabe qual é? É um que fica na rotatória da Igreja. Era um trabalho muito duro, mas achei ótimo. Ganhei um dinheirinho bom que deu para comprar várias coisas para a nossa casa. Compramos bloco, cimento, telha, cano...Comprei roupa para os meninos, roupa para mim. Não assinaram minha carteira, mas me pagavam o salário, eu podia ganhar extra quando tirava a folga de meus dois colegas. Eu gostava. Abri uma conta poupança pela lotérica e guardei um dinheiro escondido de Carlos (Ixora, 2023).

Eu lhe perguntei como foi a experiência no mercadinho, apesar do pouco tempo de vínculo:

Só fiquei cinco meses. O que eu aprendi? Aprendi que tem gente que tem prazer em sujar para ver a gente limpando... É sério... Tem gente que finge que não está vendo a gente da limpeza... Parece que a gente não tá ali, entendeu? Tinha gente que entrava e falava essas línguas do estrangeiro e eu não entendia nada... (risos). Uma vez vi umas pessoas tão brancas, tão brancas, com olhos azuis e verdes... parecia gente de revista. Uma veio falar comigo e eu fiquei parada sem saber o que falar.... Eu ficava com vontade de trabalhar no caixa, virar caixa... Uma colega me ensinou algumas coisas e eu queria deixar a limpeza. (Ixora, 2023)

Ixora explica, num sorriso banhado de tristeza, o motivo pelo qual deixou o emprego no mercadinho:

Carlos encrencou e disse que tinha muitos homens trabalhando comigo. Disse que eu tinha que largar aquele trabalho. Fiquei com muita raiva, muito chateada, mas como sou uma boa esposa eu pedi para sair. A igreja ensina que devemos obediência aos nossos maridos. Voltei a fazer faxina de vez em quando e a cuidar da casa. Eu também ajudei na construção da nossa casa... Botei Junior também para ajudar. Eu fiz cimento, carreguei bloco. Tá vendo esse telhado aqui? Eu ajudei a armar. (Ixora, 2023)

Finalmente, Ixora explica como foi a decisão de colocar o empreendimento. Eu viajei no relato dela como se estivesse ali na cena porque me pareceu muito curioso o reacender dela pelo negócio da beleza:

Uma vez que fui fazer uma faxina lá em Praia do Forte, a dona da casa ia para uma festa. Nunca esqueço. Aí chegou um homem que mais parecia uma mulher, Deus me livre! Era um homossexual! Ele veio para cuidar do cabelo dela e maquiá-la. Ele era uma pessoa que vivia em pecado, mas sabia mexer com tesoura, sabia de tudo com facilidade. Falava engracado, brincou comigo. Tinha um carrão. Era bonito ele. Cheiroso. E deixou minha patroa parecendo uma rainha. Aquilo me deu uma coisa. Foi mesmo. Foi coisa de Deus. Eu comecei a falar para as pessoas da igreja que eu fazia escova, unhas, que dava tintura.... falei para as vizinhas, mas acho que ninguém botava fé. Aí comecei a fazer alguns serviços em casa mesmo....eu fazia quando não tinha faxina. Comecei a ganhar um dinheirinho extra. Muitas vezes ia na casa das mulheres aqui da vizinhança fazer unhas e cabelo porque a casa não estava muito boa ainda. (Ixora, 2023)

Ixora relata que sentiu desejo de ter seu próprio espaço, mas sentia que precisava saber mais. Uma vizinha que frequentava a mesma igreja lhe deu uma dica: "Uma irmã do culto me perguntou porque eu não fazia um curso

profissionalizante. Eu falei para ela que só tinha estudado até o primeiro ano. Mas ela explicou que não tinha problema. Foi aí que conheci o Embelleze." (Ixora, 2023) Ela segue detalhando:

Procurei saber. Juntei dinheiro, fazia faxina até domingo para conseguir juntar o dinheiro para fazer os cursos. Meu marido ficava reclamando que eu tava procurando sarna para me coçar. Eu tinha que levar Junior comigo para as aulas e eu pagava minha vizinha quando minha cunhada não podia ficar com Neto. Fiz curso de escovista, de manicure, de sobrancelha e escova progressiva. Foi difícil, mas valeu, viu? Eu ia para Salvador e as vezes passava o dia todo lá. Com os cursos e os certificados as pessoas respeitavam mais. Eu queria fazer o curso maior, mais completo, o curso de cabeleireira profissional, cabeleireira, cabeleireira... vixe! Sempre me atrapalho. Mas esse curso é longo, dura mais de um ano. Tem que ter mais dinheiro e mais tempo. Carlos é muito ciumento e não quer que eu fique saindo. É muito complicado porque ele não aceita muito que eu trabalhe e eu trabalho na marra da graça de Deus. Só Jesus na causa. Mesmo assim contrariado acho que ele começou a perceber que dava um dinheirinho pra gente. Comecei a ser procurada mais vezes principalmente para as progressivas e fui diminuindo as faxinas. Comecei a passar mais tempo em casa... Muitas irmãs do culto fazem progressivas, tenho umas oito clientes fixas de progressivas lá da igreja. (Ixora, 2023)

Ixora explica que na época ela tinha guardado na poupança cerca de setecentos reais, algo que, segundo ela, surpreendeu o marido, deixando-o um pouco irritado. Esse valor foi todo empregado na estruturação inicial do puxadinho.

Carlos no fundo gostou porque eu podia trabalhar e ganhar dinheiro em casa, ao lado de casa. Aí ele conseguiu quinhentos reais emprestado com o pastor para ajudar aqui. Meteu mão na massa com a ajuda de Nildo, meu irmão e a minha. Até Junior ajudou. Aos poucos fui comprando as primeiras coisas de salão. Fiz uma compra inicial de produtos básicos. (Ixora, 2023)

Perguntei-lhe como faz para dar seguimento ao negócio, como faz para adquirir produtos e demais insumos para o salão:

Eu preciso vender meu serviço. Isso aprendi lá no curso. Eu tenho que buscar as clientes. Quando não tem clientes, não tem dinheiro. A moda é fazer combos. Sabe o que é? Pé e mão por um preço. Fazendo a escova, ganha a mão. Se fizer progressiva, ganha pé e mão. Vou me virando. Minha cunhada que tá fazendo essa parte de manicure. Às vezes é difícil. Tem semanas de poucos clientes. O

pastor ajuda falando no culto. Ele é bom. Mas as vezes é difícil. As vezes faço serviço fiado só para não fechar. (Ixora, 2023)

Sobre a renda que consegue retirar do salão, Ixora explica sem muita precisão. Aproveito e pergunto se há separação entre as contas do salão e as contas pessoais dela:

Bem, o salão é meu...porque se sou a dona... É tudo uma coisa só, né? Pego dinheiro com Carlos as vezes para comprar produtos, dou dinheiro para ele quando precisa de alguma ferramenta. Com o dinheiro daqui dá para pagar luz, pagar a sky, comprar pão quase todos os dias, transporte e lanche para os meninos... Meu menino mais novo, Neto, tá fazendo curso de Inglês e escolinha de futebol aqui na comunidade e sou eu que pago. Compro o que ele precisa na escola. (Ixora, 2023)

A próxima interlocutora do segmento salão de beleza desta seção é Buganville. A mais nova das engajadas neste trabalho tem uma experiência aparentemente mais leve. Talvez o frescor de sua jovialidade faça exalar essa leveza quando conversei com ela. Ela explica como se deu a decisão de empreender:

Trabalhei uma vez só de carteira assinada, quando fiz 18 anos. Trabalhei em um hotel na Costa do Sauípe e não tive boas experiências porque trabalhar para os outros você ouve o que você não quer. Muita coisa ruim! Você fica muito preso, você não tem tempo para nada e eu trabalhava em um horário que não era um horário bom pra mim, não era um horário bom para mulher trabalhar. Na questão da locomoção também era muito ruim. Eu trabalhava num horário intermediário. Eu saía de casa às nove da manhã para pegar trabalho onze. Chegava em casa nove da noite. Então, como você pode ver essa região é bem deserta, essa região aqui é um pouquinho complicada pra poder a gente vim esse horário à noite. Não tem transporte. Não tem transporte não. O meu pai que ia me buscar com o transporte de casa mesmo. Ele ia me buscar todos os dias lá no contorno, lá na passarela lá embaixo. Aí depois dessa experiência que eu tive, eu resolvi trabalhar pra mim mesma. (Buganville, 2023)

Ela segue elucidando os passos percorridos para o seu empreendimento:

Eu concluí meus estudos, fiz o ensino médio e aí eu pensei em fazer alguns cursos. Fiz alguns cursos fora dessa área. Então, resolvi fazer meu primeiro curso de design de sobrancelha que foi pago e incentivado pelos meus pais e fiz esse primeiro curso. Comecei a trabalhar em 2017 com design de sobrancelha, era bem nova e foi antes até do emprego em Sauípe. Em 2020 resolvi fazer um outro curso na área da beleza e continuei trabalhando. Aprendi muita coisa

na rede, no *Youtube*... Resolvi trabalhar com unha também. Comecei a trabalhar com cabelo também. Fazer escova, prancha, essas coisas. (Buganville, 2023)

Ao ser questionada por mim, Buganville explica o porquê do ramo de beleza:

Foi uma área que eu me identifiquei, eu já tentei trabalhar em outras áreas. Fiz o curso de auxiliar de professora, fiz um curso de elétrica e não me identifiquei em nenhuma dessas áreas. Eu me identifiquei mais com beleza mesmo. Antes eu ia na casa das pessoas. Eu atendia no domicílio de quem queria meu serviço. (Buganville, 2023)

Ela segue narrando sua trajetória empreendedora e elucida o processo de decisão e de construção do puxadinho e do seu empreendimento:

...é um puxadinho mesmo. Lá atrás tem outro puxadinho, um quarto de minha irmã. Entendo sim, que é um quarto feito depois da casa pronta para aumentar. Eu queria arranjar alguma coisa, um lugar para praticar e oferecer meus serviços...pensei, tenho esse espaço, essa opção e vou utilizar. Tive a autorização de meus pais, que são os donos da casa. Eu pensei e visei também a dificuldade de locomoção e para mim sair daqui para me deslocar para casa do cliente eu dependia muito do mototáxi. Às vezes demorava ou atrasava, ou nem vinham e eu ficava mal com as pessoas (Buganville, 2023).

Perguntei à Buganville como era ter um salão ali, numa área mais isolada. Perguntei se ela tinha clientes, como era o processo de exercício de sua atividade. Ela explicou que seu salão era o único ali naquela localidade, mas que tinha algumas cabeleireiras que iam nas casas das pessoas prestar serviço de beleza, como ela costumava fazer antes. Perguntei-lhe sobre o investimento inicial para a montagem do salão e sobre a aquisição de produtos:

Para abrir este salão eu investi na média de trezentos reais, tudo que eu tinha na mão. Não foi mais que isso porque o palete foi bem baratinho. Aí teve parafusos, tinta... A mão de obra foi cortesia. Vários materiais foram cortesias. Eu não tenho fornecedor específico. Geralmente eu compro em uma loja aqui, em outra loja ali. Eu saio comprando em várias lojinhas mesmo. Eu sempre procuro comprar em quantidade. Eu compro em quantidade pra quando ir acabando o material e repondo daqui mesmo para não ter que me deslocar pra comprar quando faltar. (Buganville, 2023)

A mesma pergunta sobre a renda conseguida do salão foi feita à Buganville.

Dá para eu me sustentar. Bom, eu não digo assim me sustentar na maneira de ter uma casa para bancar tudo. Tipo pagar energia, água, alimentação, essas coisas não dá. Mas aí dá para mim sim comprar os materiais daqui e ainda sobra uma renda para poder pagar algumas contas e repor material... essas coisas. Botei internet aqui na casa dos meus pais, pago a luz, ajudo para comprar alguma coisa tipo gás quando precisa e com o mercado. Eu chego a tirar uns quinhentos reais... às vezes um pouco mais. (Buganville, 2023)

Quanto ao questionamento sobre a separação entre as contas do seu negócio e as contas pessoais, ela explicou:

Não, não, não tem como separar. É tudo uma coisa só porque tiro daqui para pagar transporte, comprar comida e coisas para mim... Compro esmaltes e cremes de cabelo com o dinheiro das roupas e micheline que também vendo... a luz daqui e da casa é a mesma e a água também. A internet lá de casa é a que botei aqui. Não vejo necessidade de separar já que sou a dona. (Buganville, 2023).

Esta última fala de Buganville é muito semelhante àquelas anteriores. Mudaremos de segmento, a partir deste trecho, e poderemos ver um pouco das trajetórias das donas de restaurante naquilo que tange a proposição desta seção.

Quem olha para a estrutura do restaurante/casa de Rosa, talvez, não faça ideia do tanto de labuta que houve para que chegasse àquela configuração atual. Perguntei-lhe como foi que aprendeu a cozinar:

Comecei de pequena, quando saí da fazenda e fui trabalhar em Salvador na casa dos donos da fazenda. Tinha oito anos quando fui para lá e tinha que fazer de tudo. Eu cuidava das crianças, mas tinha que saber tudo, de limpar a casa, de fazer comida. Quando comecei a cozinar eu tinha que subir até na cadeirinha para fritar as coisas porque o fogão lá era bem grandão assim, era um apartamento bem chique mesmo. Com oito anos, eu fritava ovos, esquentava o pão, fervia o café e fazia o mingau das crianças. Várias vezes eu me queimei. Uma vez derrubei o café em mim. Chorei muito, mas mandaram eu calar a boca e fazer outro mesmo sentindo dor (Rosa, 2022).

Muito emocionada com o relato, questiono mais sobre a aprendizagem dela:

Era assim, eu morava lá, tinha que fazer de tudo, mas sempre tinha uma outra empregada. De manhã eu ficava em casa quando os meninos iam para a escola aí cada empregada que chegava me ensinava a fazer uma coisa. Eu ficava na cozinha observando tudo. A cozinha era o meu lugar até a hora que as crianças voltavam da

escola. Dona Maria foi a que mais me ensinou coisas porque ela passou muito tempo trabalhando lá. Com uns catorze anos eu já fazia feijoada, mocotó, sarapatel, mininico de carneiro... essas comidas do interior. Mas também aprendi a fazer canapés, fileé, moqueca, frango desfiado, malassado. Aprendi também com minha ex-sogra. Aprendi a fazer maxixada e frigideira com ela. Nunca fiz curso de nada, fui vivendo e apreendendo. Adoro cozinhar. Fui aprendendo muitas outras coisas sozinha, fazendo, testando. Foi isso! (Rosa, 2022)

A decisão para abrir o restaurante começou a ser pensada ainda quando trabalhava como doméstica. Importante resgatar o fato de que Rosa abriu um primeiro negócio na varanda de sua casa e que terminou perdendo tudo num incêndio. Então, ela teve uma outra experiência com puxadinho. Segundo ela, essa primeira experiência não foi um “estabelecimento propriamente dito”. Na varanda, ela entregava quentinhos que fazia e permitia que algumas pessoas comessem ali mesmo. Após o fatídico acontecimento do incêndio, ela precisou voltar a fazer faxinas para sobreviver e também passou a fazer outras coisas e ter outras experiências:

Depois do incêndio, passei quase sete anos fazendo faxina para algumas pessoas de Guarajuba e trabalhava no hotel de Guarajuba também. Lá eu fazia faxina e cozinhava. Fazia um pouco de tudo no hotel. Passei quatro anos no hotel, dois anos sem carteira assinada, sem direito nenhum e dois anos na carteira. Por fora fazia salgados para festas, aniversários, batizados. Nunca me conformei em trabalhar para os outros. Eu queria muito ter meu negócio porque queria ser chefe, trabalhar para mim (Rosa, 2022).

Interrogo-lhe sobre a decisão para abrir o restaurante e os recursos para tal e o investimento dispensado:

O dinheiro que tive para iniciar foi o empréstimo que te falei, porque o que eu ganhava não dava para nada e eu ficava sempre sonhando em ter meu próprio negócio, ser dona de mim. Tinha problemas no Hotel. Uma vez, que precisei dormir lá, quiseram me pegar a força. Eu não podia ficar mais lá. Só Jesus! O dinheiro inicial foi de dona Conceição que me emprestou quatrocentos reais e depois nunca quis que eu pagasse de volta. Mas teve outros anjos me ajudando. Combinei com o responsável por uma obra do condomínio aqui perto de servir as quentinhos para os peões. Isso foi muito importante e eu me desdobrava para dar conta. Foi uma época que eu nem dormia. Dr Ivan também me ajudou me emprestando quinhentos reais. Aí comecei a ir comprando as coisas novamente aos poucos. Para abrir as portas mesmo, com duas mesinhas eu comecei com mil e duzentos reais (Rosa, 2022).

Ela dá mais detalhes:

Também teve o seguro-desemprego de quando saí do hotel. Aí eu fiquei com o restaurante iniciando e ainda fazendo algumas faxinas. Tudo que tinha botava aqui no meu canto de vida. Precisava ter clientes para pagar as contas. Eu falava com todo mundo. Botei meus filhos também para dizer e fazer tipo propaganda. O pessoal da igreja ajudou muito. Até hoje muitos irmãos e irmãs vem comer aqui. Meu marido as vezes conseguia me dar quatrocentos reais para ajudar a comprar coisas. Ele trabalhava na cooperativa (Rosa, 2022).

Rosa explica a decisão por puxar:

Decidi abrir aqui esse puxadinho porque era a minha chance, era o que tinha e não dava para alugar um local para viver. Eu já tinha tido uma loja no centro de Monte Gordo e terminei perdendo. Pensei, se eu já tinha minha casa? Aqui é frente de rua e todo mundo pode ver. A construção foi lenta, meu marido, meu filho e muita gente ajudou primeiro a construir essa parte de baixo aqui, a pontinha do restaurante que só dava duas mesinhas. Seu Eliézio, que fiz faxina na casa dele, é arquiteto e fez um desenhinho para mim. Depois, contratei o irmão da igreja Miguel que é pedreiro. Mas um monte de gente veio rebocar, veio fazer hidráulica. Foi de mutirão mesmo. Para bater a laje fiz panelão de feijão de mocotó e veio um monte de irmão ajudar (Rosa, 2022).

Perguntei-lhe como faz para dar seguimento ao negócio, como faz para adquirir produtos e demais insumos para o restaurante:

Eu compro muitas coisas no Atacadão, no Assaí. Fico atenta nas promoções. Tenho que comprar em lugar bem baratinho. As vezes vou na CEASA lá em Simões Filho, mas vou comprando por aqui mesmo na maioria da vezes, compro na feira daqui também. Você veja aqui, fui colocando outras coisas de mercearia, perfumes, roupas porque o povo procura e sei que posso oferecer produtos para quem não quer ir lá para o centro. Tenho que aproveitar porque preciso vender para viver. (Rosa, 2022).

Sobre o aspecto da renda conseguida no restaurante, Rosa observa o seguinte:

Eu consigo viver do meu cantinho, da minha benção. Aqui é minha vida. Eu consegui fazer as casas e pago a faculdade de minha filha que está no Rio Grande do Sul. Ela estuda lá, sabia? Agora, eu tenho que trabalhar muito com Jesus no coração. Faço coisas por fora tipo salgados para festa, almoços para eventos e o que Deus mandar de comida eu faço. Já fiz muita festa. Toda hora é hora de trabalhar. Já

me pediram para abrir de noite, mas tenho um pouco de medo da violência. Dá para tirar uns quatro mil reais, as vezes menos, as vezes mais. A sorte é que não pago aluguel, isso aqui é meu, é minha casa. (Rosa, 2022)

Quanto ao questionamento sobre a separação entre as contas e as despesas de seu restaurante e as contas pessoais, ela explicou:

O restaurante é meu então é da família. Todo mundo come aqui. Meu filho e minha nora que moram aqui em cima comem daqui. Meu marido quando chega vem aqui pegar um prato. Meus irmãos quando vem aqui ficam querendo pagar como clientes, mas eu digo que não, que é tudo nosso. A água é das três casas. Tá vendo aqui? Chega por aqui, entra aqui no restaurante e sobe. A COELBA também é uma conta só. A internet usada para a maquineta do cartão foi meu filho que botou, ele que entende. Tem o gás que é separado porque tem botijões aqui, mas o de lá de cima nem gasta porque tudo fazem aqui. Está tudo junto, mesmo, eu não sei separar não. (Rosa, 2022)

Bem, Jasmim é a última engajada a ser tratada nesta seção e também é do segmento restaurante, assim como Rosa. Conforme já visto, Jasmim tem um percurso diferente das outras. Em vez de focar na abertura do seu empreendimento o enfoque vai ser pela decisão de continuidade do restaurante e, quanto a isso, algumas pistas já foram dadas anteriormente. Jasmim acompanhou toda a trajetória empreendedora de Dona Pétala e, todas as vezes que narra a história da mãe, seus olhos d'aguam. Um sincero sentimento de dedicação ao sonho da mãe exala no ar entorno da interlocução, ao escutar Jasmim. Perguntei-lhe mais uma vez sobre a decisão de continuar o empreendimento:

Essa vontade, esse desejo ficou mais forte quando minha mãe ficou doente. Porque antes, eu não tinha compromisso nenhum com o restaurante e se eu desce na telha de ir para minha praia, poderia estar aqui pegando fogo, eu ia para minha praia, né? Então, se eu tivesse que fazer uma viagem, eu fazia a minha viagem. Então, eu não tinha essa obrigação. Na verdade, eu desejava uma vida normal, uma casa normal, uma casa de gente e não cheia de clientes. Já não aguentava mais. A gente não tem privacidade. (Jasmim, 2022)

Ela continua sua narrativa:

Mas minha mãe nunca nem pensou, imaginou fechar. Mesmo ela doente, ela se preocupava demais. Aí eu disse a ela assim, "vamos fazer uma reforma já que não vai fechar que é uma coisa que a senhora gosta e tal, vamos fazer uma reforma". Aí chamei meu marido, chamei meu sogro e disse vamos fazer reforma. O banheiro, tudo estava muito feio, muito feio mesmo. Depois eu te mostro até fotos do antes e o depois. Aquilo realmente me incomodava, né? A estrutura. Só era até aqui né? Não tinha essa parte aqui que nós estamos. Eu ampliei três metros para um lado, três metros para o outro e aí minha mãe ficou muito contente. (Jasmim, 2022)

Ela conta que usou recursos próprios, dinheiro dela e do esposo para fazer a reforma no restaurante puxado a fim de agradar a mãe. Além disso, aproveitou para fazer melhorias na casa também. Um aspecto que também contribuiu muito para a continuidade do restaurante de Dona Pétala foi a questão da divisão do espólio.

Com a passagem de minha mãe, meus irmãos me chamaram e disseram que renunciariam à casa porque achavam que ela devia ser minha e que caso não continuasse com o restaurante que alugasse ou fosse viver a vida. Eles sabem do trabalho e de todo o investimento que fiz. Aí eles ficaram cada um com as lojas que minha mãe tinha e eu fiquei com a casa e o restaurante. (Jasmim, 2022)

Perguntei-lhe sobre o investimento na reforma, mas Jasmim afirma que se perdeu nas contas exatas e que aproveitou para fazer melhorias na casa também. Entretanto, garante que foi mais de cinco mil reais. Ela afirma que, no que tange a renda do restaurante, o faturamento fica em torno de cinco mil reais, dos quais quase tudo é para pagar as seis funcionárias que tem. Desses funcionários, apenas uma está em processo de registro em carteira.

A minha renda principal não é daqui. Sou professora no estado e no município, né? Aqui eu faço complementação de renda na maioria das vezes, mas muitas vezes também tenho que botar o salário que recebo fora no restaurante. Estou registrando uma funcionária que trabalha com a gente há muito tempo, mas tá bem difícil porque é muita coisa, muito dinheiro para regularizar a situação, é muito imposto para pagar. Não dá para regularizar a situação das meninas todas. (Jasmim , 2022)

Sobre a separação entre as contas pessoais e as contas da família, Jasmim explica e dá para depreender certa angústia em sua fala:

Acho que eu tenho muito trabalho. Eu acho que eu tenho muito trabalho porque é uma coisa que eu preciso desvincular. Eu preciso desvincular o restaurante da casa. Eu precisaria desvincular porque hoje todo mundo almoça do restaurante. As compras que faço são uma coisa só. A gente almoça lá dentro, mas almoça comida do restaurante porque não existe uma comida feita para casa. Não existe uma comida feita para o funcionário, entendeu? Se eu fizer uma comida, por exemplo um churrasco, todo mundo vai comer. Se eu fizer um escondidinho todo mundo vai comer. Não existe essa separação. Então, qual é a minha ideia hoje...Eu quero desvincular, eu quero fazer a cozinha do restaurante para ter uma cozinha com dispensa, com tudo do restaurante para que as compras do restaurante sejam feitas para o restaurante, tá? E as compras da casa sejam feitas para casa, né? Eu quero separar isso. (Jasmim, 2022)

Ela ainda dá mais detalhes:

Eu tenho dificuldade nessa administração. E às vezes eu me sinto muito só para dar conta de tudo isso. Desse movimento de pagamento, de imposto, de tudo. Não tem separação. Se meu filho quiser chupar um picolé, ele sai do quarto e mete a mão no freezer e pega. Ninguém controla. As meninas só avisam que ele pegou. Meu esposo vai e pega uma coca-cola... não controlo, entendeu? Não consigo. Energia, água, internet, também tudo junto. Tudo junto (Jasmim, 2022)

Repetidas vezes ela fala das dificuldades na administração do seu negócio e, em função disso, ela tem a ajuda de um pequeno escritório de contabilidade da região e tem ainda um computador no puxadinho com um sistema gerencial que ajuda no fazer do bom servir.

Perguntei-lhe sobre como foi o processo de aprendizado da função de cozinheira. Ela explicou que nunca fez curso e que aprendeu a cozinhar na prática, com a mãe e a tia:

Sempre vivi muito na cozinha. A cozinha sempre foi um lugar de reunião, de conversas. A casa estava sempre cheia. A gente abrigava muitas pessoas e eu observava muito minha mãe e também minha tia preparando a comida para médicos, professores, engenheiros porque aqui em Monte Gordo não tinha quase nada. Fui observando e aprendendo. Muitas vezes, mandavam que eu ficasse olhando um ensopado, uma moqueca... de tanto está ali acompanhando aprendi, aprendi a fazer de tudo. (Jasmim, 2022)

A seguir, a apresento uma subseção na qual trago considerações sobre os relatos supra apresentados.

5.2.1 Aventureiras sem capital – o forjar do espírito empreendedor e a mobilização do saber-fazer

Servi-me de fazer um paralelo no título desta subseção com objetivo de desconstruir, à luz do empreendedorismo cacete-armado, a ideia de aventureiro capitalista, sacralizada por Weber (2002), e da prerrogativa de espírito empreendedor, pautada por Schumpeter (1934), como elementos característicos, essenciais e definidores de quem empreende. A contraposição a esses pilares está justamente expressa no enunciado: as aventureiras, ou seja, as interlocutoras sem capital desta pesquisa que terminaram por desenvolver um espírito empreendedor que nada tem de característica inata, mas sim, surgiu da necessidade de vida. Foi nesta trilha que o saber-fazer foi ativado.

Se de um lado o espírito empreendedor das interlocutoras foi forjado, maioritariamente, na necessidade (exceto Jasmim), a abertura de seus puxadinhos não deixa de ser uma grande peripécia. Adentrar na atividade empreendedora como meio de sobrevivência é entrar numa selva onde não se sabe o que virá, por isso é de fato uma aventura.

A partir disso, o que ficou evidente nos relatos é justamente o reforço do pilar central do empreendedorismo cacete-armado – a improvisação e ela está manifesta de diversas maneiras, como proponho trazer a seguir. A fim de facilitar a discussão, vou colocar por agrupamento, em três tópicos, o achado no campo.

a) A falta de vínculo empregatício e a motivação para a abertura do puxadinho

A decisão e a motivação por abrir os puxadinhos encontradas no campo confirmam o que vem sendo apontado como o novo perfil empreendedor aqui no Brasil – são trabalhadores e trabalhadoras que empreendem maioritariamente. Quanto a isso, já tratei de discutir anteriormente, destacando a contribuição de Ferraz (2019) e foi constatado que os desmandos do capital, que provoca desemprego, empurram os trabalhadores e trabalhadoras para empreenderem.

Nesse sentido, a expansão da prática empreendedora ocorre em razão de uma nova etapa na forma de produção capitalista que reorganiza a produção, a distribuição, a troca e o consumo, a fim de recuperar as taxas de extração de mais-valor por meio da descentralização da produção e de uma distribuição diferenciada dos meios de produção (Ferraz, 2019) e isso se dá com a redução da empregabilidade e a consequente diminuição de direitos. Esse processo todo já estava previsto, já estava planejado desde Mont Pelerin: a doutrina neoliberal tem também como objetivo o impulsionamento das “capacidades empreendedoras individuais” (Harvey, 2014, p.12).

Percebe-se na fala de Margarida certa desorientação, certa confusão (“Eu fiquei direito sem saber o que fazer quando saí de lá”) em razão da perspectiva de ficar sem trabalho, sem meio de vida. Para Ixora, embora tenha trilhado um caminho diferente cheio de pedras no contexto patriarcal ao qual está vinculada, a motivação para obter um meio de vida e estar trabalhando também se concretiza. Na verdade, excetuando Jasmim, as motivações para abertura dos negócios são muito semelhantes e encontra abrigo em dados oficiais sobre o assunto. O exemplo disso é a motivação para empreender trazida pelo GEM (2020):

Tabela 7 – Percentual dos empreendedores brasileiros segundo as motivações para começar um novo negócio

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do GEM-Brasil 2020

O GEM ainda traz outro dado muito interessante que é a motivação para empreender de acordo com a renda, tendo o salário-mínimo como referência

Quadro 11 – Motivação para empreender segundo a renda

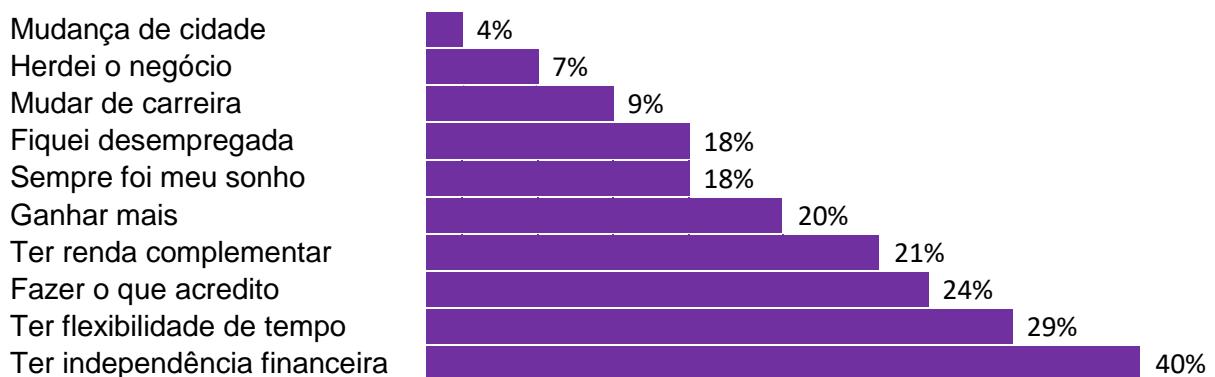
Tipos de motivação	Até 1 salário-mínimo	Mais de 1 até 2 salários-mínimos	Mais de 2 até 3 salários-mínimos	Mais de 3 até 6 salários-mínimos	Mais de 6 salários-mínimos
Para ganhar a vida porque os empregos são escassos	100,0	94,1	85,9	84,1	75,7
Para fazer diferença no mundo	37,2	45,5	54,1	58,8	55,1

Para construir uma grande riqueza ou uma renda muito alta	20,6	23,1	37,7	48,6	52,0
Para continuar uma tradição familiar	37,5	26,5	26,0	20,3	25,4

Fonte: GEM-Brasil 2020

A escassez dos empregos como principal motivo para empreender é um indicativo de como empreendedorismo e trabalho estão numa pujante justaposição. No quadro 18, vemos que a escassez de emprego como justificativa para se dedicar ao empreendimento perpassa pelas distintas faixas salariais. Os dados do GEM trazem números globais que envolvem homens e mulheres que empreendem no nosso país. O viés de gênero é muito importante e, nesse sentido, é interessante observar os dados apontados pelo Serasa Experian (2022 apud SEBRAE, 2023) quanto a uma pesquisa sobre as motivações das mulheres para empreenderem:

Gráfico 3 – Principais motivações para mulheres empreenderem



Fonte: Serasa Experian, 2022 apud SEBRAE, 2023 Elaboração Própria

No gráfico acima, o desemprego também figura como aspecto importante para a decisão de abrir um empreendimento. O aparente percentual mais baixo, quando comparado aos dados do GEM, precisa de um olhar cauteloso. Talvez o modo como os tópicos foram apresentados – segmentação muito próximas – seja um pouco indutor dessa percepção.

Com lastro na cautela, pode-se concluir que ficar desempregada e ter independência financeira tem certa imbricação, visto que muito da independência

buscada se oriunda na perda do emprego, na impossibilidade de conquista de um posto de trabalho e ainda em questões familiares. É interessante observar também que a busca pela flexibilidade de tempo tem relação com as responsabilidades familiares que as empreendedoras têm em paralelo com a condução de seus negócios. Este assunto emergirá na seção 5.3.

De fato, um ímpeto mundial para o aumento da popularidade do empreendedorismo é a enxurrada de reduções de postos de trabalho e esforços de reestruturação que deixaram trabalhadores/as à mingua da própria sorte. Em palavras mais fincadas na realidade brasileira e, consequentemente, no âmbito desta pesquisa: trata-se de consequência de uma enorme elevação das taxas de desemprego. Para Antunes (2018, p. 25):

Ao tempo que se amplia o contingente de trabalhadores e trabalhadoras em escala global, há uma redução imensa dos empregos; aqueles que se mantêm empregados presenciam a corrosão dos seus direitos sociais e a erosão de suas conquistas históricas, consequência da lógica destrutiva do capital.

As maioritárias motivações que surgiram aqui caracterizam o que se convencionou chamar empreendedorismo por necessidade. O SEBRAE (2023) descreve essa classificação como o empreendedorismo que “surge por uma dificuldade financeira e por falta de opção, o empreendedor decide iniciar um negócio para complementar renda ou se livrar de dívidas. Geralmente, são pessoas que perderam o emprego e não conseguem recolocação”.

Segundo a literatura dominante, essa classificação se dicotomiza com a classificação do empreendedorismo por oportunidade. Sem embargo, o próprio GEM (2020) já aponta que existe o reconhecimento crescente de que essa dicotomia pode não mais refletir completamente as nuances das motivações para a criação dos negócios contemporâneos, principalmente os pequenos negócios.

No caso da classificação por necessidade do SEBRAE, a ideia subjacente, apesar de reconhecer a “dificuldade financeira” que existe, é a de que há uma tomada de decisão refletida, consciente e, de certa forma planejada (GEM, 2020), ainda que no rastro da perda do emprego. A ideia de decisão, uma palavra semanticamente carregada de voluntariedade e engajamento, termina por, de certa

forma, eliminar o desespero, o desalento e a real e profunda necessidade de obtenção de meio de vida; é necessidade urgente.

Em virtude de uma predominância teórica hegemônica, percebe-se um descompasso dessa classificação e por isso o empreendedorismo por necessidade precisa ser mais estudado, uma vez que segue muito pouco explorado e pouco teorizado (Higgins; Pinelli, 2020; Dencker et al, 2021).

Por outro lado, no tocante às interlocutoras, temos a constatação de que no índice do GEM-Brasil, a motivação por continuidade de uma tradição familiar é muito parca. Algo que coincide com o que foi achado no campo, no qual Jasmim é a única a declarar esta motivação.

Complementando este tópico (ou talvez este seja a complementação do seguinte), vem a questão da execução da prestação do serviço, o que conduz ao conhecimento inerente ao que se propõe. É o que trato a seguir.

b) A mobilização do saber-fazer para empreender

A perspectiva do saber-fazer, de acordo com o já apontado, permeia todo o arcabouço do cacete-armado. É importante sinalizar que o saber-fazer utilizado nesta pesquisa nada tem em comum com termo anglófono *know-how* (em tradução⁷⁵ literal saber como fazer, como fazer algo), quanto ao qual já fui inquerida. No repertório linguístico do ambiente corporativo, ele indica altas competências, habilidades técnicas e alto conhecimento relativos à atuação da empresa e de seus membros. Nada tem a ver com o que pauto.

Já fora dito aqui (ver seção 1.6) que o saber-fazer tem relação com o que se aprende mais com a vivência, com a prática e a observação, menos com a aprendizagem em ambientes formais. As interlocutoras tiveram seus conhecimentos técnicos aquiridos, em parte, por muita observação. A prática é a complementação da observação e foi uma etapa importante para todas elas. Margarida destaca que aprendeu “olhando e fazendo” no spa onde trabalhava, Ixora teve a oportunidade de ir “treinando” no salão de São Gonçalo onde trabalhava como faxineira. Jasmim também destacou que foi “observando e aprendendo” e que de “tanto está ali acompanhando”, na cozinha, aprendeu a fazer de tudo.

⁷⁵ Tradução nossa.

Para Chamoux (1981) o saber-fazer é entendido como todo o conhecimento humano, consciente ou inconsciente, que permite a implementação de uma técnica que é observada, aprendida, posta em prática e transmitida. Assim, observação e a posterior colocação em prática daquilo que foi observado são aspectos fundamentais para a aquisição do saber-fazer. Importante chamar a atenção sobre a questão da técnica apreendida, visto que para muitos/as a palavra técnica carrega a ideia de habilidade privilegiada e sistematizada exclusivamente a partir de um objeto de estudo, num ambiente formal de aprendizagem. A Antropologia já desvirtuou tal premissa, pontuando que a aquisição de técnicas está para além da exclusividade das formalidades educativas (Chamoux, 1981).

A técnica adquirida por Rosa foi fruto de uma observação inconsciente a partir da imposição à qual foi submetida desde muito cedo – foi jogada na prática e aprendeu a cozinhar quando ainda nem tinha muita consciência de vida. Causa impacto o relato de que era tão pequena quando foi obrigada a cozinhar a ponto de precisar subir numa cadeira para tanto. Pressuponho que tal experiência não seja exclusividade de Rosa, num país tão desigual como o nosso.

O saber-fazer das interlocutoras teve cooperação formal, num movimento de aquisição teórica (diga-se, restrita) posterior a prática, pelo menos no caso de Margarida, Ixora e Buganville. O Instituto Embelleze, que oferta cursos de curta duração, aparece como alta referência para diversas empreendedoras do ramo. A rede está presente em diversas cidades e tem um público que busca a emergência de conhecimento e certificação. Conforme dito por Ixora, “com os cursos e os certificados as pessoas respeitavam mais”.

Em tempos digitais, duas das interlocutoras proprietárias de salão de beleza (Buganville e Margarida) trazem o *Youtube* como meio de solidificação e atualização do saber-fazer. Trata-se de uma interessante estratégia de aquisição de conhecimento.

De fato, o *Youtube* se tornou uma fonte de difusão de conhecimento. São muitas possibilidades que a rede social oferece. O *Digital Report*, aponta que o *Youtube* tem 144 milhões de usuários no Brasil. Entretanto, é importante enfatizar que esse número não representa necessariamente a mesma coisa que os números de acessos à plataforma – muita gente acessa o *Youtube* sem ter conta registrada e

está ali tão somente para buscar alguma informação ou possibilidade de saber ou aprender algo.

Para Margarida, por exemplo, o *Youtube* se tornou uma grande fonte de aprendizagens diversas. Muita coisa nova relativa ao serviço que oferece em seu salão de beleza, ela asseverou que aprendeu na plataforma: “Nem cursos quero mais fazer, prefiro aprender no *youtube* que tem tudo”. Em outro momento ela me disse:

É verdade, queridona. Peguei muita coisa pelo *Youtube*. Quer ver uma coisa que aprendi, foi colocar mega. Já coloquei duas vezes. Aprendi também como fazer esses cortes masculinos desenhando algumas coisas na cabeça, sabe? Aprendi a fazer linha de fora a fora da cabeça, a desenhar coração, cruz, quero aprender mais (Margarida, 2023).

A título de experimentação, fiz uma pequena pesquisa do *Youtube* (03/01/2024) usando o descritor “salão de beleza”, na aba “todos” e para mim foi um exercício extremamente extenuante. Experimentei usar sem fazer login da minha conta, como Margarida e Buganville fazem.

A quantidade de respostas foi muito alta e quanto mais corria a página, mais vídeos eram carregados. Encontrei diversos vídeos com informações sobre como e quanto custa abrir um salão de beleza, como fazer escova, progressiva, diversos tipos de *mega hair*, como cortar cabelos de diversas maneiras e para diversos tipos de cabelo, aulas de como fazer tranças e sobrancelhas, dicas de como cuidar financeiramente de um salão, como é ter um salão em outras partes do mundo etc. etc. etc. Muita, muita informação; muita explicação; muito “como fazer” isso, aquilo, aquilo outro.

Segundo Bradshaw e Garrahan (2019), o rico repositório de informações tem mais de um bilhão de visitantes mensais que assistem a mais de seis bilhões de horas de vídeo por mês e estão altamente engajados em curtir, compartilhar e comentar vídeos no YouTube, bem como enviar 100 horas de novos vídeos a cada minuto. Isso explica o esgotamento que senti e explica também a importância que tem para pessoas no empreendedorismo cacete- armado.

Vale mencionar, ainda que em poucas palavras, um formato de ensino a distância tido como a gênese do EAD no nosso país (Faria, 2010)⁷⁶ , citado por

⁷⁶ Faria (2010)fez dissertação de mestrado com estudo minucioso sobre a instituição.

Ixora, e que teve importância em seu interesse inicial pelo ofício de cabelereira – o Instituto Universal Brasileiro. Através de revistas, minunciosamente ilustradas, a instituição deu diversos cursos capacitando mulheres e homens Brasil a fora. Com a metodologia de envio das revistas por correios, o instituto foi responsável pela formação de “mais de quatro milhões de pessoas no ensino profissionalizante” (Gazeta Mercantil, 2008, p.2 apud Faria, 2010. p.106).

A conclusão deste tópico é a de que o saber-fazer não tem um formato único. Sua característica, que vai de encontro a uma sistematização lógica, resulta em meios distintos e particulares para sua aquisição. Observação e prática se mostraram como *steps* fundamentais para sua concretização. No segmento empreendedor, canalizado para a abertura do empreendimento, o saber-fazer se mostrou um fator basilar nas vidas aqui narradas, ante a falta de outras possibilidades, confirmando a postulação trazida pelo empreendedorismo cacete-armado.

A seguir, entro em outro tópico também elencado a partir da análise das narrativas.

c) Investimento para a abertura e a contabilidade do puxadinho

A visão tradicional da orientação empreendedora centra-se na importância dos recursos empregados para o investimento e na motivação empreendedora (Gartner, 1985, Covin e Slevin, 1991). De acordo com o GEM (2020), cerca de 34% dos especialistas do segmento do empreendedorismo apontam a questão financeira como um aspecto altamente limitante, principalmente para os micro estabelecimentos. Alguns especialistas ainda comentaram sobre as poucas oportunidades de créditos disponíveis com finalidade específica para apoiar as atividades nos empreendimentos (GEM, 2020).

No contexto deste campo investigado, a possibilidade da busca de crédito sequer chegou a ser cogitada. Nenhuma palavra foi dita sobre o assunto por nenhuma das entrevistadas (nem mesmo Jasmim que poderia ter acesso com mais facilidade), evidenciando o distanciamento existente entre as perspectivas apontadas pelo escopo tradicional.

Uma das etapas de qualquer plano de negócio, que aqui na nossa realidade não existe, conforme já havia sinalizado Messeder (2015), é o planejamento e o levantamento financeiro para o investimento. A despeito de toda a improvisação e escassez de recursos que marcam o cacete-armado e dentro de suas possibilidades, pode-se dizer que as interlocutoras reconheceram a importância dessa etapa para a abertura de seus puxadinhos. O grande diferencial é justamente a fonte do capital financeiro para esse investimento. Como se pode ver no quadro abaixo, todas as interlocutoras empregaram recursos próprios.

Quadro 12 – Origem dos recursos para investimento no puxadinho

Interlocutora	Origem do recurso	Valor investido
Buganville	Recurso próprios (ajuda do pai e do namorado na montagem física)	R\$ 300,00 ⁷⁷
Ixora	Recursos próprios (faxinas, poupança, empréstimo feito pelo pastor)	R\$ 1.200,00
Jasmim	Recursos próprios (e do esposo)	R\$ 5.000,00
Margarida	Recursos próprios (rescisão e seguro-desemprego)	R\$ 2.000,00
Rosa	Recursos próprios (empréstimo, seguro-desemprego, faxinas)	R\$ 1.200,00

Elaboração Própria

Na literatura tradicional o investimento de recursos e suprimentos próprios é visto como um processo dado e aceito. O exemplo disso é o que costuma ocorrer em Portugal, onde é muito comum o capital de pequenos empreendimentos ser “constituído pelo capital do empreendedor e da sua família” (Sarkar, 214, p. 347). No nosso caso, chama, mais uma vez, a atenção o fato de que o capital para o investimento está na senda laboral das empreendedoras – trabalhadoras investindo a remuneração obtida na abertura de seus empreendimentos.

Em uma das muitas publicações do SEBRAE, intitulada “Como começar um negócio sem dinheiro ” (2022), destaco o item 3, que trata das possibilidades de recurso para a abertura do empreendimento: “Sair do emprego ou investir todo dinheiro da rescisão em um negócio são decisões arriscadas. Até começar a obter os primeiros resultados, o ideal é manter uma atividade principal e seguir com o

⁷⁷ Embora não apareça explicitamente que os trezentos reais investido por Buganville em seu salão seja fruto de seu trabalho, está subjacente visto que ela tentou outras atividades para a aquisição de renda e declarou que presta serviço num horto esporadicamente.

projeto em paralelo". Na prática, como foi visto, rescisão e seguro-desemprego, direitos trabalhistas conquistados a duras penas, se reverberaram como o meio pelo qual o empreendimento se tornou possível. Há riscos de fato; há riscos que permeiam as vidas aqui tratadas, riscos mais emergenciais oriundos da necessidade de vida. A orientação de manter uma atividade principal em paralelo, é realidade tão somente para Jasmim.

Por outro lado, chama também a atenção a questão da renda obtida e sua destinação:

Quadro 13 – Renda obtida e sua destinação

Interlocutora	Renda mensal obtida ⁷⁸	Destinação
Buganville	R\$ 500,00	Pagamento de algumas despesas da casa (internet energia, gás e alguma coisa de mercado); compra de produtos para o salão.
Ixora	não informada	Pagamento de energia, TV satélite, transporte e lanche dos filhos; pagamento de curso de Inglês e escolinha de futebol do filho mais novo.
Jasmim	R\$ 5.000,00	Pagamento dos salários das seis funcionárias ⁷⁹
Margarida	R\$ 2.500,00	Pagamento de água, energia; reposição de produtos do salão; compra de comida e necessidades do neto.
Rosa	R\$ 4.000,00	Pagamento de todas as despesas pessoais e do restaurante (incluindo a ajudante); pagamento da faculdade da filha.

Elaboração própria

Pelo quadro 20, é possível tecer algumas observações. Primeiramente, destaco o já apontado por Messeder, Barreto e Miranda (2023) quanto a não haver uma preocupação com lucros pelos/as empreendedores/as do cacete-armado, importando o fim do puxadinho, pelo menos é o que se infere dos discursos. No repertório linguístico emergido das falas das empreendedoras, não apareceram palavras como lucro, rentabilidade, faturamento e retorno. Não há atenção a esses pilares ou esta é a evidência de desconhecimento de tais termos da literatura hegemônica.

⁷⁸ Valores aproximados.

⁷⁹ Está tentando registrar uma delas. As outras cinco trabalham sem carteira assinada.

Na prática, o rendimento obtido é baixo e jaz nessa trilha a questão de gênero que não pode ser olvidada. A situação das interlocutoras não difere muito dos dados oficiais sobre microempreendedoras. Em pesquisa realizada pelo SEBRAE (2018), ficou constatado como as mulheres têm rendimento baixo em seus negócios, chegando a ter rendimentos 22% mais baixo que homens que também empreendem.

Ainda no âmbito do repertório linguístico e considerando, à luz foucaultiana, as falas como enunciados, enunciados específicos destacados e agrupados, fiz um quadro sobre o dito quanto ao grande enovelado entre o que é conta/despesa dos estabelecimentos e as contas/despesas pessoais.

Quadro 14 – Enunciado sobre conta/despesa pessoal e do estabelecimento

Interlocutora	Enunciado
Buganville	“Não vejo necessidade de separar já que sou a dona.”
Ixora	“Bem, o salão é meu...porque se sou a dona... É tudo uma coisa só, né?”
Jasmim	“Não existe essa separação.”
Margarida	“Que nada! É tudo uma coisa só, né? Aqui é meu sustento, como vou separar? Está tudo junto. Moro aqui. Tudo meu é aqui.”
Rosa	“Está tudo junto mesmo, eu não sei separar não.”

Elaboração própria

Um enunciado, além de se impor como função de existência, é sempre um acontecimento que não se esgota inteiramente na língua e estão vinculados a um campo discursivo, dentro de um campo de saber (Foucault, 2009a). Os enunciados destacados no quadro 21 expressam um regime de verdade muito particular e contextual amparado num vazio existente sobre o saber formal. A senda semântico-enunciativa do verbo *separar* (e separação) foi varrida do fazer empreendedor das empreendedoras, algo manifestado pela estranheza (“como vou separar?”) provocada pela minha pergunta. O campo de saber das interlocutoras não lhes permite a compreensão da (suposta) necessidade de separação entre o que é pessoal e entre o que é do negócio, produzindo um *modus operandi* completamente fora da clássica racionalidade econômica e contábil.

Bem, para concluir, destaco que o visto nesta seção mostra como as interlocutoras são de fato aventureiras do empreendedorismo, tendo o espírito

empreendedor forjado no desejo de sobrevivência (ética do desejo) através do empreender, concebido como meio de vida. O caráter de improvisação inerente às postulações do cacete-armado se solidifica, quanto mais adentro nessas fascinantes (sem romantização) histórias de vida. Na trilha desse improviso, desalinhos com pilares hegemônicos ficaram evidentes, ratificando a importância da atenção ao contexto para análises teóricas do campo empreendedorismo.

A seguir, como estamos lidando com empreendedoras, trago o que foi encontrado no campo sob o olhar das relevantes questões de gênero.

5.3 MULHERES NO PUXADINHO: A CONCILIAÇÃO DOS MÚLTIPLOS PAPÉIS E A LUTA CONTRA O PATRIARCADO

Esta seção não é surpreendente. Pelo contrário, é muito óbvia e proposital. Estudar atividade empreendedora exercida por mulheres não pode, pelo menos não deve, carecer da atenção às relações de gêneros que se estabelecem. Antes de adentrar no encontrado no campo com as nossas interlocutoras, importante desvio do fluxo discursivo se impõe. Trata-se de tecer algumas considerações que envolvem o trabalho das mulheres na senda do empreendedorismo

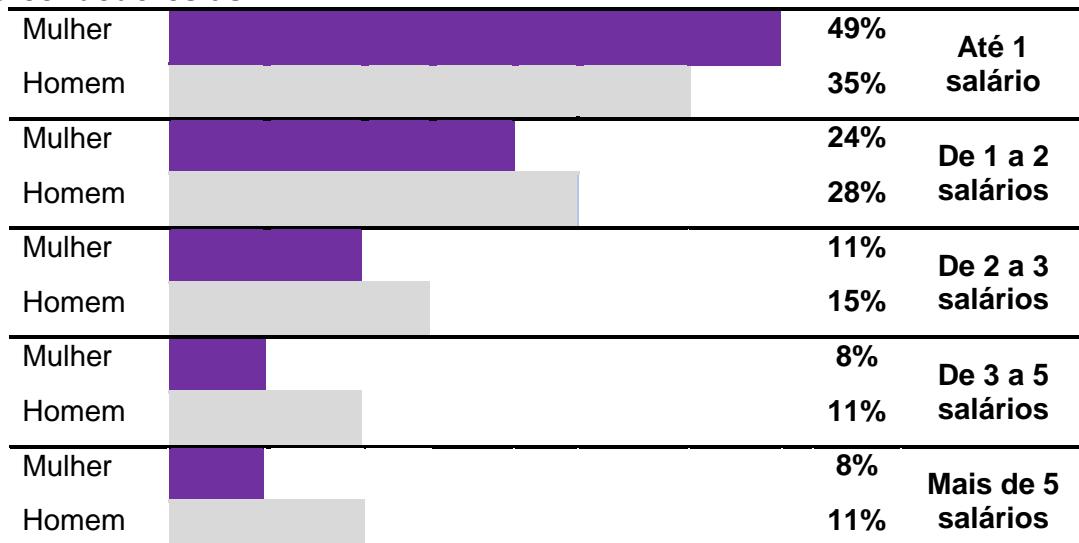
Nota-se que os estudos sobre a atividade empreendedora gerida por mulheres tiveram amplos e significativos progressos nos últimos anos, consoante com dados sobre o número de mulheres empreendendo, já apontados em outra seção desta investigação. Todavia, ainda há uma série de pontos relevantes que precisam ser analisados e compreendidos.

No âmbito do empreendedorismo com foco no contexto, Welter (2011) já sinalizou a importância de se analisar as questões de gênero e de como tais questões estão naturalmente inseridas nessa seara, ou seja, gênero também é uma demanda contextual. Mais do que isso, é de suma relevância para o desenvolvimento do campo teórico do empreendedorismo que as atividades empreendedoras exercida por mulheres tenham a atenção devida e tenham mais protagonismo, de modo que o campo não se restrinja aos homólogos masculinos (Welter, 2011).

No campo teórico, persiste um *gap* de problematizações de gênero nas pesquisas acadêmicas sobre mulheres que empreendem (Welter et al, 2009). Em

termos práticos, lastimável é constatar que até mesmo no campo do empreendedorismo, há um grande hiato entre as remunerações obtidas quando se trata de gênero.

Gráfico 4 – Diferença de rendimentos entre homens e mulheres empreendedores/as

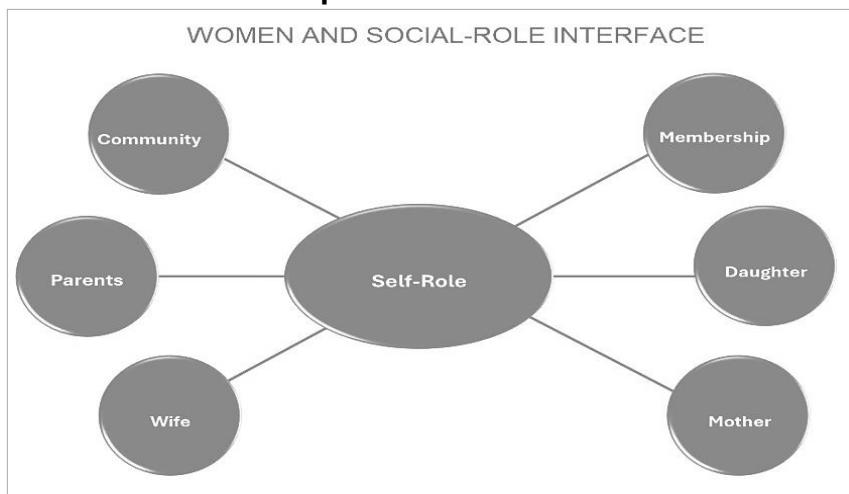


Fonte: Elaboração própria a partir de dados do SEBRAE (2018).

Como se pode ver no gráfico 4, a tão apontada diferença de salários, barreira que as mulheres lutam para transpor há muito tempo, é evidenciada também nas atividades empreendedoras. Além da diferença salarial, como ficará evidente com o avançar do texto, as mulheres que empreendem, de forma geral, têm uma grande sobrecarga de responsabilidade que não atinge os homens.

A fim de ilustrar esse acúmulo de responsabilidades, apresento a figura 30 através da qual a professora Yadav (2019) apresentou as interfaces da mulher que empreende. Importante lembrar que não é o caso dos puxadinhos, onde tudo se amplifica.

Figura 30 – Role of female entrepreneur⁸⁰



Fonte: Yadav (2019).

Yadav (2019) fala desde a realidade indiana, que pode ser facilmente transponível para as distintas realidades mundo a fora. As mulheres empreendedoras desempenham papéis múltiplos. Em sua casa, quase sempre, elas desempenham o papel de mãe (*mother*), às vezes, de esposa (*wife*), cuidadora dos pais (*parents*) e filha (*daughter*). E fora de casa, em um ambiente social, ela tem que desempenhar o papel diferente em uma comunidade (*community*) e demandas do negócio (*membership*).

Nós pesquisadoras do Grupo Enlace temos a consciência de que é importante o viés de gênero em qualquer esfera de produção do conhecimento, principalmente, quando esta produção parte de análises fincadas em realidades de vida que envolvam a superação de vulnerabilidades. Prova da atenção de que o Enlace está atento a esse pilar, são as produções das pesquisadoras do grupo.

No escopo do empreendedorismo cacete-armado e sua marcante característica contextual, é mais do que evidente que gênero não poderia escapar de qualquer análise e isso se alinha à abordagem feminista do empreendedorismo que apregoa que as dinâmicas contextuais são importantes porque tratam de pessoas específicas, em lugares específicos e tendo razões específicas para empreenderem – razões que podem diferir das premissas normativas da literatura dominante (Calás; Smircich; Bourne, 2016).

⁸⁰ Papel da mulher empreendedora (tradução livre)

É muito importante e pertinente olhar a realidade da atividade empreendedora através das lentes da perspectiva feminista porque se reverbera num suporte teórico apropriado para essas premissas das especificidades (Calás; Smircich; Bourne, 2016). A abordagem feminista propõe estudos que, de alguma maneira, impulsionem mudança social das mulheres historicamente desfavorecidas.

Assim, nessa linha, é importante admitir que a mudança social requer o reconhecimento de que o obstáculo mais importante no fortalecimento do empreendedorismo conduzido por mulheres é o domínio dos homens (WELTER, 2017). Numa sociedade dominada por eles, as abordagens e crenças socioculturais podem não considerar o empreendedorismo exercido por mulheres como um comportamento desejável (Mohanty, 2007).

Vasculhar as relações de gênero nos puxadinhos de minhas interlocutoras foi antecedida justamente dessas considerações supracitadas. Chegar a extrair as informações desejadas exigiu cuidado, atenção, carinho e gratidão. O movimento foi de sutileza através de conversas horizontais, como já elucidado anteriormente. Para as solteiras, perguntei se elas tinham algum namorado, pai, irmão que participassem de alguma forma da vida delas e, principalmente, das dinâmicas do puxadinho. Para as casadas, conduzi a conversa, de modo que falassem sobre a aglutinação da relação com seus maridos, os afazeres familiares e as demandas de seus empreendimentos.

Começarei por Margarida cuja narrativa, inicialmente, se voltou para os papéis de gênero. Lembrando que ela é solteira, foi mãe solo e, como já visto, teve (tem) uma vida muito difícil. Ela explicou que, em outras palavras, nunca quis ter uma atuação restrita, no que tange ao papel de gênero socialmente estabelecido. Ela argumenta que teve que aprender a fazer de tudo em sua vida:

Oxe! Não tem essa não comigo. Sei fazer muita coisa, não só essas coisinhas elétricas. Faço cimento, coloco azulejo, sei fazer massa para alisar a parede...se tiver algo que não sei e não tem dinheiro eu busco no youtube com minha filha. Não tem coisa só de homem para mim, não. As vezes tem uns que chegam botando a maior banca, aí eu corto logo. Não deixo homem crescer para cima de mim, não (Margarida, 2023).

Margarida explica que tem que trabalhar muito para poder ter retorno financeiro com seu puxadinho.

Eu trabalho demais! Não tô me queixando não, mas poderia ter uma vida mais tranquila. Minha filha não quis estudar e ainda pegou barriga. Adoro meu neto, mas tadinho, queria poder pagar uma escola particular para ele porque é melhor, né? O pai do menino sumiu no mundo e a gente tenta dar o melhor para ele. No meu dia a dia, eu faço o café e antes de abrir o salão, tem vezes que levo meu neto para a escola porque minha filha precisa sair para limpar a casa dos outros, limpar o que não limpa aqui (risos). Quando ela tem pé e mão para fazer aqui, menos mal. Eu faço a comida do almoço de noite e limpo a casa, minha filha lava o banheiro. O banheiro tem que estar muito limpo por causa das clientes. Pode ser pobre, humildezinho, mas nunca pode estar sujo, fedendo a mijo ou sujo de cocô. Meu neto fica aqui comigo quando chega da escola, as vezes fica vendo televisão ali na sala de casa ou fica na perturbação da internet, querendo jogar no tablet. Às vezes é milha filha que faz a limpeza. Tem que tudo estar prontinho para eu abrir 8h o salão. Eu limpo o salão no final do dia. As vezes é noite já porque depende da hora que a cliente chega. Já teve várias vezes de eu ficar fazendo cabelo até nove, dez da noite. É sério, bonita. Aí eu fecho a porta que dá para a rua por segurança e abro essa porta aqui que dar para a minha casa para diminuir o calor. Eu não posso recusar trabalho não. Fico moída mas preciso trabalhar e agradeço a Jeová (Margarida, 2023)

Muito trabalho mesmo. Margarida se desdobra para dar conta de toda a carga de responsabilidade familiar que tem. A despeito da nítida vaidade e do cuidado que tem com sua aparência, ela parece ter mais idade do que realmente tem. A maquiagem não consegue esconder totalmente as marcas de suas dores de vida. Ao segurar a escova, no ballet braçal de aprumar o cabelo alheio, suas mãos, emaranhadas nas veias de sua existência, sussurraram para mim o tanto de trabalho que já executaram – uma rotina muito cansativa, acentuada pela incerteza e dificuldade do empreendimento. Entretanto, ela afirma que muitas vezes, quando está muito cansada ou indisposta, ela não abre o salão:

Moça, as vezes dá vontade de jogar tudo para cima e não abro, não abro mesmo. Se eu tiver uma boa semana, tipo dia das mães, na semana depois eu posso dar uma paradinha⁸¹ e ir ali na praia comer um peixinho frito ou levar meu neto no shopping para brincar e comer Macdonald (Margarida, 2023)

⁸¹ Eis que com essa fala de Margarida, a ideia da *veneta*, elencada por Messeder como característica do empreendedorismo cacete-armado, se materializa.

Ela se põe a refletir sobre o teor de nossa conversa e começa a falar sobre sua vida afetiva e o entrecruzar com o seu puxadinho.

Eu não tenho tempo para quase nada. Talvez se eu fosse casada, minha vida fosse melhor. Ter um homem para apoiar ajuda muito. O pai de minha filha, um negão como eu, preferiu uma branca azeda, loira falsa tingida e me abandonou ainda de barriga. Mas antes só que mal acompanhada, né? Tem um monte de traste por aí e já tive uns aproveitados na minha vida, mas não quero mais ninguém, só Jeová. Tive um último namorado dois anos atrás. Tudo respeitoso, viu? Durou uns nove meses, o tempo de um parto (risos). Era da igreja lá de São Cristóvão. Foi Azaleia que me apresentou. Ele é viúvo, com dois filhos já grandes. Estava até bom no início, ele era educado. Mas aí ele começou a querer saber do meu salão, perguntar quanto eu tirava. Disse que tinha umas ideias para melhorar. Que estava tudo desorganizado aqui. Trouxe até um dos filhos que faz faculdade... ficou me dizendo você tem que fazer isso, tem que fazer aquilo. Oxe! Larguei o doce. Dei um chega pra lá. Não gostei, peguei ar e chamei na chincha. Ele querendo mandar no que é meu, no meu corre, no meu puxadinho, é mole? Minha filha perguntou logo “Minha mãe, você vai deixar é? Vai deixar esse homem fuçando suas coisas?” Não deu certo! Não quero mais homem me atazanando (Margarida, 2023).

Ela lembra de um intento de intervenção de seu primo, que mora cedido na parte de cima do salão. Este foi, dentre outros, um momento muito divertido porque ela baixa o tom de voz, apontando para cima e me obrigando a fazer uma mescla de audição com uma leitura labial (a gravação ficou bem baixa, de modo que tive que ouvir várias vezes porque o programa não conseguiu captar direito):

Esse aqui de cima me arrependo até de deixar ele morar aqui, mesmo sendo meu primo. Fiquei com pena, mas chegou e está ficando, ficando... ainda não melhorou nada que disse que ia fazer no quartinho. A esposa dele é faxineira, mas não quero ela aqui, ela adora um fuxico. Luisinho vive de bicos. Já tentou crescer para cima de mim também, mas dei logo uma cortada. Queria tomar conta do meu salão, dizendo ele que seria bom ter um homem por aqui, que ia dar respeito. Fica me vigiando quando tem clientes. Quando você sair com certeza quem me pedir algum emprestado. Fica me vigiando quando vem cliente aqui, querendo saber das coisas. Dia desses ele veio me dizer que minha progressiva estava muito barata, que tinha visto outro valor lá em Jacuípe, é mole? Só Jeová na causa! (Margarida, 2023).

Margarida explicita que sente falta de um companheiro, um marido que pudesse lhe ajudar. Segundo ela, talvez tivesse uma vida melhor. É sabido que a

presença e o apoio de maridos fazem diferença, geralmente, positiva, na vida de mulheres e na consequente condução de seus pequenos empreendimentos, com os empreendimentos puxadinhos não seria diferente.

Muitas empreendedoras, principalmente em estágios iniciais, recorrem ao marido como fonte de recursos, apoiando e financiando suas ideias. Os maridos e companheiros também são comumente citados como conselheiros na tomada de decisão (Alperstedt; Ferreira; Serafim, 2014). Para Bruce (1998), o marido que apoia a esposa que empreende torna-se um importante suporte de fortalecimento da atividade empreendedora exercida. Entretanto, infelizmente, esse não é um ponto tão harmônico e será evidenciado mais adiante com o caso de outra interlocutora.

Vale refletir sobre a fala dela quanto ao fato de ter sido deixada pelo marido. Esse fato foi muito marcante em sua vida, visto que, vez por outra, ela usou palavras como abandono, abandonada e expressões como criar sozinha, mãe solteira, dentre outras. O adjetivo “branca azeda” remonta a uma forte mágoa e tristeza por haver sido preterida, em plena gravidez (“ainda de barriga”), por uma mulher branca. Esse relato me remeteu de imediato a Saffioti (2015). Acho interessante trazer um trecho da autora de *Gênero, Patriarcado e Violência* para esta análise:

A resposta de homens negros ao racismo, mormente dos que conquistaram uma posição social e/ou econômica privilegiada, foi o casamento com mulheres loiras. Se eles são socialmente inferiores a elas em razão da cor de sua pele e da textura de seus cabelos, elas são inferiores a eles na ordem patriarcal de gênero (...) Ocorre que isto tem consequências. Há um contingente de mulheres negras que não têm com quem se casar (Saffioti, 2015, p. 32).

Estamos tratando do empreendedorismo cacete-armado, no âmbito da baianidade, dimensão com uma forte presença negra, mas Margarida não escapa das reverberações da lógica patriarcal de raça e gênero. A demografia baiana não repercute positivamente no rompimento da lógica racista aqui sinalizada. Há na verdade uma constatada “ausência de homens para mulheres negras” (Saffioti, 2015, p. 33).

Ao mesmo tempo em que deixa claro que sente a falta de um marido para lhe apoiar, a vida de Margarida é também de resistência, resistência ao patriarcado que tenta se impor de diferentes formas em sua vida, em sua jornada empreendedora. Ela resiste com bravura e força e tem sua filha como aliada, num processo que vai

além da relação materna – há sororidade também, mesmo de maneira inconsciente, e ela é poderosa (Hooks, 2019). Ambas, unidas, travam uma luta para sobreviverem num mundo cruel, racista, misógino, machista e patriarcal. Lótus clama a atenção da mãe ante a percepção de possível risco de dominação masculina (BOURDIEU, 2002) no puxadinho familiar e o receio de sua sucumbência: “Minha mãe, você vai deixar é? Vai deixar esse homem fuçando suas coisas?”(Lótus⁸² apud Margarida, 2023). A própria Margarida percebe o movimento dos tentáculos patriarcais na tentativa do primo de ingerência em seu pequeno, mas importante negócio.

Para conduzir seu puxadinho, de modo que lhe traga a rentabilidade necessária para viver, Margarida dedica muitas horas a uma dupla jornada altamente esgotante. Quem é dona de casa sabe como as tarefas domésticas são difíceis, com contornos e sensação infindáveis; quem é empreendedora de nano estabelecimentos sabe como a luta para a condução destes é árdua.

Segundo dados do SEBRAE (2023), cerca de 35% das empreendedoras baianas dedicam mais de quarenta horas semanais de suas vidas ao empreendimento que têm. Some-se a isso, as responsabilidades domésticas.

Entretanto, há que se destacar que esses dados são pautados em registros MEI. Como já trazido aqui nesta investigação, há um grande séquito de empreendimentos e de empreendedoras que são excluídas dos dados oficiais e assim é no segmento que estamos lidando. Há um notado subdimensionamento dos números. Empreender em puxadinhos, algo que não consta em pesquisas, exige esforço descomunal das mulheres – vida privada e empreendimento são uma coisa só.

Na narrativa de Margarida, muitas e distintas análises caberiam. Entretanto, tenho muita coisa ainda para mostrar quanto aos achados no campo, de modo que passarei para a outra interlocutora.

Ixora seja, talvez, a interlocutora desta pesquisa que mais enfrenta dificuldades. Sempre muito disposta a relatar suas experiências, ela já alerta que tem algumas coisas muito importantes para falar sobre a o fato de ser mulher e está empreendendo.

⁸² Nome fictício dado à filha de Margarida.

Ah, os homens sempre mandaram na minha vida... meu pai, meu irmão, o pastor lá de São Gonçalo, o daqui de Barra e até meu filho.... mas acho que é assim mesmo porque Deus quer que a gente obedeça né? Tenho que ser submissa mesmo. Eu tento ser mais eu, assim, tento fazer o que quero, mas não consigo porque é difícil (Ixora, 2023).

Aproveitando o termo que ela usou (submissa), lhe pergunto se ela acha que a religião tem alguma influência em seu comportamento e atitude.

Poxa, não sei direito. Tem coisas na Bíblia que eu não gosto, mas sigo a maioria das coisas. Ser mulher na religião é isso, tem que seguir o que o pastor manda, o que o marido manda porque os homens dão sustentação as mulheres. Por exemplo, se eu não tivesse Carlos, seria muito mais difícil para mim. Se eu não tivesse meu irmão Nildo eu nem estaria aqui. Estava ainda fazendo faxina (Ixora, 2023).

Questionei-lhe de que forma o pastor da igreja que frequenta interfere em seu empreendimento:

Ah, meu pastor sempre ajudou a gente desde que a gente chegou aqui em Barra. Ele me incentivou a ter alguma coisa própria por causa das cismas de Carlos. Ele fala para as outras irmãs de meu salão, arranja cliente e sempre fala nos cultos de meu trabalho de alguns outros irmãos. O pastor é uma pessoa muito boa (Ixora, 2023)

Esse ponto da indicação de clientes por parte do pastor e a propaganda que faz será objeto de discussão em outra seção. Segundo a entrevista, pergunto a Ixora sobre sua rotina doméstica e as demandas do seu puxadinho.

Rapaz, é uma loucura... assim, fico muito acabada, muito cansada mas não desisto. As vezes vou para o culto depois de um dia de trabalho e sinto que só meu corpo está lá. Eu acordo as 5h da manhã todos os dias. Preparo o café para todo mundo...eu só tomo um menozinho. Também aproveito para preparar o almoço do dia. Vejo como está Carlinha e Neto para ir à escola e mando Junior no rastro também. Junior já está com dezessete anos e sinto que não está querendo estudar... Lavo e seco tudo, dou uma varrida na casa e limpo o banheiro. Carlos sai uns quinze minutos antes de eu abrir o salão. Tenho que abrir o salão oito em ponto, mesmo quando não tem cliente marcada. Quando dá meio-dia e meia, as crianças chegam da escola. Se tiver cliente aqui, mando Junior colocar a comida dele e dos menores. Faz tudo com má vontade. Pior quando Carlos vem almoçar em casa porque ele quer que eu bote a comida dele. Se tiver com cliente é barril, porque ele não entende, não

respeita. Por volta das cinco da tarde, se não tiver cliente, fecho tudo já limpo e vou fazer o de comer da noite. (Ixora, 2023)

Antes de lhe perguntar qualquer coisa mais, Ixora me surpreende e me fala que já conversou muito com minha aluna Hortência⁸³ do IFBA, que a indicou como minha interlocutora. A agora ex-aluna tem um perfil muito político e é muito bem preparada quanto à atenção às questões de gênero – o IFBA deu régua e compasso. Ixora relata que percebe que na sua vida há algumas coisas que ela acha errado, a despeito de seguir os dogmas de sua religião:

Carlos não permitiu que eu trabalhasse fora e concordou que seria bom eu ter o meu empreendimento desde que fosse ao lado de casa. Mas eu sinto que não tenho...como é que se diz? Não é liberdade não, liberdade também, mas é outra palavra que sua aluna sempre usa...isso aí! Não tenho autonomia. Me sinto controlada o tempo todo. Ele quer controlar tudo. Eu até parei de anotar algumas coisas que faço aqui porque as vezes ele vem olhar o meu caderninho. Às vezes ele pega o dinheiro e várias vezes chega em casa perguntando se teve cliente naquele dia. Eu acho tudo isso uma falta de respeito mesmo ele sendo meu marido. Ele sabe que o que ganho termina sendo para a casa mesmo, mas acho isso tão ruim, minha nega. Ele até já falou para eu tirar Neto do inglês e da escolinha de futebol. Eu pago com gosto, com meu dinheiro e ele fica querendo se meter. Dá muita raiva. Quando Hortência vem aqui, a gente conversa e ela fala umas coisas que eu dou risada mas se for olhar, ela tem razão. (Ixora, 2023).

Depreende-se que há o início de uma desestabilização dos ditames que sempre acreditou e viveu. Pelo menos há uma tentativa de rompimento com os princípios patriarciais nas esquinas de seu pensamento. A aproximação com Hortência está despertando reflexões em Ixora. Bem, ela não se restringe a relatar a relação com seu marido. Ixora fala da relação com seu filho Junior de dezessete anos:

Eu tô sentindo que meu mais velho não tá querendo estudar mais. Ele está no nono ano porque perdeu de ano duas vezes e geralmente tá em casa de tarde, quando não arranja um bico para ajudar o pai. Minha nega, ele já está botando as manguinhas de fora, você acredita? Cansa de entrar aqui perguntando quanto entrou para pegar para comprar alguma coisa. Ele não me respeita muito e se sente o substituto de Carlos. Isso tá errado. Olha, teve um dia que passei tanta raiva com Junior. Tava aqui fazendo um cabelo e ele chegou, sem camisa e perguntou a minha cliente se ela ia pagar com

⁸³ Nome fictício.

dinheiro. Pode acreditar, fia! Que Jesus me perdoe, mas deu vontade de quebrar a cara dele. A sorte foi que ela sacou a situação e disse a ele que ia pagar no pix. Ele ainda é metade de homem e já tá assim. Se eu pudesse, se tivesse dinheiro eu ia abrir um salão longe daqui.(Ixora, 2023)

Ixora disse que uma das estratégias que usa para administrar mais os seus rendimentos e ter mais controles das coisas é a conta poupança que abriu.

Minha cunhada me ajudou porque ela também tem. Depois fui lá na Caixa de Praia do Forte para a moça fazer meu pix. Eu esconde o cartão porque Junior pegou uma vez escondido e comprou um tênis de duzentos reais sem minha autorização. As vezes deixo o cartão na mão de minha cunhada. Ela me ajuda muito. Eu estou preferindo que as pessoas façam um pix para mim do que me pagar em din-din. Mas Carlos e Junior sabem da conta e as vezes não tem jeito, principalmente com Carlos. Olha minha irmã, eu tenho que ter muita paciência e me controlar muito aqui nesse meu puxado e minha família não me ajuda em nada. Parece que todo mundo quer que eu desista. Mas não, não vou dar esse gosto a ninguém. Jesus me ajuda (Ixora, 2023).

A atuação de Ixora como empreendedora, que tem pontos semelhantes com a de Margarida, é o reflexo do que vem apontando a ainda parca literatura sobre as mulheres que empreendem. O aumento delas no mercado de trabalho e/ou em atividades empreendedoras não significou a isenção dos trabalhos domésticos, muito menos o tempo dedicado a eles, como se perpetua com os homens trabalhadores e/ou empreendedores (Soares, 2008; Melo; Castilho, 2009).

Aparentemente, no início do processo, estava tudo bem, tudo maravilhoso, uma euforia linda de se ver porque envolveu uma suposta emancipação e a realização de um desejo, de um sonho. Trabalhar num puxadinho de seu lar, além de ser a única opção de trabalho (e o trabalho é muito importante para as pessoas, conforme já visto aqui em debate anterior), pareceu o fortalecimento dos laços familiar. Ter um empreendimento puxadinho poderia se configurar como autonomia (que no caso de Ixora é frágil) e flexibilidade horária resultando num equilíbrio entre o duplo papel requerido (Quental; Wetzel, 2002 apud Storbino, 2014).

Contudo, ao longo do tempo, o processo de desgaste ficou evidenciado através de uma famigerada rivalidade entre a dedicação ao empreendimento e as demandas familiares: cruzar a porta em direção à cozinha/cruzar a porta em direção ao salão; lavar prato/lavar cabelo; cozinhar/dar escova; vigiar o filho mais velho/pintar o cabelo da cliente; lavar a roupa das crianças/preparar a hidratação;

varrer o chão da sala/fazer a sobrancelha da cliente; fazer a manicure da irmã da igreja/passar a roupa da casa; dar progressiva/botar o almoço do marido; lavar o banheiro/ entender o corte de cabelo que a cliente quer – é uma sequência de fazeres em desarmonia harmônica, porque resulta que ela dá conta, mas ao mesmo tempo representa uma enumeração entrançada de atividades que apenas no âmbito discursivo exaure quem ler.

Essa situação vivida por Ixora encontra leito na pesquisa feita pela professora Storbino (2014) na qual ficou demonstrado que por serem donas dos próprios empreendimentos, as mulheres misturaram de maneira intensa e desenfreada horários de atividades domésticas com profissionais O resultado disso é uma impactante fonte de estresse e sofrimento psíquico (Sadir; Bignotto, Lipp, 2010). O esgotamento físico e, principalmente, mental, de Ixora fica muito evidente quando ela afirma que se pudesse abriria um salão longe de casa. Para ela, a distância física representaria um respiro das demandas domésticas.

Outro ponto importante para tecer algumas palavras é quanto ao fato de ter sido autorizada pelo marido para trabalhar ao lado de casa, em seu puxadinho. Foi bom, conforme ela mesma aponta. Entretanto, essa autorização impôs não só a conciliação de sua atuação como cabeleireira e os cuidados com o marido, os filhos e os afazeres domésticos.

Foi imposta também a aceitação de uma intervenção excessiva na atividade e nos rendimentos da esposa. Ixora fala em raiva com a atitude do marido que também serve como exemplo das reflexões que vem fazendo. Há uma espécie de tutela quanto ao que ela produz de dinheiro e isso está lhe provocando um rebuliço, provocando raiva e quando esta é bem direcionada ajuda a progredir (Davis, 2019). Conversar com Hortência, dona de uma linda veia vida-feminista, parece estar surtindo alguma mudança em Ixora.

Não poderia me furtar de dar atenção à postura de Junior, seu filho mais velho. O rapaz aprendeu a lógica da dominação. Tal comportamento é naturalizado, o que caracteriza o poder simbólico que é exercido com a cumplicidade de quem também o exerce (Bourdieu, 2016). Através do exemplo que tem em casa, Junior repete atitudes e comportamentos sem perceber, como algo inerente ao ser humano, ao ser humano homem.

Numa forma de resistência e contra ataque, Ixora encontra uma estratégia de escapulir desses processos patriarcais de dominação, embiocando o cartão de sua conta bancária. Esperta, no caminho que muitos comerciantes têm traçado, ela está tentando evitar a entrada de dinheiro vivo em seu estabelecimento, usando a modalidade pix de pagamento. Assim, ela tem mais poder, mais poder sobre aquilo que é seu.

A despeito de toda a fadiga da dupla jornada, muitas mulheres não se dizem insatisfeitas com suas atividades e relatam satisfação e amor por seus empreendimentos (Quental; Wetzel, 2002 apud Storbino, 2014). Isso fica muito claro em Ixora e ela verbaliza que não pretende desistir – o puxadinho é muito importante para ela. Ixora busca se automotivar num ambiente bastante esgotante em todos os sentidos. Ela persevera na busca por uma desejada autonomia. A automotivação se reverbera um aspecto positivo para o empreendimento. Particularmente, o apoio ou a experiência familiar é o fator desencadeante das tentativas subsequentes de uma pessoa. Mulheres empreendedoras com falta de automotivação são afetadas negativamente (Mohanty, 2007).

Pois bem. A partir deste ponto, darei atenção a outra flor do meu jardim. Rosa é uma pessoa que conseguiu construir um prédio. Ela se regozija com este feito que é realmente incrível ante a história de vida que tem. Está todo o tempo falando que teve muitos anjos em sua vida, e um deles foi, de alguma forma, o marido:

Meu primeiro marido, na verdade não era marido, a gente morava junto. Nunca me ajudou em nada. Mas meu segundo marido, marido de casamento mesmo, sempre me ajudou. Ele construiu esse prédio junto comigo. Fomos construindo devagar, de pouquinho em pouquinho. Ele sempre esteve do meu lado, quer dizer quase sempre, né? (Rosa, 2022).

Rosa não fala nem de participação, nem de interferência muito forte do marido no estabelecimento, naquilo que tange o objeto principal do restaurante que é a oferta de almoço. Contudo, ele tem participação mais forte na pequena mercearia que também tem no espaço.

Roberto não vem muito aqui porque ele trabalha de taxista. O taxi eu ajudei a comprar. Dei seis mil reais que consegui emprestado para pagar aos poucos e ele deu mais seis mil da rescisão dele. Ele vem para comer o almoço as vezes que tá por aqui perto. Essas coisas de casa, esse mini mercadinho eu compro, ele compra as mercadorias

para deixar para a venda. Muita coisa ele compra no Atacadão quando tem promoção. A gente divide certinho o que rende dessas mercadorias. Agora, na comida que faço quem manda sou eu, tudo de restaurante eu controlo entendeu, principalmente depois que ele voltou (Rosa, 2022).

Pedi a Rosa para explicar a fala sobre o marido ter voltado:

Roberto se envolveu com minha melhor amiga. Amiga desde que eu tinha doze anos de idade. Era minha melhor amiga mesmo. Hoje ela voltou a ser minha amiga de novo, mas na época ficamos sem nos falar. Ela levou ele pra ela. Ele ficou cinco anos lá com ela. Meu filho mais novo tinha onze anos. Nesses cinco anos que ele tava longe meti bronca no restaurante com a ajuda de todo mundo, de Deus, de Jesus. Ele ficou cinco anos com ela lá, mas depois ela me devolveu ele. Eu aceitei e não liguei para as línguas, não devo nada a ninguém, não tenho que comer reggae de ninguém. Hoje ela voltou a ser minha amiga de novo e vive com um irmão da igreja. Foi eu que fiz os doces e os salgados do aniversário de quinze anos da filha dela. Eu perdoei ele e aceitei de volta, mas sou eu que mando aqui. Não sou besta não (Rosa, 2022)

Rosa relata que no momento o marido não está ajudando em nada em casa, não está aportando dinheiro para as despesas e explica a razão:

Estamos economizando para comprar um carro maior para ele rodar de taxi. Aí combinei com ele de ir guardando todo o dinheiro que ele ganhar que vou segurando a pontas com din-din aqui do meu restaurante. Ele quer comprar um carro, um carro maior porque ele está na cooperativa e ele pode ganhar mais com um carro de sete lugares porque ele vai fazer mais viagens. A gente combinou e estamos assim desde dezembro até agora. Ele não precisa pagar a luz, não precisa pagar água, não precisa comprar pão, não precisa nada, nada, nada. Mas assim, se ele sente que não tem movimento de corrida, ele tem que vir dar uma mão aqui (Rosa, 2022).

Depreende-se um tom de orgulho na fala de Rosa. Ela parece muito satisfeita com o fato de comandar e sustentar a família com o seu empreendimento. Embora haja poucos elementos trazidos por Rosa quanto ao assunto desta seção, acho muito interessante esse pouco que ela traz. Vejo que ela utilizou sua atividade empreendedora como um meio de emancipação (Rindova et al, 2009; Scott et al, 2012; Barragan et al, 2018). Na sequência desta conceitualização, um número crescente de estudos relata como o empreendedorismo em economias emergentes pode oferecer liberação às mulheres nos contextos em que estão inseridas.

Para Rindova et al (2009) há três elementos centrais do empreendedorismo que explicam os princípios da emancipação: (1) a busca pela autonomia, que tem relação com o desejo de se libertar de restrições que detinham o poder sobre quem empreende; (2) a autoria, definida como as ações das empreendedoras que visam assumir o controle completo de todos os relacionamentos, regras de relacionamento, funcionamento e estruturas necessárias ao sucesso do projeto empreendido e (3) os atos discursivos que se relacionam com a expressão das empreendedoras, através de atos de falas e retóricas, do seu desejo de criar mudanças.

Rosa se encaixa nessas perspectivas tenazmente. Traçou um longo caminho, um caminho tortuoso, cheio de pedras e sem atalhos proporcionados por qualquer tipo de privilégio. Quem lhe conhece de agora, com seu puxadinho vertical, talvez possa evocar o privilégio de um corpo não negro. Quem ler sobre a história de sua vida, saberá de suas dores. O fato é que demonstra ser dona da própria vida, tem controle do seu empreendimento e se impõe numa relação de respeito mútuo, ao seu marido.

Jasmim! Jasmim tem autonomia sobre as coisas de seu restaurante muito parecidas com Rosa. Não há muitos elementos para a discussão a partir dos nossos encontros, porém é possível trazer algumas considerações com base em sua narrativa. Como já visto, Jasmim tem uma trajetória bem diferente das outras interlocutoras. É uma mulher que estudou (estuda), tem muito conhecimento, é uma professora querida e respeitada e seu empreendimento é a continuação do trabalho de sua mãe.

Ela se referiu a seu marido poucas vezes nos nossos encontros, mas relata que contou muito com sua ajuda para a reforma do espaço e como ele participouativamente do processo, não só metendo a mão na massa durante a reforma, mas fazendo algum aporte financeiro. De alguma forma, percebe-se uma liderança de Jasmim sobre os homens do seu entorno e isso fica muito evidente quando ela afirma que convocou o marido e o sogro para essa reforma, que parece uma etapa muito importante de seu puxadinho. Além disso, destaco a aparente fluidez na resolução das questões de herança com seus dois irmãos.

Ela relata que no início da reforma houve uma espécie de conflito. Na verdade, ela refaz a fala dizendo que não chegou a ser conflito, mas uma discordância quanto a qual ela se impôs ante as proposições do esposo:

Eu comecei a idealizar como seria a reforma do puxadinho, como seria etc. e tal. Como seria essa estrutura aqui, aquela ali. Aí, meu marido começava a brigar comigo porque ele achava que deveria ter derrubado aquela parte ali, deveria ter modificado outra coisa que ele queria... Mas eu que decidi como deveria ficar (Jasmim, 2023)

Jasmim tem uma tripla jornada. Se sabe que o trabalho de professora é altamente fatigante, pois há muitas demandas envolvidas. Passa muito distante da realidade docente aqueles/aquelas que pensam que ser professora só envolve a preparação e o ministrar de aulas – elaboração e correção de avaliações, reuniões de coordenação, reuniões com mães, pais e/ou responsáveis, elaboração e participação em projetos diversos, conselhos de classe, atendimento individual a estudantes, dentre outras tarefas.

Esse elencado de demandas é duplicado no caso de Jasmim por ser professora em duas esferas diferentes (a municipal e a estadual), ou seja, há um jogo de duplicação inserida na tripla jornada. Some-se aos dois vínculos empregatícios, as demandas domésticas que, apesar de terem suas questões espaço-rotineiras muito imiscuídas com o dia a dia do puxadinho, não se anulam naquilo que tange as íntimas inter-relações doméstico-familiares – a dedicação ao marido e aos dois filhos também entra no páreo de sua agitada vida.

É surpreendente que com tantas atividades, Jasmim ainda consiga dar conta do seu puxadinho; um puxadinho organizado, de boa comida e um lindo jardim. É, mas ela se queixa; se queixa do cansaço e da solidão na condução do restaurante: “Eu tenho dificuldade nessa administração. E às vezes eu me sinto muito só para dar conta de tudo isso. Desse movimento de pagamento, de imposto, de tudo (Jasmim, 2022).”

Nesse sentido, depreende-se uma situação que é antônima a de Ixora, por exemplo. A desigualdade da relação de Jasmim e seu esposo se configura pela não presença, pela não participação, pela falta de contribuição no fazer empreendedor da querida pró de Matemática. Maridos podem ser aliados e se tornarem uma fonte de apoio emocional de destaque no fortalecimento do ato de empreender das mulheres (Bruce, 1998). Por outro lado, muitos refutam participar de empreendimentos de suas companheiras por acreditarem que os negócios não se encaixam em um modelo hetero patriarcal, além de não quererem renunciar à dedicação integral às carreiras que têm (Mohanty, 2007).

Tudo sobre a experiência de Jasmim, Rosa, Ixora e Margarida só mostra como análises, estudos, abordagens e perspectivas sobre o empreendedorismo demandam, definitivamente, um olhar contextual.

Bem, Buganville é a solteira mais jovem das interlocutoras e tem seu pai e namorado presentes em sua vida. Seu pai não se envolve diretamente em seus negócios, mas, segundo ela, está ali sempre disposto a ajudá-la. O pai, carpinteiro e arrumador de ferragens, concorreu com o namorado na construção da estrutura de paletes onde funciona seu salão, a despeito dos problemas de saúde que ele tem. Quanto a isso, ela se mostra bastante preocupada, visto que recentemente ele terminou perdendo uma das pernas em função de enfermidade que tem. A preocupação é grande e, por essa razão, ela buscou complementação da renda que tem com o salão, vendendo roupas, micheline e trabalhando num horto.

Buganville não se mostrou confortável com esse tópico da entrevista e, evidentemente, eu respeitei seu silencioso desejo. Ela fala pouca coisa de seu relacionamento com o namorado e se restringe a dizer que ele é uma pessoa boa que lhe ajudou na construção do puxadinho e lhe arranjou um bico (palavra dela) num Horto de Monte Gordo. Ela sinaliza que ele a ajuda na aquisição e transporte de algumas mercadorias para o salão..

De alguma forma, mesmo sendo solteira, a dupla jornada também encontra abrigo na vida de Buganville. Parece ser esse o destino das mulheres, das mulheres empreendedoras, das jovens mulheres empreendedoras. Solteiras e sem filhos não fogem das amarras da responsabilidade dos afazeres domésticos e do cuidado com familiares com necessidades de atenção.

Na simplicidade, por vezes precariedade, da atividade empreendedora materializada nos puxadinhos que, por seu turno, representa o sonho emancipador, a presença masculina se impõe e em alguns casos de forma invasiva e opressora, anulando esta possibilidade de conquista de uma autonomia na sua plenitude. Sabemos que em uma ou algumas entrevistas nem tudo é revelado, sendo a parca revelação só a ponta do iceberg.

As narrativas refletem uma profunda desigualdade entre as interlocutoras nas suas relações com seus homólogos (homens, maridos, filhos, pais). No caso de Buganville, o fato de ela ter mantido uma narrativa na superficialidade ou ainda não falar com mais detalhes como acontece a participação masculina na sua atividade,

pode ser muito revelador, pois o silêncio que cerca a nós mulheres extrapola o silêncio do não dito. O silêncio representa também aquilo que é apagado, colocado de lado, excluído. O poder se exerce sempre acompanhado de certo silêncio (Bento, 2005). Assim, esta narrativa apresentada por Buganville nos permite pensar em outras tantas narrativas que seguem presentes, oprimindo tantas mulheres, reduzindo possibilidades de crescimento através das suas atividades com seus empreendimentos.

Com base em todo o exposto aqui, e com inspiração em Yadav, as interfaces das interlocutoras estão representadas na figura a seguir:

Figura 31 – Interface das Mulheres Empreendendo em Puxadinhos



Fonte: Elaboração Própria

Para finalizar esta seção, cabe a reflexão de que num mundo onde ainda prevalece uma cultura de dominação masculina, o número de mulheres que empreendem está aumentando vertiginosamente. Ao adentrarem na selva empreendedora de seus puxadinhos, os múltiplos papéis que as mulheres têm não se apartam, levando-as a uma jornada exaustiva tanto no campo físico quanto no psíquico. Apesar disso, a busca pela autonomia e satisfação não sucumbe ante tentativas patriarcais de predomínio.

A seguir, trato das dinâmicas, das estratégias e dos meios usados pelas minhas flores na condução de seus puxadinhos, durante o maior evento em escala mundial relativo à saúde que foi a pandemia COVID-19.

5.4 OS BARCOS-PUXADINHOS NO TURBULENTO-MAR COVID-19: DORES E PERDAS

A dor do empreende-dor-ismo tratada neste trabalho não pode deixar de abranger as aflições e o contexto da pandemia. Conforme já dito, a contextualidade extrapola a ideia de localização. Temporalidade e história são aspectos críticos do contexto (Gartner, 2008). Assim, esta seção emerge não só para tratar dos empreendimentos na trilha do cacete-armado. É um intento de registro histórico a partir das vivências COVID-19 de minhas interlocutoras.

Seguir nessa linha, atenta à importância da contextualidade, um pequeno raio X da realidade se faz imperativo. Assim, apresento resumido preambulo da realidade pandêmica no nosso país, antes de adentrar nas vivências das interlocutoras.

5.4.1 Turbulento-mar COVID-19

Foi no dia 11, foi no dia 11 de março de 2020, que a Organização Mundial da Saúde declarou que um turbulento mar-pandemia, que agrupava sem licença todos os oceanos, repleto de ondas gigantes de incerteza, sobrepassaria os limites terrestres do planeta, invadindo abruptamente todos os pedaços de chão – esse mar viria a ser chamado COVID-19. Embora a declaração tenha vindo no mês três, a OMS já tinha conhecimento do coronavírus chamado SARS-CoV-2 desde 31 de dezembro do ano anterior, na sequência do relatório de um conjunto de casos da chamada pneumonia viral em Wuhan, na República Popular da China (OMS, 2020).

Naquele momento em que as águas fechavam o verão cá em terra tupiniquim, a Organização declarou que pessoas com sessenta anos (ou mais) e pessoas com problemas médicos subjacentes, como pressão alta, diabetes, outros problemas de saúde crônicos (por exemplo, aqueles que afetam o coração, os pulmões, os rins e o cérebro), baixa função imunológica/imunossupressão (incluindo HIV), obesidade,

câncer e pessoas não vacinadas correriam maior risco de contrair a doença, havendo efeitos mais sérios nesses casos.

Quanto aos perigos disso, Messeder e Barreto (2020, p. 141) se posicionaram, pontuando que, com anúncio da pandemia, via-se a reedição da ideia do grupo de risco:

Efetivamente, foi abruptamente apontado que as vítimas preferenciais seriam os nossos velhos e pessoas com comorbidades, o que nos parece uma escolha discursiva temerária. Numa simples olhada sobre o que foi dito inicialmente, analisando os erros da epidemia da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), podemos observar os efeitos nefastos quando se vincula automaticamente maior incidência de contágios a um grupo específico, visto que frequentemente acaba por incidir sobre este todos os preconceitos, tornando-os menos humanos, subtraindo sua dignidade.

De fato, a indicação da OMS foi sofrendo mudança com o passar do avançado da virulenta enfermidade – não poupou qualquer especificidade. A OMS até que tentou, ao final de sua comunicação inicial, dizer que qualquer pessoa poderia contrair a COVID-19 (“However, anyone at any age can get sick with COVID-19 and become seriously ill or die⁸⁴”. WHO, 2020). Porém, o estrago causado pelo tópico frasal do anúncio, seguido do direcionamento etário e da enumeração das comorbidades, já estava feito, se propagou mundo a fora e grudou nas mentes, nas línguas e nas atitudes das pessoas. Na prática, a indicação do grupo de risco terminou provocando descuido por parte de pessoas não incluídas na referida classificação.

Houve muitas mortes. Houve muito luto. Houve muita dor. Dados do Painel Coronavírus Brasil (2024), site criado pelo Ministério da Saúde, Sistema Único de Saúde e pela Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente, mostram que no Brasil foram registrados 38.823.186 casos de COVID-19, havendo o lamento por 712.349 vidas perdidas. A fatia do Nordeste nesses números nefastos é de 7.561.688 de casos, com 136.852 mortes.

Na Bahia, temos o registro 1.840.821 de pessoas acometidas pela doença e 32.002 mortes. Se pensarmos que o Brasil é o país das subnotificações, em parte

⁸⁴ Em tradução livre: “No entanto, qualquer pessoa, em qualquer idade, pode contrair a COVID-19 e ficar gravemente doente ou morrer”.

devido à sua imensidão territorial, o número de casos e de mortes é muito maior. Difícil é encontrar alguém que não tenha sido atingido/a pela doença. Difícil é encontrar alguém que não tenha tido perda de, pelo menos, uma pessoa da família, amiga, conhecida, colega de trabalho, vizinho ou vizinha. Presumo que até nas mentes dos negacionistas jaz a incerteza (ou certeza refutada) quanto a origem (covid ou não covid) de certo mal-estar físico vivenciado em algum momento dos últimos anos.

Por falar em negacionistas, muito desses altos números no Brasil se deve à má gestão da crise pelo nefasto Governo Federal. Dados do Dossiê Pandemia de COVID-19⁸⁵ (2022), que é um rico documento de mais de trezentas páginas, divulgado pela Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco), estimam que a má condução da crise pandêmica pelo executivo federal permitiu 75% das mortes pela enfermidade no país. O dossiê aponta que em 2022 o Brasil respondia por 10,7% das mortes por covid em todo planeta.

Para piorar, no esteio da força discursiva de um mandatário, o necro-presidente se deu ao desserviço de emitir palavras e frases de equivocado teor sobre a covid: gripezinha, não necessidade do uso de máscaras, referência a profissão de coveiro, não necessidade de isolamento, não compra de vacina, não necessidade de testes, estímulo a remédios sem comprovação científica. Tudo isso corroborou para a triste realidade do país.

A pandemia teve um impacto social no mundo como nunca registrado antes na história. Estapeou-nos, escancarando as nossas desigualdades, as nossas vulnerabilidades e as nossas injustiças. Contextos precários vivenciaram a COVID-19 na hipérbole da debilidade e não conseguimos fazer nada além de lamuriar em frente a televisão, à espera do boletim diário sobre os números da enfermidade. Foi uma verdadeira plethora de notícias esbugalhando questões estruturais e estruturantes recorrentes, como o racismo, violência contra mulheres, a lgbtfobia e o ataque ao meio ambiente (Messeder; Barreto, 2020).

Também teve um impacto econômico no mundo como nunca registrado antes na história. A economia, essa grande verdade-ficção imposta às vidas humanas, ficou

⁸⁵Disponível em: https://abrasco.org.br/wp-content/uploads/2023/11/20231116_Abrasco_Dossie_Pademia_de_Covid-19_versao-final.pdf

abundantemente exposta, visto que a doença desconstruiu pilares sacralizados pautados pelas teorias econômicas no nosso universo capitalista. Com as necessárias medidas de confinamento impostas a fim de reter a propagação da doença, ficou notório que não existe saúde econômica sem saúde pública (Lim, 2021).

Os magos da economia foram golpeados com o fato de que a vacina se tornara também o meio de cura para a doente economia. Como o grande capital sempre acha um jeito de gerar e movimentar dinheiro, algo do tipo enverga mas não cai, o incremento do e-commerce (SEBRAE, 2020; GEM, 2023) se mostrou a tabua de salvação da moribunda economia, pelo menos naquilo que tange transações de consumo direto ao consumidor.

As questões ambientais ganharam holofotes. Encantamentos com a fauna que mostrou a cara em lugares pouco propícios ante a constatação da ausência humana, confinada, foram percebidos e comemorados. Um salve aos golfinhos nos canais de Veneza, muitos bradaram. Um viva aos veados, tamanduás-bandeira e lobinhos-do-mato saídos das tocas do Jardim Botânico, várias bocas exigiram. Preocupações com a flora, perplexidade com os desmatamentos, contemplações a arvores, cultivo de rosas em apartamentos, hortinhas em varandas – tudo isso houve. As sugestões para adiar o fim do mundo (Krenak, 2017) foram elencadas e debatidas com muito fervor, fervor remoto. Houve todo esse movimento-alvoroco, maioritariamente fruto da nossa clausura. Entretanto, passada a efervescência pandêmica, constatamos que não conseguimos mudar, mudar de verdade.

Há que se destacar a importância do Sistema Único de Saúde, o tão atacado SUS, para a superação da calamidade no nosso país. Muitos descobriram que o sistema é referência mundial na universalização da atenção à saúde e foi o salvador de muitas vidas. A ciência e a tecnologia foram preponderantes para facilitar o durante e o fim do desassossego da COVID. Cientistas e cientistas se desdobraram para dar conta de uma vacina que provesse a cura, num curtíssimo espaço de tempo e numa corrida impulsionada pelo grande capital que, conforme já dito, tem dependência da boa saúde pública para a existência de consumidores – uma lógica de que pode haver mortes, mas não pode morrer todo mundo.

Os avanços tecnológicos não passaram despercebidos e sofreram interessante aceleramento técnico-qualitativo. Foi possível, por exemplo, realizar estudo e trabalho online, organizar videoconferências, oferecer e utilizar serviços de entrega. Estima-se que

na pandemia houve um avanço tecnológico de dez anos (LIM, 2021). Relevante ressaltar que esses avanços não estiveram ao alcance de todos/as – desigualdades já foram apontadas.

No segmento do empreendedorismo, estudos apontam um movimento interessante em âmbito mundial. Segundo dados do GEM (2023), os níveis de atividade empreendedora em todo o período de pandemia revelaram um quadro muito misto, havendo uma queda da atividade inicialmente, ao mesmo tempo, que foi identificado um aumento no mesmo período. Muitas empresas, principalmente as do setor de serviço, quebraram (GEM, 2023) e isso se torna compreensível ante a necessidade de confinamento. Entretanto, ao mesmo tempo, foi detectado que a pandemia trouxe novas oportunidades para empreender, com uma concentração maior também no setor de serviço (GEM, 2023). O GEM não aponta as causas para o constatado cenário.

Algo semelhante foi identificado no Brasil, onde muitas MPE e MEI enfrentam grandes desafios e, inicialmente, muitas/muitos quebraram ou tiveram seus rendimentos drasticamente diminuídos, principalmente no primeiro ano da crise sanitária. O Dossiê SEBRAE Impacto da pandemia de Coronavírus nos Pequenos Negócios (2021) aponta que no ano de 2020, 66% dos MEI tiveram um faturamento pior que no ano anterior.

O reflexo disso se estendeu ao carnaval do ano posterior, 2021, quando 77% desses MEI declararam um rendimento pior que 2019. O segmento de beleza e de alimentação, que tem protagonismo neste trabalho, são atividades que estão entre as cinco⁸⁶ mais afetadas na pandemia, atingindo uma baixa de 46% e 47% no faturamento quando comparado a uma semana normal de atividade. Ao mesmo tempo, já no início de 2021, o número de empreendimentos iniciados chegou a ser maior do que aqueles que precisaram fechar as portas (SEBRAE, 2022). Ratifica isso o fato de que, somente em 2020, o Brasil atingiu a marca de mais de 10 milhões de pessoas no cadastro MEI (Brasil, 2021).

Diferente do GEM que apresentou números, mas não apresentou justificativa para os achados, na nossa realidade, podemos fazer inferências para justificar essa aparente contradição. No período pandêmico, o IBGE (2021) apontou que a taxa de desemprego alcançou níveis apavorantes, chegando a 14,9% da população acima de 14 anos. Isso

⁸⁶ O Dossiê SEBRAE Impacto da pandemia de Coronavírus nos Pequenos Negócios (2021) aponta os cinco segmentos mais impactados pela crise sanitária no ano de 2020: 1) Turismo, 2) Economia Criativa, 3) Beleza, 4) Serviço de Alimentação, 5) Artesanato.

significa que, em números absolutos, 15,2 milhões de pessoas estavam desempregadas (IBGE, 2021). Sem renda, provavelmente, esses trabalhadores e trabalhadoras buscaram o empreendedorismo como meio de vida – é o novo perfil empreendedor reinante no país.

Após essa necessária introdução, adentro na vivência de minhas interlocutoras em todo esse mar turbulento que foi a COVID-19.

5.4.2 Navegando em águas turbulentas

Conversar sobre a pandemia e os empreendimentos foi muito interessante porque trata-se de um evento recente de grande impacto e as memórias estavam muito jovens, crianças, circulando no parque das lembranças de cada uma.

Buganville não teve relato sobre a condução do seu empreendimento no alto da pandemia, visto que seu salão só foi aberto no final de 2022, quando as coisas já estavam mais calmas em razão da vacina⁸⁷. Entretanto, ela relatou que, no período, ela foi requerida para fazer alguns serviços em domicílio. Ela já atuava dessa forma, mas explicou que sentiu um aumento nas demandas.

Algumas pessoas me mandaram mensagem por zap pedindo para ir fazer escova, unhas e sobrancelhas nas casas. Eu fui de máscara e sempre levava álcool gel. Em algumas vezes aproveitei para levar as roupas que vendo para as clientes verem se queriam comprar. Tinha umas que ficaram com medo e outras nem ligaram para nada. Eu fiquei com medo de trazer alguma coisa para casa e contaminar meus pais, mas deu tudo certo (Buganville, 2023).

Não ficou muito elucidado se a pandemia teve alguma fatia do bolo de sua decisão por empreender. É certo que a experiência da prestação do serviço em domicílio representou uma prática, um exercício daquilo que aprendera nos cursos realizados. Nesse sentido, contribuiu de alguma forma no serviço prestado em seu salão.

Por outro lado, como Jasmim tem uma outra atividade remunerada e segura no funcionalismo público, ela pode usufruir do direito de uma licença em prol dos cuidados com a saúde de sua mãe, momento no qual decidiu fazer reforma no empreendimento:

⁸⁷ Dados do Ministério da Saúde apontam que, em novembro de 2022, a campanha de vacinação contra a Covid-19 no Brasil havia chegado à marca de 33 milhões de doses de imunizante aplicadas. Para maiores detalhes ver: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/janeiro/saiba-a-quantidade-de-doses-de-vacinas-covid-19-aplicadas-ate-o-momento-no-brasil-por-fabricante>

A pandemia pegou todo mundo de surpresa, né? Foi aquela coisa de fechar tudo e eu em casa porque as escolas fecharam, uma agonia, um corre-corre. Eu pedi licença prêmio porque eu não queria arriscar porque mainha é idosa e está com a saúde muito frágil. São oitenta e dois anos e eu não podia ficar saindo de casa para não correr risco de pegar COVID, nem de trazer a doença para dentro de casa. Aí em perguntei o que a gente podia fazer, né? Então decidimos reformar. Meu marido ajudou, junto com meu sogro. O rapaz do telhado veio mas tudo com cuidado, com máscara, limpeza das mãos, sem chegar perto de mainha. (Jasmim, 2023).

Ela acrescentou mais informação ao relato:

Quando terminou tudo, coincidiu que o prefeito decidiu que podia reabrir. Como nosso restaurante é bem arejado, aí voltamos a funcionar com todas as recomendações e protocolos. Mainha ficou admirando, curtindo, né? Como eu não estava trabalhando por causa da licença prêmio, eu comecei a me envolver mais, modificando prato, cardápio. Comecei a pesquisar preços melhores, coisa que minha mãe não fazia. Ela comprava muito no mercadinho daqui. Passei a ir na CEASA e no Atacadão para comprar os insumos do restaurante. Comecei a fazer outros investimentos. Então esse período de pandemia foi muito crucial porque pude pensar e decidir muitas coisas do restaurante. Assim, na pandemia eu realmente decidi seguir com o restaurante. A pandemia teve essa importância na minha vida (Jasmim, 2023)

Jasmim é um dos muitos casos de famílias que decidiram construir ou reformar a casa durante o período de crise. Parece que o confinamento provocou um olhar mais minucioso para os espaços de vida. Além disso, a atividade *home office* exigiu algumas adaptações físicas nas casas. Dados do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (IPCA, 2020) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelaram que de março a dezembro de 2020, houve um crescimento de 5,22% na compra de materiais de construção em todo país. Naquele ano, o preço de alguns insumos, como tijolos, cimento, revestimento de piso e parede, telhas, areia e materiais hidráulicos, registrou alta superior a 10% (IPCA, 2020).

A pandemia teve um peso muito forte na vida da empreendedora Jasmim. Quando decidiu continuar com o restaurante da mãe, aproveitou para fazer não só reestruturação física, mas também rever pontos relativos à administração do puxadinho, como a aquisição de insumos. Fazendo um cruzamento com dados do GEM (2023), Jasmim está situada no bojo das pessoas que decidiram continuar a tradição familiar de empreender em plena agonia da COVID-19. O estudo do GEM mostrou, entretanto, que tal motivação

não sofreu alteração quando comparada aos outros monitoramentos realizados anteriormente.

Vale ainda ressaltar um aspecto do depoimento de Jasmim, quando menciona o prefeito de Camaçari. O poder decisório quanto às medidas restritivas de abertura e fechamento de atividades comerciais foi alvo de conflito político midiático, capitaneado pelo então Presidente do Brasil. Por vezes, o mandatário declarou que nada precisava fechar em função da, em sua leviana opinião, boba gripezinha. O Supremo Tribunal Federal⁸⁸ precisou intervir e esvaziar os conclames do presidente, estabelecendo que estados e municípios pudessem definir suas prioridades. Houve esse capítulo no livro COVID Brasil.

No caso de Rosa, ela apresentou em seu relato algumas dificuldades enfrentadas:

A pandemia foi bem difícil. Eu já tava com dificuldade porque tava tudo muito caro e as duas que tinha aqui para me ajudar não trabalhavam direito. Era só para limpar, para lavar prato mas elas não conseguiam fazer as coisas direito. Aí eu preferi passar um tempo da pandemia sem ninguém. Mandei embora as duas. Aí, comecei a fazer quentinha de novo.... mas a coisa foi esquentando, Deus do céu. Tive que dar uma fechada mesmo porque estava todo mundo com medo e não teve jeito. É, mas as duas estavam com auxílio do governo, viu? Minha sobrinha também pegou auxílio (Rosa, 2022).

Embora eu já tenha feito a sinalização de que há subdimensionamento e exclusão quanto aos dados oficiais sobre pequenos estabelecimentos, o fechamento do restaurante de Rosa coincide com os achados sobre a realidade de algumas pequenas durante a crise sanitária. Dados do IBGE COVID-19 (2020) apontam que entre 1,3 milhão de empresas que na primeira quinzena de junho estavam com atividades encerradas, temporária ou definitivamente, 39,4% declararam como causa as restrições impostas pela pandemia. Os dados do IBGE mostraram ainda que o maior percentual de empresas em que a pandemia teve efeito negativo foi o setor de serviços⁸⁹, alcançando o número de

⁸⁸ O PDT, partido foi autor da ação no STF.

⁸⁹ Para o IBGE o setor de serviços inclui uma aglutinação de serviços numa classificação mais ampla e menos detalhada que o SEBRAE. A classificação é caracterizada por atividades bastante heterogêneas quanto ao porte das empresas, à remuneração média e à intensidade no uso de tecnologias. Eis a classificação do setor de serviços para o IBGE: Serviços prestados às famílias; serviços profissionais, administrativos e complementares; transportes; serviços auxiliares aos transportes e correio; serviços de manutenção e reparação; serviços de informação e comunicação; atividades imobiliárias; outras atividades de serviços. (Fonte: IBGE – Brasil em Síntese: <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/servicos/numero-de-empresas-por-segmento-de-servico.html> - Acesso em 19/01/2024.

74,4%. A situação de Rosa não deixa de ser diferente da de Jasmim, conforme já visto, e a de Margarida e Ixora como será mostrado.

Vale destacar que, ao dispensar suas duas “ajudantes” (termo empregado por ela), Rosa, diante de sua vulnerabilidade causada pela crise, involuntariamente contribuiu para o aumento do número de pessoas desocupadas em razão da COVID. Na segunda quinzena de agosto de 2020, 8,1% das empresas em funcionamento no país já haviam reduzido o número de funcionários (IBGE Covid-19, 2020).

Ao passo que dispensou suas ajudantes “sem carteira porque não dá para mim, eu não tenho como”, Rosa seguiu em contato com elas, dando pequenas contribuições do pouco que tinha: “Eu dei feijão, dei arroz, produto de limpeza...as coisas que tinha aqui no meu mercadinho, fui ajudando como deu’. Cabe menção ao auxílio emergencial⁹⁰ que foi uma medida para ajudar a população carente no ápice pandêmico, só disponibilizada após intervenção do Congresso Nacional.

Rosa trouxe mais dados à nossa conversa sobre a pandemia:

A gente começou a pagar conta de luz mês sim, mês não. Aí teve uma semana que fui cozinar lá no hotel onde eu trabalhei em Guarajuba. Fiquei uma semana cozinhando e entrou uma graninha. Aí uma anja também me arranjou para cozinar em umas casas porque muita gente na pandemia saiu de Salvador e veio para o lado de cá. Muita gente de apartamento alugou casa por aqui pelas bandas (Rosa, 2022).

Com o restaurante fechado, Rosa teve que fazer uma espécie de retorno a um momento anterior de sua vida ao precisar voltar a prestar serviço em casa de particulares. Quanto ao movimento de saída de Salvador, centro urbano, apontado por ela, foi sentido e testemunhado por muitos. O afastamento social, para muitas pessoas, principalmente as que moram em apartamentos, foi sentido como um doloroso enclausuramento. Uma das formas de escapar disso, foi a mudança de ambiente para imóveis (maioritariamente

⁹⁰ Com a demora no envio de uma proposta legislativa oficial do governo federal, o Parlamento decidiu agir. Pensando além do espaço fiscal e com um olhar social, criou também, por meio do PL 1.066/2020, que mudava as regras para o recebimento do Benefício da Prestação Continuada (BPC), o auxílio emergencial no valor de R\$ 600, a ser pago por três meses. Segundo estimativas iniciais da Instituição Fiscal Independente (IFI), o gasto seria de R\$ 60 bilhões, para atender algo em torno de 30 milhões de pessoas no período. O benefício, de R\$ 600 mensais, permitiu a milhões de famílias manter o mínimo de dignidade enquanto o novo coronavírus ceifava vidas e desestabilizava a economia e o sistema de saúde brasileiros (Agência Senado, 2020).

via aluguéis) em praias e em campo, principalmente depois de normalizado os protocolos de segurança.

A ideia de conexão com a natureza reinou (um reinado débil) nas mentes, ante a incerteza pandêmica. Em âmbito global, os aluguéis por temporada tiveram melhor desempenho do que os hotéis durante a pandemia de COVID-19. No final de março de 2020, a ocupação global em hotéis caiu para 17,5%. Por seu turno, as locações de estúdio e um quarto tiveram uma ocupação de 36,4%, e os aluguéis por temporada com dois ou mais quartos tiveram ocupação de 32,6% (Hoteltech Report, 2023).

Em entrevista publicada no Jornal Correio da Bahia (em 27 de janeiro de 2021), Noel Silva, do Conselho Regional de Corretores de Imóveis Bahia (Creci-BA), declarou que a demanda para o aluguel de casas de temporada teve alta de 50%, com destaque para Praia do Forte e Guarajuba. Esses dados encontram abrigo na fala de Rosa.

Faço um giro para dar atenção a Margarida que trouxe um relato forte, repleto de trechos difíceis que me tocaram muito. Foi no nosso segundo encontro que notei emoção na voz de Margarida quando se referia a amiga Azaleia, uma pessoa que, além de ter sido companheira de trabalho, lhe ajudou muito, incentivando-a a buscar sua melhoria. Quando lhe perguntei sobre a pandemia e os impactos no puxadinho, Margarida começou a soluçar e fez questão de primeiro falar da perda que teve. Tentei até mudar de assunto, mas ela disse que queria falar, que precisava falar:

Minha melhor amiga se foi... eu não paro de chorar. Peço sempre a Jeová por ela. Não precisa ficar assim com essa cara não porque eu realmente não esqueço. Você tem culpa não. Azaleia foi uma pessoa muito importante na minha vida. Era mais que amiga, era minha irmã. Ela não merecia. Foi horrível, muita dor, muito triste... eu, eu... não pude me despedir dela, não pude ir no hospital, não pude nada, nada, nada. Não pude enterrar o corpo, gente! Quando mandaram fazer essa coisa de... como se diz? Aquele nome estrangeiro? Isso aí, lockdown. A gente sempre se falava pelo zap. Ela tava com medo no início, mas disse que não ia fechar o salão porque precisava comer e o auxílio não dava para nada. Foi isso também, entendeu? Pobre não pode ter medo de nada porque quando a fome bate ou rouba, ou trabalha ou morre logo porque a raça ruim de político nenhum ajuda. Ela dizia que não queria mais nunca na vida trabalhar em casa de família. Uma ex patroa dela arranjou para ela ir trabalhar de ajudante de limpeza num hospital aí, esqueci o nome. Mas ela não quis dizendo ela que se fosse ia pegar o corona, entendeu? Mas o corona pegou ela no salão mesmo, alguma cliente levou a COVID para ela... meu Jeová! Ela me disse que tava tomando ivermectina e ia conseguir cloroquina com o vizinho para se proteger. Eu disse a

ela para tomar cuidado, que era melhor fechar uns tempos, ela de pressão alta (Margarida, 2023).

São muitas análises que podem ser extraídas desse forte depoimento. Ouvi-la me transportou ao meu quarto gélido-isolado em julho de 2020 quando tive COVID e a incerteza tomou conta de mim. Ouvi-la também me trouxe dor, não só pela solidariedade com minha interlocutora, mas também por ter perdido vidas queridas também. Margarida, aceitando um lencinho que ofereci, adiciona:

A filha dela mandou um áudio para mim, até hoje tenho aqui guardado. Quer ouvir? Não, eu boto para você ouvir... Então, tá bom. Foi só ela com o irmão botar Azaleia na gaveta de Baixa de Quintas. O povo não deixou nem os próprios filhos verem o corpo, sabia? Foi caixão fechado. Era para ir para o salão do reino lá do subúrbio, mas ela não teve nada, nada... Leinha não teve canto pra ela. Triste demais (Margarida, 2023).

A dor de Margarida está no esteio de uma série de medidas que foram necessárias no contexto do flagelo sanitário. No final de março de 2020, a despeito de toda a celeuma política causada pelo presidente que reverberava também no Ministério da Saúde, foi publicado pelo órgão o Guia para o Manejo de Corpos no Contexto do Novo Coronavírus (Covid-19).

No documento havia recomendações e orientações de como deveriam ser realizados os funerais e o manuseio dos corpos afetados pela doença, tanto nos hospitais, como em domicílios e em espaços públicos. O protocolo do documento estabelecia que velórios e funerais de pacientes confirmados ou suspeitos da doença, não eram recomendados e ficaram proibidos. O protocolo ditava também que os caixões deveriam sair lacrados do local de morte, a fim de evitar contaminação.

No mesmo sentido e período, a Secretaria de Saúde da Bahia (SESAB) publicou Plano Estadual de Manejo de Óbitos durante pandemia da COVID-19, contendo uma série de recomendações, orientações e proibições quanto à condução das mortes no âmbito estadual, em razão da crise sanitária.

Foi muito doloroso tudo. Como se não bastasse toda a desestabilização social gerada pela pandemia, os distintos rituais de morte, tão importantes para a humanidade, foram proibidos. Margarida pontua que a amiga não pode ter a cerimônia no Salão do Reino, em referência ao rito de morte das pessoas

professadoras da religião Testemunha de Jeová. A vivência do luto se tornou mais pesada ante a impossibilidade da cerimônia de despedida.

O processo de morte por COVID-19 foi tão impactante que, em algumas cidades foi necessário a abertura de valas e covas comuns, ante a incapacidade de absorverem o aumento acelerado de falecimentos. As imagens de vários corpos no chão aguardando para serem sepultados, na frieza-corpo-solidão, apartados dos familiares em prantos, nos deixaram chocados e chocadas. Cada corpo ensacado era uma vida, uma história, um afeto.

A falta de atenção ao decreto de confinamento, algo comprovado cientificamente, ceifou a vida da amiga de Margarida, assim como a de tantas outras pessoas. A resistência em fechar o seu salão, fruto também da necessidade financeira, facilitou o contágio. Não sabemos quantas pessoas se infectaram ou até morreram ao frequentar o salão de Azaleia, mas podemos inferir que há a possibilidade de que outras vidas tenham sido levadas pelo vírus.

O presidente do país teve uma participação muito grande nesses acontecimentos. Conforme já dito, as ideias equivocadas do presidente tiveram influência em diversas camadas da população. Seu discurso negacionista e incentivo à desobediência às medidas de proteção e o estímulo às aglomerações causaram muitos danos. Para piorar, ainda propagou que o consumo de remédios ineficazes, no chamado kit COVID, traria a cura para doença. Azaleia foi vítima disso.

Esse relato de Margarida sobre a perda de sua amiga não é necessariamente nuclear para este trabalho, mas não consegui deixar de mencionar. Uma vez vencida esta dolorosa experiência, focamos nas trilhas do seu puxadinho atravessando a turbulência do mar COVID. Ela mal começa a falar sobre o seu puxadinho e a influência nefasta do Presidente emerge mais uma vez. Depreende-se uma oscilação entre a maléfica pauta do mandatário e ao que orientavam os órgãos competentes. Ela chega a falar em “confusão”:

Eu passei muito mal. Logo no início eu não tive muito medo do corona, não. A gente achava que era invenção dos comunistas. O presidente falou que não tinha perigo de pegar porque era da China, lá de longe. Mas botei álcool gel, comprei umas máscaras porque o povo mandava. Cada um dizia uma coisa diferente pega, não pega, mata não mata. Uma confusão de estourar os miolos. Só sei que na dúvida todo mundo aqui em casa tomou ivermectina para se proteger ainda mais eu sendo hipertensa (Margarida, 2023).

Ela segue detalhando o processo que levou ao fechamento do salão no período pandêmico:

Aí umas clientes vinham, umas poucas, mas vinham.... Lembro que três clientes pediram para eu ir lá na casa delas fazer escova lá. Eu fui, né? Mas a coisa aqui foi minguando, minguando e as contas chegando, a COELBA não falha para cobrar e é cara, mas é importante demais. E comida para comprar. Minha filha arranjou um bico com uma vizinha costureira para ajudar a fazer máscaras de pano para vender. Depois ela conseguiu faxina no mercadinho lá da frente porque comida não fechou, né? Essas coisas aí deu para aguentar um pouco. Aí, meu Deus...veio a pior parte porque tive que fechar, fechar mesmo... acho que foi lá pra julho de 2020... É, foi por aí. Não entrava dinheiro nenhum, só o do auxílio que o Mito deu. Tive que começar a mandar mensagens para umas clientes e ex patroas para oferecer faxina. Uma coisa que não queria, mas com o salão fechado não teve jeito (Margarida, 2023).

A necessidade de buscar sobrevivência, com o fechamento do salão, obrigou Margarida a investir em outro meio de vida e esse foi voltar a fazer faxina:

A pior coisa que aconteceu comigo na pandemia depois da morte de minha amiga foi quando fui chamada para trabalhar três dias lá numa casa no Alphaville, na casa de Dona Lurdes. Era para ser três diárias seguidas com pernoite. Nunca fui tão mal tratada. Fui tratada como um jumento, burro de carga. A grana era muito boa e era para cozinhar também tipo umas comidinhas. Eu tive que topar. O pai dela é aleijado, com um problema na perna e vive numa cadeira de rodas. Tinha uns 77 anos. Nem sei se tá vivo. Espia só. No dia que cheguei fui tratada como nem sei o quê. Ela não deixou entrar antes que eu tomasse um banho no banheiro de serviço. Me deu máscaras e luvas e um litro de álcool gel e disse que eu tinha que andar assim dentro de casa. Mas no último dia que eu tinha que voltar para casa ela não quis deixar eu sair. Pegou minhas coisas sem eu ver e guardou dizendo ela que precisava de mim. Eu disse que ficava mais um dia. Quando fui sair no outro dia ela veio com a mesma ladainha mas aí rodei a baiana e disse que ia gritar pela rua se ela não deixasse eu ir embora e não me pagasse. Oi, foi difícil, viu? Depois fiz mais umas três faxinas aqui em Jauá e em Villas. Quando cedi para Luisinho morar aqui em cima no início da pandemia foi bom porque ele arranjou diversos trabalhos de ajudante de pedreiro. Não parava. Teve muita obra na pandemia. Aí ele dava uma ajuda. (Margarida, 2023)

Margarida mostra como a sociedade ainda precisa avançar no tratamento dado às trabalhadoras domésticas. Na pandemia o número das denúncias de maus tratos se viu asseverado e foi observado dois movimentos cruéis: foram tratadas

como objetos descartáveis e/ou, ainda como objetos de posse de patrões e patroas que não conseguiram lidar com as demandas do cenário covidiano. Dados da Central Única dos Trabalhadores (CUT) mostraram em março de 2020 um aumento em cerca de 60% das denúncias de abusos e de falta de pagamentos nos 13 sindicatos estaduais que compõem a Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas (FENATRAD).

A situação difícil das trabalhadoras domésticas na crise sanitária levou a FENATRAD a criar a campanha “Cuida de quem te cuida” com o objetivo de melhorar a situação dessas trabalhadoras. No caso em questão, a despeito da compreensão da preocupação e desespero de Dona Lurdes com o pai, nada justifica o tratamento dispensado a Margarida, principalmente a tentativa de cárcere privado.

Enquanto isso Lótus, sua filha manicure, encontrou pequena renda (referida como “bico”), na fabricação de máscara. Esse foi um nicho que ajudou muitas costureiras e pequenas fábricas de roupa a sobreviverem no período pandêmico. Houve um movimento nas indústrias têxteis com a demanda por tecidos e o SEBRAE chegou a elaborar e divulgar um tutorial, em formato de animação, intitulado “Faça sua máscara contra o corona” contendo orientações para as pessoas que se enveredariam para a confecção de máscaras⁹¹.

Na Bahia, a Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR), empresa pública vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), em parceria com as secretarias do Planejamento (Seplan) e de Desenvolvimento Econômico (SDE) lançou Edital destinado a estimular a produção de máscaras faciais, como uma oportunidade de renda para os 603 empreendimentos que, por sua vez, proveram remunerações para diversas costureiras. Mais de 5 milhões⁹² de máscaras foram produzidas por associações, cooperativas e pequenas empresas de toda a Bahia. A CAR destaca que, desse total, em maio de 2020, mais de 1 milhão de máscaras haviam sido distribuídas pelo Governo do Estado a fim de ajudar a combater a pandemia COVID-19.

⁹¹ O tutorial está disponível em: <https://youtu.be/HswnSJkPfu8>

⁹² Números obtidos no site da CAR: <https://www.car.ba.gov.br/noticias/producao-de-mascaras-por-pequenos-empreendimentos-movimenta-economia-na-bahia> Acesso em: 10/05/2024

O retorno de Margarida às faxinas não foi a única forma para tentar sobreviver. Lotus deu uma sugestão de aproveitamento dos insumos do salão e atenuação das perdas:

Tive muita dó porque não foi só fechar o salão. Algumas coisas foram se perdendo, alguns produtos estavam perdendo a validade. Poxa vida, foi tanto sacrifício para conseguir as coisas. Aí Lotus teve a ideia de mandar zap para vender alguns produtos que estavam aqui. Foi bom porque entrou din-din. A gente percebeu que o povo estava em casa fazendo a beleza sozinha, entendeu? Acho que muita gente estava aprendendo coisa de cabelo no youtube ou não estavam fazendo nada. Também pra quê, né? Ia mostrar para quem se tinha que ficar em casa? A gente conseguiu vender condicionador, máscara capilar... Lotus fez kit de esmaltes e até um dos secadores que eu tinha e uma prancha eu passei adiante. (Margarida, 2023)

A ideia de Lotus para minorar os prejuízos do salão, já fechado, foi muito boa e muito semelhante ao adotado por grandes empresas que precisam fechar as portas. De outro lado, no tocante a outra afirmação de Margarida, um vídeo de uma senhora cortando o cabelo do marido e do filho durante o confinamento teve ampla circulação pelos distintos grupos do aplicativo WhatsApp. Esse vídeo foi uma amostra daquilo trazido por ela. Muita gente decidiu colocar mão na massa e fazer coisas quanto às quais costumavam recorrer a terceiros para executar. De culinária a pequenas reformas, no estilo *faça você mesmo*, assistimos de nossas casas a um sem-fim de vídeos com essas características.

Margarida tem muito mais coisas a dizer e eu poderia fazer um capítulo inteiro dedicado às peripécias dela e de sua filha no puxadinho, mas não dá para colocar tudo nesta escrita e, por essa razão, passo agora a tratar de Ixora:

Ah, foi horrível. Deus me livre. Só Jesus na causa. Eu tive muito medo de pegar essa doença ruim ou alguém aqui da minha casa. Começou a morrer muita gente. Dois tios de Carlos morreram, três vizinhos daqui morreram também. João nosso vizinho era uma pessoa de Deus, se internou e não voltou mais. Muita morte. Parecia o apocalipse. O Pastor disse para a gente não se preocupar e que iria conseguir uns kits para a gente se proteger, mas quando eu via o Jornal Nacional era outra coisa. O culto diminuiu mas não parou não. Mas eu parei de ir porque fiquei com medo. Carlos disse que era bobagem mas me ouviu também e deu um tempo e parou de ir. Ele é medroso para doença. O Presidente ficava falando que era gripe, mas aquele homem eu não dava confiança nele não, mesmo ele sendo cristão. Porque tem cristão e tem cristão, né? Eu duvido que o Jornal Nacional estivesse inventando tudo aquilo de ruim...Bonner ia

inventar aquilo tudo? O povo achando que era cuidada, eu não (Ixora, 2023).

A sensação de estar vivenciando o Apocalipse não se restringiu a Ixora. De alguma forma, muita gente pensou que a humanidade não sairia daquela situação tenebrosa. Foi muita gente percebendo ao lado de todos/as nós. Ixora relatou como a morte, mais do que nunca, esteve bem perto dela.

É relevante destacar que mais uma vez o irresponsável Presidente do país é mencionado, evidenciando como ele foi protagonista do caos – aquele que nunca atuou como coveiro, potencializou a desinformação e lutou ferozmente pelo povo vociferando seu brado tumbante “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Nesse caminho, o jornalismo, trazido aqui pela menção ao Jornal Nacional e por seu jornalista âncora, foi extremamente importante, pois ajudou a descortinar muitas *fake news*, desconstruir discursos (muitos deles de origem religiosa) e conscientizar a população.

A faxina, assim como ocorreu com Margarida, foi uma atividade buscada por Ixora, em função do baixo movimento no seu estabelecimento.

Mas o movimento caiu demais... Conseguí pegar o auxílio do Governo, mas mesmo assim foi difícil. Foi um tempo horrível com Carlos dentro de casa na maioria do tempo. Me estressou demais. Ele arrumou trabalho na pandemia porque teve algumas obras por aqui mas mesmo assim passava muito tempo em casa e isso era ruim demais. Toda hora sujava uma coisa na cozinha, reclamava com os meninos, implicava com as aulas pela internet. A gente brigava muito. Só Jesus na causa! Com o movimento fraco, cheguei a fazer umas quatro ou cinco faxinas que minha cunhada consegui lá em Praia do Forte. Era para uma empresa que alugava casa por internet. Não, na verdade a imobiliária alugava as casas dos donos para outras pessoas pela internet, entendeu? Na verdade eles chamavam de anfitrião que cuidava das casas de outras pessoas que alugavam por internet e teve muita procura na COVID. Era de boa essas faxinas, eu gostei muito, casa sem gente mais fácil de limpar (Ixora, 2023).

Ixora foi a única das interlocutoras que trouxe algo sobre a vida conjugal durante a pandemia. É fato que o confinamento e o distanciamento social geraram um avalanche de emoções na vida dos casais, das famílias. Para Souza, Almeida e Gomes (2022, p. 94), a pandemia provocou um movimento de uma “vida experienciada do lado de fora para uma vida do lado de dentro, ocasionando uma maior convivência entre aqueles que moravam juntos”. Excessivamente conectados,

entre paredes, afundados numa convivência imposta por um vírus, olharam para si e uma série de insatisfações emergiu.

Em razão disso, há indicativos de que a violência doméstica teve um aumento sensível, embora os números não confirmem esse aumento. O Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2020) aponta que esse descompasso nos números se deu em função de que muitas mulheres não apenas foram obrigadas a permanecerem em casa com seus agressores, mas também encontraram ainda mais barreiras no acesso às redes de proteção e aos canais de denúncia. Ixora não relatou nenhum acontecimento extremo, mas depreende-se de sua fala um impacto psicológico gerador de estresse emocional com a presença mais constante do marido em casa.

Além das faxinas, Ixora terminou encontrando uma forma de exercer sua atividade no salão, em função de mais uma vida ceifada pelo malefício viral que nos atingiu:

O rapaz da barbearia ali da frente Seu Raimundo bebia muito, tomava muita cachaça mesmo. A barbearia ficava cheia de homem e, Deus me livre, a gente não sabia se era bar ou barbearia. Ele morreu de COVID. Se internou e também não voltou mais. Ninguém pode ir para o enterro, mas juntaram todos os amigos de bebida dele na frente da barbearia para beber ao defunto, como se fosse uma homenagem. Carlos e Junior foram lá. Não beberam nada, mas foram. Eu estou contando isso porque os vizinhos começaram a me procurar para cortar o cabelo. Sou eu que cortei os pixaim de Carlos, de Junior e de Neto e já tinha atendido alguns homens mas sempre foi pouco. Seu Raimundo pegava os homens todos daqui. Aí isso me salvou, meu muquifo, por uns dois ou três meses. Eu atendia com máscara e só entravam aqui com máscara e limpava as mãos com álcool gel. Carlos vinha ler a Bíblia aqui quando vinha algum homem. Mas que ajudou, ajudou. Eu tive um pouco o que fazer para aliviar a cabeça com tanta gente morrendo (Ixora, 2023).

Ixora explicou que, mesmo com o movimento fraco, ela manteve o salão sempre aberto e o espaço virou um lugar para conversar com os poucos clientes e ouvir músicas de louvor. Ela relatou que chegou a cortar cabelos de algumas crianças de maneira gratuita: “Eu queria fazer sempre alguma coisa e tinha muita gente sem trabalho aqui que não tinha dinheiro para nada”. A última ocorrência que relatou sobre a experiência COVID foi sobre o contágio da doença por seu esposo:

No início de outubro de 2020 que Carlos disse que amanheceu sem sentir cheiro, com febre e dor de cabeça. Criatura, parece que as palavras têm poder, bati na minha boca. Fiquei bem desesperada porque ele tem problema de colesterol e gordura no fígado. Ele tinha que fazer isolamento por vinte dias, né? Mas nossa casa é muito pequena, aí não teve jeito ele teve que fazer isolamento aqui no salão. Sim, aqui no salão. Eu fechei aqui a porta e botei o colchão e arrumei para ele passar o tempo da doença. Rapaz, nunca vi Carlos daquele jeito. O homem ficou com muito medo, só faltou se cagar nas pernas. A gente teve que ficar usando o banheiro da minha cunhada, para deixar esse aqui só para ele. Tive medo dele morrer. O povo fala que é mentira, mas acho que o que salvou ele foi a cloroquina que o pastor conseguiu... e também muito suco de limão e manga e chá de cidreira que a gente tem aqui no fundo. Ele tomou tudo e melhorou, graças a Deus (Ixora, 2023).

Muito interessante a estratégia de utilização do puxadinho como um recinto para o isolamento protocolar, exigido para o tratamento da doença. Mais uma vez, esse relato é uma comprovação de quanto a desinformação sobre a crise sanitária foi danosa no nosso país – a cloroquina, equivocadamente, aparece como salvadora, como o meio de cura para a enfermidade.

É interessante observar como os relatos de Ixora apresentam certa contradição. Ela mostrou que acreditou e acompanhou tudo que estava acontecendo no país, demonstrou confiar nas informações do jornalismo e seguiu os protocolos indicados pelos organismos de saúde. Entretanto, ao mesmo tempo, recorreu a uma medicação objeto de grande polêmica, cuja eficácia foi desconstruída, no esteio científico, pelos telejornais mais sérios. Em concordância com o apontado anteriormente, houve muita confusão nas cabeças das pessoas, oriunda das bizarrices do então governo brasileiro.

Após elencar todos esses fatos e vivências, capítulo que desde que a Organização Mundial da Saúde declarou a crise do corona vírus uma pandemia, houve um enorme impacto nas distintas ramas sociais, em escala planetária. No Brasil, toda a conflagração pandêmica foi acentuada por uma série de malogros conduzidos por um desgovernado executivo nacional.

As interlocutoras desta pesquisa não escapuliram da maléfica realidade e trouxeram à tona todas as peculiaridades e dificuldades que enfrentaram ao navegarem nas águas agitadas da COVID. As falas, os relatos, as narrativas podem ser a representação da situação de diversos outros/outras pequenos e pequenas

empreendedoras. Mais do que isso, podem ser a representação do vivido por milhares de pessoas.

5.5 A SOBREVIVÊNCIA DO NEGÓCIO – MEIOS DE DIVULGAÇÃO DOS SERVIÇOS PRESTADOS NOS PUXADINHOS

A ideia de sobrevivência é comum nas pesquisas sobre empreendedorismo. Órgãos como SEBRAE⁹³ utilizam como o indicativo de tempo de existência e atuação de uma empresa no mercado. Assim, tem-se como foco de diversas análises a categoria *tакса de sobrevivência*. Nesse esteio, diversas ferramentas de gestão são apontadas como meios de evitar a mortalidade dos empreendimentos. Dentre essas ferramentas, está a preocupação com ações, técnicas e estratégias de divulgação elaboradas ou contratadas e pagas por quem empreende. Elas são executadas a partir das mídias disponíveis no mercado e adequadas à capacidade de investir de cada empreendedor/a.

No âmbito do empreendedorismo cacete-armado, há que se considerar que os recursos são parcos ou inexistentes. Entretanto, observa-se que, apesar das vulnerabilidades dos empreendimentos, as interlocutoras reconhecem, de alguma maneira, que divulgar os serviços que prestam é algo importante. Nesta seção trataremos de algumas ferramentas identificadas no campo e empregadas como forma de divulgar os puxadinhos.

5.5.1 A importância das relações estabelecidas na esfera da religião

Não é o foco maior deste tópico, mas não poderia deixar de começar falando sobre algumas questões teóricas sobre a relação entre orientação religiosa e atividade empreendedora. Tal relação permanece confusa e minguada na teoria, em parte devido à complexidade das interações subjacentes – a bagunça crítica do empreendedorismo (Gartner, 2006), conforme já apresentada aqui.

Max Weber talvez tenha sido o primeiro a se debruçar sobre os elos existentes entre empreendedorismo e religião. Em a “Ética Protestante” (2002),

⁹³ Ver em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/a-taxa-de-sobrevivencia-das-empresas-no-brasil,d5147a3a415f5810VgnVCM1000001b00320aRCRD>

Weber fez um delineamento do tipo ideal de conduta religiosa que contribuiu decisivamente para o desenvolvimento do capitalismo. Ele mostrou os ascetismo intramundano dos puritanos que terminou por engendrar o espírito do capitalismo, produzindo empresários (empreendedores) e trabalhadores/as para a consolidação de uma nova ordem social voltada para uma economia produtiva.

Apesar da pouca atenção na literatura, conforme pontuam alguns autores (Dana, 2010; Candland, 2001; Galbraith e Galbraith, 2007; Rietveld; Burg, 2013; Griebel: Park; Neubert, 2014 apud Corrêa e Vale, 2016), mais acentuadamente no contexto brasileiro (Serafim,; Mater: rodrigues, 2012), os poucos estudos existentes apontam para o importante papel da comunidade religiosa no impulsionamento do empreendedorismo (Shumba; 2015; Nwankeo; Gbadamos , 2012; Correa; Vale, 2016; Correa, 2017).

Tanto Victor Shumba (2015) no contexto do Zimbabaue, Nwankwo e Gbadamosi (2012) no Reino Unido e Correa e Vale (2016) e Correa (2017) no Brasil, perceberam esforços deliberados de diferentes grupos religiosos para estimular atividades empreendedoras numa intrincada conexão entre religião e a busca por oportunidades econômicas. Vale ressaltar que Victor Correa vem se dedicando mais às organizações religiosas enquanto redes sociais.

Não me aterei a esse debate sobre as igrejas especificamente porque merecem uma atenção pormenorizada, um outro trabalho, talvez um artigo. Fato é que não poderia deixar de fazer essa introdução mais genérica sobre ao assunto, principalmente em razão da constatada, e até mesmo desmedida, proliferação de igrejas no nosso país. Todavia, o foco aqui é o como a vida comunitária na igreja termina por contribuir de alguma forma para o surgimento e manutenção dos puxadinhos, no âmbito do empreendedorismo cacete-armado.

Das minhas interlocutoras, Ixora foi a que mais trouxe relato sobre a sua convivência na igreja e a importância da divulgação de seu puxadinho. Margarida, apesar de ter citado a importância da religião em sua vida e do contato com as irmãs Testemunhas de Jeová, declarou que andava um pouco afastada dos cultos e da pregação. Buganville se declarou cristã, mas alegou que não frequentava nada e Jasmim se declarou católica, mas que não era assim tão praticante.

Ixora tem um histórico de ser oriunda de outra cidade e, de fato, precisou de muita ajuda para se estabelecer na região de Barra do Pojuca. Entretanto, a

importância da vida em comunidade religiosa é anterior, ainda da cidade de São Gonçalo, de onde veio. Primeiro aspecto a se destacar é o fato de que conheceu seu marido na igreja evangélica que frequentava. Houve uma pressão do pastor para que se casasse em razão de ter ficado grávida.

Merece destaque como sua mãe, uma senhorinha “matuta” (definição de Ixora), de muita luta na roça, pensou diferente e demonstrou não sucumbir aos ditames sociais de lastro hétero-patriarcal. Elucido:

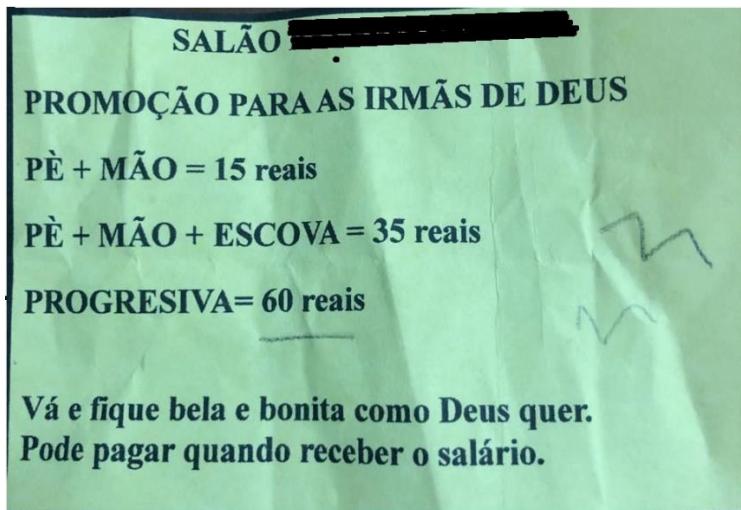
Eu quase me formei, quase tirei o segundo grau.... Tirei o primeiro ano do segundo grau. Eu queria trabalhar... **conheci meu esposo na igreja**.... a gente começou a querer casar...aí, peguei barriga do meu filho mais velho...o **pastor disse que a gente tinha que casar**. A gente teve que casar logo porque a barriga começou a crescer. **Minha mãe chegou a dizer que eu só casava se quisesse, mas Carlos, meu pai e o pastor cobravam muito**. Carlos se mudou lá para casa. Os homens da casa improvisaram um quarto, um puxadinho como você disse (Ixora, 2023 – grifo meu).

Quando se mudou para Barra do Pojuca, Ixora logo começou a frequentar uma igreja evangélica perto de sua casa e quando abriu o salão, após fazer muitas faxinas e ter a experiência de trabalhar no mercadinho, ela relata que o Pastor e outras irmãs da igreja ajudaram ela na divulgação do empreendimento. Segundo ela, foi ideia do seu Pastor que ela fizesse promoções para as mulheres da igreja:

Ele falava sempre durante os cultos. Falava da mercearia de um irmão, falava do irmão que consertava eletrodomésticos, do dono da loja de internet... da *lan-house*. Falou que eu era certificada pelo Embelleze que se fosse mulher iria lá. Ele falou para eu fazer uma propaganda escrita e dar as irmãs. Pera, que acho que ainda tenho uma aqui. Aqui, foi Junior que fez para mim e mandou imprimir e eu distribui. Teve irmã que veio, viu? E ficou conhecendo meu trabalho. A notícia correu e me ajudou muito (Ixora, 2023).

Ixora me deu uma das amostras da divulgação que costumava fazer na igreja:

Figura 32 – Panfleto Salão Ixora



Fonte: Cedida pela interlocutora

Ixora explica que periodicamente lança promoções para as irmãs da igreja e ressalta que o pastor dedica um momento do culto para falar das ações e empreendimentos de seus seguidores. Percebe-se que há uma espécie de incentivo a um movimento econômico entre os congregados. Essa promoção descrita no panfleto, como se pode ver, é específica para a comunidade religiosa. Chama a atenção à estratégia de combo, a qual vou chamar de combo da beleza como fazem grandes empresas, o apelo ao Divino (o Deus que valoriza o belo, a bela) e a relação de confiança estabelecida ao aceitar que se pague depois, com o recebimento do salário. Ixora explica:

Oxe, quem não vende fiado⁹⁴? Se não der facilidade aí é pior porque ninguém vem, né? Com as irmãs isso não tem problema não. Gente de Deus, gente de confiança. Mas eu já disse que não faço serviço só para as clientes da minha igreja. Já atendi gente de fora de Barra do Pojuca, até gente do estrangeiro. Acredite (Ixora, 2023).

Pergunto a Ixora se a estratégia usada por ela (distribuir panfletos) realmente serviu de propaganda, de divulgação de seu empreendimento. E ela elucida:

⁹⁴ A relação de confiança, embutia na postergação do pagamento pelo serviço, é uma forma reiterada de sobrevivência do negócio que pequenos/as empreendedores/as utilizam. No questionário aplicado pelo Grupo Enlace nas experiências etnográficas em Camaçari, mostrado no capítulo metodológico, uma das perguntas que trata dos principais problemas enfrentados no estabelecimento tem como possibilidade de resposta “vender fiado”.

Claro! Principalmente no início. A ajuda do Pastor foi muito importante. A ideia dele ajudou muito e eu gostei. De tempo em tempo eu faço para o pessoal. Algumas pessoas chegam aqui com os papéis na mão. E tem gente que não é da Igreja, que alguém da igreja passou. Quando acontece, eu deixo o mesmo preço que faço para irmãs porque senão fica ruim para mim (Ixora, 2023).

Conforme visto no artigo de Correa (2017) a fim de sobreviver e se destacar no contexto religioso do nosso país, pastores evangélicos passaram a atuar de maneira ativa, profissional e empreendedora (Mariano, 2013) e isso inclui também o impulsionamento de novos empreendimentos por parte de integrantes da congregação como ficou evidente na fala de Ixora.

Há diversas intervenções por parte dos pastores e a estratégia se expande mundo afora. Destas intervenções, há destaque para a educação empreendedora, a criação de redes sociais, o evangelho da prosperidade, seminários sobre empreendedorismo e modelos de atuação, aconselhamento sobre negócios, divulgação dos negócios dos fiéis, entre uma série de outras contribuições (Shumba, 2017). Estes aspectos coadunam com o encontrado no campo.

A flor Margarida, apesar de não ter fornecido tantos detalhes sobre o assunto, se refere muito às irmãs Testemunhas de Jeová e relatou alguns benefícios que tem ou teve por pertencer a este grupo religioso. Talvez isso possa ficar mais explícito adiante, quando ela relata especificidades do tratamento de beleza dado as irmãs que professam a mesma fé que ela.

A conclusão a que chego é que a igreja, enquanto grupo, se tornou uma força significativa no fomento de pequenos empreendimentos e no incentivo ao empreendedorismo entre integrantes da comunidade de contextos específicos.

5.5.2 O boca a boca

A propaganda boca a boca se tornou tão relevante que virou foco de atenção de diversos estudiosos da área de marketing (Harris, 1998; Rosen, 2000; SilvermanIL, 2001; Weiss, 2001; Brown et al., 2005; Kozinets et al. 2010; Loureiro;

Cavaleiro; Miranda, 2018) e evoluiu tanto a ponto de existir centros de investigação destinados a essa estratégia em alguns países⁹⁵.

O campo teórico da área de marketing, publicidade e propaganda, aponta que o boca a boca é uma interação consumidor-consumidor que tem sido o centro da discussão entre os autores que pesquisam nesta área, visto que se trata de uma forma altamente crível de informação (Huang; Li, 2018). De acordo com Weiss (2011), o boca a boca é mais influente e muito mais utilizado nos mercados em desenvolvimento do mundo e a crença subjacente é que a comunicação boca a boca pode influenciar significativamente a decisão de compra ou escolha por determinado serviço do consumidor, não importando a capacidade econômica de quem compra/escolhe, nem a de quem oferece o produto/serviço.

A origem do boca a boca é bastante informal e popular. Nasceu da espontaneidade, com um caráter de conselho informal partilhado entre pessoas que consumiram ou usaram um dado produto ou serviço (Ifie et al., 2018) e pode ter cunho positivo ou negativo. No esteio da prestação de serviços, o boca a boca se mostrou uma ferramenta utilíssima para a estratégia de divulgação.

Margarida sinaliza que antes de abrir o salão de beleza dela, as pessoas já sabiam que ela “entendia de cabelo”. Ela mesma começou a falar com algumas pessoas vizinhas que estava aprendendo muitas coisas em seu trabalho num spa da região de Sauípe.

Como já te falei, o começo foi bem difícil. Minha amiga Azaleia me ajudou muito. Mas comecei fazendo os cabelos de algumas pessoas aqui em casa mesmo ou ia na casa delas. Fiz escova grátis para algumas vizinhas e elas foram espalhando. Quando fui demitida lá de Sauípe e abri meu cantinho já tinha umas clientes fixas e elas mesmas foram espalhando mais ainda. Depois eu pintei nome no salão e até mulher de barão vem aqui (Margarida, 2023).

Em uma das visitas que fiz à Margarida, ainda nas experiências etnográficas do Grupo Enlace, ela estava atendendo uma cliente que me interpelou e falou: “Ela é muito boa; só trato meu cabelo com ela!” Margarida sinaliza que por vezes pediu a suas vizinhas que falassem sobre o trabalho dela e indicassem seu salão num movimento de impulsionamento do boca a boca:

⁹⁵ Nos Estados Unidos, por exemplo, existe uma Associação dedicada ao assunto (WOMMA – American Word of Mouth Association).

Eu trato minhas clientes muito bem. Tá vendo aqui? Sempre tem uma balinha um cafezinho fresquinho para eu oferecer. Aí sempre peço ajuda, sempre peço para me indicarem. Eu atendo qualquer pessoa e trato todo mundo bem. Aqui pra nós, atendo até mulher e filha de traficante que veio me procurar porque sabiam que eu trabalho bem. Eu sou cristã, mas atendo todo mundo que me procura. Também como eu vou dizer não a essa gente do tráfico aqui de Jauá? Deus é mais! Só Jesus na causa.(Margarida, 2023)

Jasmim sinaliza que a divulgação boca a boca sempre foi o pilar de surgimento do restaurante de sua mãe:

Eu não sei exatamente como foi... Eu não lembro direito, mas as pessoas ficavam sabendo de boca que minha mãe cozinhava. Aí vinham médicos, engenheiros, pessoas que estavam trabalhando na construção da Estrada do Coco. Esse movimento começou de forma bem espontânea mesmo. Talvez muita gente tenha ficado sabendo pelas conversas com meu pai porque ele tinha uma venda e falava muito. Só sei que a coisa se espalhou (Jasmin, 2023).

Jasmim esclarece que ainda na atualidade, com ela à frente do restaurante, a propaganda boca a boca ainda é uma ferramenta forte de divulgação, apesar de já ter outros meios, como a plataforma Instagram:

Muita gente ainda vem aqui por indicação. Muita gente vem lá de Guarajuba, muitos turistas, porque ficam sabendo da qualidade da comida. Muitas pessoas amigas, colegas de trabalho indicam aqui como um lugar de boa comida. Esses eventos aí da UNEB é um exemplo. Tudo indicação de quem provou e gostou. Temos Instagram para divulgar, mas uso quase nada. A boca das pessoas tem mais eficiência para mim (Jasmim, 2023).

Quando perguntei à Rosa sobre o assunto, transpareceu que ela desconhecia ou não tinha intimidade com outra forma de divulgar o seu estabelecimento e serviços. Ela afirmou que as pessoas foram gostando e falando, falando, falando:

Eu sempre contei com a ajuda de anjos na minha vida. Muitas pessoas me ajudaram. Sou abençoada. É de boca mesmo. Um vai passando por outro. Uma pessoa que gosta da minha comida vai falando para outra pessoa. Tem gente que arranjou para eu fazer festa. Uma vez fiz uma festa bem grande com meus salgados praticamente sozinha. Essa coisa de Facebook e Instagram não sei fazer e meus filhos não ajudam. Minha sobrinha até já começou, mas essa criatura é bem difícil. É melhor a boca de quem come, minha filha. Até quando teve o incêndio todo mundo ficou sabendo e veio me oferecer ajuda. Lá na igreja me ajudaram muito, muito mesmo (Rosa, 2022).

Rosa explica ainda que, certa vez, foi procurada pela equipe de um jornalzinho de propaganda de serviços do bairro, para fazer um anúncio de seu estabelecimento. Para ela, a experiência não trouxe retorno nenhum: “Não adiantou nada. Só fiz gastar dinheiro. Sabe como eu sei? Ninguém chegou aqui pedindo o desconto que foi dado” (Rosa, 2022).

“A boca das pessoas tem mais eficiência para mim”(Jasmim, 2023). “É melhor a boca de quem come, minha filha” (Rosa, 2022). A *boca* como meio de divulgação de um serviço prestado que tem a *boca* como protagonista. As frases saíram espontaneamente das *bocas* das duas interlocutoras e acho que nem perceberam a beleza linguística inerente. Não poderia me furtar de tecer este comentário.

Retomo. No caso de Ixora, ela relembra que, ainda como trabalhadora doméstica em São Gonçalo, experimentou uma forma de boca a boca da boa qualidade de seu serviço:

Quando fui trabalhar em casa de família, as patroas gostavam de mim. Dona Helena e Dona Rita falavam bem de mim para as pessoas, porque eu fazia o trabalho certo. Muita gente queria que eu fosse trabalhar na casa delas. Correu a cidade. Eu dava muito duro. Meu Jesus! Foi por ser boa que tive a oportunidade de fazer limpeza no salão de Dona Marilucia e Deus me ajudou a aprender muita coisa lá (Ixora, 2023).

Sobre o seu salão de beleza, Ixora comenta que a estratégia do boca a boca foi muito importante para ela, principalmente porque ela veio de outro lugar. Conta que o pessoal da igreja ajudou muito nesse processo:

Eu já falei um pouco disso. Quando decidi abrir o salão... na verdade comecei antes fazendo coisas de beleza... ninguém aqui botava muita fé que não me conheciam direito, né? Aí quando não tinha faxina eu comecei a fazer algumas coisas de graça e as pessoas gostavam. Fiz coisas para as vizinhas e as irmãs da igreja. O Pastor me ajudou muito. Aí a notícia correu. As pessoas foram espalhando. Melhorou quando fiz curso no Embelleze, sabe? As pessoas respeitam certificados. Já veio umas três clientes de Itacimirim, sabia? Botaram os carrões aqui na porta do meu muquifo (risos)... ficou todo mundo olhando. E uma vez veio um gringo aqui cheio de mochila, suado, fedorento que só. Não entendi direito o que falou, mas ele fez o gesto de cortar o cabelo...ficou fazendo assim... (risos)... Aí cortei aquele cabelo tão lisinho que parecia uma seda. Parece que ele gostou muito porque fez esse sinal assim. Acho que é legal na língua dele... e me deu cinquenta reais. Adorei. E é isso. Muita gente me conhece daqui, mesmo aqui já sendo fora do centro

de Barra. Até a Tiririca⁹⁶ acho que me conhecem porque vem gente de lá (Ixora, 2023).

Como já sinalizado anteriormente, a propaganda boca a boca é algo fundamental para os pequenos empreendimentos. Vale retomar pontos da literatura que cuida do assunto para complementar a discussão.

No campo teórico do marketing, mais especificamente, da propaganda boca a boca, há merecido destaque à atenção dada aos empreendimentos que oferecem comida (Namin, 2017; Konuk, 2019; Bahauddin; Wei; Mantihal, 2020; Zhang *et al.*, 2021). Nos trabalhos desses autores está demarcado como o a experiência humana valoriza muito o pão, o de comer, o alimento – valorização justificadíssima visto que se trata da garantia da existência humana.

Bahauddin, Wei e Mantihal (2020) apontam que a comida, para além da necessidade orgânica, tem uma questão carregada de sinestesias, de emoções, que encontram conforto na boa qualidade do que é servido. Características como aparência, aroma, sabor, textura, equilíbrio e temperatura despertam forte atração na pessoa que vai comer. Além disso, as pesquisas apontam que a limpeza e a salubridade são fundamentais para quem trabalha com esse serviço (Konuk, 2019).

Entretanto, nas veredas do empreendedorismo cacete-armado, a qualidade da comida importa muito; limpeza e salubridade importam menos, como já evidente em outros debates deste texto. O prazer e a necessidade do bom comer se sobrepõem a exigências que, para muitos, são meros caprichos, totalmente dispensáveis ante o protagonismo de uma comida bem-feita. No boca a boca, a boca que fala, que recomenda, que indica, desperta a água na boca de quem ouve, e este último ou esta última não se importa com os devaneios da aparência. No país dos botecos e no estado dos puxadinhos, são preparadas iguarias que podem deixar os mais sofisticados restaurantes com muita inveja – a moqueca de Jasmim e a torta salgada de Rosa que o digam.

Por sua vez, o embelezar-se é o outro alimento importante, é o pão que nutre a alma. Imagino que quando a grande empreendedora e criadora Helena Rubinstein abriu o primeiro salão do mundo, lá pelos idos iniciais do século XX, não pensou que sua proposta de criar um lugar específico para a busca da beleza se tornasse algo

⁹⁶ Tiririca é uma localidade pequena que fica a aproximadamente oito quilômetros de Barra do Pojuca.

tão popular e importante. Atribui-se à Rubinstein uma das frases mais emblemáticas do segmento, a de que *não existe mulher feia, apenas mal-cuidada*⁹⁷. Tidos para muitas como essenciais para a elevação da autoestima, os salões são também atacados por serem tidos como o forno de modelagem dos padrões de beleza impostos por uma sociedade heteropatriarcal. Não adentro neste debate.

No âmbito desta pesquisa, foi interessante ver como as mulheres evangélicas e/ou as testemunhas de Jeová buscam os salões para se apetrecharem menos pelos padrões hegemônicos e mais em atenção às perspectivas dos grupos sociais às quais pertencem (é bem verdade que não deixam de existir pressões e cobranças amparadas naquilo que se espera das mulheres). De modo geral, é fácil identificarmos uma seguidora da religião Testemunha de Jeová, por exemplo. Além de saírem para pregar sua crença, no mínimo em dupla, há a questão da indumentária, a bíblia, exemplares da Sentinela na mão.

É muito interessante perceber o cuidado estético que há principalmente com o cabelo, as unhas, a leve e sóbria maquiagem. O embelezar-se tem esse movimento de despertar sentimentos, contemplações reverenciais (por vezes silenciosas), mas que se fura de uma definição única e objetiva (Teixeira, 2008). Eu, particularmente, já conversei com muitas mulheres dessa religião e, inclusive, tive uma assistente professadora desta fé. Vejo um embelezar-se vaidoso, mas contido. Tenho muita curiosidade pela religião, menos pela semântica e pelo dogma, mais pelo fato de ter muitas pessoas negras. Retomo uma fala de Margarida:

Atender uma irmã da congregação é diferente porque é tudo mais, mais.... como é que eu digo?...menos chamativo, entende como é? Elas fazem muita chapinha, escova progressiva. Tem que tá na dose certa, entendeu? São minhas maiores clientes e uma me indica para a outra. Uma vez teve um encontro grande de dois dias num hotel no centro de Camaçari, aquele hotel grande perto da prefeitura e minha missão foi fazer os cabelos das irmãs. Foi muito bom para mim. Agora que você perguntou eu realmente não me lembro...ainda não vi uma irmã com cabelo black assim da moda (Margarida, 2023).

⁹⁷ Embora apareça em muitos sites do universo *googliano*, não foi possível comprovar a veracidade da autoria. Numa matéria da Revista Veja on-line de abril de 2020, aparece a versão *não existem mulheres feias, apenas mulheres preguiçosas*. (Veja on-line: <https://veja.abril.com.br/coluna/impacto/as-mulheres-reinventam-um-novo-modo-de-autoestima-em-tempos-de-isolamento>)

Pois, bem! Diferentemente do impulsionamento que envolve o boca a boca para os restaurantes, no caso salão de beleza, há outras nuances porque busca-se saciar a fome de autoestima, de boa imagem, de beleza e de vaidade que podem parecer questões secundárias ante a fome de alimento real, mas não são desimportantes⁹⁸. Em termos estratégia de divulgação, é a mesma lógica – recomenda-se aquilo que se gosta.

Para Buganville, a mais jovem das minhas interlocutoras, o boca a boca é superimportante, porém ela sinaliza que faz muito uso do Instagram e do WhatsApp para impulsionar o serviço que oferece:

Assim... as indicações são mega importantes, mas eu dou uma forcinha. O boca a boca tem peso. Olha aqui, não tem placa nenhuma e essa rua é bem pequena e longe de tudo e as pessoas vem aqui. Eu sei que um salão como este feito de paletes pode ter gente que vá desconfiar, mas tem muita gente que vem porque ficou sabendo do meu trabalho. Esse bar aqui em frente ajuda um pouco porque os homens vem beber e falam para as mulheres, mas eu dou uma força divulgando minhas coisas nos grupos do zap que faço parte. Fiz um Instagram só do salão. E tenho o meu também e posto algumas coisas que faço e as roupas que vendo (Buganville, 2023).

Um aspecto importante que está inerente ao boca a boca é a reputação. Apesar dessa vinculação carregada de obviedade, na literatura específica pouca coisa foi encontrada. A reputação tem relação com a percepção que uma comunidade tem sobre um prestador ou prestadora de serviço e está mergulhada numa prática de integração entre pessoas, criando vivências por um período maior (Bueno, 2009).

Nesse sentido, a reputação é a síntese de vários contatos e leituras que são desenvolvidas ao longo do tempo. Nas falas das interlocutoras, ficou evidente em diversos momentos que a reputação exerce influência na aquisição e fidelização de clientela. Rosa foi uma das que mencionou a questão da reputação:

As pessoas aqui já me conhecem. Conheço muita gente, muita gente mesmo. Tem gente que vem aqui atrás de mim para comprar meus salgados, gente bem de vida, gente de Guarajuba, de Praia do Forte.

⁹⁸ Segundo o SEBRAE (2023) há, no Brasil, 1.331.826 atividades relacionadas a negócios de beleza, o que inclui os setores de serviço, indústria e comércio. Deste total, a maior parte se concentra nos serviços de beleza registrados nos CNAEs 9602-5/01 que englobam as atividades de cabeleireiros, manicure e pedicure.

Tenho que cuidar da minha imagem porque as pessoas confiam em mim porque eu acho que faço tudo direitinho e tenho que continuar fazendo assim para conseguir mais clientes e continuar com quem já gosta (Rosa, 2023).

Embora tenha utilizado a palavra imagem, Rosa está na semântica da reputação. São termos que as pessoas geralmente confundem. A imagem tem muito mais relação com o conceito de *si (self)* das pessoas e é formada e modificada em parte pelo modo como elas acreditam que as outras pessoas as veem (Dutton; Dukerich, 1991). Em outras palavras, a imagem tem muito a ver com a projeção de si em função da avaliação feita sobre o que outras pessoas pensam dela e a reputação descreve atributos relacionados a uma pessoa num jogo de fora para dentro (Forbrun; Shanley, 1990; Weigelt; Camerer, 1988).

O que ficou evidente é que, na seara dos pequenos empreendimentos das nossas colaboradoras, o boca a boca é crucial e vital. Se existe uma característica forte de divulgação de um estabelecimento cacete-armado, com certeza, é a propaganda boca a boca. Parecem um feito para o outro.

5.5.3 As plataformas e aplicativos de relacionamento e compartilhamento de informação

Para além do boca a boca e de seus elementos constitutivos discutidos aqui, as plataformas digitais e de relacionamento e alguns aplicativos de massa têm tido um peso grande para pequenos empreendimentos e isso se alinha aos dados crescentes sobre o uso da internet no Brasil. De acordo com o *Digital Report* (2024), em seu último boletim, datado de janeiro, há no nosso país 187,9 milhões de usuários de internet, o que equivale a 86,6% da população total. Os números mostram que há 144 milhões de identidades ativas de usuários de rede social digital no Brasil, número equivalente a 66,3% da população.

É no crescente e, cada vez mais essencial, uso da internet que surgiu o Instagram. A plataforma de interação, que foi criada no ano de 2010 pelo estadunidense Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger, é a rede social que mais vem crescendo no país, em termos de números de usuários. Pensado inicialmente para o compartilhamento de fotos e pequenos vídeos com amigos, colegas e familiares, o Instagram foi abocanhado de forma voraz pelo capital que

nada dispensa e foi vendido para o Facebook em 2012, numa transação financeira estratosférica. O Digital Report (2024) afirma que a plataforma tem mais de 1,3 bilhões de usuários em todo o mundo. No Brasil, são 134,6 milhões de usuários (contra 111,3 milhões do *Facebook*).

Como toda a plataforma de relacionamento, o Instagram passou por uma virada impulsionada pelas forças neoliberais. Hoje, a ideia contida em sua própria definição “uma forma divertida e diferente de compartilhar a vida com amigos através de imagens” (Instagram, 2020) sofreu drástico cambio. Nesse sentido, a grandeza do Instagram e a influência que sofre do mercado podem ser constatadas pelo número de anúncios publicados de empresas de diversos segmentos na plataforma. Somente entre outubro de 2023 e janeiro de 2024, houve um incremento de 12 milhões de anúncios no Instagram Brasil (Digital Report, 2024). De fato, a plataforma se tornou uma grande vitrine. Atualmente, é difícil encontrar uma empresa que não tenha perfil nesse ambiente.

O Insta, como está popularmente sendo chamado no Brasil, funciona através de um algoritmo que é controlado pela plataforma, de modo que ao usuário cheguem conteúdos mais relevantes, segundo a experiência e interesse de consumo (Freitas; Borges; Rios, 2016). A facilidade de acesso e manuseio (basta um aparelho celular conectado à internet) fez com que o Instagram se tornasse altamente popular entre os pequenos empreendedores e empreendedoras.

Margarida, apesar de ser usuária ativa do *Youtube*, se queixou de não ter muita intimidade com a plataforma:

Eu não sei usar o Insta. Fico dependendo de minha filha para muitas coisas dessas aí. Foi ela que me ensinou a usar o *Youtube*. Algumas clientes já perguntaram porque não faço um Insta. Lótus⁹⁹ me disse que ia fazer, mas é porque ela disse que a câmera tem que ser boa e que era melhor comprar um celular novo. As vezes ela coloca coisas no Insta dela. Já botou cabelo escovado por mim, de uma cliente, assim pegando por trás. Ela coloca as unhas que ela faz também. Queria saber usar porque todo mundo pergunta, né? Poderia ter mais clientes. Minha amiga Azaleia tinha. Sinto muita dor ao lembrar dela (Margarida, 2023).

⁹⁹ Nome fictício para a filha de Margarida.

Ela demonstra ter desejo de usar a plataforma, em virtude de reconhecê-la como importante para o serviço que oferece. Na verdade, há um lamento no discurso de Margarida. Quando ela diz que todo mundo pergunta, está nessa inter-relação o neoliberalismo como racionalidade atual do empreendedorismo, em seus diversos níveis e possibilidades.

O neoliberalismo faz isso ao orientar práticas e condutas e ao fabricar necessidades, ânsias e desejos diversos (Dardot; Laval, 2016). No estágio atual do empreendedorismo, o uso dessas ferramentas se torna quase condição *sine qua non* para a existência de negócios. O acesso à rede social se apresenta como essencial à vida de pequenos empreendedores, incluindo o cacete-armado.

Ixora também reconhece as redes sociais on-line como importantes para a divulgação de seu salão e da mesma forma expressa o desejo de ser usuária da plataforma. Todavia ela não possui conta em virtude de outra questão:

Carlos acha que não é bom para mim. Ele disse que mulher direita não anda se exibindo nessas coisas de Face e Insta. Tentei falar várias vezes, mas ele acha que não e achei melhor obedecer. Meu filho tem Insta e fica fazendo pose, já botou foto sem camisa... hum, ai, ai. Só Jesus na causa! Só fala em postar. Já reclamamos com ele. Minha filha que fica vigiando ele. Tem mais, várias irmãs da igreja tem Insta. Várias clientes já perguntaram ‘Você tem insta para eu te seguir?’, ‘Você tem insta do seu salão?’ Eu queria e acho que ia ser uma propaganda boa (Ixora, 2023).

A realidade de Ixora é uma amostra de como as mulheres que se dedicam ao empreendedorismo ainda encontram desafios cuja origem está no pilar das desigualdades sociais de gênero. A atividade empreendedora de Ixora no puxadinho, anexo ao lar, sob a vigilância do marido (não só do marido, também do filho jovem corpo-patriarca) é também um espaço de conflito, que grita em silêncio, ante a percepção dela quanto à ordem patriarcal existente. Trata-se aqui de uma coisa simples – uma conta na rede social Instagram – que poderia de fato trazer benefícios para o pequeno e vulnerável empreendimento.

A experiência empreendedora poderia representar um processo emancipatório, principalmente para mulheres de classes mais humildes. Contudo, o que se constata, a partir da realidade de Ixora, é que o empreendedorismo feminino ocorre num esteio de luta e resistência à dominação masculina e, muitas vezes,

sucumbe aos atravessamentos patriarcais historicamente impostos. O empreendedorismo cacete-armado não escapa desse processo.

Jasmim já havia declarado que, apesar de reconhecer a importância da plataforma social e, a despeito de ter uma conta específica para o seu restaurante, não é uma usuária assídua.

Figura 33 – Instagram Restaurante da Pétala



Fonte: Print próprio a partir da Plataforma Instagram

Entretanto, na conta Instagram do Pétala (que conta com 455 seguidores/as), há uma série de fotos que mostram, de alguma forma, a dedicação de Jasmim com a produção de conteúdo de valor para seus seguidores e seguidoras que terminam, de alguma forma, valorizando o seu puxadinho. A estratégia empregada por Jasmim extrapola a ideia de somente mostrar o seu principal produto – a comida. Ela busca uma aproximação maior com seu público (seguidores/as) ao mostrar sua equipe, o que resulta em mais humanização à conta do restaurante. Há ainda uma mostra e incentivo de uso do seu espaço para outras finalidades, como confraternizações, mostrando a inovação da proprietária. Há um notado mitemismo da atuação das grandes corporações num contexto muito mais simples.

Buganville, minha interlocutora da chamada geração Z, tem a habilidade natural para questões digitais e demonstra não conseguir vislumbrar um

estabelecimento, por mais simples que seja, sem as redes sociais do universo online:

Claro, claro. Tenho sim! Quem não tem nos dias de hoje? Quem é prestador precisa dar conta do corre que faz. Eu aqui com meu paletes posto tudo que faço. Tenho uma conta minha, pessoal e tenho uma conta para o meu salão. Quase sempre eu mesma sou a primeira a curtir o que posto no Insta do salão, entende como é? Peço também às minhas amigas e pessoas da família para curtirem porque gera engajamento. As curtidas valem muito (Buganville, 2023).

No Instagram de Buganville há uma intensa produção de conteúdo direcionada aos seus 566 seguidores. Muitos vídeos e muitas fotos o que mostra a facilidade de manejo que tem. Ademais, o seu conhecimento é tanto que o vocabulário específico da ferramenta (palavras como engajamento, *stories*, *reels*) é usado com naturalidade por ela.

Figura 34 – Instagram do Salão de Buganville



Fonte: Print próprio a partir da Plataforma Instagram

No Instagram, Buganville destaca o ponto forte de seu estabelecimento: unhas e sobrancelhas. Ela oferece outros serviços como escova, corte, progressiva e maquiagem. Porém, afirma que unhas e sobrancelhas formam o carro chefe de seu salão puxadinho. Merecem comentários a estratégia do antes e depois e o destaque que dá ao público masculino numa estratégia de atração desse público que, geralmente, prefere frequentar barbearias; e a estratégia, do brinde, do mimo aos clientes num planejado gesto de fidelização. Eis que mais uma vez vejo o

mimetismo das ações de marketing de grandes empresas, algo que, para mim, é muito interessante principalmente ante a simplicidade do empreendimento.

Sobre Rosa, ela havia se queixado da sobrinha que ficou de fazer uma conta na plataforma Instagram para ela. Em outro momento de nosso encontro, ela trouxe que a conta existe: “Fizeram um Insta para mim...olha aqui essa foto”. Fui à conta para observar.

Figura 35 – Instagram do Restaurante de Rosa



Fonte: Print próprio a partir da Plataforma Instagram

O Instagram do restaurante de Rosa existe desde o ano de 2021. Entretanto, ante a falta de habilidade no manejo da plataforma e, na impossibilidade de designar uma pessoa só para cuidar disso, como fazem a maioria das empresas, Rosa não tem nenhuma publicação de seu estabelecimento. Ela chegou a declarar que não entendia nada sobre o assunto: “Ah essas coisas são difíceis, abençoada. Minha sobrinha começou a fazer. Não entendo nada disso aí, mas eu sei do zap” (Rosa, 2022). Senti também uma falta de crença em seu discurso no sentido de desacreditar que a ferramenta poderia lhe trazer algum benefício para o seu puxadinho.

Por fim, no amparo do *last but not least*, temos o aplicativo WhatsApp. Segundo dados da Statista¹⁰⁰ (2024), que é uma plataforma global de dados semelhante ao *Digital Report*, fora da Ásia, o Brasil é o maior mercado do WhatsApp, o terceiro maior do mundo, e acumula cerca de 147,21 milhões de usuários no país, representando mais de 90% da população como usuários.

O Brasil representa, sem surpresa, 54% da base de usuários no subcontinente sul-americano – o maior da América Latina (STATISTA, 2024). Há uma previsão de que o número de usuários do WhatsApp no Brasil aumente continuamente entre 2024 e 2029 em um total de dois milhões de usuários (+1,35 por cento). Após o nono ano consecutivo de aumento, estima-se que a base de usuários do WhatsApp atinja 149,71 milhões de usuários e, portanto, um novo pico em 2029 (STATISTA, 2024).

O WhatsApp é integrante da vida dos brasileiros e brasileiras, conforme dados supracitados. Tornou-se um aplicativo tão presente que ganhou um apelido com denotação de humor e carinho bem ao estilo brasileiro, o *zap-zap*, e deste apelido já se escuta das bocas adolescentes o neo-verbo *zapear*. O amor dos brasileiros pelo WhatsApp fez com que o aplicativo se tornasse praticamente onipresente, extrapolando as fronteiras da comunicação pessoal.

O zap se converteu em ferramenta de divulgação, dentre tantas outras funções, para pequenos empreendimentos, principalmente. Vale destacar que no ano de 2023, o Supremo Tribunal Federal autorizou que o WhatsApp passasse a operar pagamentos junto a instituições financeiras, como bancos, cartões de crédito e cooperativas.

O WhatsApp é a ferramenta utilizada, em maior ou menor grau, por todas as interlocutoras desta pesquisa. Todas utilizam, de alguma forma, para o benefício de seus puxadinhos. A função autorizada pelo STF, passa longe das empreendedoras do cacete- armado aqui e quase todas revelaram total desconhecimento a respeito. Ixora, que não tem conta no Instagram, relatou que, dentre outros grupos pessoais, faz parte de um grupo no WhatsApp intitulado “Mulheres de Jesus” que abrange as

¹⁰⁰ Statista é uma plataforma global de dados e inteligência de negócios que vem adentrando com força nas pesquisas acadêmicas principalmente no segmento das pesquisas econômicas e tecnologia. A plataforma conta com uma extensa coleção de estatísticas, relatórios e *insights* sobre mais de 80.000 tópicos de 22.500 fontes em 170 setores. Fundada na Alemanha em 2007, a Statista opera em 13 locais em todo o mundo e emprega cerca de 1.100 profissionais (STATISTA, 2024).

irmãs da igreja que frequenta. É nesse grupo que ela costuma fazer algumas postagens sobre seu puxadinho.

Meu filho escolheu esse celular aqui. Eu pedi a ele para ver um bom que não fosse tão caro. É usado, mas tá novinho. Eu queria um novo, mas ele disse que era melhor comprar um usado para poder comprar um melhor. Ele comprou em uma daquelas lojinhas ali perto do armário de Lidy, lá na entrada de Barra, sabe onde é? Sim, por ali. Aqui já vi que é um mundo. Falo com mainha lá na roça pelo celular de minha irmã e com um monte de gente lá de São Gonçalo. No grupo da igreja é muito legal porque mando as promoções que faço. Assim, quando tem pé e mão juntos, corte de cabelo, quando chega esmalte novo, hidratação e tintura. Vou jogando várias vezes. Quando faço escova num cabelo bom, que fica bem bonitão, eu mostro para as pessoas...assim de costas, sabe? Para não mostrar a cara da pessoa. Tem irmãs que dizem logo: "Também quero!". Acho muito legal. O zap me ajuda e muito. Com certeza (Ixora, 2023).

Ixora elucida que não manda promoções somente no grupo da igreja: "Mas eu mando minhas promoções para as pessoas aqui da rua também. Tem um grupo de vizinhos que também estou. Não posso perder clientes" (Ixora, 2023).

Ixora me mostrou os dois grupos principais nos quais manda mensagens sobre seus serviços. No grupo de vizinhos sobre o qual falou, intitulado "Vizinhos amigos", depreende-se que ela tem um pouco mais de timidez na divulgação de seu puxadinho, mas não deixa de fazer comentários sobre a rua e seu bairro e propaganda do seu cacete-armado. A fala reforça o visto anteriormente sobre a importância dos grupos sociais para os pequenos empreendimentos.

Para Margarida, o WhatsApp é superimportante e relata que tudo faz pelo aplicativo.

Não dá para ficar sem zap não, lindona. É tudo pelo zap. Faço de um tudo por ele. Na pandemia fiz de tudo pelo zap. As faxinas foram todas pelo celular. Quando tava lá nas casas fazendo faxina, falava com minha filha e meu neto e resolvia tudo de longe. Soube de minha amiga Azaleia pelo zap que a filha dela mandou. Aqui em Jauá a gente se comunicava muito para saber de diversas coisas... E claro envio muitas coisas de meus serviços e minhas promoções...mando fotos, aprendi a fazer vídeos e filmo os cabelos, as unhas das minhas clientes. Já fiz vídeos aqui das roupas do meu brechó. Uso muito igual uso o youtube. Faço até pedidos de produtos pelo zap. Zap é tudo e de graça (Margarida, 2023).

Rosa vai na mesma direção das outras locutoras e afirma que, embora não tenha muita habilidade com as ferramentas digitais, o aplicativo é de suma importância para o seu restaurante.

Sim, muito importante. Tem gente que faz pedido de quentinha pelo zap, pedido de salgado, aqui dos meus produtos de limpeza... eu aviso nos meus grupos quando não vou abrir o restaurante. Também mando as ofertas e fotos dos produtos que vendo...sim, tenho o grupo da igreja, da rua, dos comerciantes de Monte Gordo. Eu uso muito. É uma mão na roda porque antes eu tinha que ir nos lugares, bater perna para resolver as coisas. Agora nem preciso botar o pé na rua, só quando quero (Rosa, 2022).

Buganville opera com muita facilidade o WhatsApp e revela ser tão fundamental que ela normalizou o uso do aplicativo, a ponto de não vislumbrar um empreendimento que não utilize:

Faço escova, prancha, unhas, sobrancelhas e mando vários exemplos de meu trabalho em todos os meus grupos. Quem tem zap, tem que usar para divulgar seu trabalho. Faço muitos *cards* de promoção de meus combos de beleza e isso atrai muita gente. Sempre publico no Insta e mando o *card* pelo zap. Tem cards que servem de motivação para chamar minhas clientes e tudo eu mesma faço. (Buganville, 2023)

A estratégia de conversa direta com suas clientes através do questionamento direto é digno de grandes empresas:

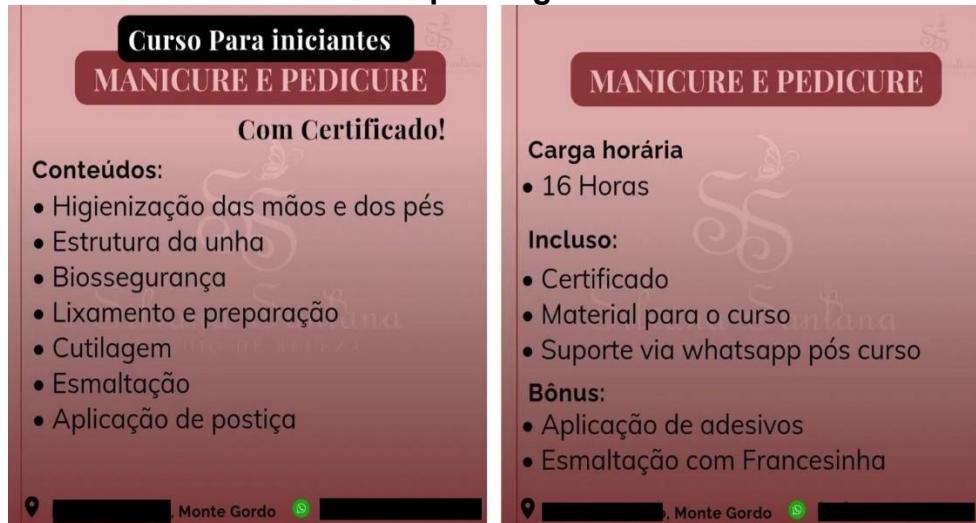
Figura 36 – Card motivação do salão de Buganville



Fonte: Material cedido pela interlocutora

A facilidade de Buganville operar as ferramentas digitais é notória e maneja com destreza para o bem de seu puxadinho. Recentemente, entrei em contato com Buganville para retirar uma dúvida sobre uma informação e ela me mandou um *card* que me surpreendeu.

Figura 37 – Card curso ministrado por Buganville



Fonte: Material cedido pela interlocutora

A minha surpresa é menos pelo uso do aplicativo, inclusive para suporte como sinalizado no *card*; é mais pela nova proposta de atuação de Buganville que opta por ser formadora de outras pessoas. O improviso em prol da própria sobrevivência e pela sobrevivência do empreendimento revela-se altamente criativo e, ao mesmo tempo, enaltecido pela despreocupação com prováveis concorrentes, com a garantia de certificados que desperta respeito como disse Ixora.

A título de fechamento desta seção, pontuo que no âmbito do empreendedorismo cacete-armado a importância da divulgação dos pequenos empreendimentos puxadinhos é também um aspecto importante para a sobrevivência desses negócios vulneráveis. No sustentáculo do improviso e pela falta de recursos para altos investimentos em propaganda, as pequenas empreendedoras mostraram que se pode lançar mão daquilo que está disponível, aquilo que está ao alcance e principalmente aquilo que não tem custo. Dessa forma, foi possível constatar o uso de estratégias sociais e ferramentas do universo digital cujos benefícios, na visão das interlocutoras, se mostraram satisfatórios e, em alguns casos, indispensáveis.

5.6 PROBLEMAS E TENSÕES NO PUXADINHO

Muitos tópicos desta investigação tiveram certa conexão com o questionário das experiências etnográficas que nós do Grupo Enlace tivemos em Camaçari. Nesta seção, talvez isso seja sentido mais fortemente. Na pergunta 42 do referido questionário, há um questionamento sobre os principais problemas enfrentados pelos empreendedores das distintas localidades do município. Como possibilidade de respostas, foram dadas as seguintes opções: a) Problema com clientes; b) Falta de clientes; c) Falta de segurança; d) Problemas com ajudantes; e) Concorrência; f) Vender fiado; g) Questões familiares; h) Relacionamento com fornecedores; i) Carga de tributos; j) fiscalização de órgãos governamentais. Essas opções não foram mostradas, muito menos citadas a fim de não provocar indução nas respostas das interlocutoras e, assim, impossibilitar qualquer cotejo com outros dados.

Tendo a referida pergunta 42 como alicerce, pedi que relatassem as maiores dificuldades enfrentadas na condução de seus negócios, assim como algum fato ou evento tenso que tenha, de alguma forma, marcado a atividade delas em seus puxadinhos. Assim, trago os achados.

Buganville relatou que sua maior dificuldade é a pouca quantidade de clientes. Ela relatou que tem clientela consolidada, mas são poucas clientes. Ela alega precisar ampliar o número de atendimentos e faz um grande esforço para que tenham mais pessoas para dar atendimento.

Eu gostaria de ter mais clientes, até porque não teria que ficar fazendo outras coisas, como vendendo roupas e trabalhando no horto. Já pensei que muita gente não vem aqui porque é longe ou porque meu salão é assim de paletes. Por isso quero abrir meu salão lá no centro porque é meio complicado. Até a rua não ajuda muito, nem asfalto tem. Eu faço campanhas e divulgação nos grupos zap, no insta que te mostrei, mas sinto que tenho que ter mais gente. Tem muita gente que vem aqui, mas tem gente que vem só uma vez e não volta (Buganville, 2023)

Ela lembra que uma das situações mais difíceis que viveu tem a ver com a estrutura do puxadinho e com a falta de separação entre as dinâmicas da atividade no salão e da vida familiar.

Aqui não é o que pensei para mim, mas é o que tenho, o que pude fazer para ter um trabalho meu, entendeu? Mas assim, uma vez teve um problema de goteira porque estava chovendo um pouco. Eu nem gosto mais de atender quando está chovendo muito forte. Aí molhou tudo aqui, molhou a cliente. A gente teve que correr lá para dentro de casa e foi difícil porque meu pai não estava com a roupa adequada, entendeu? Eu tive que refazer as unhas dela e ela desistiu de fazer as sobrancelhas por causa dessa situação. Não foi legal. Consigo lembrar desse acontecimento (Buganville, 2023).

Buganville relatou que, posteriormente, precisou que o pai fizesse uma revisão no telhado, mas como o salão é muito aberto outras pequenas situações já surgiram: “Ah, às vezes entra algum besouro voando, algum bicho, aí é uma gritaria, um corre-corre, mas nesse caso é mais fácil resolver”.

Para Jasmim, as ajudantes são os maiores problemas que ela tem na condução de seu restaurante.

Aqui eu preciso muito de ajudantes, para servir nas mesas, né? Preciso em média de seis pessoas. Mas dão um trabalho danado porque eu ensino, digo como é que tem que ser, mas elas erram, anotam pedido errado, erram de mesa. Sempre tem esses probleminhas. Já teve uma aqui que não queria prender o cabelo, outra que passava o tempo todo no celular. Difícil, viu? Tem muita rotatividade aqui. Talvez se eu colocasse todo mundo na carteira, o comportamento seria outro, mas ainda não dá para fazer isso porque é muito imposto para registrar elas todas e o restaurante não dá esse dinheiro todo. Só tenho uma na carteira que já vem trabalhando na cozinha há muito tempo (Jasmim, 2022).

Jasmim argumenta não se lembrar de uma situação específica que tenha gerado tensão, mas relata algo que acontece reiteradas vezes.

Ocorre muitas vezes de um grupo grande chegar quando a gente já está fechando, já desligou o fogão e as meninas estão se preparando para irem embora. Aí é difícil porque preciso da renda, mas dependo das funcionárias. Algumas ficam de cara feia, mas nem sempre dá para dispensar clientes. Ainda acontece pior e acho que esse é o mal do negócio ao lado de casa. Tem gente que chama, bate palmas para a gente ouvir aqui em casa mesmo vendo o restaurante fechado, é mole? Vem e pedem para eu abrir na maior cara de pau. O povo sabe que moro aqui. Aí tenho que ficar explicando que quando o restaurante fecha eu não tenho como servir comida. Isso é terrível (Jasmim, 2022).

Como fica claro, e ela explicita, o puxar para empreender aparece com certa carga de negatividade por estar fisicamente imiscuído na casa da família.

Para Margarida que, junto à Rosa, é a empreendedora que tem mais tempo com seu puxadinho, as dificuldades são muitas e surgem alternadamente ao longo do tempo. Argumenta ela que viveu muitas situações tensas, desde constrangimentos com clientes a situações com o poder público.

Oh minha linda, já vivi de tudo um pouco. A vida aqui é boa para mim. Jeová que me livre de ter que voltar para casa de família... A COVID me lembrou como é ruim... Mas aqui tem abacaxi também. Eu já tive muito problema por deixar a pessoa pagar depois. Vender fiado, sabe? Mas eu não faço mais, arranjei foi inimiga por causa disso. A pessoa vinha, fazia o cabelo, ficava bonita com meu trabalho e depois não queria pagar. Aí não dá, né? (Margarida, 2023).

Ela aponta outra questão que lhe preocupa:

Acho que aqui também é muito inseguro. Essa parte aqui de Jauá é largada. Lá na orla é tudo lindo, mas aqui tem gente ruim circulando e vigiando a gente. Teve uma época que uma viatura circulava por aqui aí os malandros se escondiam. Agora, os PMs ficam parados lá na ponta da praia. Uma vez eu fui assaltada aqui. Ainda bem que não fizeram nada, mas depois nunca mais aconteceu nada e acho que sei porque. Mesmo assim acho inseguro (Margarida, 2023).

Quando lhe perguntei sobre alguma situação tensa, ela trouxe um relato que também tem relação com a segurança. Não foi especificamente dentro do seu puxadinho, mas o relato não deixa de ter relação

Olha, tem um rapaz aqui que todo mundo sabe que é do tráfico. Dizem que ele mexe com erva e farinha. Uma vez ele entrou aqui e disse que queria falar comigo. Por dentro eu clamei por Jeová, mas finge que não estava com medo. Ele disse que tinha um amigão dele de fora que estava passando uns dias aqui e que tinha mulher e que ela estava precisando colocar um mega na cabeça. Mas o amigo não queria que ela saísse de casa. O que eu ia dizer, né? Eu fui. Foi naquele condomínio grande Encontro das Águas. Ali é muito grande (Margarida, 2023).

Essa falar por si só já me bastaria como apontamento de situação tensa vivida por Margarida, mas ela irrompeu a pausa e continuou:

Não acabou aí não, minha filha. Quando cheguei lá era uma casa grande com muita área, piscina, local de churrasco e fora um monte de coisa que eu não vi. Tinha um monte de rapazes e percebi logo quem era o amigo de Neco¹⁰¹. Ele veio e falou comigo que ali nada se via e nem se escutava. A esposa veio toda seria e me levou para um quarto com duas camas. Em uma cama tinha um monte de dinheiro embolado. Pode acreditar. Cheguei umas 8h e sair na hora do almoço. A mulher não me disse nada só perguntou se eu queria água ou um sanduíche. Quando terminou ela saiu para mostrar o cabelo e disse pegue o seu pagamento aí. Meu Jeová! No meio daquele monte de dinheiro eu peguei exatamente o valor que eu cobrei, foi 300 reais. Quando já estava saindo, o homem falou venha comer uma lasanha que eu fiz. Eu disse que não precisava, que tinha que voltar para o salão. Mas o homem falou quase gritando: "Você vai comer a lasanha que eu fiz." Claro, tive que comer. Foi muito tenso (Margarida, 2023).

Eu pensei em não colocar a fala toda de Margarida sobre o assunto perguntado aqui. Porém achei pertinente porque demonstra as peripécias *saltimbancas* que, muitas vezes, as mulheres que empreendem precisam se submeter.

Rosa também tem muito tempo empreendendo e me relatou que já viveu muitas coisas em seu puxadinho. Antes ela fala da maior dificuldade que tem na condução do restaurante:

Rapaz, aqui tem tempos que prefiro até ficar sem ninguém. Quando dá, meu filho me ajuda, meu marido porque as filhas de Deus que trago para me ajudar me dão muito trabalho. Eu nunca tive mão de obra boa esses anos todo eu não consegui mão de obra assim para dizer assim que eu estou satisfeita. Aí, eu fico muito presa aqui no restaurante porque, aí quando tenho que sair e deixar com alguma ajudante vem um monte de reclamação. Eu explico tudo direitinho, mas elas não fazem. Essa que está aqui agora fez um fígado tão duro, todo queimado que eu não tive coragem de botar para as pessoas. Essa é minha maior dificuldade (Rosa, 2022).

A dificuldade de Rosa é análoga à situação de Jasmim e relatada por muitos outros/as microempreendedores/as que acumulam o papel de empregadores/as também. Rosa refletiu um pouco sobre a sua atuação ao longo dos anos para me responder sobre um momento que havia sido tenso e marcante em seu puxadinho. Ela me trouxe também algo referente à estrutura física.

¹⁰¹ Nome fictício para o rapaz do tráfico de Jauá que procurou Margarida.

O que mais trago de lembrança de minha vida foi o incêndio porque foi muito horrível, mas não foi nesse espaço que tenho. Mas não tem muito tempo, não. Foi um pouco antes da COVID. Alguém de sangue muito ruim de inveja me denunciou. Aí veio uns três homens aqui, bem na hora do almoço que tinha gente comendo. Não foi bom não. Eles vieram fazendo um bocado de exigências Disseram que eu tinha que fazer um banheiro só para mulheres, que não podia ter um banheiro só para homem e mulher usar. Falaram que eu tinha que fazer uma porta para a cozinha, aqui por fora, entendeu? Disseram que o ralo do banheiro tinha que ser de fechar e abrir por causa de barata (Rosa, 2022).

Eu lhe perguntei se havia muita gente na hora. Ela assentiu com a cabeça e seguiu o relato:

A pior parte foi perto dessa mesa ali, esse cano grosso que passa por aqui, né? Esse cano de 100, de esgoto. Esse cano vem dos banheiros lá de cima... Eles ficaram dizendo que era absurdo, que não podia... Um deles falou que eu estava botando os clientes para comerem embaixo de cocô passando e que dava até para ouvir quando davam descarga em cima. Ficaram dizendo um bocado de bobagem, Teve gente que viu o furdunço e nem entrou. Foi horrível mesmo. Me deram um papel e disseram que iam voltar em 30 dias para eu fazer as modificações. Mas aí não sei o que aconteceu que eles esqueceram de mim e nunca mais voltaram. Eu também nem tive dinheiro para mudar nada. (Rosa, 2022)

Eu havia observado uma canalização branca perpassando o teto do restaurante, mas só dei mais atenção com o relato de Rosa. Ela argumentou comigo que não precisava nada “daquela palhaçada” e que tinha suspeita sobre quem havia feito a denúncia.

Para Ixora, as maiores dificuldades que enfrenta em seu salão são a escassez de clientes, embora declare que tem uma clientela fiel que frequentaativamente o seu salão, venda fiado e as questões familiares.

Eu tenho boas clientes de um modo geral, mas seria bom se tivesse mais porque o dinheiro seria melhor. Tem dias que passo aqui só ouvindo as músicas que gosto porque não tem cliente. As vezes só tem uma unha ou um corte no dia. Talvez se o salão fosse lá na gente eu teria mais clientes. Para mim não tem problema vender fiado, principalmente para as irmãs da igreja porque é melhor ter para receber do que não ter nada, né? O problema é que tem gente que diz que esquece e tenho que ficar lembrando o pagamento, mandando mensagem. É um problema sério (Ixora, 2022).

Temos aqui neste trabalho (em outra seção) um exemplo de propaganda da venda a fiado que Ixora faz. Ela aponta ainda outra dificuldade que enfrenta.

Eu acho uma dificuldade ter a família perto. Ter gente se metendo o tempo todo, não para ajudar, mas para fuçar o que faço, o que ganho, com quem falo, com quem não falo. Acho isso ruim demais da conta. Só Jesus na causa! Minha Bíblia diz para ter obediência ao meu marido, mas tem horas que dá vontade de, sei não viu. Pior que não é só Carlos, Junior também tá se achando no direito de me controlar, meio homem ainda e fica querendo mandar na mãe. Só Jesus na causa, mesmo! As vezes dou lhe uns tapas na cara dura dele(Ixora, 2023).

Ela trouxe um relato sobre um momento difícil em que houve muita tensão, que tem a ver com a postura do filho.

Uma vez atrás, tem muito tempo não. A pandemia estava acabando ou tinha acabado... tinha acabado. Eu estava fazendo uma progressiva de uma cliente que mora aqui perto, mas não tenho muita intimidade com ela não. Ia começar a passar a prancha e aí bateu dois homens da COELBA aqui para cortar a energia da casa, de tudo, né? Eu fiquei sem entender porque luz é uma coisa muito importante para o meu salão. Pedi, implorei para eles não cortarem.... não conseguia falar com Carlos, nem com Junior para entender o que havia acontecido. Não teve jeito e eles cortaram. Cortaram mesmo (Ixora, 2023).

Ainda que estivesse sem energia, Ixora achou uma forma de pelo menos concluir o serviço da cliente:

Eu perguntei a ela se a gente podia terminar lá na casa dela. Foi horrível a situação. Fechei tudo aqui e fomos para eu dar um jeito de fazer tudo no improviso lá mesmo. No final fiquei com vergonha de cobrar a ela. Junior pegou o dinheiro que eu dava para pagar a luz lá na lotérica. Ficamos sem luz quatro dias porque tinha que pagar as três contas para voltarem a ligar. Deu vontade de matar Junior. Carlos encheu ele de porrada. Carlos conseguiu um adiantamento na obra e eu tinha um valor escondido guardado. Foi horrível tudo ainda perdi a cliente porque vejo ela passando com o cabelo na chapinha vindo de algum outro lugar (Ixora, 2023).

A despeito da constrangedora situação, Ixora manteve sangue frio e achou uma forma de resolver a situação. O improviso também implica criatividade e desenvoltura para resolver situações e problemas inesperados.

Agrupando as maiores dificuldades enfrentadas pelas interlocutoras, tem-se o seguinte:

Quadro 15 – Maiores dificuldades enfrentadas pelas empreendedoras

Buganville	Falta de clientes
Jasmim	Problemas com ajudantes
Margarida	Vender fiado e falta de segurança
Rosa	Problemas com ajudantes
Ixora	Falta de clientes, vender fiado e questões familiares ¹⁰²

Fonte: Elaboração Própria

A falta de clientes é um fator que acomete diversos empreendimentos e, principalmente os pequenos negócios que estão maioritariamente voltados para o setor da prestação de serviço. De acordo com a pesquisa Pulso (em sua terceira edição), conduzida pelo Sebrae em parceria com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre os meses de agosto de 2022 e abril de 2023, a falta de clientes foi apontada por 31% dos microempreendedores como um dos pontos que mais tem dificultado o funcionamento dos pequenos negócios.

No esteio do cacete-armado, os clientes se tornam o alicerce principal de existência dos puxadinhos; clientela é a razão de ser desses nanoempreendimentos. A preocupação em ter para quem vender, para quem prestar o serviço tem relação direta com a sobrevivência não só do negócio em si, mas com a sobrevivência da empreendedora (e seus familiares) que precisa vender para comer. A própria Ixora, em outro momento, já havia expressado como essa questão é preocupante: “Eu preciso vender meu serviço. Isso aprendi lá no curso. Eu tenho que buscar as clientes. Quando não tem clientes, não tem dinheiro”.

Rosa chegou a expressar que, muitas vezes, não repassa reajuste dos preços dos insumos para seus/suas clientes com receio de perder sua clientela e ela chegou a ser referência de preço, numa emergente concorrência: “Tinha gente cobrando a quentinha mais cara que eu, mas eu dei uma segurada para não perder meus clientes. Aí teve alguns que baixaram porque mantive o preço.”

A estratégia de Rosa coincide com o resultado divulgado pela pesquisa Pulso. O medo da falta de clientes fez com que os microempreendedores não repassassem os aumentos de custos para os clientes. Apesar de 78% alegarem que tiveram incremento nos gastos com insumos, combustíveis, aluguel e energia, quase metade afirmou que não repassou esse impacto para os clientes e 41% parcialmente. Apenas 8% repassaram totalmente o aumento de custos.

¹⁰² As questões familiares apontadas por Ixora, já foram apresentadas e discutidas em outra seção.

Por outro lado, os problemas com ajudantes também apareceram como ponto de dificuldade para duas das entrevistadas, em função de serem as duas também empregadoras. Ainda que não seja uma constância e tenha certa fragilidade, há uma relação patroa/empregada estabelecida. Na literatura mais clássica, diga-se teoria da Administração, esse assunto é geralmente tratado sob o jargão recursos humanos. Sob o olhar do campo teórico dos Estudos Organizacionais, emprega-se a expressão gestão de pessoas.

Nesta perspectiva, as pessoas constituem o princípio essencial da dinâmica de um empreendimento, conferem vitalidade às atividades, criam, recriam e lidam com situações que podem levar o empreendimento a uma posição diferenciada com seus clientes (Davel; Vergara, 2001). Quem gera um negócio, seja grande, pequeno ou micro, deve ser capaz de lidar com sutilezas e aspectos relacionais intrínsecos à natureza humana de seus empregados e empregadas.

Essas postulações dos estudos organizacionais não se afastam totalmente do contexto tratado aqui. As ajudantes terminam por adquirir um papel nevrálgico para a prestação de serviços em estabelecimentos de pequeno porte e isso se confirma nas falas de Jasmim e Rosa. A importância das ajudantes está além da ajuda na produção do objeto da prestação do serviço. Muitas vezes, são elas, como no caso de Jasmim (que passa boa parte do tempo na cozinha), que decifram, interagem e dialogam mais de perto com os/as clientes do puxadinho.

No âmbito cognitivo, elas possuem um acervo de situações e uma memória de posturas e atitudes da clientela, que lhes permitem exercer o trabalho com muita desenvoltura e rapidez tendo já uma espécie de antídoto para determinados problemas. Por outro lado, têm o poder de danificar e parar a engrenagem que faz o empreendimento andar. Palavras e expressões atribuídas às ajudantes como “birra”, “cara feia”, “má vontade”, “pirraça” surgiram durante a conversa com Jasmim e Rosa.

Se de um lado as empreendedoras se queixam das ajudantes, há que se discutir o modo de vínculo que elas, as ajudantes, têm com os empreendimentos. Na seção 1.2, eu trouxe uma discussão sobre a perspectiva da evolução social do trabalho no contexto neoliberal. Ali fora mencionado como o trabalho evoluiu como algo fundamental para a vida social de qualquer indivíduo a ponto de que haja sujeições a propostas que se lastreiam em precarização laboral.

É isso! Empreendedoras que sofreram muito em suas experiências laborais terminam por replicar um modelo de exploração de mão de obra que se pauta pela negação de direitos trabalhistas fundamentais. O lugar de empreendedora, aglutinadora do papel de empregadora, termina por repetir políticas neoliberais de precarização do trabalho.

Essa prática, há que se entender, é fruto do caráter de improvisação dos negócios e se dá, maioritariamente, de maneira inconsciente. Trazer uma ajudante sem formalização do vínculo é algo visto como natural ante a característica de total informalidade do empreendimento. Há que se entender isso.

Outra dificuldade apontada foi a venda fiado. Esse tipo de venda, seja de um produto ou serviço, é algo feito com base na relação de confiança que se estabelece entre o dono ou dona de um estabelecimento e seus/suas clientes. Portanto, envolve algo **confiado** a alguém, sem necessidade de garantia material. Segundo Spinelli (2021), jaz nesse modelo de transação as origens da venda a prazo e do cartão de crédito. Era muito comum em pequenas cidades, havendo sido transportada para as zonas periféricas dos centros urbanos. A nevralgia do modelo é a falta de cumprimento do pactuado por uma das partes que, no caso dos pequenos empreendimentos, termina tendo grande impacto. A despeito do alto risco, para nossas interlocutoras é a garantia da perspectiva do melhor ter a receber do que não ter nada.

Quanto à falta de segurança, é algo geral que não se restringe aos empreendimentos das interlocutoras. Embora Margarida seja muito crítica quando afirma que “os PMs ficam parados lá na ponta da praia”, em referência à maior atenção dada aos mais abastados, Camaçari é uma cidade de muita insegurança. Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2024), publicação do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, Camaçari é quarta cidade mais violenta do Brasil, ficando atrás tão somente de outras três cidades baianas Jequié (primeiro lugar) Santo Antônio de Jesus (segunda posição) e Simões Filho (terceira da fila). Em virtude de estarem situadas em zonas mais periféricas das localidades (Jauá, Monte Gordo e Barra do Pojuca), é provável que a sensação de insegurança seja mais acentuada.

As experiências que geraram tensões trazidas aqui são todas de cunho físico-estrutural diretamente ou reverberações desse aspecto – o puxadinho é isso, o

cacete-armado é isso. A improvisação, a falta total de planejamento e as condições de construção muito questionáveis são características inerentes da autoconstrução. Conforme já debatido, trabalhadores e trabalhadoras veem na autoconstrução a única saída para moradia própria e isso se replica no movimento de construir o puxadinho, causando situações como as vividas por Buganville e Rosa.

Para Bonduki (2017), anteriormente citada, a contratação de pedreiros avulsos, sem muita habilidade técnica, pode gerar situações como as proferidas pelas duas interlocutoras. Entretanto, é importante sinalizar que isso se dá em razão das condições sociais vividas. Nesse sentido, saber-fazer do pedreiro, conhecido ou da comunidade, é suficiente para a urgência de levantar as paredes, quer seja da moradia, quer seja do puxadinho. Essa urgência traz arranjos mal executados, inadequados e inseguros.

De alguma forma, o descrito no parágrafo anterior e o relato-exemplo trazido por Jasmim estão imbricados, como eu já afirmei. O puxadinho invade a vida privada sem pedir licença. As estruturas físicas interconectadas embaçam os olhares alheios (clientes) que não conseguem identificar separação (que sabemos não há!) entre o lar que foi puxado e o negócio puxado para empreender. Não há separação pelo olhar de quem empreende; não há separação para quem precisa do serviço.

A experiência relatada por Margarida foi singular e penso que com dificuldade encontraria situação análoga à que ela me trouxe. Precisaria vasculhar muito para encontrar roteiro fílmico como esse. Em síntese, o relato trata de um traficante de passagem por Camaçari que busca uma prestação de serviço para a esposa e o amigo-traficante-local indica Margarida como uma boa prestadora do serviço buscado. A ocorrência se dá no campo do tráfico de drogas que é uma atividade extremamente lucrativa (Velho, 1994) e é permeada pela violência. Tudo isso dá poder e o poder pode podar¹⁰³; pode podar de foice quem não acata seus ditames. A cabeleireira agiu na corda bamba do risco e conseguiu equilibrar-se de modo a vencer a situação.

Por último, mas não menos importante, o corte da energia do salão por falta de pagamento revelou-se como mais uma amostra da difícil relação familiar que Ixora tem. Temos uma situação experimentada por muitas outras mulheres, em

¹⁰³ Trecho da letra da música “De amor é bom” de João Nogueira (1985).

muitos outros contextos – é o gênero feminino lutando, se debatendo contra as forças patriarcais que insistem na prática da dominação.

Todo o vivido por Ixora encontra amparo na abordagem feminista do empreendedorismo que defende que a atividade empreendedora é muito mais que um fenômeno exclusivamente econômico (Calás; Smircich, 2006) e muitas barreiras sociais precisam ser vencidas. Advogam as autoras sobre a importância do fomento de um empreendedorismo que de fato promova um processo de mudança social sem amarras a lógica econômica, gerencial ou patriarcal.

Ixora tem uma estrada de muita luta, cheia de percalços e entraves em sua trajetória como empreendedora. Como pesquisadora, como mulher, torço para que supere todas as suas dificuldades em seu trilhar empreendedor e em seu corpo-mulher no mundo.

Eis que aqui encerramos os tópicos centrais do achado no campo. Esse encerramento se dá muito mais em termos de conclusão textual do que de findada a necessidade de trazer mais discussões à mesa. As histórias das vidas retratadas aqui podem suscitar outras análises, outras perspectivas, outras miradas.

O (pseudo) final da aplicação do método história de vida deixa sempre um gosto de quero saber mais, desperta uma curiosidade sobre a continuidade das vidas retratadas e ativam a imaginação de quem lê. É um processo meio inevitável.

A seguir, trago uma discussão sobre esta tese.

6 ENTRE VIDAS NOS PUXADINHOS – O QUE DISSERAM AS FLORES

As flores desta pesquisa se autodeclararam empreendedoras e apresentaram suas próprias justificativas para se verem como tal. Suas assertivas de autorreconhecimento do sendo e do fazendo empreendedorismo escapolem da armadilha do tipo ideal hegemônico que favorece um individualismo ontológico vinculado às perspectivas que focam no comportamento empreendedor. Ambas, teoria do foco no contexto e a abordagem cacete-armado rompem com essa perspectiva comportamental universalizada – o empreendedorismo não deve ser uniformemente observado, nem homogeneamente teorizado (Thompson; Verdujin; Gartner, 2020).

Em virtude das características de seus empreendimentos, aqui me refiro muito mais ao *modus operandi*, muito menos às questões estruturais, elas estão excluídas dos números e das estatísticas oficiais de órgãos e agências de fomento porque desviam de quaisquer classificações empregadas pelas instituições. A coleta de dados dessas organizações se pautam, maioritariamente, em formalizações, ainda que já pare no senso comum a noção de que a grande e pobre maioria dos trabalhadores-empreendedores não estão formalizados, nem sequer como MEI.

Apesar da exclusão que sofrem do bojo investigativo das estatísticas oficiais, elas geram e movimentam dinheiro, dinheiro que ajuda a alavancar as pequenas economias comunitárias e periféricas. Esse ponto é também interessante de ser sinalizado porque representa a confirmação e uma amostra prática da pauta neoliberal – trabalhadoras que empreendem à margem do poder público, mas que geram riqueza, ainda que restrita. O fato de pelo menos garantirem suas próprias subsistências, é um canto de vitória dos neoliberais. O fato de algumas darem ocupação a “ajudantes” sem direitos trabalhistas (replicando a lógica a qual foram submetidas na anterioridade de suas vidas), é um brado ressoante dos neoliberais.

O campo mostrou os caminhos trilhados até chegarem a empreender. Todo relato de suas vidas pregressas evidenciou como o empreendedorismo adquiriu um caráter de salvação para as pessoas com distintos desalentos, principalmente pela falta de formação adequada e a consequente dificuldade de conseguir emprego. As empreende-DORES oriundas de vidas difíceis, algumas sem direito à infância e privadas de educação, com arranjos familiares diversos, conduziram a maioria das

interlocutoras ao empreendedorismo como meio de vida. A investigação mostrou como o entendimento da vida pregressa é importante para análises mais precisas e fincadas na realidade.

Conforme já vinha sendo pautado, o empreendedorismo deixou de ser um campo exclusivamente exercido por detentores/as de capital atentos a oportunidades de investimentos e grandes impulsionadores/as da economia. Nesse esteio, um arranjo encontrado para empreender, a construção do puxadinho, significou para as interlocutoras uma possibilidade real e concreta para seus empreendededorismos. A materialização dos cacetes-armados, ainda que tenha uma aparência externo-estrutural não tão precária, como nos casos de Jasmim e Rosa, confirma a realidade dos verdadeiros e verdadeiras protagonistas do empreendedorismo atual.

Apesar das incertezas nas quais vivem, e por esta razão as considerei como aventureiras, depreende-se muito otimismo de suas falas. Retomo o personagem voltaireano¹⁰⁴ Cândido, referido no Prelúdio desta escrita. Em suas reflexões sobre o histórico de vida que tiveram, ter um puxadinho, ainda que montado com restos de caixotes de feira, com pintura desbotada e fiação e canos expostos, significa que “tudo vai bem, melhor não poderia estar” – tudo vai bem olhando para trás na *timeline* de suas existências.

“Nem só de tristeza se vive, né?” Essa frase dita por Margarida tem poucas palavras, mas diz muito. Muitas das pequenas conquistas de suas vidas se deram através das atividades empreendedoras que exercem e isso é muito simbólico.

Testemunhamos, a partir dos relatos, uma espécie de ascensão de caráter emancipatório. Jaz nas falas avanço social proporcionado pela atividade empreendedora, por mais precária que seja. Sobre esse caráter emancipatório é interessante tecer algumas palavras de base teórica. O termo emancipação vem sendo empregado associado às atividades empreendedoras conduzidas por mulheres. Emancipação é libertação e ruptura: a libertação representa o desejo de abrir o próprio caminho no mundo e a ruptura representa o esforço para imaginar e criar um mundo melhor (Sarasvathy; Dew; Velamuri; Venkataraman, 2003), sem as amarras que reprimam ou subalternizem as pessoas, na verdade, as mulheres.

¹⁰⁴ Referência ao escritor e filosofo iluminista francês M. de Voltaire (François-Marie Arouet), autor de Cândido ou o Otimismo (Candide ou L'Optimisme), escrito em 1759.

O objetivo central de trazer ao baile a perspectiva da emancipação é evidenciar que o empreendedorismo não se restringe tão somente à geração de riqueza ou a atividades que derivam de uma motivação financeira e/ou patrimonial. Jaz na ideia de emancipação, oriunda do movimento de libertação e ruptura, a geração de mudança. Por sua vez, a mudança implica a perturbação do *status quo* e a movimentação na posição da ordem social na qual as pessoas, empreendedoras, estão inseridas (Rindova et al, 2009).

Essas postulações ficam muito evidentes no empreendedorismo cacete-armado, no qual foi apontado que, muitas vezes, não se objetiva lucro ao empreender. Foi referida, inclusive, a distância que há entre as interlocutoras e os termos da racionalidade econômica vigente, tais como contabilidade, rentabilidade, investimento etc. Há algo maior do que a simples lógica empresarial de sagacidade por lucro, crescimento e riqueza.

Essa discussão sintetiza a experiência da maioria das interlocutoras. Deixar de ser doméstica, babá, faxineira e desalentada pela falta de emprego representa uma mobilidade vertical dentro ordem social vigente em seus contextos de vida e extrapola a perspectiva que restringe o empreendedorismo a clássica prerrogativa empresarial.

Por outro lado, o campo mostrou que ser mulher e empreender é muito difícil. Ser mulher e empreender num puxadinho de casa não é tarefa simples. Apesar do aumento do número de pesquisas sobre mulheres que empreendem, nada de muito novo vem sendo evidenciado. A vida das mulheres continua sendo dominada pelo papel que elas têm nos seios familiares – à mulher segue cabendo o papel de cuidado e de responsabilidade pelos entes familiares. Foi evidenciado que as duplas, muitas vezes triplas, jornadas das mulheres com seus puxadinhos e suas famílias lhes causam uma avolumada carga de estresse.

Chega a ser cansativo e, de fato, nos exaure perceber como a sociedade ainda dominada por homens representa um obstáculo para qualquer possibilidade de avanço das mulheres, em qualquer área que elas atuem. A situação da interlocutora Ixora é, indubitavelmente, a mais difícil, visto que ela trava lutas cotidianas para superar o machismo, o controle, a submissão imposta tanto por seu marido, quanto por seu filho mais velho. Nessa ambiência, é muito provável que o caçula replique esse modelo nefasto de relação.

Foram muitos problemas. Foram muitas dificuldades observadas. De segurança à venda a fiado, de problemas com ajudantes à falta de clientes – uma grande sinergia de entraves que fazem com que a atividade empreendedora precária se reverbera mais precária ainda.

A grandeza disso tudo é que, apesar dos pesares, elas, empreendedoras, não querem e não renunciam a seus puxadinhos. Nessa vereda, lutam com as ferramentas que tem, muito restritas por sinal, para manter seus pequenos negócios. O boca a boca, que tacitamente afirmo que é a mais eficiente ferramenta de um estabelecimento cacete-armado (como se nascera um em função do outro), é empacotado com outras estratégias, sem custo, na luta pela permanência e continuidade de seus puxadinhos, de suas vidas.

Afirmei antes que não poderia deixar de tratar do terror pandêmico e seus impactos nos puxadinhos das interlocutoras, minhas colaboradoras. O grande choque mundial, que ceifou milhares de vidas e conseguiu parar diversas atividades econômicas (parar o mundo), representou um verdadeiro furacão que adentrou os puxadinhos varrendo clientes e solapando as esperanças, arrancando pétalas das flores aqui retratadas. O desespero de vida delas, Ixora, Margarida, Rosa e Buganville foi comovente.

A literatura COVID-19, que ainda está parca, nos mostra (e nos mostrará) como a pandemia foi mais impactante nas vidas das pessoas economicamente menos favorecidas. Foi tudo muito doloroso, foi tudo muito árduo. A vivência pandêmica aflitiva de Margarida e Lotus, sua filha, representa a realidade de luta de diversas famílias nesse nosso injusto país. Sem embargo, e apesar das perdas, elas sobreviveram – conseguiram buscar ar, sacudiram as mãos-álcool-gel, livraram-se das máscaras e seguiram com seus puxadinhos.

A retratação da vida das interlocutoras, como empreendedoras, significou uma importante contribuição para a abordagem cacete-armado. Acompanhar essa aventura-meio-de-vida impetrada pelas interlocutoras substanciaram a abordagem, confirmando muito dos traços apontados e discutidos. Talvez esta tenha sido a maior contribuição deste trabalho investigativo.

Por fim, explano que este capítulo-discussão foi desenvolvido em atenção a uma demanda de escrita acadêmica e não deve ser considerada única peça textual

de argumentação do *Entre Vidas no Puxadinho*. O leitor/a mais atento/atenta constatará que promovi análises e discussões seção a seção.

A seguir trago as considerações, as finais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero pertinente começar este último capítulo descrevendo a gênese desta tese e não seguindo a linearidade da estrutura desenvolvida. A viagem que me trouxe até aqui teve paradas em portos distintos, tendo cada um sua relevância para o desenvolvimento desta investigação.

O início do percurso se deu com a adesão ao Projeto PRONEM 8603/2014 da FAPESB/CNPQ, coordenado pela Professora Suely Messeder. O projeto propôs a correlação do empreendedorismo desenvolvido no contexto da balanidade com a expressão, também baiana, cacete-armado.

Através da adesão ao projeto, me imbuí junto com outras pesquisadoras/es na aplicação de um questionário construído coletivamente que visava conhecer mais sobre o exercício empreendedor dos pequenos/as empreendedores/as. Assim, cheguei às realidades dos pequenos empreendimentos da cidade de Camaçari. A partir das observações feitas nas experiências etnográficas, algumas inquietações, desestabilizações, dúvidas e questionamentos emergiram.

A fim de melhor entendimento quanto às inquietações causadas, olhei para mim. Olhei-me no espelho, olhei para a linha temporal da minha vida, da minha existência e identifiquei uma insurreição turbulenta: o desejo de mudar de tema emergiu com força, afogando e sufocando a proposta de pesquisa anterior. Ao olhar-me no espelho, constatei que uma nova pesquisadora nascia – uma pesquisadora encarnada surgiu; surgiu das minhas memórias, das experiências familiares e pessoais na senda do empreendedorismo. Isso foi abordado no Prelúdio desta escrevedura. Sim, esta é uma pesquisa encarnada.

Desta forma, nasceu esta pesquisa com o propósito de compreender, à luz do empreendedorismo cacete-armado, as características e as dinâmicas das atividades empreendedoras conduzidas por trabalhadoras em seus puxadinhos na importante cidade baiana.

Para seguir o curso da viagem, returnei. Retornei a portos que serviram de alicerce para a concretude do meu propósito. Preambularmente, no capítulo 1 foi apresentada uma pequena discussão sobre como o empreendedorismo vem sendo tratado: a mola da salvação econômica da sociedade. Nesse sentido, foi importante fazer uma incursão etimológica do termo, a partir de três línguas ocidentais. Foi

possível constatar que, etimologicamente, o verbete tem muita relação com alguns pilares teóricos atuais. A ideia de empreendedor como aventureiro (aventura), é mais bem explorada no capítulo 5, porém com outro contorno teórico que foge da literatura conservadora.

O debate sobre o caminho que levou à configuração dos novos empreendedores/as é conduzido, perfazendo uma trilha histórica sobre o trabalho resvalando no impacto causado pelo neoliberalismo na vida das pessoas. A minha suspeita sobre a relevância de se olhar para essas análises históricas se concretizou e tornou possível a conclusão de que os novos empreendedores são, maioritariamente, trabalhadores e trabalhadoras que empreendem por diversas razões. A falta de trabalho, cuja importância social foi mostrada ao perfazer a trilha histórica, é uma delas (a mais importante).

Uma das propostas de ruptura com a literatura hegemônica do empreendedorismo foi trazida, a fim de amparar teoricamente esta pesquisa. O foco no contexto representa uma grande contribuição para novas análises das manifestações empreendedoras e, consequentemente, para o campo teórico. Esse arcabouço assevera que é impossível universalizar e uniformizar contextos, visto que isso seria o esvaziamento de seu sentido, representaria a completa liquidez da própria noção de contexto.

Nesse esteio, generalizar as manifestações do empreendedorismo a partir de ditames comportamentais e prescrições procedimentais sobre o que é empreender, sobre como empreender, sobre qual o objetivo de empreender e sobre quem é empreendedor ou não, representa um manifesto equívoco prático e teórico. O rompimento com as amarras teóricas da literatura conservadora, que persiste em muitos trabalhos e em muitas academias, significou uma importante contribuição deste trabalho para estudos e pesquisas futuras.

O arcabouço teórico do empreendedorismo com foco no contexto é leito tenaz para a abordagem cacete-armado que está se delineando – se encaixam com muita suavidade. Há que se pontuar que a nomeação cacete-armado representa a oralidade e as coloquialidades da gente baiana, que compõe uma de suas marcas: a baianidade também se manifesta pela língua, pelos falares, pelos dizeres, pelas gírias e pelas distintas expressões que compõem o seu repertório linguístico-identitário.

Nesse sentido, a literatura ficcional mostrou como sua vinculação com a realidade oferece subsídios a proposições conceituais e teóricas diversas. Foi um ponto muito interessante deste trabalho é trazer a leitura das participantes sobre a expressão e o reconhecimento delas de que estão inseridas nesse escopo. A expressão foi rechaçada por setores conservadores da academia que, por sua vez, impõem e nos cobram prescrições muitas vezes infundadas que distanciam o fazer ciência dos distintos campos sociais – distanciam a academia do povo.

A abordagem cacete-armado é o eixo central de toda a pesquisa. Nova incursão foi naturalmente reivindicada, mas desta vez nas produções, estudos e discussões ocorridas no âmbito do Grupo Enlace que corroboraram para esta abordagem nascente. Adentrar neste caminho foi importante porque evidenciei a ampla gama de trabalhos que dão suporte à abordagem. Messeder, junto com pesquisadores/as e seus orientandos/as enlaceanos/as, construiu um sólido lastro ao longo dos anos e conseguiu apontar como a atividade empreendedora no contexto baiano é peculiar, específica – contextual.

O trabalho de Messeder com Barreto e Miranda apresentou as características do empreendedorismo cacete-armado, sob a nomenclatura de traços, que dilui qualquer racionalidade econômico-contábil e administrativo-organizacional apregoada pelo ordenamento conservador, a saber: ausência de um planejamento (plano de negócios) vinculado à uma contabilidade formal; ética do desejo; improviso – cadêncio; criatividade; precariedade; funcionalidade – feita a facão sem refinamento; falta de parceria (corda do caranguejo); desconfiança; inveja – olho grosso; coragem; fazer bem; apropriação do público e privado; imiscuição (o imiscuir-se) entre a pessoa física e a jurídica. Cada um desses traços foi deslindado neste texto e grande parte deles foi confirmada pelos achados no campo. É deveras importante pontuar que não necessariamente todos os traços serão identificados objetivamente em todas as pesquisas. Conforme já dito, o empreendedorismo cacete-armado não tem características irrefutáveis e está em processo de delineamento.

Ancorando em outro porto, os puxadinhos se mostraram de fato como a materialidade físico-estrutural do cacete-armado. A fim de tratar do assunto, trouxe um debate que perpassou o tema do direito à cidade, do direito à moradia, do surgimento das chamadas favelas e do fenômeno das autoconstruções. Apontei que

coexistem na malha urbana diversas categorias de espaço construído, sendo notórios os espaços formais (providos de infraestrutura básica, saneamento, água, esgoto e energia elétrica) e espaços informais, irregulares, “clandestinos”, ocupados à revelia do poder público ou com a sua anuêncio conveniente, caracterizados pela concentração de pessoas com pouca ou nenhuma renda, carentes de um ou mais dos itens que a cidade formal oferece, conforme nos ensinou Gandolfi, (2015). Os puxadinhos se expuseram como *lócus* de solução para a demanda de subsistência e, em alguns casos, se mostraram carregados de precariedade ratificando os apontamentos nas linhas deste parágrafo.

A viagem continuou e cheguei ao porto metodológico. A feitura coletiva do questionário que impulsionou as experiências etnográficas representou uma das maiores características do Grupo Enlace que é a construção colaborativa do conhecimento. Para sua elaboração e posterior aplicação algumas etapas importantes foram vencidas como o curso de metodologia *quali-quant* ministrado pela grandiosa Professora Mary Castro.

O *lócus* da pesquisa é Camaçari e as zonas onde residem e atuam as interlocutoras deste trabalho. Trata-se de uma cidade rica e muito importante para a economia baiana, fato que não impede que tenha uma série de contradições e mazelas sociais. Os três bairros-palco das protagonistas, Jauá, Monte Gordo e Barra do Pojuca são permeados por autoconstruções onde há grande destaque para as conglomerações de puxadinhos comerciais. Logo em seguida, trouxe à luz as etapas que preconizaram a escolha do método a ser empregado.

O método história de vida é realmente muito especial. Entender a experiência humana por narrativas que justificam, explicam, asseveram e refutam ações individuais de uma pessoa que se propõe a descortinar-se para outra pessoa desconhecida, é algo que comove. Trabalhar com o método é antes de tudo embrenhar-se no “ofício do contato” (Glissant, 1997, p. 121), para além, muito além do que apregoa a ciência da neutralidade. Não há possibilidade, de nós pesquisadoras, não nos emocionarmos de alguma forma. Nos pilares teóricos do método existe, de fato, uma demarcação de vínculo entre pesquisador/a e pesquisado/a, resultando numa produção de sentido para ambos/as.

Nesse sentido e sob a égide do corpo teórico do empreendedorismo com foco no contexto, o método história de vida proporciona respostas-chave para questões-

chave: questões ontológicas – o que é – e epistemológicas – como podemos saber (Welter; Gartner, 2016). Além disso, o método se concentra na natureza intersubjetiva, relacional, mutável e incorporada dos fenômenos empreendedores (Jones; Spicer, 2005; Steyaert, 2011).

Através do método, o campo teórico do empreendedorismo contextual mostrou-se forte e agudo. As dinâmicas empreendedoras das interlocutoras expuseram o distanciamento existente entre o que está posto como empreendedorismo, que persiste com suas orientações prescritivas, e o que se faz de verdade, no cotidiano, na dureza local da luta por sobreviver.

Ainda no porto metodológico, as interlocutoras são apresentadas e seus puxadinhos são descritos. Das cinco interlocutoras, três são donas de salão de beleza e duas são donas de restaurante. São maioritariamente negras, havendo apenas uma que se declarou branca. Apenas uma delas tem curso superior e outra ocupação estável e remunerada. Os puxadinhos têm a característica inerente ao cacete-armado, e se amparam no improviso, a despeito das duas donas de restaurante terem estabelecimento mais estruturados. Os salões de beleza apresentaram estrutura física bem simplória, com pontos que denotam as precariedades de vida.

A realidade das interlocutoras não está muito desvinculada do que se tem de dados oficiais sobre mulheres empreendendo. Nos últimos anos, a atividade empreendedora conduzida por mulheres se tornou um campo de pesquisa crescente. Porém, conforme apontei, muita coisa ainda precisa vir à tona ainda. De modo geral, a relevância do gênero precisa ser mais bem explorada.

No porto 5, que trata das dinâmicas das interlocutoras nos puxadinhos, há seis subseções que se originam do diálogo com o campo. Primeiramente, as origens das interlocutoras, suas vivências pregressas e suas dores de vida são aspectos narrados e vinculados como impulsionadores de suas entradas no segmento empreendedor. Duas das interlocutoras foram privadas de infância, jogadas ao mundo do trabalho muito cedo, sem nem ainda terem consciência de si e do que de fato estavam vivendo. Três delas precisaram trabalhar como domésticas e faxineiras antes de se tornarem empreendedoras.

Além disso, o processo de abertura de cada um dos puxadinhos é descrito, evidenciando que a escolha por puxar se deu em razão de desespero, por falta de

emprego, maioritariamente, mas também de atenção às oportunidades. Nesse sentido, a oportunidade tratada diz respeito à constatação de que suas casas poderiam ser adaptadas (puxadas) em prol de um empreendimento, em prol de um viável meio de vida. O processo de abertura foi caracterizado por necessidade, persistência e desejo de mudança, visto que os recursos para tal foram parcos, escassos, restritos, algo que impactou na estrutura física dos empreendimentos. Se mostraram aventureiras, não na perspectiva clássica-weberiana (e etimológica) de aventura, mas no esteio da insegurança e da incerteza que significa a tentativa de viver pela prestação de serviço em seus puxadinhos.

Alguns dos traços do empreendedorismo cacete-armado se confirmaram, agregando mais substancialidade e firmamento à abordagem. De maneira consistente, o campo revelou a ocorrência do improviso, que já apontei como coluna vertebral do cacete-armado, da ausência de um planejamento (plano de negócios) vinculado à uma contabilidade formal, da ética do desejo, da criatividade, da precariedade, da funcionalidade (feita a facão sem refinamento), da coragem, do fazer bem e da imiscuição (o imiscuir-se) entre a pessoa física e a jurídica.

Não identifiquei os demais traços em razão de, talvez, não ter dado suficiente atenção a esses detalhes porque são muitos outros detalhes (um mar de detalhes) para se ater quando um/uma pesquisador/a vai a campo. É possível que um planejamento melhor me fizesse ter observado outros aspectos que facilitassem a identificação dos outros traços. Entretanto, há sempre pontos que escapam do pesquisador na escuta de uma história de vida, além do que, nem todos os objetos são passíveis a delineamentos e construções (Lejeune, 2008). É possível também que, de fato, não tenham aflorado durante as narrativas. Já fora pontuado que não necessariamente todos os traços possam ou devam ocorrer numa realidade empreendedora.

O fato de serem mulheres e empreender na extensão de casa evidenciou como ainda precisamos avançar nas demandas por igualdade de gênero. Lidar com tantas preocupações inerentes ao fazer empreendedor e ainda ter responsabilidades e pressões familiares representam um grande fardo para mulheres. Tudo isso se mostrou agudo no ambiente do puxadinho. A conciliação dos múltiplos papéis ainda representa uma grande amarra a ser desatada pelas mulheres. A luta contra os tentáculo patriarcais se impõe em qualquer ambiente, em qualquer esfera social

onde as mulheres estejam ou atuem. Nos puxadinhos a luta se mantém, mas ganha elementos acessórios que terminam por provocar pujante estresse nas empreendedoras.

A proximidade espacial entre a estrutura levantada para empreender e a casa-ambiente-privado mostrou-se também como um fator gerador de diversas aflições porque a elas cabe o manejo desse processo. Na verdade, não só a proximidade, foi identificada uma imiscuição estrutural: a energia e a água do empreendimento é a da casa, o banheiro da casa é também o banheiro para clientes usarem, a cozinha doméstica é a mesma usada para fazer as iguarias do puxadinho, canalizações da casa perpassam os puxadinhos e vice-versa. É a confirmação do traço imiscuição entre a pessoa física e a jurídica.

Além disso, há tensões de outras naturezas com as quais tem que lidar. A seção 5.6 trouxe ao baile as dificuldades enfrentadas no cotidiano empreendedor e amostras de eventos também estressantes que, em dado momento, surgiram como entraves em seus empreendimentos, em suas vidas.

A despeito dessas angústias, as empreendedoras mostraram resiliência e o expresso desejo de seguirem com seus puxadinhos porque eles significam muito mais do que a aquisição de grandes lucros. Empreender para as interlocutoras representa ocupação, trabalho, emprego e autonomia. Nesse sentido, lançam mão do que há de disponível para a divulgação de seus espaços e serviços. Na era digital, as ferramentas digitais de compartilhamento de informação são mobilizadas em prol da divulgação dos estabelecimentos, ainda que de maneira não tão elaborada. Como a religião se mostrou algo muito importante em suas vidas, esse espaço social é também mobilizado em prol da divulgação, alcançando e mostrando estratégias interessantes empregadas que, em um dos casos, contou (conta) com a participação do líder religioso. O boca a boca é a ferramenta de divulgação mais importante e mais eficiente do puxadinho. Envolve a reputação da prestadora e do serviço. O boca a boca é o meio pelo qual o traço fazer bem se concretiza.

A narrativa de uma história de vida é também temporal, algo que inclui as vicissitudes do momento histórico. A teoria do foco no contexto também afirma que todo momento histórico é partícipe relevante da contextualidade. Nesta senda, à luz do que preza Bosi (2003, p. 69 apud Lejeune, 2008, p. 468) de que a narrativa “não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta”, solicitei às interlocutoras o

desarquivamento de suas experiências durante a COVID-19 por considerar que, tendo esse Doutorado ocorrido em meio a esse período marcante da história mundial, esta tese também merecia o registro. Os relatos evidenciaram o que já se imaginava: em meio a perdas de amigos/as e familiares, precisaram fazer peripécias para viverem e manterem seus puxados estabelecimentos.

Por fim, chego ao porto *Discussão*, no qual apresentei argumentações não muito exaustivas, visto que já havia empenhado discussões para cada seção.

Para finalizar a viagem, como o último porto de ancoragem, destaco que há um nítido sentimento de que os estudos e pesquisas precisam seguir, precisam avançar em prol do alargamento do campo teórico do cacete-armado. Um aspecto que pode passar a ser um dos traços é a questão de gênero. Aqui neste trabalho, consegui dar pinceladas, mas reconheço que mais pontos poderiam ser explorados.

Uma lacuna do empreendedorismo cacete-armado que não conseguiu ser abordada, muito menos suprida nesta pesquisa, é a questão da raça, principalmente considerando que estamos no âmbito da identidade baiana. Quatro das entrevistadas se autodeclararam negras, mas seus infra textos não demonstraram tensões a respeito. Faço mea-culpa, considerando que o ato de pesquisar é também reflexivo, e admito que talvez tenha me faltado mais agudeza nesse tema.

No mesmo sentido, os puxadinhos, materialização física do cacete-armado, merece mais atenção tanto por parte da literatura urbanística, cuja lacuna foi muito sentida, como na proposta abordada aqui. Os puxadinhos representam o meio de vida de muitas pessoas haja vista sua massiva presença nas periferias das cidades. Assim, merecem e devem ser melhor estudados.

Em síntese, há que se aprofundar as pesquisas sobre pontos importantes discutidos aqui. Há muitos elementos para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

- ABILIO, L. C. Uberização: Do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. **Psicoperspectivas**, v. 18, n. 3, p. 41-51, 2019.
- ABRASCO. Associação Brasileira de Saúde Coletiva. **Dossiê ABRASCO: Pandemia de COVID-19**.314p. Rio de Janeiro: Abrasco, 2022.
- ADAMAN, F.; DEVINE, P. A Reconsideration of the Theory of Entrepreneurship: A Participatory Approach. **Review of Political Economy**, v. 14, n. 3, pág. 329-355, 2002.
- ALPERSTEDT, G. D.; FERREIRA, J. B. ; SERAFIM, M . Empreendedorismo Feminino: dificuldades relatadas em histórias de vida. **Revista de Ciências da Administração**, v. 0, p. 221-234, 2014.
- ALBUQUERQUE, G. **Dicionário de termos nordestinos**. 2006. Disponível em: <chromeextension://efaidnbmnnibpcajpcglclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=http%3A%2F%2Fwww.jessierquirino.com.br%2Fsite%2Fwpcontent%2Fuploads%2F2013%2F06%2Fdicionario.pdf&clen=132733&chunk=true> Acesso em: 4 jan. 2022.
- AMADO, J. **Bahia de Todos os Santos**: guia de ruas e mistérios. 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- AMADO, J. **O capeta Carybé**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2006.
- AMADO, J. **A descoberta da América pelos turcos**. posfácio de José Saramago. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AMANN, E; BAER, W. The illusion of stability: the Brazilian economy under Cardoso. **World Development**. vol 28. n10. pp. 1805±1819, 2000.
- ANDERSON, A. R.; MILLER, C. J. Class matters: Human and social capital in the entrepreneurial process. **Journal of Socio-Economics**, v. 32, n. 1, p. 17–36, 2003.
- ANTUNES, R. **O caracol e sua concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2006.
- ANTUNES, R. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA 2024. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, ano 18, 2024. ISSN 1983-7364.
- AQUINO, C. A. B. Reflexões sobre a precarização laboral: uma perspectiva da Psicologia Social. **II Jornada Internacional de Políticas Públicas**. São Luís, 2005. Acessado em: 29 de setembro de 2016, de: <<https://goo.gl/NVLRqU>>
- AQUINO, C. A. B. O processo de precarização laboral e a produção subjetiva: um olhar desde a psicologia social. **O público e o privado**, v. 11, p. 169-178, 2008.

ARDENER, E. W. **Social Anthropology and Language**. Londres: Tavistock Publications, 1971.

AULETE, C. **Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa**. 3. ed., v. 5, Rio de Janeiro: Delta, 1980.

BAGGIO, A. F.; BAGGIO, D. K. Empreendedorismo: conceitos e definições. **Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia**, v. 1, n. 1, p. 25-38, 2014.

BAHIA. Centro de Estatística e Informações, Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador. **Informações básicas dos municípios baianos: Região Metropolitana de Salvador**. Salvador: CEI/CONDER, 1994.

BAHIA. Secretaria de Saúde do Estado da Bahia. **Plano Estadual de Manejo de Óbitos durante a Pandemia COVID-19**. 1^a ed. 2020. Disponível em: <https://www.saude.ba.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/PLANO-MANEJO-DE-%C3%93BITOS.pdf> Acesso em: 2 jun 2024.

BAITSCH, T. S. **Incremental Urbanism: A study of incremental housing production and the challenge of its inclusion in contemporary planning processes in Mumbai, India**. Thèse n 7720. Programme Doctoral en Architecture et Sciences de la Ville. École Polytechnique Fédérale de Lausanne EPFL, 2018.

BAKER, T.; NELSON, R. E. Creating Something from Nothing: Resource Construction through Entrepreneurial Bricolage. **Administrative Science Quarterly**. 50(3), 329–366. 2005. <https://doi.org/10.2189/asqu.2005.50.3.329>

BARRETO, L. P. Educação para o empreendedorismo. **Educação Brasileira**, v. 20, n. 41, pp.189-197, 1998.

BAHAUDDIN, A. R.; WEI, L. S.; MANTHAL, S. Food Sensory Factors and Restaurant Images on Customer Satisfaction: A Comparison of Franchise and Local Fast-Food Restaurant. **Asian Journal of Entrepreneurship**, v. 1, n. 4, p. 62-71, 2020.

BARRAGAN, S.; EROGUL, M.S.; ESSERS, C. “Strategic (dis)obedience’: female entrepreneurs reflecting on and acting upon patriarchal practices”. **Gender, Work and Organizations**, Vol. 25 No. 5, pp. 575-592.2018.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar,2001.

BELLO, K, Puxadinho Store. Entrevista. **Empreendedor – Negócios e Gestão. Revista on-line**. 2021. <https://empreendedor.com.br/noticia/katia-bello-fala-sobre-lojas-que-por-descuido-constroem-uma-puxadinho-store/>. Acesso em: 26 mai 2021

BENTO, B. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: EDUFBA, 2017.

BERRÍOS, R.; LUCCA, N. Qualitative methodology in counseling research: Recent contributions and challenges for a new century. **Journal of Counseling & Development.** 84 (2),174-186. 2006

BERRÍOS, R. La modalidad de la historia de vida en la metodología cualitativa. **Paidea Puertorriqueña,** 2(1), 1-17. 2000.

BERTAUX, D. **Biography and Society: The Life History Approach in the Social Sciences.** California: Sage Publications,1981.

BEZERRA, B. de L.; SCHVARZMAN, S. Baianidade no filme “Ó Paí, Ó”: clichê ou identidade cultural. **Conexão – Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul, v. 9, n. 17, jan./jun. 2010.

BEZERRA, P. Prefácio. In: DUARTE, E. A. **Jorge Amado: romance em tempo de utopia.** Rio de Janeiro: Record, 1996.

BHABHA, H. K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BISQUERRA ALZINA, R. **Metodología de la investigación educativa.** Madrid: La Muralla. 2004.

BLAUG, M. Entrepreneurship Before and After Schum peter. In: SWEDBERG, R. (ed.). **Entrepreneurship:** The Social Science View (Oxford: Oxford University Press, 2000.

BONDUKI, N. G. **Origens da habitação social no Brasil (1930-1945): o caso de São Paulo.** Tese (Doutorado) - Faculdade de arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16131/tde-17052022-100206/pt-br.php> Acesso: 15 jul 2019.

BOSI, E. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

BOURDIEU, P. Esboço de uma Teoria da Prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu.** São Paulo: Editora Ática, n. 39, p. 46-86. Coleção Grandes Cientistas Sociais. 1994.

BOURDIEU, P. **A miséria do mundo.** Petrópolis: Vozes, 1999.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J. C. & PASSERON, J. C. **O ofício de sociólogo:** metodologia da pesquisa na sociologia. Petropolis, RJ, Vozes: 2004.

BOURDIEU, P. **Entrevista a Yvette Delsault: sobre o espírito da pesquisa.** **Tempo Social**, v. 17, n. 1, p. 175-210, jul. 2005.

BOURDIEU, P. **Sobre o Estado: cursos no Collège de France 1989-1992.** São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BOURDIEU. P. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kuher, 3 ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

BRADSHAW, T.; GARRAHAN, M. Measuring the Influence of YouTube Advertising in Creating Attractiveness to Consumer in Bangkok, Thailand. **International Research E-Journal on Business and Economics**. Vol. 4. 2019.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **Censo Demográfico**. Rio de Janeiro: 2010.

BRASIL. **Censo Aglomerados Subnormais Camaçari**. Rio de Janeiro: 2010.

BRASIL. **Censo Amostra Trabalho Camaçari**. Rio de Janeiro: 2010.

BRASIL. **Censo Amostra Domicílios Camaçari**. Rio de Janeiro: 2010.

BRASIL. **Censo Amostra Educação Camaçari**. Rio de Janeiro: 2010.

BRASIL. **Cadastro Central de Empresas Camaçari**. Rio de Janeiro: 2019.

BRASIL. **Panorama Economia Camaçari**. Rio de Janeiro: 2019.

BRASIL. **Censo Demográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

BRASIL. Agência IBGE de Notícias. **Pandemia foi responsável pelo fechamento de 4 em cada 10 empresas com atividades encerradas**. 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/28295-pandemia-foi-responsavel-pelo-fechamento-de-4-em-cada-10-empresas-com-atividades-encerradas>. Acesso em: 19 jan 2024.

BRASIL. **IBGE COVID-19**. 2020. Disponível em: <https://covid19.ibge.gov.br/>. Acesso em: 19 jan 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. Departamento de Análise Epidemiológica e Vigilância de Doenças não Transmissíveis. **Manejo de corpos no contexto da covid-19**: definição dos procedimentos para retorno na realização de necropsia convencional. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente, Departamento de Análise Epidemiológica e Vigilância de Doenças não Transmissíveis. Brasília: Ministério da Saúde, 2020.

BRAVO UTRERA, S. La traducción en los sistemas culturales. Ensayos sobre traducción y literatura. Las Palmas de Gran Canaria: Sevicio de Publicações de la ULPGC, 2004.

BROWN, T. J.; BARRY, T. E.; DACIN, P. A.; GUNST, R. F. Spreading the word: Investigating antecedents of consumers' positive word-of-mouth intentions and behaviors in a retailing context. **Journal of the Academy of Marketing Science**, v. 33, n. 2, p. 123-138, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1177/0092070304268417>.

- BRUCE, D. **Do husbands matter? Married women entering self-employment.** *Small Business Economics*, vol. 13, pp. 317–29, 1998.
- BUENO, F. S. **Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa.** São Paulo: Saraiva, 1992.
- BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação empresarial: políticas e estratégias.** São Paulo: Saraiva, 2009.
- BYGRAVE, W. D.; HOFER, C. W. Theorizing about Entrepreneurship. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 16(2), 13-22. 1992
<https://doi.org/10.1177/104225879201600203>
- CALÁS, M. B.; SMIRCICH, L. From the "woman's point of view" ten years later: Towards a feminist organization studies. In: CLEGG, S.; HARDY, C.; LAWRENCE, T.; NORD, W.(eds.). **Handbook of organization studies:** 284-346. London: Sage, 2006.
- CALVET, L. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** Trad. Marcos Marcionilio. São Paulo: Parábola, 2002.
- CANTILLON, R. **Essay on the Nature of Commerce (1755).** traduzido por H. Higgs, London: Macmillan, 1931.
- CASSIS, Y.; MINOGLOU, I.P. Entrepreneurship in Theory and History: State of the Art and New Perspectives. In: Cassis, Y., Minoglou, I.P. (eds) **Entrepreneurship in Theory and History.** Palgrave Macmillan, London, 2005.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTRO, A. A literatura da baianidade na música popular. In: Contexto – **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras.** Universidade Federal do espírito Santo. n. 31, 2017.
- CHALMERS, D. M.; SHAW, E. The Endogenous Construction of Entrepreneurial Contexts: A Practice-based Perspective. **International Small Business Journal: Researching Entrepreneurship** 35 (1): 19–39. 2017.
- CHAMOUX, M. N. Les savoir-faire techniques et leur appropriation: le cas des Nahuas du Mexique. In: **L'Homme.** tome 21 n°3. pp. 71-94. 1981.
- ChatGPT. **OpenAI.** 3.5 August Version, 2023 (free version).
<https://chat.openai.com/chat>
- CHAUÍ, M. Apresentação: Os Trabalhos da Memória. In: BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos.** São Paulo: EDUSP, 1973.
- CHIA, R.; HOLT, R. Strategy as Practical Coping: A Heideggerian Perspective. **Organization Studies** 27 (5): 635–655. 2006.

CHOPRA, A. **Garage to the Boardroom - A Myth or Reality** (November 17, 2017). Available at SSRN: <https://ssrn.com/abstract=3073471> or <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3073471>.

CHURCHIL, N.; MUZYKA, D. Defining and Conceptualizing Entrepreneurship: A Process Approach. In: HILLS, G.E.; LAFORGE, W.; PARKER, B. J **Research at Marketing/Entrepreneurship Interface**, edited by. p.11-23. Chicago: University of Illinois at Chicago, 1996.

COFIC. Disponível em: <<http://www.coficpolo.com.br/index/htm>>. Acesso em: 12 abr. 2022.

COLE, A. **Business Enterprise in its Social Setting**. Cambridge, MA: Harvard University Press. 1959.

COPQUE, D. J. História, cultura e ancestralidade indígena e afro-brasileira na costa de Camaçari. In: PAIVA, L. L. G., FREITAS, D. L. R., FERNANDES, C. R. F. (Orgs.). **Concepções e perspectivas para a educação**. Vol. 1. Livro eletrônico. pp. 210-231. Natal, RN: Amplamente Cursos e Formação Continuada, 2021.

COPQUE, D. J. **Os 4 séculos de história de Santo Antônio do Rio Jacuípe e São Bento de Monte Gordo**. Camaçari Agora, 18 nov.2020. Disponível em: http://www.camacariagora.com.br/dn.php?cod_noticia=21012. Acesso em: 04 jan. 2023.

CORDERO, M. C. Histórias de vida: Una metodología de investigación cualitativa. In: Revista Griot. Vol.5. n.1. dezembro, 2012.

CORRÊA, V.; VALE, G.M. V. Ação Econômica e Religião: Igrejas como Empreendimentos no Brasil. **Revista de Administração Contemporânea**. January 2016. DOI: 10.1590/1982-7849rac2017150144

COROMINES, J. **Breve diccionario etimológico de la lengua castellana**. Madrid: Gredos, 1981.

COSTA, A. M.; BARROS, D. F.; CARVALHO, J. L. F. A dimensão histórica dos discursos acerca do empreendedor e do empreendedorismo. **RAC – Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 2, p. 179-197, 2011.

COVIN, J. G.; SLEVIN, D. P. A conceptual model of entrepreneurship as firm behavior. **Entrepreneurship: Theory and Practice**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 7-25, 1991.

CUKIER, Rosa. Psicossociodrama da inveja: atire a primeira pedra se você puder!. Rev. bras. psicodrama, São Paulo , v. 19, n. 1, p. 13-33, 2011 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932011000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 mai. 2024.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi.** São Paulo: Melhoramentos/Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

CUT. Central Única dos Trabalhadores. **De cárcere privado a falta de pagamentos, o drama das domésticas na pandemia.** 2020. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/de-carcere-privado-a-falta-de-pagamentos-o-drama-das-domesticas-na-pandemia-d6a5> Acesso em: 2 jun 2024.

DAMIÃO, D. R. R. D.; SANTOS, D. F. L. S.; OLIVEIRA, L. J. A ideologia do empreendedorismo no Brasil sob a perspectiva econômica e jurídica. **Ciências Sociais Aplicadas em Revista**, v. 13, n. 17, 2013.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo:** ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DAVEL, E.; VERGARA, S. **Gestão com pessoas e subjetividade.**(orgs). São Paulo: Atlas, 2001.

DAVIS, A. A Liberdade é uma Luta Constante. In: **Conferências "Democracia em Colapso?** São Paulo: Editora Boitempo. Organizadora. 2019.

DAVIS, M. **Planeta Favelas.** São Paulo: Boitempo, 2006.

DELEUZE, G. **La Filosofía Crítica de Kant.** Madrid: Ediciones Catedra, 1997.

DENCKER, J. C., BACQ, S., GRUBER, M., e HAAS, M. **Reconceptualizing Necessity Entrepreneurship:** A Contextualized Framework of Entrepreneurial Processes Under the Condition of Basic Needs. *Academy of Management Review*, 46(1), 60–79.2021.

DENZIN, N.K. Interpretive Biogaphy, **Qualitative Research Methods**. Series 17, London: Sage, 1989.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. **The Sage handbook of qualitative research.** 3 ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2005.

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. Lisboa: **Priberam Informática**, 2023. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/> Acesso em: 17 mar 2023.

DIGITAL REPORT 2023. Reuters Institute for the Study of Journalism. University of Oxford, United Kingdom. Available on line:
<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2023> Acesso em: 15 jan. 2024

- DODD, S. D.; PRET, T.; SHAW, E. Advancing understanding of entrepreneurial embeddedness: forms of capital, social contexts and time. In: WELTER, F; GARTNER, W. B. **A Research Agenda for Entrepreneurship and Context.** Cheltenham, UK and Northampton, USA: Edward Elgar Publishing, 2016.
- DOLABELA, F. **Empreendedorismo, uma forma de ser: saiba o que são empreendedores individuais e empreendedores coletivos.** Brasília: Aed, 2003.
- DOLLINGER, M. J. **Entrepreneurship:** Strategies and Resources. Burr Ridge, Illinois: Auston Press, Irwin, 1995.
- DORNELAS, J.C.A. **Empreendedorismo:** transformando idéias em negócios. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor:** prática e princípios. São Paulo: Pioneira, 1987.
- DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, Editora UFPR, 2004.
- DUEÑAS, A. E. P.; CEDEÑO S. M. R. El emprendimiento en América Latina: un análisis de su etimología, tipología y proceso. **Revista ECA-Sinergia.** Facultad de Ciencias Administrativas y Económicas. Universidad Técnica de Manabí, Portoviejo, Ecuador. v. 11. n. 2, p. 47-58, 2020.
- DURKHEIM, E.; M. MAUSS. **Primitive Classification** (trans. and intro. R. Needham). London: Cohen and West, 1963.
- DUTTON, J. E.; DUKERICH, J. M. Keeping an eye on the mirror: Image and identity in organizational adaptation. **Academy of Management Journal**, New York, v. 34, n. 3, p. 517-554, 1991.
- ECHANOVE, M. **Homemade Urban Development:** Tokyo to Mumbai'. 'Beyond the Informal: Reconceptualizing Mumbai's Urban Development, 2012. http://www.mmg.mpg.de/fileadmin/user_upload/documents/wp/Wf_13-13_Echanove.pdf.
- ECHANOVE, M.; RAHUL, S. **The Tool-House** (Expanded), 2009. <http://wwwairoots.org/2009/09/the-tool-house-expanded/>.
- ECHANOVE, M.; RAHUL, S. The High-Rise and the Slum: Speculative Urban Development in Mumbai. **The Oxford Handbook of Urban Economics and Planning**, edited by Nancy Brooks, Kieran, 2011.
- EDWARDS, R.; HOLLAND, J. **What is qualitative interviewing?** London: Bloomsbury. 2013.
- ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra.** São Paulo: Boitempo, 2008.

FARIA, A. A. **O Instituto Universal Brasileiro e a gênese da educação a distância no Brasil.** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2010.

FAUSTO, B. **História do Brasil.** 12 ed. 2 reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

FERNANDEZ, D. **Cuba and the Plot of Passion.** Austin: University of Texas Press, 2000.

FERRAZ, J. M. **Para além da inovação e do empreendedorismo no capitalismo brasileiro** [manuscrito] / Janaynna de Moura Ferraz. – 2019. 217 f.: il., gráfs. e tabs.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.

FERREIRA, M. P. V.; PINTO, C. F.; MIRANDA, R. M. Três décadas de pesquisa em empreendedorismo: uma revisão dos principais periódicos internacionais de empreendedorismo. **REAd. Revista Eletrônica de Administração**, v. 21, n. 2, p. 406-436, 2015.

FERREIRA NETO, J. L. Foucault, Governamentalidade Neoliberal e Subjetivação. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, 2020, v. 35, e35512.

FILARDI, F.; SILVEIRA, F. A.; CAPRA, L. P.; PEREIRA, L. D. S.; ABREU, M. A. D. S. Desde os primórdios até hoje em dia será que o empreendedor ainda faz o que schumpeter dizia? evolução das características empreendedoras de 1983 a 2010. **DataGramZero**, v. 12, n. 6, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/7543>. Acesso em: 19 fev. 2022.

FILHO, J. **Dicionário Amoroso de Salvador.** Anajé/BA: Casarão do Verbo, 2014.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, Claudia. O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia em casa?. In: SCHUCH, P.; VIEIRA, M. S.; PETERS, R. (Org.). **Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo.** p. 39-53. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010 p. 39-53 -.

FONTANA, A.; FREY, J. Interviewing: the art of science. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. **Handbook of qualitative research.** Thousand Oaks: Sage, 1994.

FORMBRUN, C.; SHANLEY, M. What's in a name: reputation building and corporate strategy. **Academy of Management**, [S. l.], v. 33, p. 233-528, 1990.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** ALBUQUERQUE, Maria Thereza da Costa; ALBUQUERQUE, J. A. Guillon. (Trads) Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Trad. Salma Tannus Muchail. 9ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, M. **Segurança, território, população** (E. Brandão, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 2004), 2008.

FOUCAULT, M. **O nascimento da biopolítica** (E. Brandão, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 2004), 2008.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves, Rio de Janeiro: Forense, 2009a.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19 – 3 ed. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2020. Disponível em:

<https://apidspace.universilab.com.br/server/api/core/bitstreams/828494f2-2899-44a1-8d86-c4a05e9f4aaf/contentpandemia da COVID-19> Acesso em: 2 jun 2024.

FOWLER JR, F. J. **Pesquisa de Levantamento**. 4 ed. Porto Alegre: Penso Editora, 2011.

FRANCO, D. S. FERRAZ, D. L. S. Uberização do trabalho e acumulação capitalista. **Cad. EBAPE.BR**, v. 17, Edição Especial, p. 844-856, Rio de Janeiro, 2019.

FREITAS, C. E. P.; BORGES, M. V.; RIOS, Ri. O algoritmo classificatório no feed do Instagram. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (INTERCOM)**, XXXIX., 2016, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/44471/1/2016_eve_cefreitas.pdf>. Acesso em: 24 jan 2024.

FRENKEL, M. The multinational corporation as a third space: Rethinking international management discourse on knowledge transfer through Homi Bhabha. **Academy of Management Review**. 33 (4), 924–942. 2008.

FREYRE, G. **Casa grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51ª ed. São Paulo, 2006.

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. 34. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GANDOLFI, R. **Bancos Comunitários de Desenvolvimento, Crédito Habitacional e Assessoria Técnica à Autoconstrução. Estudo de Casos: Banco Bem e Banco União Sampaio**. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) – Universidade Federal de São Carlos, 2015.

GARCIA, C. Culture Maker. Cristina García, Entrevista a Cristina García por Marifeli Pérez-Stable. In: Culturefront, Inviero, p. 9.1993.

GARTNER, W. B. A Conceptual Framework for Describing the Phenomenon of New Venture Creation. **Academy of Management Review** 10 (4): 696–706. 1985.

- GARTNER, W. B. **Entrepreneurship—Hop. Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 32, p-p. 361-368. Baylor University Press, 2008.
- GEERTZ C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC; 1989.
- GEM-Brasil. Global Entrepreneurship Monitor: Empreendedorismo no Brasil. Relatório Executivo 2017. Curitiba: IBQP, 2018.
- GEM-Brasil. Global Entrepreneurship Monitor: **Empreendedorismo no Brasil. Relatório Executivo 2019**. Curitiba: IBQP, 2020.
- GEM. Global Entrepreneurship Monitor: **Diagnosing COVID-19 Impacts on Entrepreneurship**. Relatório Executivo Global 2020. London: London Business School, 2020.
- GEORGE, G.; MCGAHAN, A.M.; PRABHU, J. Innovation for inclusive growth: towards a theoretical framework and a research agenda. **J. Manag. Stud.** 49, 661–683. 2012.
- GALEFFI, D. **Criação e devir em formação: mais-vida na educação**. Salvador: EDUFBA, 2014.
- GARTNER, W. B. A framework for describing the phenomenon of new venture creation. **Academy of Management Review**. 10.696-706. 1985.
- GARTNER, W. B.; MITCHELL, T.R.; VESPER, K.H. A taxonomy of new business ventures. **Journal of Business Venturing**. 4 (3), 169–186. 1989.
- GARTNER, W. B. Entrepreneurship—Hop. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 32, p-p. 361-368. Baylor University Press, 2008.
- GEM. Global Entrepreneurship Monitor. **Global Entrepreneurship Monitor 2022/2023 Global Report: Adapting to a “New Normal”**. London: GEM, 2023.
- Journal of Business Venturing**. Amsterdam. v. 7, n. 3, p. 237-251, May 1992
- GHERARDI, S. Sociomateriality in Posthuman Practice Theory. In: **The Nexus of Practices: Connections, Constellations, Practitioners**. edited by T. R. Schatzki, 38–51, Routledge London, 2016.
- GLESNE, C. **Becoming qualitative researchers: An introduction**. London: Pearson. 2015.
- GLISSANT, E. **Le discours antillais. Le Même et le Divers**. Paris: Seuils. p.190-201. 1981.
- GLISSANT, E. **Caribbean Discourse**. Charlottesville: University Press of Virginia, 1997.

- GOLDSTEIN, I. S. **O Brasil best-seller de Jorge Amado: literatura e identidade nacional.** São Paulo: Ed. Senac, 2003.
- GÓES, J. A. V. **Fast food: um estudo sobre globalização alimentar.** Salvador: EDUFBA, 2010.
- GROSS, N.; GEIGER, S. Liminality and the Entrepreneurial Firm: Practice Renewal during Periods of Radical Change. **International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research** 23 (2): 185–209. 2017.
- GROSS, N.; CARSON, D.; JONES, R. 2014. Beyond Rhetoric: Re-thinking Entrepreneurial Marketing from a Practice Perspective. **Journal of Research in Marketing and Entrepreneurship** 16 (2): 105–127. 2014.
- HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- HAIR Jr.; JOSEPH F.; BABIN, B.; MONEY, A. H.; SAMOUEL, P. **Fundamentos de Métodos de Pesquisa em Administração.** Porto Alegre: BOOKMAN, 2005.
- HALL, S. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais.** trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003
- HARAWAY, D. **Simians, Cyborgs, and Women:** The Reinvention of Nature. New York: Routledge, 1991.
- HARRIS, G. **Don't take our word for it:** everything you need to know about making word-of-mouth advertising work for you. Los Angeles: The Americas Group, 1998.
- HARRIS, R. Slipping through the Cracks: The Origins of Aided Self-help Housing, 1918-53. **Housing Studies**, v. 14, n. 3, p. 281-309, 1999.
- HARVEY, D. O trabalho, o capital e o conflito de classes em torno do ambiente construído nas sociedades avançadas. **Espaço e Debate**, n. 6, jun./set. 1982.
- HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço.** São Paulo: Annablume, 2005.
- HARVEY, D. **O Neoliberalismo – história e implicações.** São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- HARVEY, D. **O direito à cidade.** Tradução Jair Pinheiro. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/272071/mod_resource/content/1/david-harvey%20direito%20a%20cidade%20.pdf. Acesso em 22 jul 2019.
- HEBERT, R.F.; LINK, A.N. **The Entrepreneur:** Mainstream Views and Radical Critiques, 2 ed, New York: Praeger, 1988.
- HEIDEGGER, M. **O que é uma coisa.** Lisboa-Rio de Janeiro: Edições 70. 1992.

HIGGINS, E. T., & PINELLI, F. (2020). Regulatory Focus and Fit Effects in Organizations. **Annual Review of Organizational Psychology and Organizational Behavior**, 7(1), 25–48.2020.

HJORTH, D.; STEYAERT, C. (Eds.). **Narrative and discursive approaches in entrepreneurship**: A second movements in entrepreneurship book. Cheltenham, UK: Edward Elgar, 2004.

HIJUELOS, O. **Our house in the last world**. New York: Persea Books, 1982.

HOBSBAWN, E.; RANGER, T. **A Invenção das tradições**. São Paulo: [s.n.], 1984.

HOBSBAWN, Eric J. **A era do capital**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HOSELITZ, B. F. Entrepreneurship and economic growth. **American Journal of Economic Sociology**. p.97-106. 1952.

HOTEL TECH REPORT. 50 estatísticas do setor de aluguel por temporada que você não vai acreditar. 2023. Disponível em: <https://hoteltechreport.com/pt/news/vacation-rental-industry-stats>. Acesso em: 2 jun 2024.

HOUAISS, A.; VILLAR, M.; FRANCO, F. M. M. INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUAPAYA ESPINOZA, J. C. ; GRAPPI, L. P. . Novas velhas questões? [Re]visitando as teorias de John F. C. Turner sobre a 'cidade informal' no Brasil. In: **XVII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional**, 2017, São Paulo. ENANPUR, 2017.

HUANG, S.; LI, D. The influence of greenwashing perception on green purchasing intentions: The mediating role of green word-of-mouth and moderating role of green concern. **Journal of Cleaner Production Volume** 187, Pages 740-750. 20 June 2018.

IFIE, K. SIMINTIRAS, A. C.; DWIVEDI, Y.; MAVRIDOU, V. How service quality and outcome confidence drive pre-outcome word-of-mouth. **Journal of Retailing and Consumer Services**, v. 44, p. 214-221, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jretconser.2018.07.002>.

INGOLD, T. **The Perception of the Environment Essays on Livelihood, Dwelling and Skill**. London: Routledge, 2000. <https://doi.org/10.4324/9780203466025>

JESUS, N. C. **25 de Março**: entre a informalidade, o empreendedorismo e a precarização. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2016.

JOHNSTONE, H.; LIONAIS, D. Depleted communities and community business entrepreneurship: revaluing space through place. **Entrepreneurship & Regional Development**, 16 (3), 217–233. 2004.

JONES, C.; SPICER, A. The sublime object of entrepreneurship. **Organization**, 12: 223-246. 2005.

KANT, I. Princípios Metafísicos da Doutrina do Direito. Tradução de Joãosinho Becken Kamp. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

KARATAŞ-ÖZKAN, M. Understanding relational qualities of entrepreneurial learning: Towards a multi-layered approach. **Entrepreneurship & Regional Development**, v. 23, n. 9–10, p. 877–906, 2011.

KEATING, A.; S. GEIGER; D. MCLOUGHLIN. Riding the Practice Waves: Social Resourcing Practices during New Venture Development. **Entrepreneurship: Theory and Practice**, 38 (5): 1–29. 2013.

KILBY, P. **Hunting the heffalump**. In: KILBY, P. (Ed.) Entrepreneurship and economic development: 1-40. New York: Free Press, 1971.

KNIGHT, F. **Risk, uncertainty and profit**. New York: Augutus Kelly, 2008.

KIRSCHBAUM, C. Decisões entre pesquisas quali e quanti sob a perspectiva de mecanismos causais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28 n. 82, 2013.

KIZNER, I. **Competition and Entrepreneurship**. Chicago: University of Chicago Press, 1973.

KIRZNER, I. Entrepreneurial Discovery and the Competitive Market Process: An Austrian Approach. **Journal of Economic Literature**, 35, 60-85. 1997.

KNORR-CETINA, K. **The manufacture of knowledge**: an essay on the constructivist and contextual nature of science. Oxford, Pergamon Press: 1981.

KONUK, F. The influence of perceived food quality, price fairness, perceived value and satisfaction on customers' revisit and word-of-mouth intentions towards organic food restaurants. **Journal of Retailing and Consumer Services**, v. 50, p. 103-110, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jretconser.2019.05.005>.

KOTHARI, U.; HULME, D. Narratives, Stories and Tales: Understanding Poverty Dynamics through Life Histories. **GPRG-WPS-011**. Manchester/Oxford: Global Poverty Research Group. 2004.

<http://www.gprg.org/pubs/workingpapers/pdfs/gprg-wps-011.pdf>

KOZINETS, R. V. de; VALCK, K.; WOJNICKI, A. C.; WILNER, S. J. S. Networked narratives: Understanding word-of-mouth marketing in online communities. **Journal of Marketing**, 74: 71–89, 2010.

KOZINETS, R. V. de; VALCK, K.; WOJNICKI, A. C., WILNER, S. J. S. "Networked narratives: Understanding word-of-mouth marketing in online communities," **Journal of Marketing**, 74: 71–89, 2010.

- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- KURATKO, D. F.; HODGETTS, R. M. Entrepreneurship: a contemporary approach. **The Dryden Press series in management.** TX - USA, 1995.
- KUTTNER, R. Neoliberalism: political success, economic failure. **The American Prospect Magazine.** Summer 19 ed. pp. 24-37. 2019.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana.** Trad. M. S. Zanotto. Campinas: Educ, 2002.
- LARIÚ, N. **Dicionário de Baianês.** Salvador: Graph Co-produções Gráficas, 1991.
- LAVE, J. The practice of learning. In: LAVE, J; CHAIKLYN, S. (org.). **Understanding of practice: Perspectives on Activity and Context.** pp. 3-32. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LEFEBVRE, H. **O Direito à Cidade.** São Paulo: Centauro, 2006.
- LEFEBVRE, H. **Espaço e Política.** Belo Horizonte, Editora UFMG, 2008.
- LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico – de Rousseau à Internet.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LEITE, E. S.; MELO, N. M. Uma nova noção de empresário: a naturalização do “empreendedor”. **Revista de Sociologia e Política**, v. 16, p. 35-47, 2008.
- LEITE, G. Bahia, política e religiosidades marcam literatura de Jorge Amado. Entrevista concedida a Tatiana Maria Dourado. **G1 Bahia on-line.** 6 ago 2012. Disponível em: <https://g1.globo.com/bahia/noticia/2012/08/bahia-politica-e-religiosidades-marcam-literatura-de-jorge-amado.html>. Acesso em: 2 ago. 2023.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Structural Anthropology.** London: Allen Lane, 1963.
- LIM, W.M. Conditional recipes for predicting impacts and prescribing solutions for externalities: The case of COVID-19 and tourism. **Tourism Recreation Research.** 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/02508281.2021.1881708>. Acesso em: 19 jan 2024
- LIMA, J.; OLIVEIRA, D, R. Trabalhadores digitais: as novas ocupações no trabalho informacional. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 111-143, 2017.
- LIMA, R. M. C. **A cidade autoconstruída.** Tese (Doutorado em em Planejamento Urbano e Regional) - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2005.
- LOASBY, B. The Entrepreneur in Economic Theory. **Scottish Journal of Political Economy**, v. 29, n. 3, p. 235-45, 1982.

LOCKETT, A.; CURRIE, G.; FINN, R., GRAHAM, M., and WARING, J. The influence of social position on sensemaking about organizational change. **Academy of Management Journal.** 57 (4), 1102–1129. 2014.

LONDON, T. Making better investments at the base of the pyramid. **Harv. Bus. Rev.** 87, 106–113. 2009.

LOUREIRO, S. M. C.; CAVALLERO, L.; MIRANDA, F. J. Fashion brands on retail websites: Customer performance expectancy and e-word-of-mouth. **Journal of Retailing and Consumer Services**, v. 41, p. 131-141, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jretconser.2017.12.005>.

LUMPKIN, G. T.; DESS, G. G. Clarifying the entrepreneurial orientation construct and linking it to performance. **The Academy of Management Review.** V.21. No.1, p.135-172. 1996

MAALOUF, A. **Identidades asesinas.** Madrid: Alianza Editorial, 2009.

MACIEL, H. W. P. **Que cidadania é esta? As contradições presentes na condição do micro empreendedor cidadão em um contexto de flexibilização produtiva.** Trabalho apresentado no XVII Seminário de Administração, São Paulo. 2014. Acessado em: 09/03/2022.

MACK, N.; WOODSONG, C.; MACQUEEN, K. M.; GUEST, G.; NAMEY, E. Qualitative research methods: A data collector's field guide. USAID, **Family Health International.** 2005.

MAGNANI, J. G. C. "Etnografia como prática e experiência". **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, 2009.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARIANO, A. **A invenção da baianidade.** São Paulo: Annablume, 2009.

MARIANO, R. Antônio Flávio Pierucci: sociólogo materialista da religião. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 28(81), 7-16. 2013.
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092013000100001&script=sci_arttext
 Acesso em 12 dez 2023.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092013000100001>

MARICATO, E. Autoconstrução, A Arquitetura Possível. In: MARICATO, Ermínia (Org.). **A Produção Capitalista da Casa (e da Cidade) no Brasil Industrial.** São Paulo. Editora Alfa-Omega, 1979.

MARICATO, E. Habitação e as políticas fundiárias, urbanas e ambientais: diagnóstico e recomendações. **II Seminário Nacional Preparatório para o Habitat II.** Rio de Janeiro. RJ: Ministério das Relações Exteriores, maio, 1995.

MARICATO, E. **As Ideias Fora do Lugar e o Lugar Fora das Idéias – Planejamento urbano no Brasil.** In: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO. (Org.). A Cidade do Pensamento Único: desmanches e consensos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MARLOW S.; CARTER, S. Accounting for change: Professional status, gender disadvantage and self-employment. **Women in Management Review**, v. 16n. 1, p. 5–16, 2004.

MARQUES, M.J.A. O direito real de laje como um instrumento de regulamentação para inclusão urbana e para o reconhecimento do direito fundamental à moradia. **Revista de Iniciação Científica e Extensão da Faculdade de Direito de Franca**. v.5, n.1, dez. 2020.

MARSHALL, A. **Principles of Economics**. 9 ed., variorum, annotations by C.W. Guillebaud, New York: Macmillan, 1890.

MARTÍ, J. P. Obras completas. La Habana: Ed. Ciencias Sociales, 1975.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**: livro I. trad. Reginaldo Sant'Anna. 24^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MATOS, I. M.; BORELLI, A. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, C.B; PEDRO, J. M. (orgs) **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**: edição compacta. São Paulo: Atlas, 1996.

MATTHEWS, R. S.; CHALMERS, D.M.; FRASER, S. S. 2018. The Intersection of Entrepreneurship and Selling: An Interdisciplinary Review, Framework, and Future Research Agenda. **Journal of Business Venturing** 33: 691–719. 2018.

MELO, H. P ; CASTILHO, M. Trabalho reproduutivo no Brasil: quem faz? **Revista de Economia Contemporânea**, v. 13, n. 1, p. 135 158, 2009.

MELO, W. F. Friedrich Engels e a questão habitacional: o pauperismo socialmente produzido no sistema capitalista e as condições de moradia. In: **Verinotio – revista on-line de filosofia e ciências humanas**. Espaço de interlocução em ciências humanas. n. 20, Ano X, out./2015.

MENDONÇA, E. M. S. Apropriações do espaço público: alguns conceitos. **Estudos e pesquisas em Psicologia**. UERJ, RJ. ano 7, n. 2. 2007

MESSEDER, S. A. A crítica da razão baiana e a economia informal: os/as baraqueiros/as como microempreendedores e o “cacete armado”. In: Gonçalves, ROBERTO, Clézio; GOMES, Janaína Damasceno; MUNIZ, Kassandra da Silva. (Org.). **Pensando Áfricas e suas Diasporas**: aportes teóricos para a discussão negro-brasileira. 01ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2015.

MESSEDER, S. A. A construção da perspectiva multidisciplinar nas ciências sociais: um estudo sobre os/as microempresários/as na cidade de Camaçari. In: MATTA, A. E. R.; ROCHA, J. C. (Org.) **Cognição:** aspectos contemporâneos da construção e difusão do conhecimento. 1ed. Salvador: Eduneb, 2016.

MESSEDER, S. A. **Entre o familiar e o exótico:** uma reflexão sobre o saber-fazer dos(as) empreendedores(as) baianos(as) ou trabalhadores(as) por conta própria. Analista Cognitivo uma profissão interdisciplinar. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2019.

MESSEDER, S.; BARRETO, L. Violência em tempos de Covid19: o feminino nos corpos trans – um debate em prol de uma coalizão feminista. **Revista Espaço Acadêmico**, n 224, set/out 2020.

MESSEDER, S. A.; BARRETO,L.; MIRANDA, A. O caminhar na mediação ética entre o saber-fazer da comunidade epistêmica e da comunidade de prática: um estudo sobre o cacete armado no contexto da baianidade. In: HANAQUE, M. F.; SANTOS, L.; COIMBRA, N. S. (Org.) **Difusão do Conhecimento e Culturas.** Salvador: EDUFBA, no prelo.

MOHANTY, C. T. **Feminism Without Borders: Decolonizing Theory, Practicing Solidariedade**, Duke University Press Books. 2007.

MOHANTY, S. K. **Fundamentals of Entrepreneurship**. New Delhi: Prentice Hall of India Private Limited. 2007.

MOTA, L. D. B. **A cidade e a construção da baianidade sob a perspectiva de João Filho e o Dicionário Amoroso de Salvador.** Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Literatura, Florianópolis, 2020.

MOURA, M. **Carnaval e baianidade:** arestas e curvas na coreografia de identidades do Carnaval de Salvador. Tese de Doutorado. Faculdade Comunicação: Universidade Federal da Bahia, 2001.

MOURA, M. **A baianidade está cansada:** entrevista. [25 de Outubro de 2006]. Entrevista concedida a Sílvio César Tudela. Disponível em <https://midiasemmedida.wordpress.com/2006/10/25/milton-moura-a-baianidade-esta-cansada>. Acesso em: 20 de dezembro de 2021.

NADASEN, P. Domestic Work, Neoliberalism and Transforming Labor. **The Scholar & Feminist Online**. The Barnard Center for Research on Women. Issue 11.1-11.2. Fall/Spring. 2013.

NAFSTAD, H. et al. Ideology and Power: The Influence of Current Neoliberalism in Society. **Journal of Community and Applied Social Psychology**, v. 17, n. 4, 2007.

NAMIN, A. Revisiting customers' perception of service quality in fast food restaurants. **Journal of Retailing and Consumer Services**, v. 34, p. 70-81, 2017.

DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jretconser.2016.09.008>.

NAVARRO, E. A. **Dicionário de tupi antigo**: a língua indígena clássica do Brasil. São Paulo. Global. 2013.

NEEDHAM, R. **Structure and Sentiment**. Chicago: Chicago University Press, 1962.

NELSON, R.; WINTER, S. **An Evolutionary Theory of Economic Change**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1982.

NICOLINI, D. Zooming in and Out: Studying Practices by Switching Theoretical Lenses and Trailing Connections. **Organization Studies** 30 (12): 1391–1418. 2009.

NIELSEN, S. L.; LASSEN, A. H. Identity in entrepreneurship effectuation theory: a supplementary framework. **Int Entrep Manag J.** 8:373–389. 2011.

NOWICKA, M. Positioning strategies of Polish entrepreneurs in Germany: Transnationalizing Bourdieu's notion of capital. **International Sociology**, v. 28, n. 1, p. 29–47, 2013.

NWANKWO, S.; GBADAMOSI, A. Religion, spirituality and entrepreneurship. **Society and Business Review** 7(2):149-1677(2):149-167. June 2012.

OLIVEIRA, C. E. E. de. **Direito real de laje à luz da lei nº 13.465, de 2017: nova Lei, nova hermenêutica**. Brasília: Núcleo de Estudos e Pesquisas/CONLEG/Senado, Julho/2017 (Texto para Discussão nº 238). Disponível em: www.senado.leg.br/estudos. Acesso em 13 de maio de 2021.

OLIVEIRA, F. **Crítica à razão dualista/O ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2003.

OLIVEIRA, F. Autoconstrução e acumulação capitalista no Brasil. **Novos Estudos – CEBRAP**, n. 74, , pp. 67-85, 2006

OLIVEIRA, F. **O Vício da Virtude - Autoconstrução e Acumulação Capitalista no Brasil**, 2006.

OLIVEIRA, E. N. P.; MOITA, D. S.; AQUINO, C. A. B. O Empreendedor na Era do Trabalho Precário: relações entre empreendedorismo e precarização laboral. **Psicologia Política**, v. 16, n. 36, p. 207-226, 2016.

OLIVEIRA, P. F. M. Direito de laje: uma análise civil-constitucional do direito de superfície em segundo grau. **Revista de Direito da Defensoria Pública**. Ano 20. n 22. Rio de Janeiro: Defensoria Publica Geral, 2007. Disponível em http://www.patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2014/08/PM_DIREITO-DE-LAJE.pdf?x20748. Acesso em 05 fev. 2021.

OLIVEIRA, S. L. **Tratado de metodologia científica**: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. São Paulo: Pioneira, 1997.

ORSI, V. Tabu e preconceito linguístico. **ReVEL**, v. 9, n. 17, p. 334-348, 2011.

OTT, C. **Povoamento do Recôncavo pelos engenhos: 1536-1888.** Salvador: Bigraf, 1996. Vol. II.

OVERFELT, M. **The last word. Start-me-up:** The California garage fortune. California: Small Business, 2003.

ÓZIO, G. S. S.; PINTO, R. N. G.; PRAMPERO, J. C. **Do puxadinho ao direito real de laje:** moradia, regularização fundiária urbana e cidadania. São Paulo SP, v.10, n.4, p. 172-187, 2020.

PAERREGAARD, K. "Intercepting local lives in a global world: the use of life histories in the research of poverty". In: WEBSTER, N. (ed.) **In search of alternatives: poverty, the poor and local organizations.** Copenhagen: Centre for Development Research, Local Organisation and Rural Poverty Alleviation Research Project (CDR Working Paper 98.10). 1998. Available at: http://www.cdr.dk/working_papers/wp-98-10.htm. Accessed in jul. 2023.

PARANÁ, D. **O Filho do Brasil: de Luiz Inácio a Lula.** São Paulo: Ed. Xamã. 1996

PARK, R. **On Social Control and Collective Behavior.** Chicago, 1967.

PENROSE, E.T. **The Theory of the Growth of the Firm.** Oxford: Basil Blackwell, 1959.

PESOLE, A.; BRANCATI, M. C.; MACÍAS, E.; BIAGI, F.; VÁZQUEZ, I. **Platform workers in Europe.** Vaduz, Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2018.

PETERS, M. A. The early origins of neoliberalism: Colloque Walter Lippman (1938) and the Mt Perelin Society (1947). In: Educational Philosophy and Theory. Routledge Taylor and Francis Group, 2021.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História.** São Paulo, n. 15, p.13-49, abr. 1997.

PREUSS, M. R. G. A Abordagem Biográfica – História de Vida – na Pesquisa Psicossociológica. In: **Revista Série Documenta**, ano VI. n 8. UFRJ, 1997.

RAGIN, C. C.; BECKER, H. S. What is a case? Exploring the foundations of social inquiry. **Cambridge University Press**, Cambridge/New York, 1992.

RIESSMAN, C. K. Narrative Analysis. **Qualitative Research Methods.** Series 30. London: Sage, 2001.

RECKWITZ, A. Toward A Theory of Social Practices: A Development in Culturalist Theorizing. **European Journal of Social Theory** 5 (2): 243–263. 2002.

RINDOVA, V. et al., Entrepreneuring as emancipation. **Academy of Management Review**. 34 (3), 477–491. 2009.

ROBERTS, B. **Biographical Research**. Buckingham and Philadelphia: Open University Press, 2002.

RODRIGUES, F. de J.. Do samba de roda ao pagode baiano: um percurso de performances erótico-dançantes e de prazeres fraternal e profissional em Salvador. **Cadernos de estudos culturais**, Campo Grande, MS, v. 2, p. 89-116, jul./dez. 2020.

ROLNIK, R. **Pensar a cidade como lugar para todos**. Entrevista. In: Getúlio. Set 2007.

ROLNIK, R. **Caixa de Ferramentas do Direito a uma Moradia Adequada**. ONU, 2013.

ROSEN, E. The Anatomy of buzz: how to create word-of-mouth marketing. New York: Doubleday, 2000.

ROUSE, J. Practice Theory. In: GABBAY, D. M.; THAGARD, P.; WOODS, J. (eds.). **Handbook of the Philosophy of Science**. 2006.

SÁ, W. L. F. **Autoconstrução na Cidade Informal: Relações com a Política Habitacional e Formas de Financiamento**. UFPE, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Dissertação de Mestrado, Recife, 2009.

SADIR, M. A.; BIGNOTTO, M. M.; LIPP, M. E. Stress e qualidade de vida: influência de algumas variáveis pessoais. **Paidéia** (Ribeirão Preto), v.20, n.45, 73-81, jan/abr, 2010. Disponível em: <https://encurtador.com.br/nyz12>. Acesso em: 24 jan. 2024.

SAFFIOTTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAID, E. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 (tradução de Rosaura Eichenberg).

SANDBERG, J.; DALL'ALBA, G. Returning to Practice Anew: A Life-World Perspective. **Organization Studies** 30 (12): 1349–1368. 2009.

SANDMANN, A. J. O palavrão. **Letras**, Curitiba, n. 41-42, pp. 221-226, 1992.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 9 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 13ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANTOS, A. J. S; OLIVEIRA, U. A. S. M. Criatividade como transformatividade na filosofia Galeffiana: movimento de mais-vida na educação. In: GALEFFI, D.;

- MARQUES, M. I.C; NETO, J. V. (ogs). **Natureza da Criatividade – Cartografias de processos criativos**, vol 1. Salvador: Quarteto, 2018.
- SARASVATHY, S. D.; DEW, N. VELAMURI, L.; VENKATARAMAN, R. Entrepreneurial logics for a technology of foolishness. **Scandinavian Journal of Management**, v. 21, n. 4, p. 385-406, 2003.
- SARKAR, S.P. **Empreendedorismo e inovação**. Lisboa: Escolar Editora. 2014.
- SAY, J. **Tratado de economia política**. São Paulo: Nova Cultural, 1986.
- SCHATZKI, T.; KNORR CETINA, K.; SAVIGNY, E. (eds.) **The Practice Turn in Contemporary Theory**. New York: Routledge, 2000.
- SCHUMPETER, J. A.. **Teoria do desenvolvimento econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e ciclo econômico. POSSAS, Maria Sílvia (Trad.. 2 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- SCOTT, L.; DOLAN, C.; JOHNSTONE-LOUIS, M.; SUGDEN, K.; WU, M. Enterprise and inequality: a study of Avon in South Africa. **Enterp. Theory Pract.** 36, 543–568. 2012.
- SEBRAE. **Censo empresarial do setor de comércio e serviços de Camaçari**. Salvador: Sebrae, 2004.
- SEBRAE. **Diagnóstico tecnológico do turismo de Camaçari**. Salvador: Sebrae, 2004.
- SEBRAE. **O impacto da pandemia de coronavírus nos pequenos negócios**.10 ed. São Paulo: Unidade de Gestão Estratégica do Sebrae Nacional, 2021
- SEBRAE. **O impacto da pandemia de coronavírus nos pequenos negócios**.10 ed. São Paulo: Unidade de Gestão Estratégica do Sebrae Nacional, 2021.
- SERAFIM, M. C.; MARTES, A. C. B.; RODRIGUEZ, C. L. Segurando na mão de Deus: organizações religiosas e apoio ao empreendedorismo. **Revista de Administração de Empresas**, 52(2), 217-231. 2012
http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590_s0034-7590201200020008_0.pdf. Acesso em: 5 jan 2024
<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-7590201200020008>
- SHUMBA, V. The Role of Christian Churches in Entrepreneurial Stimulation. **The International Journal Of Business & Management**. Vol 3 Issue 7. July, 2015.
- SILVA, L. F.; RUSSO, R. D. F. S. M.; DE OLIVEIRA, P. S. G. Quantitativa ou qualitativa? um alinhamento entre pesquisa, pesquisador e achados em pesquisas sociais. **Revista Pretexto**, 19(4), 30-45. 2018.

SILVA, N. **Preço do aluguel de casas por temporada no Litoral Norte aumenta até 70% neste verão.** depoimento. [27 de janeiro, 2021]. Salvador: Jornal Correio da Bahia. Entrevista concedida a Marcela Vilar.

SILVERMAN, G. The secrets of word-of-mouth marketing: how to trigger exponential sales through runaway word-of-mouth. New York: Amacom, 2001.

SOARES, C. A distribuição do tempo dedicado aos afazeres domésticos entre homens e mulheres no âmbito da família. **Revista Gênero**, v. 9, n. 1, p. 9 29, 2008.

SPINELLI, K. C. **Compre agora, pague depois:** a instigante origem do cartão de crédito. HÁ Aventura na História. 2021. Disponível em:
<https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/almanaque/compre-agora-pague-depois-a-instigante-origem-do-cartao-de-credito.phtml> Acesso em: 1 mar 2024.

SODRÉ, M. **O bicho que chegou a Feira.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

SODRÉ, M. Bahia, política e religiosidades marcam literatura de Jorge Amado. Entrevista concedida a Tatiana Maria Dourado. **G1 Bahia on-line**. 6 ago 2012. Disponível em: <https://g1.globo.com/bahia/noticia/2012/08/bahia-politica-e-religiosidades-marcam-literatura-de-jorge-amado.html>. Acesso em: 2 ago. 2023.

SOUZA CARMO, S. Os Intelectuais na construção de uma Bahia imaginada entre as décadas de 1910 e 1950. **Das Amazôncias**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 175–189, 2021. DOI: 10.29327/268903.4.1-14. Disponível em:
<https://periodicos.ufac.br/index.php/amazonicas/article/view/4834>. Acesso em: 2 ago. 2023.

SOUZA, J. G. **Camaçari, as duas faces da moeda:** crescimento econômico x desenvolvimento social. Dissertação (mestrado). Mestrado em Análise Regional, Universidade Salvador – UNIFACS. 2006.

SOUZA, J. B. F; ALMEIDA, K. A. S. L; GOMES, I.C. Os desafios da conjugalidade na pandemia de covid-19. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo (SP), v.10, n.23, p. 95-114, abr. 2022.

STAM, E. Theorizing entrepreneurship in context. In: WELTER, F; GARTNER, W. B. **A Research Agenda for Entrepreneurship and Context**. Cheltenham, UK and Northampton,USA: Edward Elgar Publishing, 2016.

STATISTA SEARCH DEPARTMENT. Leading software as a service (SaaS) countries worldwide in 2024. Statista.

<https://www.statista.com/statistics/1239046/top-saas-countries-list/> Acesso em: 13 fev 2024.

STEWART, R. Chairmen and Chief Executives: An Exploration of Their Relationship. Journal of Management Studies. Vol. 28. issue 5. pp. 511-528. September, 1991.

STEYAERT, C. A qualitative methodology for process studies of entrepreneurship. **International Studies of Management and Organization**. 27(3): 13-33.1997.

STEYAERT, C. Entrepreneurship: In between what? On the "frontier" as a discourse of entrepreneurship research. **International Journal of Entrepreneurship and Small Business.** 2: 2-16. 2011.

STEYAERT, C .After Context. In: WELTER, F; GARTNER, W. B. **A Research Agenda for Entrepreneurship and Context.** Cheltenham, UK and Northampton, USA: Edward Elgar Publishing, 2016.

STEYAERT, C; HJORTH, D. **Entrepreneurship as social change.** Cheltenham, UK: Edward Elgar, 2007.

STEYAERT, C.; KATZ, J. Reclaiming the space of entrepreneurship in society: Geographical, discursive and social dimensions. **Entrepreneurship & Regional Development** 16. 179-196. 2004.

STORBINO, M. R. C.; TEIXEIRA, R. M. Empreendedorismo feminino e o conflito trabalho-família: estudo de multicasos no setor de comércio de material de construção da cidade de Curitiba. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 49, n. 1, p.59-76, jan./fev./mar. 2014.

SUTHERLAND, L.; BURTON, R. Good farmers, good neighbours? The role of cultural capital in social capital development in a Scottish farming community. **Sociologia Ruralis**, v. 51, n. 3, p. 239–255, 2011.

SWEDBERG, R. **The Social Science View of Entrepreneurship:** Introduction and Practical Applications. in Entrepreneurship: The Social Science View, Oxford: Oxford University Press, 2000.

TAYLOR, S. J.; BOGDAN, R. **Qualitative research method: The search for meanings.** New York: John Wiley. 1984.

TEDDLIE, C.; TASHAKKORI, A. Major issues and controversies in the use of mixed methods in the social and behavioral sciences. **Handbook of mixed methods in social& behavioral research**, pp. 3-50. 2003.

TEIXEIRA, F. Apresentação. In D. Hervieu-Léger & J. B. Kreuch (Eds.). **O peregrino e o convertido: a religião em movimento.** (pp. 7-13). Petrópolis: Vozes, 2008

TEIXEIRA, V. A. de Q. D. **A Pedra que Ronca no Meio do Mar:** baianidade, silêncio e experiência racial na obra de Dorival Caymmi. Tese (doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2017.

THOMPSON, N. A.; VERDUIJN, K.; GARTNER. W. B. Entrepreneurship-as-practice: grounding contemporary theories of practice into entrepreneurship studies, **Entrepreneurship & Regional Development**, 32:3-4, 247-256, 2020.

TORO L. J. ; ORTEGÓN, A. M. Corriendo el telón del concepto emprendedor. **Revista Escuela de Administración de Negocios**, v. 37, p. 133-141, Bogotá: Universidad EAN, 1999.

TRAMARIN, R. F. S. **Encontros e desencontros entre professores e alunos: uma pesquisa simbólica.** Dissertação de Mestrado: UNICID, 2005.

TURNER, J. F. C. **Vivienda Todo en poder para los usuários.** Madrid: H. P. Blume y Ediciones, 1977.

TURNER, J. F. C. Issues in self-help and self-managed housing, In: Ward, Peter M. (Org.). Self-help Housing: critique. London, **Mansell Publishing Limited**, p. 99-113, 1982.

TURNER, J. F. C. Dwelling Resources in South America. **Architectural Design**, Londres, n. 8, p. 359-393, 1963.

ULLMANN, S. **Semantics.** Oxford: Basil Blackwell, 1962.

VASCONCELOS, C. P. A tensão identitária entre a sertanidade e baianidade. **ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA** – Fortaleza, 2009.

VASCONCELLOS, L. H. R.; DELBONI, D. P. Empreendedorismo e precarização do trabalho: o desenvolvimento e a aplicação de uma estrutura para análise de empresárias no estado de São Paulo. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 4, n. 1, 2015.

VENKATARAMAN, S. The distinctive domain of entrepreneurship research: An editor's perspective. In: KATZ, J.; BROCKHAUS, R. (eds). **Entrepreneurship, Firm Emergence and Growth.** Greenwich: JAI Press, pp. 119–138. 1997.

VELHO, G. A dimensão cultural e política dos mundos das drogas. In: ZALUAR,A. (org.). **Drogas e Cidadania:** repressão ou redução de riscos. São Paulo: Brasiliense, 1994.

VERIN, H. **Entrepreneurs, enterprise:** histoire d'une idée. 2^a ed. París: Classiques Garnier, 2011.

VERSHININA, N; BARRETT, R.; MAYER, M. Forms of capital, intra-ethnic variation and Polish entrepreneurs in Leicester. **Work, Employment and Society**, v. 25, n. 1, p. 101–117, 2011.

VILLAÇA, F. Efeitos do espaço sobre o social na metrópole brasileira. **CEDESP**, São Paulo, p. 221/236, 1999.

VILLAÇA, F. **O que todo cidadão precisa saber sobre habitação.** 1 ed. São Paulo: Global, 1986.

VINCENT, S. Bourdieu and the gendered social structure of working time: A study of selfemployed human resources professionals. **Human Relations**, v. 69, n. 5, p. 1163–1184, 2016.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **O Nativo Relativo.** MANA 8(1): 113-148, 2002.

WALRAS, L. **Elements of Pure Economics**, 1870.

WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** NASSETTI, Pietro (Trad.). São Paulo: Martin Claret, 2002.

WEIGELT, K.; CARMERER, C. Reputation and corporate strategy: a review of recent theory and applications. *Strategic Management Journal*, v. 9, p. 443-454, 1988.

WEISS, A. **word-of-mouth marketing works: here's how.** Providence Business News, Providence, v. 16, n. 13, p. 34, 2001.

WELTER, F. Contextualizing entrepreneurship – conceptual challenges and ways forward. **Entrepreneurship Theory and Practice**, 35 (1), 165–184. 2011.

WELTER, F.; GARTNER, W. B. Advancing our research agenda for entrepreneurship and contexts. In: WELTER, F; GARTNER, W. B. **A Research Agenda for Entrepreneurship and Context.** Cheltenham, UK and Northampton, USA: Edward Elgar Publishing, 2016.

WELTER, F., BAKER, T., AUDRETSCH, D.B. AND GARTNER, W.B. **Everyday entrepreneurship—a call for entrepreneurship research to embrace entrepreneurial diversity**", *Entrepreneurship Theory and Practice*, Vol. 41 No. 3, pp. 311-321. 2017.

WHITTINGTON, R. Strategy as Practice. **Long Range Planning**. 29 (5): 731–735. 1996.

WHO. World Health Organization. **Coronavirus disease (COVID-19) Q&A.** 2023. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/question-and-answers-hub/q-a-detail/coronavirus-disease-covid-19>. Acesso em: 19 jan 2024.

XIMENES, E. E. **Dicionário da Língua Portuguesa: Estudo filológico e linguístico.** Curitiba: Appris, 2000.

YADAV, V. Women entrepreneurship: research review and future directions. **JGlob Entrepr Res** 6, 12. 2016 <https://doi.org/10.1186/s40497-016-0055-x>

ZAHRA, S. A. ‘Contextualising theory building in entrepreneurship research’. **Journal of Business Venturing**. 22, 443–452. 2007.

ZAHRA, S. A. Contextualization and the advancement of entrepreneurship research, **International Small Business Journal**, 32 (5), 479–500. 2014.

ZAHRA, S. A.; WRIGHT, M. Entrepreneurship’s next act. **Academy of Management Perspectives**. 25 (4), 67–83. 2011.

ZHANG, S.; LI, Y.; LIU, C.; RUAN, W. Reconstruction of the relationship between traditional and emerging restaurant brand and customer WOM. **International Journal of Hospitality Management**, v. 94, p. 102879, 2021.
DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ijhm.2021.102879>.

ZIMERMAN, D. **Bion da teoria à prática**. 2. ed. Artmed: Porto Alegre, 2004.

ANEXO



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E
TECNOLÓGICA CAMPUS XIX COLEGIADO DE
CIÊNCIAS CONTABÉIS**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME
RESOLUÇÃO N^O
466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do/da participante:

Documento de Identidade n^o: _____ CPF: _____ Sexo: F () M ()
 Data de Nascimento: _____ / _____ / _____
 Endereço: _____ Complemento: _____
 Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____
 Telefone: (____) _____ / (____) _____ / _____

II – DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: A BAIANIDADE E O/A EMPREENDEDORA EM SEU FAZER COTIDIANO: UM ESTUDOS SOBRE OS/AS “MICROEMPREENDEDORAS E SEUS ESTABELECIMENTOS NA CIDADE DE CAMAÇARI.

RESPONSÁVEL: SUELY ALDIR MESSEDER

III – PESQUISA INTEGRANTE DO PROTOCOLO

TITULO: Empreendedorismo com foco no contexto baiano: um estudo sobre o modus operandi do cacete-armado como abordagem para a análise da atividade empreendedora de trabalhadoras por conta própria em puxadinhos.

PESQUISADOR) RESPONSÁVEL: LENADE BARRETO SANTOS GIL
(DOUTORANDA PPGDC-UFBA)

ORIENTADORA: SUELY ALDIR MESSEDER

**IV - EXPLICAÇÕES DA PESQUISADORA
AO/A PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA**

O Sr/Sra está sendo convidado/a para participar da pesquisa intitulada **Empreendedorismo com foco no contexto baiano: um estudo sobre o modus operandi do cacete-armado como abordagem para a análise da atividade empreendedora de trabalhadoras por conta própria em puxadinhos**, de responsabilidade da pesquisadora **Lenade Barreto Santos Gil**, docente do Instituto Federal da Bahia, vinculada ao Grupo de Pesquisa Enlace (UNEB) e aluna da Universidade Federal da Bahia (PPGDC), central compreender, à luz do empreendedorismo cacete-armado, as características e dinâmicas das atividades empreendedoras conduzidas por trabalhadoras por conta própria em seus puxadinhos.

A realização desta pesquisa trará benefícios para o campo de conhecimento do empreendedorismo e para a comunidade acadêmica como um todo. Caso aceite, o Sr/Sra será ENTREVISTADO/A E ESTA ENTREVISTA SERÁ GRAVADA EM VÍDEO/ÁUDIO, A PARTIR DAS RESPOSTAS ÀS PERGUNTAS APRESENTADAS E TERÁ REGISTROS FOTOGRÁFICOS. Devido a coleta de informações/a/o senhor/a poderá LEMBRAR MOMENTOS DE TRISTEZA DE SUA VIDA, mas não haverá danos morais e nem prejuízo em sua saúde, mas sim benefícios para o reconhecimento da sua comunidade/realidade. Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e portanto o Sr(a) não será identificado, caso deseje. Caso queira, poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com as instituições. Quaisquer dúvidas serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr/Sra, caso queira, poderá entrar em contato também com o Comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclarecemos ainda que, de acordo com as leis brasileira, o Sr/Sra tem direito a indenização caso seja prejudicado/a por esta pesquisa. O Sr/Sra receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

**V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS
RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA
CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS**

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: LENADE BARRETO SANTOS GIL

Endereço: [REDACTED]

E-mail: lenadebarreto@ifba.edu.br

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA- CEP/UNEB: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 2º andar, sala 23, Água de Meninos, Salvador- BA. CEP: 40460-120. Tel.: (71) 3312-3420, (71) 3312-5057, (71) 3312-3393 ramal 250, e-mail:

cepuneb@uneb.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA – CONEP: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF

VI. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

*Após ter sido devidamente esclarecido pela pesquisadora sobre os objetivos benefícios da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa **Empreendedorismo com foco no contexto baiano: um estudo sobre o modus operandi do cacete-armado como abordagem para a análise da atividade empreendedora de trabalhadoras por conta própria em puxadinhos** ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada a pesquisadora e outra a mim.*

Camaçari, _____ de _____ de 202____.

Assinatura do/da participante da pesquisa

Assinatura da pesquisadoras/res